

Kelly é mineira, nascida em 2003. Começou a escrever com dezesseis anos. É apaixonada por livros, séries e novelas. Graduanda em Letras, aproveitou a oportunidade de sair da sua zona de conforto para escrever seu primeiro romance, com a intenção de ser reconhecida como autora. Instagram: @autor_acris

— Presumo já ser bastante odiado nesta vida, *bella*.

— É porque não conheceram seu coração por trás dessa muralha — sussurrei.

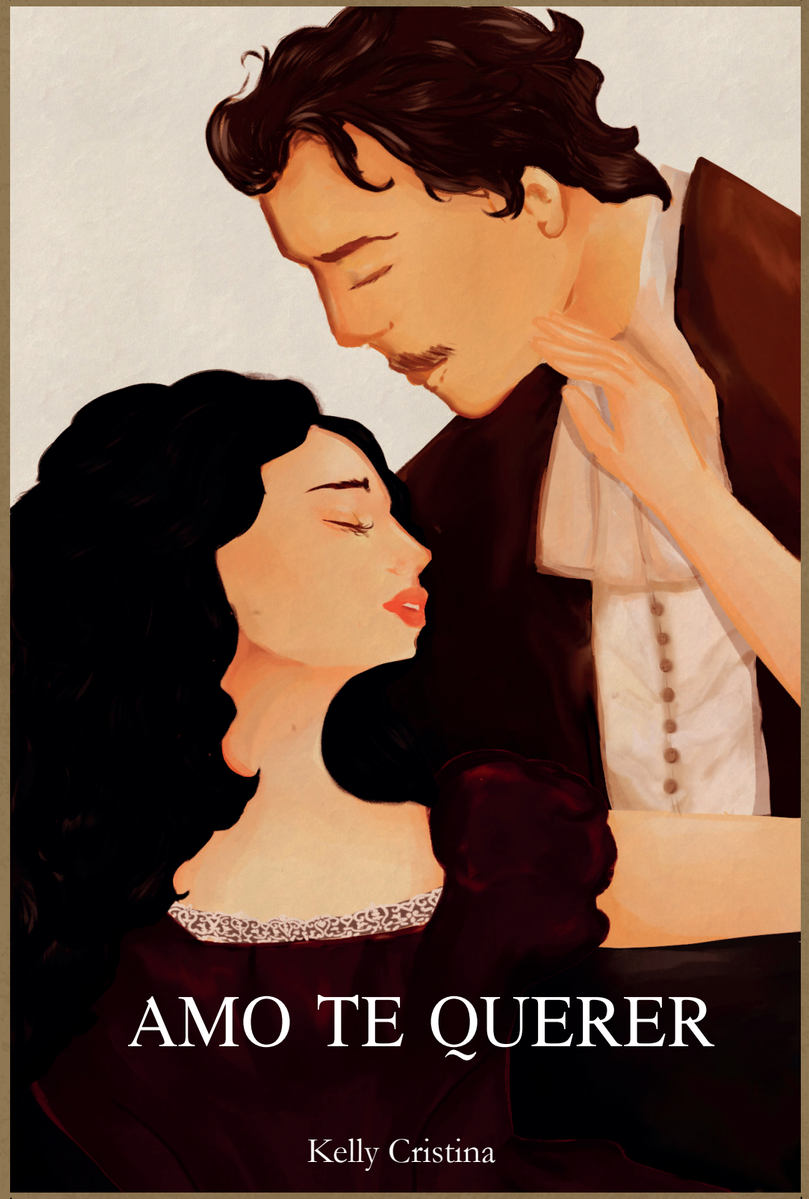
— Não existe nada além de pedaços, Zaira — murmurou, rouco. — Algo que a destruiria também.

— Não mais do que já estou destruída.

— Não fale de destruição. Até hoje, mantive uma imagem sua como uma flor bela, rara e intocada, florescendo solitariamente em um mundo que é apenas um pântano de miséria e pecado.

AMO TE QUERER

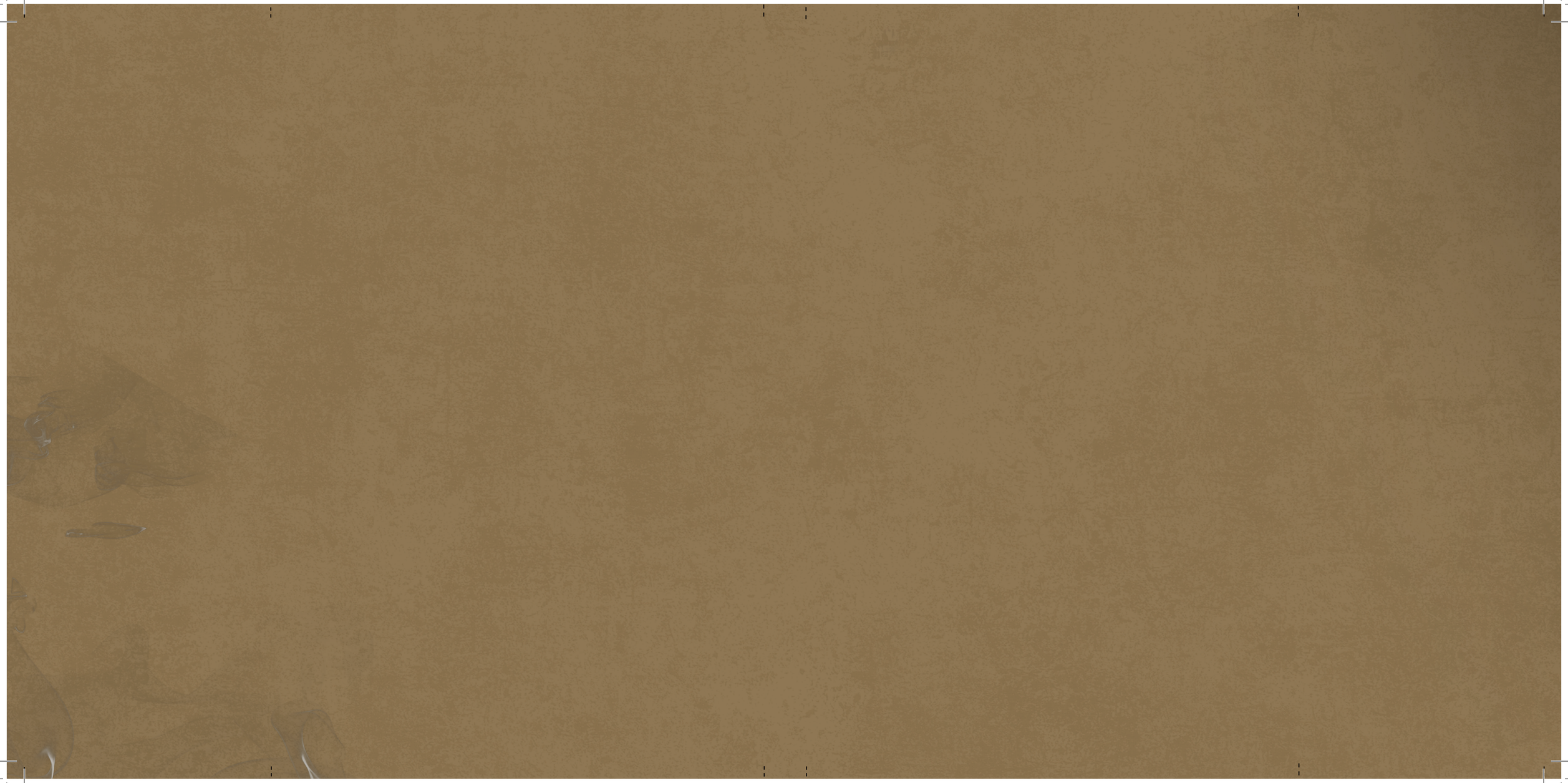
Kelly Cristina



AMO TE QUERER

Kelly Cristina

Amá-la implicava desafiar tudo o que ele prometeu proteger. Para Zaira, amar alguém como ele era se arriscar ao mesmo destino que levou sua mãe à morte.



AMO TE QUERER

Kelly Cristina

AMO TE QUERER

LEE laboratório de estudos editoriais

Copyright © 2026 by

Kelly Cristina de Oliveira

Coordenação

Flaviane Faria Carvalho

Autoria

Kelly Cristina de Oliveira

Preparação e revisão de textos

Flaviane Faria Carvalho

Projeto gráfico e diagramação

Kelly Cristina de Oliveira

Ilustração

Maria Eduarda Lima dos Santos (@ilusmelis)

Júlia Artes

Capa

Maria Eduarda Paes França

Leitura crítica

Wellington Ferreira Lima

Livro experimental desenvolvido durante o primeiro semestre de 2026, na disciplina Projeto Editorial, do curso de Letras da Universidade Federal de Alfenas, em parceria com o projeto de extensão Laboratório de Estudos Editoriais (LEE/PROEC/UNIFAL-MG).

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Alfenas
Biblioteca Central – Campus Sede

O48a Oliveira, Kelly Cristina de
Amo te querer / Kelly Cristina de Oliveira ; coordenadora Flaviane Faria Carvalho. -- Alfenas, MG: Edição do autor, 2026.
252 p. : il. --

ISBN: 978-65-02-22124-2 (Impresso)
Projeto de extensão Laboratório de Estudos Editoriais (LEE/PROEC/UNIFAL-MG).

1. Literatura brasileira. 2. Ficção brasileira. 3. Inquisição. 4. Ciganos. I. Carvalho, Flaviane Faria, coord. II. Título.

CDD B869.3

Ficha Catalográfica elaborada por Ronan Lázaro Gondim
Bibliotecário-Documentalista CRB-6/2504

A conexão que eu tive com este livro me lembrou imediatamente da conexão que tenho com você, H. Te dedidco todas as páginas.

Para a minha família, que suportou a minha ausência e os meus silêncios enquanto eu dava vida a estas páginas.

Apresentação

> [...] Tudo começou com os cátaros no sul da França e os valdenses no norte da Itália. [...] Os cátaros, originalmente chamados de albigenses, eram uma seita cristã ligada aos soldados que haviam retornado das Cruzadas. Esses soldados parecem ter sido influenciados pelos ensinamentos dos maniqueus ou bogomilos da Bulgária. Embora os soldados tenham voltado para suas casas no exterior, na França e na Inglaterra, foi o grupo de pessoas do sul da França que iria desafiar e denunciar abertamente os ensinamentos da Santa Igreja Romana. [...]
> (Schwartz, 2021, p.9)

É uma honra poder abordar alguns acontecimentos estudados. Agradeço a oportunidade de ter conhecido Valéria, hoje uma amiga querida, praticante da umbanda, que me auxiliou a explorar temas fascinantes sobre diversas tradições.

Em 1868, Roma passava por transformações e a fé católica dominava a cidade. Mesmo com o enfraquecimento do poder do Papa, também conhecido como Santo Ofício, e as cidades se libertando de sua influência, o medo tomava conta da região, afetando especialmente os ciganos e os nômades. Admito que foi um desafio investigar isso, mas, com a colaboração de alguns estudiosos, aprofundei meu conhecimento em alguns acontecimentos históricos.

A Inquisição deixou um rastro tenebroso. Mulheres vistas como incomuns, sejam ciganas, curandeiras, ou as que buscavam conhecimento além do que era aceitável, eram consideradas ameaças. Várias foram julgadas injustamente, sentenciadas sem evidências e brutalmente apedrejadas.

É nesse cenário que essa narrativa começa. Este livro é fruto da minha imaginação. Uma mistura de fantasia onde apresento um amor proibido, profundamente enraizado no pavor e na paixão. Na honra e na glória.

PARTE UM
O DESTINO

A morte ou o amor vem a cavalo
Não há como fugir

Capítulo I

Vilarejo Albano
Doze anos atrás...
1856...

— Eles estão entre nós... eles vieram!

Esbravejou um cigano Sinti em sua língua secreta para que os não ciganos não o entendessem.

O medo nas falas dos moradores da aldeia ressoava por todos os lados, em meio ao tumulto da fuga.

Era para ser um dia comum no acampamento cigano. A noite caíra sobre as montanhas ao redor das colinas do Vilarejo. Carroças estavam espalhadas, os cavalos pastando e cada família cuidava dos seus afazeres.

A noite passada fora preenchida pela festa de comemoração de um casamento, momento contagiante para o clã, cheio de risadas, danças e bebidas.

Naquela sexta-feira, em 1856, algo transformaria a vida de duas crianças para sempre. A cabana deixada pelos irmãos Zaira e Francesco, à procura de frutas, não terminou como planejaram. O movimento ao redor mudou bruscamente, os ciganos ficaram furiosos e agitados, cada um correndo para suas tendas, em pânico. Tudo aconteceu em um estalar de dedos.

Francesco puxava a irmã pelo braço com ímpeto, conforme ambos corriam desesperadamente para a cabana de sua família, ele sempre atento aos sinais, notou a mudança súbita no clima da vila.

Os ciganos não tinham um local certo de moradia, viviam andando e se repousando onde menos causava problemas. Zaira e Francesco, adolescentes, eram herdeiros dos nômades, e naquele momento o desespero estava no rosto do irmão mais velho de dezessete anos, pois Francesco sabia exatamente do que se tratava toda aquela gritaria, foi treinado para isso. Sua irmã com seus oito anos não tinha noção, mas sentia em seu coração

algo despedaçando, temendo o pior. A noite tinha sido de muita chuva e enfrentavam a lama, os sujando inteiros, com o ruído das botas afundando no barro. O local era pura desordem: as pessoas corriam para todos os lados, se trancando rapidamente em suas cabanas.

No fim das contas, quem tinha aparecido? Por que o olhar de Francesco, nove anos a mais que Zaira, demonstrava tanto desespero e aflição?

— Eles vieram buscá-la... — murmurou um vizinho quando eles passaram.

Todos sentiam pena daquelas crianças.

— Anda, Zaira! Precisamos encontrar a mamãe! Não ande devagar assim, seja mais rápida! — Francesco gritou sem diminuir a velocidade.

O coração de Zaira, a garotinha linda de cabelos ondulados como os da mãe, pulsava tão forte, e sua respiração se tornava falha, borrando a visão com lágrimas.

Eles correram por mais alguns minutos até alcançar a cabana vizinha à deles em meio à escuridão. Apenas algumas tochas guiadas pelas mãos de homens em frente ao que eles chamavam de lar, iluminava ao redor.

Quando Francesco avistou mais de quatro homens, estancou, puxando sua querida irmã com força, escondendo-a sob sua proteção e abafando o grito dela com a palma da mão. A aflição borbulhou em seu sangue e os dois sentiram os joelhos fraquejarem. Eram inimigos do clã cigano Sinti.

Os homens estavam atrás de Kali. Kali defendia seus filhos com unhas e dentes, mas naquele momento não tinha forças para procurar por eles. O desespero era nítido em seu rosto, buscando freneticamente os arredores com o olhar.

O homem à frente dela era arrogante, a agarrou com força e proferiu:

— Finalmente, conseguimos encurralar a rainha dessa corja! Não finja que não entendeu, vadia. Admita onde guardou seus feitiços!

Eles já estavam discutindo há minutos. Kali, além de temer de medo, já havia sido agredida, seu rosto sedoso estava marcado por um tom vermelho e havia um corte no canto de seus lábios, o

dikhlo[1] com suas fileiras de *galbi* de ouro fora arrancado com força, um antigo presente do seu falecido marido, o cabeça dos *Sinti*.

Os homens não queriam explicar nada nem o motivo de estarem levando-a, a compaixão era um sentimento desconhecido. Aqueles sujeitos eram camponeses da população ao redor, pelo que sugeria suas roupas de plebeus. Diante daquilo, os ensinamentos de Kali ecoava na mente do seu filho mais velho: ela sempre o avisara sobre o perigo destinado a enfrentar. Os inimigos estavam em toda parte, preconceituosos, sempre os acusavam de roubar crianças ou gados até o furto de viajantes que, por superstição, os acusavam de amaldiçoar. Naquele lugar, eles eram caçados: os guardas e as milícias papais. Os *Briganti* (Bandoleiros) sempre disputando por território ou recursos. E, também, os camponeses locais, seguindo com o anticiganismo.

— Como... eu... eu disse, não há nada, senhor. Houve um engano... o senhor precisa acreditar em mim.

Tentou suplicar, mantendo a postura de mulher forte.

Um dos homens saíra de dentro da cabana carregando um pequeno saco de ervas que Kali usava para baixar a febre da filha na noite anterior. O homem chutou, espalhando folhas secas e flores de camomila pelo chão úmido. A planta era utilizada contra a febre principalmente através de infusões quentes que serviam para induzir a diaforese (suor excessivo), ajudando o corpo a resfriar naturalmente ao ser agasalhado logo após o consumo, além do uso de compressas embebidas no chá aplicado sobre a testa e os pulsos para aliviar o calor e a irritabilidade do enfermo, graças às suas propriedades calmantes e anti-inflamatórias.

— É remédio! — Kali gritou, mas logo foi silenciada por um sacolejo violento e um tapa no rosto.

— É bruxaria praticada por uma marginal como você! — declarou o homem com uma expressão carrancuda, debochando para os companheiros.

Eles riram, adorando a cena.

Aqueles homens receberam uma acusação de que Kali usou erva para tratar um idoso semanas atrás, e ele faleceu dias depois. Nem sempre dava certo, talvez o problema do homem fosse bem mais sério, decerto alguma praga. No entanto, eles não precisavam de justificativa para levarem-na.

---

1 Lenço.

Zaira e Francesco queriam gritar o quanto Kali era amorosa, pois estavam cientes de que sua mãe, uma mulher amorosa, jamais jogaria alguma maldição em alguém.

— Não fiz nem joguei nenhuma... seus filhos da puta... — exclamou, furiosa, enquanto mantida presa com mais força pelos braços.

Seus cabelos estavam desordenados, colando fios nas lágrimas.

— Ninguém vai te socorrer de homens como nós, vadia. Levem-na! Os dias dessa mulher estão contados.

Quando aqueles grotescos passaram pela barreira, mataram os rapazes que cuidavam da segurança das famílias.

Francesco, ao lado de sua irmã, tremia tanto que podia ouvir seus dentes batendo. Ele apertou a boca de Zaira. A pobre menina queria gritar, mas o olhar de Kali finalmente encontrou seus filhos no esconderijo. Então, ela parou de lutar. Seus olhos imploravam por uma única coisa: fiquem quietos.

A mãe foi levada contra sua vontade, arrastada. O barulho dos cascos dos cavalos batendo na lama parecia ecoar dentro da cabeça de seus filhos enquanto se afastavam.

Zaira queria morder a mão de Francesco até que soltasse, correr e se lançar contra as botas daqueles homens. Mas o olhar de sua mãe ainda queimava, parecendo que tinha arrancado sua pele.

Os pulmões dos dois ardiam, implorando por ar, e as lágrimas, quentes e salgadas, escorriam pelo rosto de Zaira.

— Não... — O som saiu apenas um sopro contra a palma em sua boca.

Ambos ficaram petrificados sob a chuva que voltava a engrossar. O local mergulhou em um silêncio covarde, e quando os defensores do clã chegaram, já era tarde demais.

Zaira olhou para o irmão. O tremor dele tinha parado, substituído por uma rigidez de pedra. O olhar deprimido de antes se transformou em algo gélido, uma escuridão que a pobre menina nunca tinha visto. O ódio a partir daquele dia transformaria sua vida e a do irmão.

Capítulo II

Zaira

Roma, 1868
Doze anos depois...

Ouvi muitos *gadjé*[2] falarem sobre o charme de Trastevere, às margens do Rio Tibre. A ideia de me tornar uma nova moradora dessa região me deixava nervosa, transformando um nó no estômago.

Meu rosto foi atingido por um vento gelado, pois era um domingo de frio, e o cheiro de cidade molhada chegou às minhas narinas.

Várias pessoas estavam espalhadas. Caminhando, senti o estômago revirar e o sangue em minhas veias arder, alertando sobre algum mau presságio naquele lugar. Decidi ignorar qualquer aviso do sangue.

Conforme aproximamos pelas ruelas de blocos negros e úmidos de Sampietrini, cheia de pessoas, no horizonte, as cúpulas das igrejas romanas e as casas surgiam por cima dos telhados irregulares. Estalei a língua, encarando tudo ao redor com desdém.

Mais uma vez a sensação de mau presságio me atingiu, trazendo-me uma sensação inexplicável por dentro: taquicardíaca e um aperto no peito. Abracei meus dedos, decidindo mais uma vez, ignorar.

Eu precisava amarrar os dentes.

Apertei o passo, há alguns dias viajando com meu irmão Francesco Motins de trinta anos.

Sentia o peso da saia de lã contra as canelas e o couro das botas estalando no chão irregular composto com algumas pedras espalhadas. O pôr do sol ainda não tinha surgido, o que facilitava enxergar algumas poças de água espalhadas pelo chão após uma forte chuva, e não precisávamos carregar os lampiões. O ar era pesado, tenebroso de uma fé não pertencida a mim.

2 Não ciganos.

Alguns moradores passaram por nós cumprimentando, haviam acabado de chegar. Eu, Zaira Motins, de vinte e um anos, precisava ser apenas mais uma obediente entre tantas, uma mulher comum que buscava o pão. Não poderia, em hipótese alguma, ser alguém que havia herdado o dom de uma *Sinti* da família e nem falar a língua dos meus. Deveria fingir que nunca fora ensinada pela minha mãe qualquer magia. Era a intrusa, ladra de olhares e carregava toxina nas veias da fé romana. Se eles descobrissem meu dom de visões ou como conseguia sentir a energia em cada local, seria vista como uma vadia. Nem um chá ou remédio servido de ervas eu poderia oferecer.

Expulsei as lembranças dolorosas quando eu e meu irmão passávamos pelo rio. Passei por uma velha murmurando orações diante de um nicho de Santa Maria, e abaixei a cabeça, ocultando o brilho dos meus olhos sob o lenço escuro.

— Não olhe *pra* lá. — Meu irmão sussurrou ao meu lado, preocupado. — Não deixe os *gadjé* ver quem somos. O exército do Papa está ocupando as ruas e vigiando cada esquina, aqui sempre foi assim. Eles não querem impurezas pela cidade, segundo ao que dizem nas vendas. Estão purificando as ruelas de tudo o que consideram feitiçaria ou vadiagem por causa de futuros visitantes.

Ele tinha razão. Roma estava em pé de guerra santa, e o Papa pontifício não tinha paciência para milagres que não viessem do altar. A cidade era a capital dos Estados Pontifícios, território da igreja, governada pelo Papa Pio IX. O medo da influência externa e das heresias cercou a cidade para mantê-la como o último reduto do poder sagrado. Os italianos queriam Roma como sua capital, e pelos comentários do meu irmão, não conseguiram tomá-la por um motivo: Napoleão III, da França. O Imperador Francês era o protetor do Papa e mantinha o exército em Roma para impedir que os italianos invadissem, com Florença sendo capital. Esses eram os boatos ouvidos pelo meu irmão.

No ar, senti a tensão daquele lugar. A sensação era a de que a qualquer momento algo poderia acontecer.

Foi nesse instante que o avistei. Quando nossos olhares se cruzaram, o ar desapareceu dos pulmões, era o medo se enraizando. No final da ruela, sob um arco de pedra, um cão[3] do Vaticano ajustava a bainha de couro, mostrando o cano da pistola. A farda escura estava em perfeito estado, e seu olhar examinava a multidão, ostentando um chapéu. O homem em questão era um dos cães do Papa.

Tudo o que já ouvimos sobre esses homens tão cruéis me deixava apavorada ao ter que enfrentar um deles para, enfim, nos descansarmos em Trastevere.

3 Guarda.

Antes de deixarmos o vilarejo, meu irmão obteve um Atestado de Bons Costumes falsificado para mim. Eu era um número, uma possível ameaça à ordem que ele se comprometeu a manter.

Meu coração acelerou. Parei, fingindo ajustar a cesta que carregava no braço, enquanto ele se aproximava, bloqueando o caminho com autoridade. Além de entregar os papéis quando entramos em Roma, precisaríamos passar por mais um deles. Pude ver a fumaça saindo de seus lábios por causa do frio subindo do rio Tibre.

— Documentos de trânsito e registro de domicílio — ordenou, rouco, em um sotaque polido.

Senti um frio no estômago.

Francesco entregou. O primeiro se tratava da Carta de Idoneidade, ou Atestado de Bons Costumes, como meu irmão o chamou. Lancei um olhar rápido ao papel amarelado, com as bordas um pouco desgastadas, devia ser o do pároco de Albano Laziale. Pelo que meu irmão contou, eu não sabia ler, ali constava que eu era uma boa cristã, frequentadora fiel das missas e de comportamento honesto.

O peso daquela mentira deprimia meu peito. Como poderíamos ter algo original se a Igreja fora a primeira a apontar o dedo? Aquele papel era uma falsificação perigosa que meu irmão conseguiu em troca de ouro.

O segundo era o Registro de Domicílio, uma carta constando a autorização oficial de residência em Roma. Nele, declarávamos nossa morada em um cortiço no coração do Trastevere, sob a responsabilidade de um senhorio.

Meu povo sempre cruzou fronteiras guiado pelas estrelas e pela voz do vento, muito antes de esses homens inventarem suas muralhas de pedra e papéis assinados. Mas engoli o orgulho. Forcei os ombros a recolherem, adotando a figura de uma camponesa parva. Eles queriam nos ver pequenos? Pois eu entregaria a farsa perfeita.

O homem aparentava não ter pressa nenhuma. Com lentidão, abriu o livro de registros de ordens, feito em couro resistente. Ele percorria as linhas com o dedo, verificando cada detalhe, confrontando os papéis com as anotações.

Senti o olhar dele subir do papel para meu rosto. O sujeito parecia buscar em meus traços alguma heresia, alguma falha ou algum deslize que desmentisse a boa cristã descrita no atestado forjado.

— Remova o lenço. — Foi rude. — Preciso conferir seu rosto.

Minhas mãos subiram, tremendo. Percebi a rigidez do seu maxilar e a linha severa dos seus lábios, que agora estavam entreabertos,

esperando. Arrastei o tecido lentamente. O lenço deslizou por meus cabelos longos e ondulados, expondo a linha do meu pescoço e a tonalidade da pele. O vento gelado de Roma soprou em meu rosto, mas o que me incomodava era o olhar dele no meu. Soltei as mechas escuras, jogando-as para frente dos ombros, que chegavam no busto. A respiração estava falha.

— Albano... — murmurou. Desviei o olhar imediatamente. — Um lugar de solo fértil, porém com pessoas muito inclinadas a superstições. Espero que tenha abandonado os maus hábitos, Zaira.

O aviso flutuou no ar.

Ele fechou o livro de forma abrupta e devolveu os papéis. Nossos dedos se tocaram por um breve torturante instante, e o calor da pele contra a minha formou alvoroço nos meus sentidos pelo pavor de estar tão vulnerável e próxima do homem que representava nossa ruína. Cada terminação nervosa do meu corpo gritou em alerta.

— Viemos para ganhar a vida, meu senhor. — Meu irmão interveio, calmo, tomando os pertences.

O sujeito não respondeu de imediato.

Cão!

O rosto era moldado em traços severos. Seus olhos eram de uma cor cinza puxada para o azul, fixos em mim com intensidade. Não havia compaixão. A pele, branca, apresentava uma leve cicatriz que ia da têmpora até o início da orelha direita. Porém, foram os lábios que me deixaram sem ar por um instante. Eram finos e firmes, mantidos em uma linha reta de autoridade, mas seu contorno era perfeito ao se mover para impor as ordens. Parecia não sorrir há bastante tempo.

— A situação está em ordem — disse ele. — Trastevere pertence ao Vigário, e não toleram desvios.

Ele se afastou para o lado, permitindo a passagem sob o arco de pedra, e continuou:

— Vão diretamente para o endereço informado. Não quero ver vagabundagem!

— Sim, oficial — respondeu meu irmão.

Francesco me puxou pelo braço e aceleramos o passo.

Andando apressadamente, senti o olhar do guarda fixo em nós enquanto nos distanciávamos. O calor do ponto em que nossos dedos se encontraram ainda persistia. Não ousei olhar para trás. Continuamos em silêncio pelos becos labirínticos, e a sensação de frio na barriga não desapareceu. Estávamos finalmente em Trastevere, mas algo queimava nas vísceras.

Chegamos ao lugar onde nos abrigaríamos pelos próximos meses. Era uma casa de pequenas dimensões. Não era um local amplo, porém estávamos habituados a isso. Era muito superior às cabanas onde morávamos, em que um pequeno descuido poderia resultar em desabamento ou incêndio.

Um canto do cômodo servia de cozinha, equipado com utensílios básicos e um fogareiro de carvão feito de barro, que logo deixava as paredes cobertas de fuligem.

Nas proximidades, encontrávamos uma fonte pública ou, quando disponível, acesso às lavanderias comunitárias à beira do rio, onde podíamos nos limpar e ouvir as últimas notícias. Normalmente, tomávamos banho utilizando uma bacia com água morna e uma esponja gasta para limpar o corpo por partes.



Ainda estava desmanchando a pequena trouxa de roupas quando Francesco me chamou, abandonei o que estava fazendo e caminhei até a porta. Meu irmão estava acompanhado por outras pessoas.

— Bem, finalmente estamos conhecendo nossos novos vizinhos! — Uma voz feminina acolhedora ecoou pelo cômodo.

Havia uma senhora de cabelos brancos presos em um coque apertado, acompanhada por um homem de aparência cansada e um garotinho que aparentava não ter mais de sete anos. O menino segurava um pião de madeira e me observava com curiosidade.

— Sou Piera — declarou a mulher. — Este cabeça-dura aqui é meu marido, Leone. E este que não para de te olhar é o nosso neto, Ferrucio.

— Eu sou Zaira — respondi, guardando a desconfiança.

Esforcei para sorrir, enquanto Francesco acenava de soslaio, indicando que eu podia confiar neles, lá do canto onde arrumava suas ferramentas.

— Vieram de onde? O sotaque não é de Trastevere. Nasci por essa área e fui criado aqui. — Leone perguntou.

— De Albano Laziale, senhor. Viemos para o ganhar pão nas tecelagens — expliquei, sentindo um leve aperto no peito.

O pequeno Ferrucio deu um passo à frente, ignorando a conversa dos adultos, e estendeu o pião na minha direção.

— Pode brincar comigo? — questionou, oferecendo o brinquedo, genuinamente.

— Não neste momento. A moça acabou de chegar, provavelmente está cansada da viagem. — Piera o advertiu com

delicadeza, antes de voltar a atenção para mim. — Peço que tenham cuidado. Os guardas que patrulham essa área são impertinentes e desconfiados, mesmo com a cidade recebendo um grande número de forasteiros. Um deles, chamado Rossi, é bastante amargo, um oficial. Estou avisando porque sou morador aqui há anos.

— Aquele que nos parou no arco de pedra?

— Sim, esse mesmo. Francesco explicou quem era.

— Ele pareceu... excessivamente severo.

— Severo é pouco para aquele homem — resmungou Leone em voz baixa, mexendo a cabeça negativamente. — Ele pertence à Gendarmaria do Papa, então já se sabe o que esperar: um carrasco. Apesar da calma nos últimos dias, com esses boatos de que os piemonteses estão se organizando para fazer de Roma a capital da Itália, os *esbirros* de Pio IX andam farejando espiões em cada beco. Esse Rossi é um dos piores. Têm os olhos de águia para qualquer um que não baixe a cabeça.

— O que quer dizer com isso? — indaguei, esforçando-me para manter a voz despreocupada.

— Ah, minha querida, sabe... pessoas que não vão à missa, ou que têm costumes que o Santo Ofício não aprova. — Piera explicou, baixinho. — Por isso, um conselho de quem já viu muita gente entrar e sair deste cortiço: não dê na vista. Não atraia atenção. Seja a mais discreta que puder. Se tiver alguma tradição de sua terra, amuleto ou prece que não pertença ao altar, mantenha-os bem ocultos. Os soldados não toleram o que eles consideram *vadiagem da alma.*

Engoli em seco, sentindo o peito esquentar. Tudo o que meu irmão sempre soube. No inverno passado, os voluntários de Garibaldi tentaram invadir para entregar Roma ao Rei, mas foram derrotados pelas armas francesas e pela fúria dos cães papais. O boato era que o monarca estava apenas esperando que a França de Napoleão III piscasse para dar o bote final. A fúria dos ânimos inflamava o povo e a tensão nas ruas escorria.

Com um puxão na minha saia, totalmente desatento à seriedade da conversa dos avós, Ferrucio desviou meu olhar.

— O vovô falou que o soldado é assim, meio bravo, porque não tem amigos para brincar.

Coisa que só as crianças dizem.

— Acho que ele leva a vida muito a sério, menino lindo — respondi, afagando o cabelo dele.

— Façam o mesmo, então. — Leone disse, já se virando para ir embora. — Se precisarem de lenha ou quiserem saber onde comprar

o melhor azeite, podem bater lá em casa. É a segunda porta à direita. A gente ajuda no que precisar.

Eles se despediram do meu irmão, e assim que saíram, a porta se fechou. Entre meu irmão e eu, o silêncio prevaleceu. Olhei para o chão, absorvendo a gravidade daquelas orientações: não faça peças, não chame atenção.

Francesco soltou um suspiro profundo e começou a se mover pelo pequeno cômodo. A rotina noturna em um lugar diferente costumava ter um ritmo um pouco desajeitado e cansativo. Ele pegou o candeeiro de azeite, riscou o fósforo e a pequena luz alaranjada começou a tremer.

Em seguida, se ajoelhou perto do fogo improvisado e começou a juntar os carvões e os gravetos. O barulho do fogo trouxe logo um calor aconchegante para o espaço, reduzindo um pouco a umidade.

Francesco tinha o rosto bonito: a mandíbula era firme e definida, a pele bronzeada pelo sol, e os olhos, de um castanho profundo, guardavam uma tristeza que ele tentava ocultar de mim. Ele era alto, de ombros largos e cabelos encaracolados. O afeto dele era discreto, expresso em atitudes: nos gravetos que ele cortava, na comida que fazia para que eu pudesse descansar e na maneira como sempre me colocava atrás dele quando havia perigo. Francesco se dedicava a mim com uma força que, em certos momentos, me causava dor, parecia que ele esqueceu de viver sua própria vida para assegurar que a minha não fosse interrompida.

O calor me fez recordar momentos com nossa mãe. Fechei os olhos e quase consegui sentir o aroma dela.

Eu a via debruçada sobre o almofariz de pedras, com as mãos tingidas pelo suco das ervas recém-colhidas. Mais conhecida como Kali, ela era doce, amável e exibia um lindo sorriso nos lábios, além de amar seus filhos. Seu rosto carregava testeira de moedas de ouro, herdadas do meu pai.

Com apenas cinco anos, fiz a seguinte pergunta:

— Mamãe, o que está fazendo?

— Essas ervas são para aliviar o seu peito. Você está tomada pelo cansaço do frio e isso vai te levantar mais depressa.

O ar estava impregnado com o cheiro de alecrim e arruda.

Eu me assemelhava a ela e adorava ouvir as histórias ou como poderia usar meu dom.

Mamãe era nossa luz. Ela possuía cabelos pretos e ondulados que desciam até a cintura em uma cascata, iguais aos que eu tinha. A história da minha mãe por estas terras começou em 1836, quando ela chegou à Itália após atravessar as fronteiras do norte com seu grupo Sinti, que contava com cerca de quinze almas. Mamãe Kali

sempre dizia que a Índia era lembrança distante apenas para os mais velhos, pois a realidade que viviam se resumia a uma constante perseguição pelas estradas da Europa Central. Sem conseguir se fixar em nenhum lugar, ela conheceu meu pai, Stefan, um Roma dos Bálcãs, originário da Bósnia, cujo povo carregava em sua essência séculos de luta por abrigo. Para unir as duas linhagens, os clãs decidiram pelo casamento de meus pais.

O clã materno carregava o dom para o trato e comércios de cavalos, uma tradição apurada transmitida entre as gerações. Paras as mãos dos Sinti eram capazes tanto de avaliar o trote de um cavalo quanto de mexer metais como ferreiros, ourives e funileiros. Nas noites, a música ambientava o povo nas estradas, deixando-os felizes. O povo do meu pai sobressaía no artesanato pesado: forjavam o metal para confeccionar caldeiras, panelas e ferramentas resistentes. Eles representavam o espírito do Erdelezi, a grande festa da primavera que incendiava os Bálcãs, e sustentavam-se vendendo tecidos e artigos trazidos das terras do Sultão aos mercados europeus.

Eles se casaram, entretanto o matrimônio teve curta duração. Meu pai faleceu quando eu contava apenas dois anos, caindo em um combate para proteger nosso povo da violência dos bandoleiros daquelas bandas. A morte dele foi o que nos empurrou para fora das estradas principais, buscando refúgio nas áreas mais afastadas e isoladas. Já a morte da mamãe deixou uma ferida no coração de Francesco que ele nunca deixou cicatrizar.

— Sabe que não estou de acordo com nossa vinda para cá — comentei.

Francesco se manteve focado em suas tarefas.

— Deixou sua pretendente no vilarejo, irmão. Uma menina adorável, que te esperava todos os dias sob as oliveiras e te adorava.

Francesco a amava, isso era evidente no olhar que ele lhe dirigia.

— Zaira! — ele interrompeu o que estava fazendo e me olhou. — Estamos aqui por um tempo curto. Precisamos das feiras romanas, onde o ouro dos banqueiros é abundante e há mais chances para o negócio.

— E estamos aqui depois de quase romper laços e termos sido apedrejados pelo clã — respondi. — Se os cães do Papa descobrirem, enfrentaremos a prisão ou seremos forçados a viver para eles. Se voltarmos marcados pela lei romana, o clã nos fechará as portas para evitar chamar as vistas do governo para o acampamento, sabe disso!

Meu maior sonho, o anseio que eu guardava no fundo da alma, era vê-lo se casar. Desejava que ele tivesse uma esposa que lhe proporcionasse o afeto que tanto me oferecia, e filhos.

— Silêncio, Zaira! — alterou o tom de voz.

Obedeci, abaixando a cabeça e guardando minhas queixas.

— Por isso não devemos nos meter em confusão. Seja obediente, não ande por aí à toa feito uma vadia e faça exatamente o que eu mandar. Deixe que eu cuido disso hoje — falou, abafando o tom, e ajustou uma pequena panela sobre o fogo. — Por acaso deixou sua alma quando entramos na cidade? Melhore esse rosto, por favor.

— Aqueles homens me assustam, Francesco. Não devemos confiar em ninguém, nem nos vizinhos — confessei, me acomodando em um banco de madeira baixo e observando-o mexer o conteúdo da panela.

— Eu sei. O velho Leone e a esposa odeiam os cães tanto quanto nós, o bairro inteiro quer ver essa queda... mas não se engane. Eles podem odiar, mas se ajoelham na missa de domingo. Entregariam nossas cabeças caso descobrissem que não é uma boa cristã...

— Mas eles podem descobrir sobre você também.

Fui interrompida:

— Não me interrompa. É por isso que precisamos ficar quietos, e nada vai nos acontecer — respondeu, fixando o olhar no fogo.

Fiquei em silêncio.

— Eu já me lavei como pude, a janta está quase pronta. Não é nenhuma fartura, mas vai satisfazer a fome.

Interrompeu o que estava fazendo, enfiou a mão no bolso interno do colete e tirou algumas liras e centésimos de pratas, gravadas com o rosto do Papa, oferecendo para mim.

— Vá para se banhar na estalagem da ruela. Passamos dias na estrada dormindo ao ar livre. Antes de começar na tecelagem amanhã, você precisa se livrar dessa viagem. Use isso para tomar um banho adequado. Eu me encarrego de tudo por aqui.

Observei as moedas que ele tinha na palma da mão. Era um sacrifício, eu tinha consciência do valor de cada moeda para nós naquele momento.

— Tem certeza? — indaguei, recolhendo-as.

— Tenho. Quero que esteja preparada para amanhã.

Guardei-as e me levantei. O aroma da comida, um prato simples com grãos, começava a invadir o local. Saí para a penumbra do corredor, com o frio na barriga voltando. Estávamos em Roma...

Capítulo III

Zaira

O dia amanheceu, e pude ouvir o som dos sinos das igrejas ressoando, convocando para a primeira missa e, outras pessoas, para o começo da rotina. Engoli o pedaço de pão que Francesco havia separado e arrumei o lenço na cabeça, certificando de que nenhum fio rebelde estava solto. Dirigi-me ao casarão da tecelagem, uma sólida construção de tijolos escuros. Pelas ruas, o povo do bairro passava por mim: mulheres com xales de lã baratas sobre os ombros e operários marchando para as oficinas.

Depois de alguns minutos, o som das lançadeiras já era alto a partir da calçada. Ao entrar, o ambiente estava impregnado de partículas de algodão flutuando nos raios de luz que atravessavam as janelas elevadas. O centro do galpão era ocupado por fileiras de teares de madeira escura, manuseados por mulheres. Eu tinha consciência de que exigia um ofício detalhado: a confecção de xales de lã fina, bordados que enfeitavam os altares e peças de seda. Fui acolhida pela mestre-tecelã, uma mulher de olhar austero.

— Você deve ser a Zaira.

A mulher mantinha o cabelo em um coque baixo rente à nuca. Era branca, vestindo roupas de lã grossas e um avental.

— Sim, sou eu. Cheguei recentemente à cidade. Muito prazer.

Sem qualquer sinal de simpatia, continuou:

— Meu nome é Zafira. Sou a mestre-tecelã. Você está inserida na parte de bordados, especialmente nos paramentos para as igrejas. Exijo perfeição em cada ponto, não tolero nenhum tipo de desculpas quando algo dá errado. — Umedeci os lábios, confirmando. — Você já mexeu com isso antes?

— Sim, já. Aprendi com mulheres mais velhas das terras de onde vim.

— E de onde era? — Sustentei seu olhar sem desviar.

— De Albano.

Não houve nenhuma mudança de expressão em seu rosto. Ela apenas confirmou.

— *Aó*[4]. — Estufou o peito, exigindo respeito. — Exigimos silêncio para evitar distrações, postura ereta e, acima de tudo, higiene impecável das mãos e unhas para não manchar ou desfiar os fios de seda e ouro. Cada sobra de material é rigorosamente contabilizada e qualquer erro punido com descontos severos no pagamento, ou te ponho na rua.

O espaço era apresentado à medida que cada regra era ditada.

— Estamos entendidas?

— Sim, senhora.

— Ótimo. Comece então.

Sentei-me diante da seda, percebendo a textura fria e escorregadia do tecido sob os dedos. Comecei a traçar os pontos, criando arabescos que se entrelaçavam com exatidão. O momento manual precisava de atenção. Para criar os arabescos, usava pequenos enchimentos de algodão por baixo, fazendo o dourado saltar do tecido em um efeito de relevo, cobrando forma sob a agulha. Enquanto minhas mãos trabalhavam, notei que outras tecelãs me observavam de relance. Eu era a nova peça naquele tear humano. O sinal para o descanso do meio-dia tocou, e o ruído dos teares foi substituído pelo murmúrio de vozes. Me afastei, com a ponta dos dedos latejando, e fui para um canto do galpão para pegar o embrulho de comida na trouxa de pano. Eu tentava ser invisível, porém o medo aguçava meus sentidos e fazia com que eu escutasse cada sussurro. Três tecelãs conversavam em voz baixa perto da saída:

— ...afirmam que invadiram o cortiço da Via del Moro hoje de manhã — sussurrou uma delas, enxugando o suor da testa. — A Gendarmaria arrombou a porta. Aquele esbirro... como ele chama mesmo? Ah... Deus, lembrei... o Rossi estava à frente.

Ao ouvir o nome, meu coração deu um solavanco.

— O que estão buscando? — indagou a outra, com a voz vacilante.

— Estavam vasculhando baús e papéis dentro do cortiço. O Vigário concedeu permissão para que fosse atrás de traidores.

Passei por elas, forçando um sorriso no rosto e segui até uma escadaria por perto para comer o pão de centeio e um pedaço de queijo pecorino.

Aquele lugar era uma merda.

Maldição!

Sentia as vísceras ficarem reviradas e mal conseguia comer bem.

O intervalo terminou, e a mestre-tecelã aplaudiu para que retornássemos. Voltei para meu lugar. O suor frio escorria por minhas costas durante toda a tarde, lotada de pensamentos.

---

4 Atenção.

O dia foi cheio, a cabeça começou a doer. Antes de chegar em casa, precisava tomar uma dose de Grappa. Certamente depois receberia o sermão do meu irmão. Francesco ficava na parte braçal, como lenhador, ia sempre atrás de lenhas nos bosques atrás das muralhas, e pedia minha volta rápida para o cortiço. Naquele dia, em especial, por ser meu primeiro dia, coloquei algo novo no corpo. Eu vestia uma saia de lã fina azul-marinho, nova e tecida por mim há alguns meses, com fios tingidos de índigo, caindo solto e confortável até os tornozelos. O corpete da mesma cor, carregava mangas longas, ligeiramente bufantes, amarradas nos punhos com cordões simples e o decote oval modesto bordado em preto. Um cinto comum de couro na cintura, marcando minha silhueta esguia, e nos pés, botas de couro.

Encontrei a primeira taverna, entrando. O recinto, local comum e enfumaçado, estava quase lotado de homens rudes, o ar pesado e risadas grossas arrepiaram meus pelos. Não olhei para os lados, mesmo sentindo os olhares mais afiados cravados em mim. Eu só queria uma dose, como qualquer morador, e ir embora, nada de ruim poderia acontecer.Não era a única mulher: várias *mulheres da vida*, com os cabelos soltos, circulavam. Prendi a respiração, aproximei-me do balcão de madeira, séria e pedi:

— Uma dose de Grappa!

O rapaz atrás do balcão, de roupa comum e sorriso nos lábios, assentiu e foi buscar. Não me importei com quem estava à minha direita, alguém próximo demais, trazendo um cheiro masculino forte. Meu irmão era um homem bom, mas jamais viveria sua própria vida. Afinal, nossa mãe fora morta, e eu não poderia ficar sozinha. Meu jeito de ganhar a vida era diferente, eu realizava adivinhações, e cheguei a fazer garatujas e rezas para o cavalo de um homem contrabandista ganhar uma corrida de cavalos. Recebi um bom escudo de pratas por aquilo, pois dera certo. Mas fiquei conhecida, e outros homens vieram me procurar, o que resultou em uma briga feia com Francesco.

Foi assim que nos mudamos, contra minha vontade, para esta cidade, à procura de ganhar a vida, escondendo meus traços e dons. Virei a dose de uma só vez, sentindo o fogo descendo pela garganta. O rapaz do outro lado me fitou com os olhos estreitos.

— Mais uma — pedi.

— Isso aqui não é lugar para uma dama que não seja da vida — aconselhou, limpando um copo com o pano.

— E qual o mal de uma mulher molhar a garganta? — questionei.

— Como eu disse, aqui não é lugar para uma donzela linda como você!

— Nada me acontecerá. Sei me defender. Já viu alguma mulher ser proibida de beber só porque teve um dia de diabos? O mundo seria insuportável — indaguei.

O rapaz confirmou, sem dizer mais nada e logo voltou com mais uma dose. Suspirei fundo, ouvindo a algazarra de alguma comemoração que vários homens faziam. Senti aquele olhar queimando à minha direita. Empinei o nariz, e umedeci os lábios secos. Se algum homem nojento se aproximasse, eu o acertaria com uma joelhada infalível no saco, técnica que nunca falhava.

— Então, é uma mignotta[5] — afirmou o homem ao meu lado, roucamente.A voz me atingiu em cheio. Já a ouvi antes. Um arrepio gelado percorreu meu corpo. A taberna estava lotada de homens, qual era a chance de isso acontecer?

Virei levemente o rosto para o dono daquela voz. Um frio paralisou o estômago, o mesmo medo da chegada à cidade enraizou-se, expulsando a raiva que borbulhava dentro de mim.

A iluminação amarelada revelou o rosto sério, marcado pelo rancor, preso na minha direção. Era ele. O cão da entrada, aquele que todos alertavam ser alguém muito maldoso. Trajava um capote escuro e pesado, aberto, deixando à mostra um colete de lã fina bem ajustado. Um chapéu de feltro ocultava o brilho intenso de seus olhos.

Nossos olhos se encontraram, minha pulsação disparou e o coração começou a acelerar.

5 Prostituta.

Capítulo IV

Damiano

A terra úmida à minha frente era tingida pelos últimos raios de sol, e a neblina se erguia no fim de tarde. No posto da Porta Angelica, acomodei a arma de volta. A casaca parecia mais pesada devido à exaustão dos últimos dias, e uma dor fisgada familiar percorria o ombro esquerdo. Isso sempre ocorria quando eu estava tenso. Aos trintas anos de idade, dez deles dedicados puramente à busca por honra e glória naquela cruzada sagrada, ainda não havia me acostumado.

Tinha momentos em que me perdia em recordações sombrias, arrastado por aquela dor me levando para um dia amargo em que o solo papal foi ensopado pelo sangue dos italianos e romanos. O massacre de Mentana, dois anos antes. Mantivemos a vitória apenas porque o fuzil *Chassepot* dos franceses fez milagre no campo de batalha, e porque contamos com o fanatismo dos Zuavos pontifícios, voluntários católicos vindos de todo o canto do mundo, em sua maioria por muitos franceses e belgas, esmagando as linhas garibaldinas sem piedade pelo trono de São Pedro.

Grunhi baixo, revivendo por um segundo a agonia do ombro deslocado naquela época, ajustando o cinturão com o brasão de Pio IX.

— Caporal Rossi!

O soldado Corvus aproximou-se em passos rápidos. Parou em posição de sentido e cruzou o braço esquerdo sobre o peito, batendo a mão firme contra o cano da sua arma em uma saudação rígida.

— *Er...* tenente mandou avisar, senhor. A patrulha está pronta para marchar!

Acenei com a cabeça, pousando os dedos sobre o punho da arma.

Ergui a mão direita espalmada, exigindo silêncio total do pelotão de dez homens que aguardavam logo atrás. Quando o bater das botas cessou, abaixei o braço e ditei com ordenança:

— Baioneta calada. Dois na vanguarda, o restante bloqueie a saída dos fundos. Movimento rápido, marchar!

Uma década de serviço exemplar ao Papa Pio IX havia condensado minha vida em dois pilares: a honra e a missa diária. Entreguei minha juventude ao Trono de Pedro, marchando desde os tempos em que eu era apenas um garoto franzino carregando um tambor de infantaria, ditando o ritmo dos batalhões.

Avançamos pelas ruas estreitas de Roma, o eco compassado das nossas botas ecoava contra as paredes de pedra. Minutos depois, paramos diante da fachada decadente do cortiço que abrigava os moradores de Trastevere.

— Arrombem a entrada e cerquem as saídas. Movimento! — ordenei.

Havia um mandado expresso para capturarmos um espião. Derrubamos a porta principal com um chute violento. Com movimentos exaustivamente treinados, meus homens subjugaram o térreo, isolamos duas crianças e a esposa sob a custodia de um soldado, limpando o perímetro.

Subi as escadas de madeira aos saltos, mantendo o fuzil à frente com a baioneta calada. No piso superior miserável havia uma mesa baixa, três cadeiras de pinho que se partiriam com facilidade em uma luta e uma janela alta demais para permitir uma fuga sem o risco de ossos quebrados.

O suspeito encontrava-se encurralado. Cercamos o homem na casa dos quarenta anos que tentava, em desespero, queimar documentos no fogareiro.

Revistei as gavetas com raiva, e o soldado Corvus imobilizava o homem. Sob o fundo falso de um armário, encontrei um pedaço de pano: uma bandeira tricolor. O verde, o branco e o vermelho dos rebeldes liberais.

O asco subiu-me à garganta.

Levei a mão livre até o cordão no pescoço, onde carregava uma cruz, e a segurei com força, sentindo a madeira sagrada afundar na palma.

Senti um nó no estômago. O cheiro da fumaça acompanhado do barulho dos gravetos sendo queimados e o tecido colorido em minhas mãos me transportaram duas décadas para o passado, levando-me diretamente para as terras de Bergamo de onde vim.

Em 1848, eu era apenas um filho de camponeses lombardos, assistindo, impotente, a minha família ser consumida por fogo ateado pelos ímpios rebeldes e sem Deus. Eles nos arrancaram tudo.

Apertei o tecido com força, sentindo um nó na garganta.

Diante de mim, com a mesma nitidez daquele dia nefasto, a memória projetou o corpo do meu pai se contorcendo na corda do enforcamento. A única transgressão da minha família foi recusar a

cuspir na cruz. Guardei a bandeira tricolor no bolso e prendi o olhar gelado no prisioneiro que tremia.

— Levem-no — decretei.

Um espião determinado a alimentar a sedição[6]. Política? Roma fervia, e o clima era extremamente azedo. Pio IX, nosso Santo Padre, representava o único bastião que ainda se colocava entre a ordem divina e a sanha dos piemonteses. Para mim, Vittorio Emanuele não passava de um ladrão coroado. Eles já roubaram o Norte, retalhando os domínios da Igreja sob o pretexto de uma unificação e agora cobiçavam o nosso Centro, o coração vivo da Cristandade.

Os rumores corriam rápido: diziam que Garibaldi planejava marchar de novo na intenção de tomar o que pertencia à Igreja. Aquele diabo não se cansava de *inflamar a ralé* [7] contra a autoridade do Vaticano.

Se Roma caísse, o ouro sagrado seria pilhado, os altares acabariam profanados pela maçonaria e testemunharíamos o fim dos Estados Pontifícios.

Eu não permitiria que a heresia vencesse na minha vigília.

⚔ ⚔ ⚔

Resolvi tomar duas doses de Grappa.

Naquela noite, na taberna, depois de um dia maldito e exaustivo, pedi uma dose. O líquido desceu rasgando. Sozinho, observava o movimento das pessoas suspeitas à minha volta.

Era pra ser um dia comum, como qualquer outro.

Era, *cazzo*.

Era...

Pescoços viravam bruscamente nas mesas, o burburinho ao meu lado entre dois homens começou: "Quem é aquela?" "Deve ser nova moradora na cidade."

Reduzi o movimento ao mínimo, virando o rosto apenas o necessário para manter o canto dos olhos fixo na entrada. O pomo de adão subiu e desceu conforme o Grappa queimava a garganta. Continuei debruçado no balcão, mantendo as mãos firmes.

Ela caminhava de costas retas, mantendo uma postura rígida. O corpete azul-marinho apertava contra a cintura esguia, acompanhada de uma saia longa, cobrindo qualquer pedaço de sua pele, e o lenço, *aquele lenço,* escondia o que eu mais queria ver: seus cabelos. Quando

6 Crime que era processado nos tribunais pontifícios na época.
7 Forças sociais.

Zaira parou ao meu lado, o perfil do seu rosto desenhou contra a iluminação amarela. Era uma imagem esculpida: o nariz fino e levemente arrebitado, conferindo um ar de altivez. O maxilar era bem marcado em uma linha firme descendo até o queixo delicado que ela mantinha erguido, impertubável diante dos olhares.

Os lábios, entreabertos, eram cheios.

A *bella* carregava uma energia sem igual consigo, despertando os pelos do meu corpo.

Fingi não ter visto, e ela tomou a primeira dose.

— Mais uma — pediu pela bebida ao taberneiro.

— Isso aqui não é lugar para uma dama que não seja da vida. — O homem aconselhou.

— E qual o mal de uma mulher molhar a garganta? — Sua voz era aveludada, acentuando o dialeto romanesco mais xucro.

Ao contrário das pessoas com que eu estava acostumado, as palavras dela tinham uma cadência xucra e provocativa.

— Como eu disse, aqui não é lugar para uma donzela linda como você!

— Nada me acontecerá. Sei me defender. Já viu alguma mulher ser proibida de beber só porque teve um dia de diabos? O mundo seria insuportável.

O homem sorriu, provavelmente achando-a atraente.

Dificilmente precisei ouvir uma mulher afrontosa. Mas, como eu imaginava, deveria ser uma mignotta, como qualquer outra à procura de algumas liras.

— Então, é uma mignotta — sentenciei em meu romanesco polido.

Os olhos grandes pareciam capturar toda a iluminação do lugar, fixando nos meus. Eram amarelos. Um matiz claro e tingido, como a Grappa no copo. Nunca vira nada assim nas mulheres nobres. O frio que eu sentira antes no estômago subiu até o peito. De início, não entendi, era uma febre do sangue[8], talvez. A mulher era esbelta.

— Com licença, senhor, mas o que disse? — perguntou, engolindo em seco.

— A senhorita... — virei uma dose de Grappa, olhando o sujeito ao lado — é uma mignotta para estar em um lugar como este.

Ela se calou, não prosseguindo o discurso. Provavelmente eu estava certo. Aquela mulher era uma dos novos moradores que chegaram em caravanas de primavera. Era a época em que os campos e as propriedades eclesiásticas mais necessitavam de braços

8 Tesão.

para a colheita e reparos, logo após as chuvas de inverno, desafiando a vigilância nas fronteiras.

— Teve o dia cheio, presumo — proferiu.

Atraiu minha atenção novamente.

Sustentei aquele olhar.

— Eu também tive. Por isso estou aqui, tomando uma dose, assim como o senhor. Não sou uma mulher da vida.

— Uma mulher sozinha, bebendo entre esses homens... — Meus olhos desceram pelo vestido azul até a cintura esguia, depois voltaram para o perfil do rosto dela. — Se não é mignotta, é louca. Ou muito perigosa.

— Não sou nenhuma dessas alternativas.

— Prove.

Ela puxou uma onda de ar, parecia atingida.

— Estou na ala de bordados no casarão da tecelagem. Foi meu primeiro dia, e foi exaustivo. — Suavizou o romanesco para mais polido, tentando me acompanhar.

Pousei o copo vazio no balcão, observando sua mão direita quando a ergueu. Havia pequenos furos de agulha nas pontas dos dedos e pontos avermelhados de sangue.

Olhei ao redor, mantendo a vigilância, voltando a me concentrar na mulher. Ela escondeu a mão rapidamente. Com um movimento calmo, buscou um pequeno saquinho de pano escondido nas dobras do vestido azul. De lá, tirou algumas moedas. Foram seis soldi. Ela os colocou no balcão, um a um.

O tarbeneiro recolheu, mas logo intervim:

— Traz mais duas doses. — Voltei-me para ela. — A senhorita aceita tomar mais uma?

Recebi a confirmação com um leve aceno da mulher. Ela era linda no manejar da cabeça, e no jeito como olhava. Independente de ser perigosa ou uma mignotta, era maravilhosa e misteriosa.

Logo, o homem retornou com os dois copos cheios.

— Não sei se você se lembra de mim, porque tem muita gente com quem lidar. Mas passei pelo arco e meu nome é Zaira.

— Eu não me lembrei — menti. — Mas você já deve ter ouvido falar de mim.

Ela lambeu os lábios.

Era normal para a população daquela cidade, eles me temiam. Eu gostava, pois sentia-me respeitado.

— Só que você era o guarda da entrada, oficial Rossi.

— Algo mais?

— Não. — Zaira sustentou meu olhar.

Parecia que naquele momento ela estava falando a verdade.

Em seguida, bebeu a dose, e quando seus lábios envolveram o copo, minha garganta secou, fui obrigado a engolir em seco. Colocou-o de volta no balcão e olhou para mim:

— Meu irmão me pediu para chegar no cortiço no pôr do sol. Tenho que ser obediente e voltar rápido. Odeio quando ele pensa que me deve proteção ou algo assim — desabafou, um pouco alterada.

Ajustei minha postura, apalpei o casaco e puxei uma cigarreira de metal, tirando um pequeno charuto. Entreguei-o a ela. Zaira olhou entre mim e o fumo, pegando-o rapidamente para colocar entre os lábios. Peguei outro para mim. Risquei um fósforo contra a lateral da caixa e ela aproximou o rosto da minha mão, buscando o fogo. Observei a chama iluminar seu rosto esculpido. Então ela trouxe os olhos até os meus. Será que enxerguei o brilho sacro naquele olhar? Fiquei maravilhado, um tanto assustado. Nenhuma mulher nos últimos anos conseguira balançar meu coração, eu era um homem de pedra, sem humor e rabugento.

Acendi o cigarro.

— Os homens geralmente nascem com a única missão de salvar a família, não os odeie por isso. Em vez disso, agradeça a ele.

— E ele deve, simplesmente, para de viver a vida para isso? — Ela deu uma tragada, exalando a fumaça.

A acompanhei no trago, tomando um longo gole de Grappa. Minha estatura era muito maior que a da moça, e eu a observava de cima. Molhei os lábios.

— Deve ser assim. Contanto que ele planeje mantê-la bem e viva. Ele quer apenas cumprir o seu dever. Não tente entender a mente de um homem.

Ela suspirou profundamente. A curiosidade me consumiu ao notar o quanto aquela mulher parecia afetada pelas amarras da família.

Eu nunca diria nada sobre minha vida para alguém assim. Sempre mantive a guarda alta e nunca me abriria com ninguém, em hipótese alguma.

— Obrigada pela dose. Eu tenho que ir. Acho que falei demais — sorriu pela primeira vez, me olhando de lado.

— Não há nada com que se preocupar. Somos duas pessoas que se conheceram em uma taberna, daqui a alguns dias nem nos lembraremos.

— É, não nos lembraremos. — A voz aveludada penetrou nos meus ouvidos.

O olhar bonito permaneceu preso ao meu.

Ela balançou a cabeça e fez um gesto, levando o pequeno charuto consigo com uma audácia incomum. Suspirei profundamente, sentindo o peito congelar enquanto aquela mulher caminhava, atraindo os olhares indiscretos de todos os homens. Puxei o relógio de bolso no interior do casaco e verifiquei as horas: seis e meia da tarde.

Mais uma hora fiquei naquela taberna, até sair pelas ruas escuras de Roma. Precisava me encontrar em uma reunião às oito e meia. Cheguei adiantado, após dez minutos de espera na penumbra. Quando o Comandante Mario, homem que tinha trânsito direto nas audiências do Palácio Apostólico no Vaticano, me encontrou na penumbra, perguntou:

— Como foi? — perguntou em francês.

— Me aproximei de uma das novas moradoras, uma arisca. Ainda não sei se ela sabe algo concreto — murmurei na mesma língua. — Mas posso tentar extrair mais em algumas conversas. Ela baixou a guarda por um momento. Se houver um ninho de revolucionários escondido entre os imigrantes, *je vais écraser cette vermine.*[9]

O homem me encarou. A sombra do chapéu impedia que eu visse seus olhos, mas eu sentia o julgamento. Ele soltou um suspiro.

— Siga com o plano, Rossi — olhou ao redor. — Com a fraqueza do governo de Florença... os revolucionários estão se escondendo em qualquer canto. Se essas pessoas estão servindo de correio para as cartas de Garibaldi, precisamos descobrir. Nosso Pio IX convocou o primeiro Concílio na Basílica de São Pedro, e isso necessita de uma atenção absoluta, oficial. Precisa se aprofundar mais com essa mulher, tentar extrair pistas definitivas. Ou usá-la para chegar até outro homem que está na mira da Santa Sé, e depois descartá-la.

— O que quer dizer...

— Quando chegar a hora, vai saber.

— Ela não seria burra. Sou um oficial, e ela uma mulher pobre. Não confiará em mim o suficiente para algo do tipo acontecer.

— Siga com o plano. Se precisar deitar-se com ela para descobrir algo, deite-se. Não nos decepcione!

Estendeu a mão, entregando-me uma pequena bolsa de couro, pesada com liras de pratas.

Senti algo quente passar pela garganta, raiva e um aperto no peito. Peguei as moedas, enfiando-as no bolso do casaco. Ele não se despediu, simplesmente se virou e desapareceu na escuridão.

Arrumei o chapéu na cabeça e o cabo do revólver, caminhando na direção oposta daquele homem. Enfiei as duas mãos nos bolsos,

9 Vou esmagar essa peste.

ouvindo o eco das minhas botas no chão de pedras, sentindo o vento gelado contra o rosto.

A mulher de olhos penetrantes...

O coração estava pesado e a mente em chamas. Seria apenas mais um dever comum, e eu faria tudo certo, não poderia falhar em nada.

Capítulo V

Zaira

Em 24 de março, numa linda tarde de terça-feira, às 17h30, eu saíra de mais um dia no casarão. Naquela noite, dormi mal: estava acabada, sentia o ar pesado me sufocando e tive inúmeros pesadelos. Minha pele parecia rejeitar o tecido da camisola, e sensações esquisitas me dominaram. Passei a noite em vigília. Minha mãe dizia que ficara assim antes de conhecer seu verdadeiro amor, mas que sua amiga também ficara assim antes de a morte vir a galope.

Seria mais provável que a morte viesse a galope do que eu encontrasse meu verdadeiro amor.

Duas semanas se passaram desde minha chegada a Roma. Leone e Piera se mostravam determinados a serem nossos vizinhos amorosos.

E, conforme afirmado pelo cão maldoso, nem nos recordaríamos daquela conversa na taberna. Havia alguns dias que não nos víamos, a última vez foi quando eu estava a caminho do casarão da tecelagem.

No meio das ruas da cidade envolta em névoa, escutei o barulho dos cascos contra as pedras. Três homens montados apareceram, e entre eles estava o oficial Rossi. O avistei enquanto a multidão fugia apressadamente do caminho. Naquele dia, ele estava fardado, com a expressão séria. Eu estava encolhida em um canto, e senti um frio na barriga com sua presença.

O preferia sem aquela farda, despido da autoridade, como estava na noite em que conversamos por alguns minutos.

Mais tarde, naquele mesmo dia, soube que haviam sido encontradas armas em acampamentos no Gueto da comunidade judaica, o que levou à procura de vários homens.

O movimento ao redor estava mais vazio do que no último dia em que fui à taberna. Os homens eram mais gentis, principalmente pela minha amizade com o taberneiro, Paolo, de cabelo grisalho e pele clara.

Conforme Mattia falava sobre seu cotidiano exaustivo como pedreiro em novas obras públicas e brincava com a vida

do companheiro, o barulho de bandolim e violão ecoava ao redor, acompanhado pelo bater das canecas e pelas risadas altas dos homens. Tommaso, o outro amigo, emburrava e deixava o copo cheio de vinho em cima da mesa.

— Ei, ó Tommaso! Naquele dia você estava doido, queria assumir uma mignotta e se casar com ela! Tudo só porque nunca encontrou uma mulher que fosse digna de ocupar o lugar da sua falecida esposa. Tommaso, que ideia péssima!

— Cala-te infame! Não fale da minha mulher, senão eu quebro a sua cara! — Tommaso enfureceu, com a expressão fechada.

— Escuta, irmão, a vida é uma madrasta, eu sei. Mas o passado está morto! — Ele envolveu o ombro do amigo com o braço, rindo. — Agora, levanta a cabeça... tem uma bela dama à sua frente, não vê? O destino é belo. Não perca a oportunidade, elas são raras como os milagres, meu caro.

Tommaso me encarou, envergonhado com a fala do amigo, e balançou a cabeça negativamente.

— Peço perdão por ele, moça. Mattia quando bebe, torna-se uma criatura insuportável. Por favor, não leve a mal as suas palavras.

— Não há problema algum.

Tommaso era atraente. Conforme mencionou, ele era sapateiro e atendia tanto os moradores da cidade quanto os visitantes. Ele era alto, magro, de pele clara, usava bigode e estava vestido com roupas simples do trabalho. Olhos castanhos. Por outro lado, o amigo era mais baixo, com olhos da mesma cor e barba por fazer.

Com o braço apoiado no encosto da cadeira, peguei o copo de vinho e dei um gole demorado.

— Com certeza há problema! Veja as coisas que esse homem está dizendo. Que grande disparate! — reclamou.

— Tommaso, não se preocupe. Não me ofendi com isso — sorri de forma sincera, mantendo a postura e sustentando o olhar.

Ele bebeu mais vinho.

— Vejam só... ela não se ofendeu, achou você bonito. — Mattia festejou, batendo levemente na mesa. — Por essa graça, o vinho é por nossa conta! Oste, traga uma rodada para comemorar.

O burburinho ao fundo cedeu espaço para uma nova cadência quando o ritmo mudou, dando início a uma animada tarantella.

— Vai, Zaira, se joga! Demonstre ao meu amigo o quão boa você é!

Observei o ambiente ao meu redor. Alguns homens embriagados começaram a bater palmas, pedindo o mesmo. Ao lembrar do tempo em que dançava com minha mãe, senti o rosto aquecer. Eu possuía algumas habilidades para a dança, embora não fosse a tarantella.

Mattia e Tommaso, meus companheiros de copo e conversas quase todas as noites, acompanhavam o movimento com fortes aplausos.

Eu possuía o talento para a dança dramática dos palcos teatrais, estava em meu sangue e me fazia renascer! Mas ali, eu não podia exibi-lo.

Ergui-me. Expirei lentamente e dei o primeiro passo da dança saltarelo. Iniciei com um movimento suave, percebendo a saia longa girar delicadamente. Girei o tecido de maneira natural, movendo os quadris. Quando pisei naquele chão, e homens de rostos rubros, exaltados pela bebida, me cercaram, o sangue ferveu nas minhas veias. A alegria me invadiu ao ver todos os olhares direcionados a mim.

O som me transportava, e meu corpo se tornava flexível a cada compasso que me lembrava dos tempos que minha mãe brilhava nas arenas do circo. Deixei que o lenço caísse sobre meus ombros, revelando o cabelo livre. As mulheres da vida me olhavam com desprezo enquanto as palmas ganhavam força.

Naquele instante, me senti viva e exaltada. Pude sentir a presença da minha mãe ao meu lado em cada fibra do meu ser. Quando eu era pequena, via-a dançar em frente à fogueira, exaltando sua verdadeira essência. Era uma força da natureza, uma manifestação de vida tão intensa que me deixava sem ar.

Eu me sentia eufórica, quase alcançando as estrelas apenas estendendo a mão.

Encantei a todos até que as portas duplas da taberna se abrirem. Estava em movimento e atraía olhares diante do balcão, mas senti algo profundo e intenso penetrando na minha alma. Um olhar específico fez com que meus pelos arrepiassem.

Na entrada da taberna, um homem alto e bem vestido, de ombros largos e rosto coberto por um chapéu preto, ocupava qualquer vestígio de luar. Sentia seus olhos cravados nos meus. Eu estava suada, com a respiração acelerada e descontrolada. Uma gota de suor desceu entre minhas escápulas. Meus olhos estavam fixos naquela direção, atraídos.

Ele usava um casaco azul-escuro de tecido pesado. Sob a luz dos lampiões, os botões brilhavam. O colarinho alto e rígido, por sua vez, impunha uma postura aristocrática. Eu me sentia pequena, mas, ao mesmo tempo, sentia o calor subindo por meu pescoço.

Os homens naquele lugar abaixaram a cabeça, o barulho cessou e todos saíram para outros lugares. Sua presença dobrava qualquer homem feito. Os passos pesados das botas daquele rapaz se aproximando fizeram a respiração se tornar mais falha. Ouvi passo a passo, com homens contornando seu trajeto.

O taberneiro, atrás de mim, querendo desaparecer, limpando o balcão, murmurou:

— Eu te avisei para ter cuidado, minha cara. Você é boa demais para este lugar, e esses homens não se importam com você, só querem aproveitar o desejo!

Engoli em seco.

Era o oficial Rossi.

Meu coração batia fortemente, a ponto de conseguir ouvi-lo.

Capítulo VI

Zaira

Ao passar pelo local, Rossi não me olhou. Fiquei de costas para o balcão enquanto o calor da dança desaparecia da pele, sendo substituído pelo frio na barriga. O vento gerado por seu porte robusto ao passar a meu lado direito aguçou meus sentidos, e seu aroma invadiu minhas narinas.

— Uma dose de Grappa — pediu, de forma brusca.

Levantei suavemente o lenço que cobria meu cabelo e, pelo canto do olho, percebi Tommaso me observando com tristeza, provavelmente se sentindo impotente. Ele mantinha a cabeça baixa, com ares de um cão reprimido. Eu era a mulher por quem ele tinha admiração, porém não faria nada contra o homem que estava ao meu lado.

Com calma, virei-me e fiquei de frente para o balcão.

— Você vai às missas? — perguntou, por fim.

Rossi, um homem de temperamento tão azedo, não me encarava, seus olhos estavam fixos no copo que o taberneiro lhe trazia com mãos trêmulas.

Seu maxilar estava rígido e seu rosto apresentava linhas esculpidas com ferocidade.

Sob a aba do chapéu, capturei o perfil dele ao virar levemente o rosto.

— Claro. Fui no domingo pela manhã.

Tentei ser firme, apesar de minha respiração estar rápida e ofegante. *Não se deixe abalar, Zaira, não seja tola. Pense em tudo o que seu irmão fez! Não seja ingrata, engula o seu orgulho se quiser sair viva, mude a situação!*

— Se é isso que você quer saber, eu vou à missa.

— Recorda-se do que o padre diz sobre a modéstia? Uma mulher que serve à Igreja deve evitar um antro de perdição como este — ponderou. — Qual é o seu propósito ao dançar entre o hálito de vinho desses infelizes? Busca intimidade com algum deles? Está usando a dança para se vender?

— Por Deus, não...

— Não ouse usar o nome de Deus, *cazzo* — resmungou, em voz baixa, virando a dose e batendo o copo com força. — Bastaria uma palavra minha para jogá-la na prisão por vadiagem e escândalo. Seria o fim da pior noite da sua vida, senhorita. E seu irmão, o homem que jura a proteger e nunca a abandonar, passaria a vida se perguntando onde foi que falhou.

Minha cabeça pulsou e senti uma sensação de queimação nas têmporas.

— Eu não sou prostituta, já lhe dei provas disso e o senhor sabe. — Minha voz quase se apagou.

— Pelo visto, provas de nada adiantaram. Inicialmente, afirmou que não era uma *mignotta*. Naquele dia, pensei: ela só quer algumas doses, mas *che errore*[10]... eu estava completamente enganado — praguejou.

Ele estava bravo?

Eu tinha a sensação de que minhas pernas falhariam se eu desse um passo.

— Não se enganou... não pense isso de mim. Eu estava apenas cansada... e hoje, eu... não sei o que aconteceu. Na verdade, eu sei, queria esquecer todos as tribulações que tenho! — Exclamei de uma vez. — O que o senhor vai fazer? Nunca roubei nada nem me envolvi em qualquer tipo de confusão durante toda minha vida... — Tentei respirar fundo.

Rossi não deu uma resposta imediata. Ao tirar o chapéu, seus cabelos curtos, pretos e seu olhar, que de perto era ainda mais feroz, ficaram visíveis.

Como ele era charmoso, ao mesmo tempo tão sombrio.

O homem me observou, desde as têmporas quentes até as mãos trêmulas que eu tentava ocultar nas dobras da saia.

— Eu deveria — afirmou ele, agitado. — Seria minha obrigação arrastá-la pelos cabelos e permitir que as freiras da penitência lhe ensinassem o que é modéstia. Porém, não irei... com uma condição.

Não sabia se deveria me sentir feliz ou preocupada com a situação em que me meteria a partir daquele dia. Por que não fui para o cortiço? De que serviram aquele vinho oferecido, se eu seguiria um caminho destinado ao fim? Eu precisava ocultar minha origem Sinti daquelas pessoas que faziam de tudo pela justiça do Papa, católicos que julgavam e puniam quem não seguia seus costumes severos.

Esse era o plano: manter distância deles. Não cair em uma armadilha com um guarda, caçador de mulheres como eu. Francesco

10 Que erro!

ficaria arrasado, não poderia magoá-lo depois de tudo que fez por mim.

— O que devo fazer?

Antes de responder, ele fez um gesto com a mão para o taberneiro Paolo. Embora não soubesse exatamente o que aquilo significava, Paolo confirmou, entregando-lhe uma chave. Por fim, Rossi afirmou:

— Traga uma garrafa de Grappa. E diga a esses homens que voltem à bebedeira. Preciso de barulho — ordenou, colocando o chapéu de volta.

Paolo não hesitou em fazer a música retornar. Senti o aperto intenso dos dedos grandes por baixo das luvas de couro se enroscarem em meu pulso direito, causando um choque que percorreu meu corpo. Fui arrastada de forma violenta para um lugar nos fundos da taberna, onde a porta foi aberta com uma chave. Tratava-se de um ambiente, provavelmente destinado a reuniões, com uma mesa de madeira e cadeiras ao redor. Quando fui liberada, abracei meus próprios braços e observei o lugar. O som voltou, ouvia as conversas e risadas.

Rossi, do outro lado da mesa, retirou as luvas e as deixou ali repousadas. *Ele queria se deitar comigo?*

Aquele homem era um oficial, não se interessaria por uma mulher humilde como eu. Havia muitas moças de boa família interessadas em alguém como ele. Busquei por uma aliança em seu dedo: Rossi não era casado.

Paolo trouxe uma garrafa de Grappa fina, alegando ser por conta da casa, e antes de ir embora, me lançou um olhar de compaixão.

— Os homens lá fora devem acreditar que você será castigada de algum modo, e assim acontecerá. Não negue, invente algo. E nada dessa conversa poderá ser contada para alguém. Quanto ao acordo, preciso que você conquiste um homem.

Engoli em seco, percebendo que minha respiração estava falhando.

— Espere... o senhor acabou de me chamar de vadia. Agora quer que eu utilize o que o senhor reprova para realizar o seu plano?

Rossi não se mexeu nem esboçou um sorriso, não havia um traço de compaixão em seus olhos. Apenas focou sua atenção em mim, desconsiderando minha indignação. Calmo, despejou um pouco do líquido âmbar em um dos copos e voltou a focar em meu olhar severo.

— Não misture as coisas, Zaira — disse, com voz rouca e baixa. — Não quero que se venda. Quero que use esse... — gesticulou vagamente para o meu corpo com a mão livre, encarando cada

centímetro — ...esse encanto que possui. Esse modo que faz os homens perderem a respiração.

Ele contornou a mesa, andando lentamente. O barulho das botas no assoalho ecoava em sintonia com meu coração angustiado. Então, parou a apenas alguns centímetros.

— Existe um homem — prosseguiu. — Um nobre que participa das reuniões da tecelagem, porém ele está nos meus registros como conspirador. Preciso que você vá comigo a um encontro com ele. Quero que faça com que esse rapaz fique bêbado e você encontre alguns papéis, não é necessário que se deite com ele, apenas o enrole e o faça beber além do limite.

Nervosa, recuei um passo e bati as costas na parede fria atrás de mim.

— A intenção é que eu vá com você, e lá serei oferecida como uma prostituta — afirmei, furiosa. — E se eu não quiser? E se eu preferir a Casa de Penitência? Isso é algo terrível! — aumentei levemente o tom, sendo mais firme.

Fiquei inquieta, sentindo o coração acelerado.

Os lábios de Rossi contraíram-se em um esgar sem humor. Ele se inclinou, colocando uma das mãos bem acima da minha cabeça, enclausurando-me. Senti o aroma da água de colônia emanando de seu peitoral, algo raro de se encontrar em outros homens daquela cidade. Depois, aproximou a boca do meu ouvido a poucos milímetros. Senti seu hálito quente, o que me fez apertar os dedos com força ao ouvir o murmúrio:

— Você não prefere.

Afastei o rosto de forma abrupta, escapando do cerco por baixo do seu braço. Dirigi-me à mesa, servi-me de um pouco de Grappa e bebi. Como eu estava encrencada...

Permaneci em silêncio por alguns minutos, balançando a perna. Após mais um gole o líquido quente descer ardendo pela garganta, encarei-o.

— O que devo fazer? — murmurei, em voz baixa.

— Quero que você compre um vestido. Algo atraente e bonito.

— Eu não tenho...

Sua mão estava no bolso sob o casaco azul-marinho quando fui interrompida. Rossi deixou pesadas liras de prata sobre a mesa.

— Compre o vestido mais bonito. Partiremos para a Villa d'Este no sábado, às dez horas da manhã. Teremos bastante tempo durante a viagem para os detalhes, embora eu prefira o silêncio.

— Por que não optou por outra mulher? Como poderia confiar em mim para algo desse tipo?

— Francesco é lenhador, certo? Alguns dias atrás, tive a oportunidade de encontrá-lo nos boques ao redor, enquanto eu galopava em exercício. Seria uma pena se um jovem vigoroso e cheio de vida fosse mal interpretado por uma patrulha como um desertor ou um rebelde republicano.

Engoli em seco, com a sensação de que o ar estava escapando. O nome do meu irmão pronunciado por Rossi me provocava um calafrio por todo o corpo. Nada poderia acontecer com ele por minha causa.

— Um oficial do meu nível pode assegurar que ele siga vivendo tranquilamente, ou pode fazer com que ele desapareça nas masmorras antes da alvorada. Ninguém questionaria. Ninguém se importa com o rastro deixado por um homem comum como ele. — Meu coração se despedaçou. — Você me pergunta por que te escolhi? Porque possui algo em jogo. E pessoas que possuem algo a perder são os mais fáceis de manipular. Você irá para aquela vila comigo, usará o que o meu dinheiro proporciona e se tornará a ponte para eu chegar até o visconde Lorenzo Agnelli.

Percebi que estava com uma corda no pescoço, oprimida e sem opções. Maldito seja!

A noite mal dormida, minha mãe estava certa, a morte estava vindo a galope.

Capítulo VII

Damiano

Lorenzo jantava com embaixadores e alimentava os inimigos da Cristandade que queriam morder o trono de Sua Santidade. Nobre de berço, mas canalha de vocação, um provocador de salão. Dias atrás, um informante de barba longa e olhos esquivos, habitante dos cortiços decadentes à beira do Rio Tibre, por poucas liras, revelou: Lorenzo estava atolado até o pescoço com o contrabando de fuzis dentro do Gueto Judeu. Como oficial da guarnição pontifícia, não hesitei. A ordem de busca foi lavrada sob o selo da Santa Sé.

Às 2h da madrugada, fechamos os portões do Gueto Judeu, montamos cerco e iniciamos o bloqueio da boca do lobo. Invadimos casas e sinagogas, para passar pelos insurgentes, precisávamos neutralizar os homens armados a poucos passos de distância ou usar à queima-roupa. Naquele instante, senti o suor escorrer pelo maxilar. Embora calejado pelas campanhas militares, o horror daquela violência me perseguia em pesadelos.

O Gueto Judeu era um caldeirão de oposição ao Papa, e muitos conspiravam para derrubar o poder papal e conquistar cidadania plena. O bairro estava deserto quando entramos em marcha rápida com a infantaria pelas ruas estreitas e úmidas, o que evitou baixas do nosso lado. O cheiro de esgoto e peixe frito amanhecido misturava à névoa.

Após revistar residências e ameaçar famílias, arrombando portas de madeira podre, chegamos a um porão escuro, iluminado apenas pelas nossas lanternas de busca.

Os caixotes de pinho estavam empilhados e cobertos com sacos de estopa. O arsenal era contrabandeado. Rompemos as tampas, e encontramos vinte fuzis de infantaria, dez revólveres, cinco mil cartuchos de munição e dez granadas.

Fizemos a captura de dez homens, todos corpulentos e arrogantes. Um deles fora visto dias antes confabulando com o nobre Lorenzo nos dias anteriores pelas ruas. Amarramos o bando e arrastamos o rapaz separado dos demais, ele seria a chave para abrir a boca do visconde.

Para chegar às masmorras subterrâneas, atravessei um corredor imenso de pedra, onde o gotejar da umidade nas paredes ecoava. Ao empurrar a pesada porta de carvalho da cela de interrogatório, o cheiro de suor e sangue pisado me atingiu as narinas. Dois guardas de braços arregaçados e testas suadas se afastaram da corda, abrindo espaço para minha passagem.

O homem estava pendurado na estrapada. Os braços, atados severamente, sustentavam o corpo suspenso a dois palmos do chão, os ombros já estalavam, fora das articulações, e o peito subia e descia em respiração curta. Fixei-lhe o rosto cujo ódio flamejou ainda mais.

— Ele não deseja conversar, senhor. Já tentamos de tudo quanto é jeito.

Bastou um olhar meu, sério e impiedoso, para que o carrasco se afastasse do corpo marcado pelas tiras de couro. Cortes horríveis, profundos e grotescos se formavam nas costas do infeliz. O odor de sangue coagulado e suor febril empestava, quase me matando, logo eu... me reviravam as tripas.

O prisioneiro mal tinha forças para erguer o queixo.

Implorava por *compaixão*...

— Precisamos conversar. As armas — iniciei, rodeando-o devagar, ouvindo o barulho das minhas botas até parar à sua frente. — Olhe para mim!

O homem custou erguer as pálpebras pesadas. Encarou-me com os olhos turvos, medroso e tremendo.

— Eu... eu não sei... — balbuciou.

— Sabe! — retruquei. — A sua mulher sabe? Ou a sua filha? Essa semana foi o aniversário da garota, dez anos completos.

Aquilo foi suficiente para o homem quase pedir por perdão e misericórdia, arregalando os olhos. De onde apareceu tanta força? Seria capaz de tanto pela família.

— Como dizem servir a Deus... um Deus lindo, se o que mais fazem é participar desta matança? — cuspiu. — Vocês usam crianças, ameaçam famílias e dizem servir a um Deus?!

Travei os punhos com força.

O desgraçado era obstinado, admito.

Grudei minha mão direita em seu maxilar, apertando e aproximei meu rosto.

— Se não me disser o que sabe, se não me der um nome ou o trajeto exato deste contrabando, limparei a sua linhagem da terra — sibilou meu hálito quente contra a sua face. — Um de seus subordinados já entregou a sua cabeça. Você é o chefe daquela gentalha, o homem que guardava mais de trinta armas prontas para o crime!

Apertei o polegar contra o osso do seu maxilar, sentindo a resistência da carne machucada. Aquela resistência, martírio por um nobre que decerto o desprezava, isso me provocava náusea.

— Cada segundo que você gasta protegendo o nome desse homem é um segundo a menos de vida para os seus — ameacei, soltando-o, fazendo a corda da estrapada tremer. O infeliz gemeu de dor. — Fale, ou eu garantirei que o seu inferno comece aqui pelas minhas mãos, assistindo a sua esposa abrir o caminho.

Ele não contou de início, mas bastou uma frase minha para a direção do corredor escuro:

— Tragam a esposa desse filho da puta ao amanhecer!

Seus olhos, ofuscados pela dor, encontraram os meus. Eu necessitava daquele nome, a Santa Sé não aceitaria conjecturas. Antes dos guardas chegarem à porta, ele soltou de uma só vez:

— Conheci um visconde... — tossiu, fraco, com o queixo colado ao peito.

— Como um rato da sua espécie teria acesso a um visconde? — inquiri, desdenhoso.

— Foi através de uma visita de Lorenzo ao Gueto Judeu... à procura de sedas de damasco. Sou comerciante local, tecelão. Minha esposa e filha não têm parte nisso... deixem-nas em paz, eu imploro...

— Continue!

— Esse homem... — tossiu. — ...buscava uma rota discreta para as caixas de carvalho vindas do Norte. Eu apenas indiquei os artistas que podiam forjar os selos de transporte sem levantar suspeitas[11]. Minha função foi estabelecer uma cobertura comercial legítima entre as províncias. — Tossiu mais intenso, fazendo a corda da estrapada ranger no teto. — Fui ameaçado como estou sendo agora... tratado como um cachorro! Eles queriam a minha filha... — Silêncio. Ele continuou, arfando: — As armas vinham desmontadas em caixas de pinho. A guarda pontifícia acreditava que carregavam rolos de fustão e veludo. O homem... Lazaro Anticolli, Fabbro de' Suggelli[12] é quem falsifica os sinetes da alfândega papal. Os guardas nas portas de Roma não se atreveram a romper a carga de um visconde... convencidos de que a mercadoria já fora inspecionada e selada pelas secretarias do Vaticano.

---

11 Naquela época, as mercadorias que cruzavam as fronteiras dos Estados Pontifícios precisavam
de selos de chumbo ou cera com o brasão da alfândega papal. O fato de o artesão indicar quem forjava esses selos é um crime de "Falsificação de Selo Real".

12 Quem trabalha com chumbo e moldes de ferro.

Ele tinha me dado tudo o que eu precisava, o traidor e o cúmplice. Não esperei mais nenhum minuto. Saquei o revólver e enfiei uma bala de chumbo diretamente em seu crânio, calando sua heresia e suas súplicas de uma vez por todas.



Após aquele dia sangrento, encontrei Lorenzo em uma de suas apostas em uma *osteria* de luxo encravada nos arredores da Piazza Navona, um lugar cheio de fumaça de charutos finos, vinho do Vêneto e nobres decadentes. Ele jogava *Briscola* com seus pares, rindo alto, batendo cartas na mesa. No instante que cruzei o salão, houve um leve erguer de sobrancelhas, ele desconfiara do acontecido.

Eu ardia por dentro, mas sabia que um visconde como Lorenzo gozava de prerrogativas legais intangíveis para um reles oficial. Ele era um par do reino. Executá-lo sem um tribunal eclesiástico formal ou o pretexto de legítima defesa, seria meu fim. O Tribunal me jogaria em uma masmorra no Castelo de Santo Ângelo e cassaria minha patente antes do pôr do sol. Se havia uma virtude que eu não possuía, mas obrigado a encontrar, era a paciência. Sentei-me à mesa. Passei horas vigiando seus blefes, calculando cada *ás* e *três* de ouros, até vencer todas as partidas e esvaziar parte de sua algibeira. Foi na última vaza, quando recolhi as cartas, que inclinei o corpo e exigi uma conversa reservada.

Lorenzo se recostou na cadeira de couro, com um sorriso cínico desenhado nos lábios:

— Tenho que confessar, oficial... o senhor teve paciência para me subjugar no pano verde. Não é qualquer homem que decifra meu jogo — disse ele, espanando a cinza do charuto na mesa. — Mas vejamos... darei a você uma hora do meu tempo no sábado. Vá até Tivoli, na minha vila. E faça-me um favor: traga uma bela mignotta, daquelas de luxo, diferente dessas cortesãs baratas que infestam a Via del Corso. Preciso da sua confirmação até o entardecer de terça-feira.



"Ilustre senhor Visconde Lorenzo,
Confirmo que recebi as vossas orientações. Conforme acordado, estarei na Villa d'Este no sábado à noite. Aceito a proposta de uma reunião privada à sombra. Quanto à sua condição, informo que a mulher que me acompanhará possui uma beleza única.

Até o encontro,

Rossi."

No final da noite, selei o papel com cera quente e ordenei que um praça subordinado fizesse a entrega no palácio do visconde. Havia um plano por trás daquela viagem à Tivoli, mas a verdade era mais turva. Qual era o meu propósito com ela? Por Deus, eu mal sabia. Porém, quando vi Zaira dançar para aquele bando de homens embriagados no antro de onde eu viera, uma cólera fria me subiu à espinha. Tive a sensação de que precisava castigá-la, arrastá-la para isso de algum modo.

Deixando os demônios de lado, a lógica imperava: a confissão do homem morto na estrapada não bastava para o Vaticano. Para degolar um visconde, eu necessitava dos calhamaços, das cartas assinadas ou dos registros de pagamento mantidos nos cofres de Lorenzo. Sem as provas físicas que o conectassem diretamente ao contrabando, o aristocrata simplesmente alegaria que o herético mentira para cessar o suplício, ou que eu, um oficial ambicioso, tentava desferir um golpe político contra uma estirpe tradicional de Roma.

Uma vil vaidade...

— O que houve? Está muito quieto. Embora você seja um túmulo, hoje parece carregar o peso do mundo. — A voz de Salvatore cortou meus pensamentos.

— Negócios e ordens da guarnição... você sabe como é — respondi, fitando o fundo do meu cálice.

— Não, nosso ofício é diferente, meu amigo. Você parece não dormir há semanas. Eu sei bem o aspecto de um homem consumido — deixou o copo de cristal sobre a mesa, me encarando. — Já lhe avisei que a falta de repouso corrói o juízo.

Encontrara Salvatore no nosso reduto habitual: uma *osteria* de luxo frequentada pela alta burguesia romana, um contraste violento e higiênico com o pardieiro imundo onde eu acabara de encontrar Zaira. Meu melhor amigo era um médico respeitado, responsável por uma ala inteira do Hospital do Santo Espírito, um homem focado em remendar corpos, enquanto eu me especializava em parti-los.

— Estamos passando por momentos terríveis na medicina. Uma revolução horrível — continuou Salvatore com o olhar perdido no reflexo do cristal. — Existem ideias que levarão anos para serem aceitas. Acredito que estarei morto até lá, pois não quero assistir a isso.

— E o que é? — indaguei, girando o líquido no meu cálice.

— Hum... está tentando mudar o foco do assunto para mim?

— Você quem começou, *cazzo*.

Ele suspirou fundo, ajeitando o colarinho.

— Uma tumefação dolorida, carregada de rubor, não passa de consequência da fervura e da putrefação do próprio sangue que azedou dentro do vaso. É o organismo agindo com sua sábia providência, expulsando a matéria podre sob a forma de pus para restabelecer o equilíbrio dos humores! Até a pessoa mais simples e os ciganos do interior conhecem essa verdade, tratando as feridas pela evacuação do sangue corrompido. — Agitado, gesticulou, concentrado em explicar-me: — É um fato científico inquestionável que pestes e febres nos alcançam pela inalação de ar pútrido, de miasmas fétidos e das exalações provenientes de lixo e restos orgânicos em decomposição que poluem as ruas.

— Eu sei disso.

— Meu caro amigo... chegam-nos agora relatos absurdos vindos da França. Se atrevem a propagar uma tese afrontosa de que esta mão — agitou a sua — instrumento cirúrgico do médico, poderia transmitir a outrem uma semente invisível de enfermidade. Ora, isso é insanidade! É puro feitiço! Esses modernosos querem que renunciemos à ancestral tradição de Galeno para passarmos a acreditar em criaturas invisíveis ao olhar humano!

Alcancei meu copo de conhaque, tomando um gole demorado que queimou a garganta. Em seguida, puxei um charuto toscano do bolso da farda, acendi-o com a brasa da lamparina e traguei lentamente, expelindo a fumaça densa em direção ao teto alto da *osteria*.

Salvatore era um homem de pele muito branca, olhos claros e o rosto sempre escanhoado, livre de barba. Magro e de baixa estatura, ostentava a elegância fina de quem estava casado há cinco anos com uma herdeira da alta nobreza romana. Na maior parte do tempo, porém, ele parecia andar no limiar da loucura: conversava sozinho pelos cantos do hospital e a cada dia surgia com um novo e bizarro argumento para defender.

— Mudando de assunto, quando vai conhecer uma nova mulher? — perguntou ele, limpando uma mancha invisível em seu punho.

— Não tenho tempo para me preocupar com isso — retruquei. — Estou atarefado, Salvatore, cercado por problemas de toda sorte. Acha que vou pensar em deitar-me com alguém quando sinto o nó de uma corda apertar o pescoço?

Ele soltou mais um suspiro fundo.

O assunto morreu. Eu odiava quando ele tocava naquela conversa, e ele sabia disso.

— Não precisa ficar zangado, estou apenas gracejando — disse ele, dando de ombros com um sorriso condescendente. — Mas saiba que o comércio carnal faz bem para o equilíbrio dos humores, meu caro amigo. Evita que o sangue engrosse e que os vapores da bílis subam à sua cabeça, deixando-o com esse gênio de cão.

Não, não era uma trajetória agradável, mas aos trinta anos de idade, cheguei à firme conclusão de que um homem pode perfeitamente viver sem relações carnais. Apesar de ser uma existência de vazios, eu decidira me dedicar ao celibato.

Consumia todo meu tempo no altar da honra e do dever, e exercia meu ofício com rigor. Embora o nome da Sagrada Congregação do Santo Ofício ainda ecoasse com terror nos corredores do Vaticano, a Inquisição estava moribunda, enfraquecida e perdendo o pouco poder que lhe restava. A Inquisição Espanhola já tinha sido abolida em 1834 e a portuguesa em 1821. Naquela Roma apesar do meu profundo preconceito contra os heréticos e da total intolerância que eu nutria por qualquer charlatão ou feiticeiro que infestasse as vielas, eu estava empenhado em algo muito maior: proteger o Sumo Pontífice das hordas de camisas vermelhas de Giuseppe Garibaldi.

A ameaça da invasão republicana era o que realmente roubava o sono, não os sermões dos inquisidores. Somente a defesa do trono de Pedro ocupava os dias.

E, para garantir que esse trono não fosse implodido por traidores internos, eu tinha um plano em plena execução contra o visconde.

Capítulo VIII

Damiano

Sábado

Quando o amanhecer rompeu sobre os telhados de Roma, despejei a água do jarro na bacia e fiz as minhas abluções matinais à esponja. Escanhoei o rosto com cuidado e, após esfregar o corpo com a barra de sabão Marselha e me secar com a toalha de linho grosso, vesti os meus melhores trajes civis. Consegui o aluguel de uma carruagem fechada para a nossa partida às dez horas da manhã, exatamente como estipulado. Internamente, eu me condenava com fervor por arrastar uma mulher daquela estirpe para o meio de uma conspiração. Cada palmo de distância que eu pudesse manter daquela criatura seria um benefício para a alma.

Zaira era dona de uma formosura ultrajante, encantadora e de contornos esculturais. Havia em sua essência um magnetismo predominante, um efeito avassalador que eu jamais experimentara em todos os anos da minha vida. A todo momento, ao seu lado na penumbra daquele cupê, eu sentia o suor frio traçar a pele e uma febre desconhecida ferver no fundo dos ossos. Odiava aquela fraqueza da carne. Odiava ainda mais a certeza de que ficaríamos confinados por horas a fio até alcançarmos as colinas de Tivoli. Fazia anos que eu não era assolado por um desejo tão tátil: a urgência de possuí-la, ceder ao pecado de luxúria em uma tentação que atropelava qualquer barreira ou abismo de classe social que nos separava.

Repetia que aquilo seria um flagelo passageiro e que em breve estaríamos de volta à segurança de Roma. Sob nenhuma circunstância eu me permitiria ceder àquela obsessão, como fixar os olhos demoradamente naquela boca.

Na medida do possível, o matrimônio dos meus pais fora uma união legítima e ordenada. Meu pai, Giovanni, um camponês de têmpera lombarda, buscara uma consorte em uma aldeia vizinha nos arredores de Bérgamo, uma moça que partilhasse do mesmo estatuto jurídico perante as leis, para firmar os papéis do altar. Foi assim que conheceu Delfina, minha mãe. Antes de ser tragicamente

morto pelas reviravoltas da época, Giovanni consolidara boas glebas de terra, vivíamos com conforto, alheios a qualquer ostentação. Casaram-se, geraram-me, mas desde os meus cinco anos de idade eu era testemunha silenciosa das rusgas domésticas. Giovanni era um homem de pragmatismo rústico e, ao contrário de minha mãe, abominava afagos ou atenções perenes. Ele existia apenas para o labor diário, passava os dias em isolamento e pouco valorizava Delfina enquanto esposa, após décadas de teto compartilhado. Naquela infância, eu nutria pelo meu pai o afeto natural de um filho, mas jamais cultivei o desejo de imitá-lo na vida conjugal. Eu enxergava naquele seu silêncio uma inclinação misantropa e insociável, da qual eu tentava fugir.

Aos dezoito anos, ainda nas terras de Bérgamo e após anos vivendo sob o amparo exclusivo de minha mãe, cruzei o caminho do Senhor Donati, um capitão reformado que tomara conhecimento da minha conduta ilibada, sabendo-me homem honesto e temente a Deus. Sob o seu punho, redigiu uma carta de recomendação destinada aos oficiais que batiam as províncias atrás de novos recrutas para a guarnição pontifícia. Após uma viagem extenuante de vários dias até os domínios de Sua Santidade, apresentei-me ao pátio da caserna. Demonstrei minha experiência anterior em companhias de mercenários, além de destreza no manejo do sabre de infantaria e na pontaria com mosquetes. Com meus 1,83 metros de altura e uma compleição física robusta, bastou uma sabatina minuciosa com o capelão do regimento para assegurar que eu era um católico fervoroso, fiel aos dogmas da Igreja contra os heréticos republicanos e disposto a abraçar o celibato. Fui aceito de pronto no treinamento rigoroso da caserna.

Em meados de 1862, aos vinte e quatro anos de idade, cruzei o caminho de uma mulher com quem cultivei, de início, uma estreita amizade. Apaixonei-me por aquela garota como um autêntico estúpido, sem que ela jamais suspeitasse. Eu estava na iminência de despedaçar a regra mais sagrada que jurara defender: um praça da guarnição pontifícia não tinha autorização para manter comércio carnal. Durante todo o período de engajamento, éramos submetidos a um voto de celibato rigoroso. A norma do regulamento era: apenas os oficiais, os sargentos e, mais tarde, os cabos obtinham a licença do Vaticano para o matrimônio. Éramos obrigados a residir na caserna dentro dos muros leoninos, sob o controle estrito de horários e sentinelas.

Martina governava meus pensamentos de uma maneira que nenhuma outra criatura jamais conseguiu. Eu estava ensandecido por ela. Contudo, a ilusão desmoronou no dia em que descobri que ela se encontrava em segredo com um mazziniano radical. Na Roma papal, o republicanismo secular e as sociedades secretas anticlericais

eram combatidos como heresias satânicas, cujo único propósito era pilhar os bens de São Pedro e destruir a Santa Igreja.

Não vacilei. Denunciei ambos ao comando. O sujeito foi fichado como conspirador contra o Trono Papal e condenado à guilhotina por alta traição. Já Martina, cuja cumplicidade na seita republicana veio à tona sob o interrogatório, foi sentenciada à reclusão perpétua para correção moral e espiritual no Reformatório de San Michele a Ripa.

A lembrança daquele inverno de 1862 ainda me queimava as vísceras.

Subi na hierarquia após mais de cinco anos de árduo serviço. Embora a caserna muitas vezes se assemelhasse a uma prisão, não era um cativeiro, precisava apenas me curvar ao regulamento e, caso desejasse no futuro, tinha o direito de dar baixa na farda e retornar à vida civil. Faltava exatamente um ano e dois meses para o término do meu prazo de engajamento, com a opção de renová-lo perante o comando. Como sargento-ajudante, eu também já gozava da prerrogativa de contrair matrimônio, desde que a consorte fosse previamente investigada e aprovada pelo meu capitão. Por ser uma corporação de armas intimamente ligada à Santa Sé, o comércio carnal fora dos laços sagrados do altar era punido como pecado mortal e grave transgressão da ética militar. Se um praça fosse flagrado em escândalo de libertinagem, enfrentava o conselho de disciplina e a expulsão imediata, desonrando o uniforme e o juramento de fidelidade ao Papa.

Porém, sou homem de carne e osso. Antes que esta tempestade política se armasse, cometi os meus deslizes. Deixei a caserna nas sombras da noite e me envolvi secretamente com mulheres nos cortiços de Roma.

Talvez seja por essa razão que nutro, por uma estranha engrenagem da mente, um profundo asco por afeições e envolvimentos amorosos. Desde a traição de Martina, nunca mais permiti que o coração se inclinasse por outra alma. O prazer que busquei nos bordéis era rápido, pago, nada mais.

Com um sacudir de cabeça, espantei aqueles pensamentos.

Na carruagem *Brougham* fechada de quatro rodas, com janelas de vidro límpido e cortinas de seda pesada, o cocheiro fustigava os cavalos, conduzindo-nos pelas ruas de Roma até o ponto de encontro com Zaira. Rodando mansamente, ouvindo o tropel compassado dos cascos dos animais na pedra, relaxei no assento de veludo. Puxei um cigarro do meu estojo de metal, acendi-o e traguei o fumo forte. O trajeto levaria de quatro a cinco horas até alcançarmos as colinas de Tivoli, com uma pausa programada para descanso dos animais na metade do caminho.

Quando paramos, apaguei o cigarro, guardando a metade restante no metal. Ao abrir a portinhola do veículo para recebê-la, meu pomo de Adão subiu e desceu violentamente na garganta.

Misericórdia... que mulher.

Zaira trajava um vestido de cetim pesado, no tom azul-meia-noite. O corpete, moldado com perfeição, era adornado por uma fileira interminável de pequenos botões de ônix que se estendiam até o pescoço, finalizando em uma gola de renda *Valenciennes* branca e imaculada, que envolvia a sua garganta com uma castidade enganosa. A saia era ampla, mas a parte frontal descia lisa e austera, concentrando todo o volume de panos e drapeados nas costas, conforme os últimos figurinos vindos de Paris.

Mais uma vez, fui dominado por uma correnteza elétrica. Uma quentura infernal me subia ao peito, desejando que aquele sábado maldito acabasse logo.

Zaira virou-se, encarando-me com severidade e caminhou na minha direção. Ao descer da carruagem e ajustar o meu casacão por cima do traje, seus olhos encontraram os meus. Havia um poço de ressentimento e cólera naquele par de pupilas. Seus lábios traziam a cor vívida de uma pomada suave, e as ondas dos cabelos pretos estavam presas em um penteado *chignon* impecável.

— Bom dia, Zaira — proferi, oferecendo-lhe a minha consideração.

— Bom dia, Senhor Rossi — respondeu, soando ironia.

Ergui a mão direita com a palma voltada para cima para ajudá-la a subir o estribo. Ignorando meu gesto, ela apoiou firmemente na lateral do cupê, subiu sozinha e acomodou no banco. Após soltar uma respiração profunda e dar o sinal ao cocheiro, entrei no veículo. A portinhola foi batida em seguida, trancando-nos do mundo. Sentei-me de forma descontraída no assento à frente do dela, abrindo as pernas de modo que os nossos joelhos quase se roçassem no espaço confinado. Afrouxei o colarinho de linho com dois dedos, pois o aperto começava a me sufocar.

Nossos olhares se travaram na penumbra.

— Diga-me, pretendemos passar a viagem inteira neste silêncio? — questionou ela, cortando o ar.

O balanço das molas da carruagem recomeçou na estrada.

— Está habituada a viajar com tanto requinte e conforto? — indaguei, medindo-a com os olhos.

— Senhor Rossi, aprendi que não se deve responder a uma pergunta com outra.

— Não me chame de senhor. Apenas Rossi.

— Não desfrutamos de intimidade para tanto, e eu tenho por hábito respeitar a patente de um oficial.

— Neste negócio em que nos metemos, Zaira, somos íntimos, sim.

Mantive meu olhar cravado no dela, sem recuar um milímetro.

Zaira engoliu em seco e o peito subiu sob o cetim. A energia emanada daquela mulher era distinta, algo ousado. Havia um orgulho profundo, um olhar zombeteiro que decerto camuflava diante dos outros. Sendo bem menor do que eu, exibia aquela cabeleira negra contrastando com a pele clara. Seu corpo, esguio e altivo, possuía contornos belíssimos, com o busto desenhado pelo corpete e quadris acentuados com insolência.

Aos demônios, repeti a mim nos últimos dias: *não permita que a febre do sangue o domine, não deixe a porra dos desejos da carne vencerem o seu juízo.*

— Uma intimidade forçada, então — rebateu ela, baixinho. — Ainda sou apenas a mulher que dançava para os homens, obrigada a aceitar um capricho completamente absurdo por parte de um oficial da guarnição. Em outras palavras, sou compelida a obedecer.

Afastei os pensamentos turvos para manter a mente fria.

— Não estou lhe armando uma emboscada, Zaira.

— E como posso ter a certeza de que retornarei para cá em segurança? — O tom de voz afiado dela fraquejou, transparecendo angústia. — Não pretendo me deitar com homem nenhum, Rossi.

— Se você seguir rigorosamente as minhas instruções, nenhum fio de cabelo seu será tocado. Dou-lhe a minha palavra de honra.

Ela soltou uma lufada de ar pelo nariz e sorriu, um esgar sem qualquer humor. Percebi o desenho de suas covinhas e como as pálpebras se estreitaram, mas não havia brilho algum em suas feições.

— Você mencionou algo ao seu irmão? — perguntei, mudando o rumo.

— Claro que não, ele perderia o juízo. Informei ontem à noite que sairia para tratar de negócios particulares, simulando uma reunião sobre o inventário do casarão. Aproveitei o momento em que ele cruzou o portal da rua.

— Assim é melhor para todos.

— Sem dúvida alguma. Quero o meu irmão a mil léguas deste lodo. Resolverei esta pendência e o senhor nunca mais me verá na vida — o maxilar dela travou, e senti um aperto esquisito e incômodo no centro do peito. — O que se espera que eu faça, afinal?

— Seremos recebidos como convidados de Lorenzo para o jantar na vila. É quase certo que ele tentará se gabar de suas posses e das medalhas de suas caçadas. Após discutirmos alguns assuntos em

particular, tentarei firmar um acordo irreal. Ao final, ele a convidará para um momento a sós nos aposentos, com a intenção clara de levá-la à cama. Se possível, permita que ele beba da bebida até a embriaguez, seduza-o com palavras e finja estar rendida aos seus encantos.

Ela respirou fundo, o corpete subiu e desceu de forma ruidosa. Suas mãos, cruzadas sobre o colo, estavam levemente trêmulas.

— Vou simular um mal-entendido, uma disputa ou algum acidente com os guardas dele... ainda preciso arquitetar o pretexto.

— Sim... vejo que viajou sem um plano definido — alfinetou.

— Eu sou capaz de fazer esta farsa — sibilei, firmando o queixo.

Alisei o maxilar, sentindo a aspereza da barba rente no bigode.

— Pois bem. Quando o visconde estiver confinado ou distraído por você, vá até o escritório dele. Fica no corredor à direita da ala nobre, a última porta de carvalho.

— Como obteve o desenho do lugar?

— Zaira, eu não sou um idiota que caminha às cegas. Se recebo uma missão da guarnição, eu a executo.

O silêncio pesou novamente dentro do cupê. Observei o nervosismo dela, retornei meus olhos para suas feições e apoiei os cotovelos sobre as coxas, inclinando o corpo para a frente para encará-la bem de perto.

— E sei perfeitamente o quanto um homem precisa sangrar para alcançar o que deseja, portanto, não me subestime. Eu comprei o mapa detalhado da residência de verão dele. — Ela engoliu em seco com a minha aproximação. — Os papéis de documentos valiosos são guardados em uma escrivaninha de cilindro ou em um cofre embutido na parede, oculto atrás de uma tela a óleo da família. Paguei um informante de dentro do palácio para obter esses detalhes. Você precisará encontrar a chave de metal, que provavelmente estará guardada no bolso do colete de Lorenzo, ou camuflada em alguma gaveta secreta por baixo da mesa dele.

— O senhor está completamente insano! — exclamou ela, desviando o rosto rapidamente para a janela, os olhos fixos na paisagem poeirenta da Via Tiburtina, já distante.

— Não permitirei que nenhum mal lhe aconteça — afirmei.

E, pela primeira vez em anos, eu estava proferindo uma verdade sem medo. Eu morreria antes de deixar que a tocassem.

Recostei-me novamente no estofado de veludo, sacando mais um cigarro do estojo e acendendo-o.

— O que exatamente o senhor procura naqueles cofres? Preciso procurar logo por algo certo — perguntou ela, envolta na fumaça.

— Qualquer missiva ou registro de pagamento que condene o visconde pelo crime de contrabando de armas para as seitas revolucionárias. Não posso falhar nesta investida contra Lorenzo, um erro geraria um incidente diplomático com as cortes estrangeiras que me custaria a patente e a cabeça perante o tribunal papal.

— E a mim, custaria a masmorra ou a vida. O senhor acabou de confessar que toda a sorte está depositada nas minhas mãos.

— Você terá apenas um papel: enredar o visconde. Use a sua natureza de mulher.

— O senhor está seguindo ordens diretas da Santa Sé, correto?

— Sim — respondi, seco.

— É uma ironia soberba... — desdenhou ela, encarando-me com amargura. — Um oficial instruindo uma mulher a cometer o que a própria Santa Igreja, à qual pertencemos, classifica como pecado, apenas para alcançar um fim político.

— Você não irá se deitar com ele, Zaira. Eu já lhe prometi isso.

Calei-me. A fumaça subia entre nós.

Zaira parecia profundamente aflita. Senti uma urgência quase incontrolável de estender a mão, tocar aquela pele com textura de pêssego e jurar que eu a protegeria contra o mundo inteiro, mas me contive na minha rigidez. Desde o fantasma de Martina, nenhuma mulher havia despertado em mim aquela tempestade de desejo carnal, embora algumas amantes ocasionais há muitos anos tivessem servido apenas para aliviar a mecânica do corpo.

Eu precisava manter as rédeas firmes. Seria uma longa e perigosa subida até as colinas.

Capítulo IX

Damiano

Uma certeza eu acalentava: nada arriscaria. Por preço algum admitiria ter sido um subordinado negligente, incapaz de cumprir as ordens de um general soberbo. Mario exigia o rigor dos procedimentos: desde a prova material do envolvimento do visconde no contrabando de armas até o meu regresso incólume a Roma, portando boas novas de dever cumprido.

Seguíamos viagem havia perto de meia hora. O silêncio tornara insuportável, justo para mim, que ordinariamente prefiro a quietude. Causava-me nervosismo ver Zaira segurar a cortina da carruagem, tensa, a contemplar a paisagem por breves instantes.

Dei um longo suspiro. Ela voltou-se para mim e deixou cair o tecido.

— Parece mais nervoso do que eu — falou. — Sou eu quem vai ter que lidar com um fidalgo bêbado, não você.

— Entende tudo que realizei até este momento e que nada pode dar errado?

— E como pretende impedir? — Ela soltou um riso curto, estalando a língua. — Estamos enclausurados nesta caixa de madeira: eu, o senhor e o cocheiro lá em cima. Se a sua sorte virar, estamos perdidos. É uma chance em cem.

— Eu nunca marcho desamparado.

Era a pura verdade. Subordinados e informantes de confiança já me aguardavam no destino. Jamais me aprazia a solidão em uma missão de tamanha envergadura, onde a glória do serviço exigia apoio.

Se houvesse uma refrega contra os capangas do visconde, que decerto não seriam muitos, eu teria os meus próprios combatentes. Isso, claro, se fôssemos descobertos. Eu já arquitetara o embate em minha mente: questioná-lo sobre os negócios, sobre o armamento clandestino, e ele de mim, alegando a ausência de provas e tratando tudo como meros boatos para caluniá-lo. Na qualidade de nobre, o visconde gozava do privilégio de administrar um pequeno feudo e manter sua própria milícia.

Como oficial da Santa Sé, eu não agia ao arbítrio próprio, servia a uma causa maior. A Guarda Suíça, por exemplo, era adestrada na fidelidade cega e na salvaguarda do Sumo Pontífice, têmpera já provada na história, como no Saque de Roma em 1527[13], quando 147 guardas perderam a vida defendendo o pontífice.

— E não se sente nervosa? — indaguei, perscrutando sua aparente calmaria.

— Sim, estou — respondeu ela, dando de ombros e ajeitando os babados da saia. — Mas habituei-me a viver na corda bamba. Minha existência sempre foi governada pelo acaso e pelo sopro do vento.

— A que se refere exatamente?

— Que já estou afeita a esses sobressaltos da sorte. De nada serve roer as unhas pelo perigo, ainda que a presença do senhor me cause viva contrariedade.

— Só sucede porque se portava como uma...

— Uma dançarina — atalhou ela, com os olhos faiscando na penumbra da carruagem.

Ergueu o queixo, esquivando-se ao meu olhar de julgamento. Levantou-se do assento defronte e, em um, acomodou ao meu lado para me desafiar. Senti meus músculos retesarem ainda mais, ciente de que a proximidade daquela mulher era um terreno hostil, um teste à minha disciplina.

Ela inclinou o semblante em minha direção, e o odor da colônia ordinária de alfazema invadiu o aposento.

— Ainda temos muitas léguas de estrada pela frente — continuou ela, com um sorriso insolente. — Não poderíamos quebrar este gelo? Diga-me, guarda... O senhor já nasceu com esse gênio amargurado ou foi o rigor dessa honra que o tornou um homem sem alegria?

— E quanto à senhorita? — contra-ataquei, cruzando os braços para demarcar distância. — Como uma mulher de língua tão afiada se tornou assim, ou sempre teve essa índole?

Ela soltou um riso.

— Talvez eu trago o atrevimento no sangue, guarda.

— E não teme a minha autoridade?

— Por qual razão temeria? — Ela inclinou a cabeça. — O senhor necessita dos meus préstimos para que esse plano mirabolante

13 Foi um acontecimento histórico (O Saque de Roma em 6 de maio de 1527 foi um ataque devastador à cidade pelas tropas amotinadas do Sacro Imperador Romano-Germânico Carlos V. O evento marcou o fim da Alta Renascença Italiana e ocorreu após o Papa Clemente VII se aliar à França contra o imperador).

funcione. O máximo que poderá fazer, quando tudo terminar, é dar cabo da minha vida e atirar o meu corpo nas águas. Para mim, não seria o pior.

— É a primeira pessoa da sua condição que vejo se recusar a baixar a cabeça diante de mim — resmunguei, desviando o olhar para a janela.

— Em nenhum momento faltei com o respeito devido, oficial Rossi. Me desculpe.

— Não guardo rancores — atalhei, buscando reaver a dignidade. — Apenas ajo conforme a gravidade do cargo que ocupo. Suponho que a carnificina de Mentana tenha me deixado um tanto... sombrio. Sim, deve ser isso. Foi quando testemunhei pela primeira vez o poder devastador daquele novo fuzil francês, o Chassepot. Mas a vitória foi da Santa Sé, e isso é tudo o que importa.

O ar estava cheio de poeira, e o clamor das armas ao meu redor parecia me esmagar a nuca em meio àquela espantosa mortandade. O oficial francês ao meu lado ajeitou a coronha do Chassepot contra o ombro. Estávamos ambos abrigados no recesso de um valado. O bando de camisas-vermelhas marchava em vantagem contra as nossas posições, assisti, impotente, à queda de vários dos nossos homens. O suor por baixo da farda sufocava, acelerando os batimentos no compasso dos estrondos ensurdecedores.

— Me dá cobertura! — Pediu o soldado francês.

Meu disparo atraiu a fúria dos garibaldinos. Recuei para o posto com uma dor aguda na perna esquerda e no ombro, travando o maxilar com força. O revide contra os rebeldes veio logo em seguida: o francês ao meu lado girou a alavanca da culatra e, no espaço de um único minuto, descarregou doze tiros fulminantes. Arfei, tonto, ensurdecido por cada detonação.

Sob o fogo daquela maldita arma mecânica, vi dezenas de corpos inimigos serem literalmente despedaçados.

— C'est uma beleza! — gritou o francês em seu idioma, celebrando a eficácia do invento. — O caminho está limpo!

Ao pé de um muro de pedra rústica, os cadáveres amontoavam-se. Meu peito arfava, a cabeça latejava sob o sol inclemente de novembro e o odor de sangue fresco era de uma crueza grotesca. A poeira, erguida pelo turbilhão dos projéteis, rodopiava nos cantos do terreno.

Um jovem, que não parecia mais ser um homem, estava com o peito aberto, o tecido vermelho da camisa fundido à carne. Outro rebelde caíra de bruços, mas onde deveria haver um ombro, restava apenas um fosso irregular e vasto, com as lascas brancas do osso estilhaçado brilhando de forma sinistra sob a luz do dia. Senti um nó amargo travar a garganta enquanto caminhava por entre os despojos. Divisei um garibaldino moribundo tentando reter as próprias tripas com as mãos trêmulas, clamando pela mãe, que decerto o esperava em algum vilarejo remoto da Toscana ou da Lombardia. Encostei o cano da arma na

sua testa e disparei, cerrando os olhos com força. Logo atrás, outro soldado de Napoleão III zombou de minha hesitação: "Tá com peninha, porra? Eles capturaram homens de vocês e os fizeram prisioneiros. Está com pena?"

Malgrado os meses já transcorridos, os pesadelos não me davam trégua, quando o sono vinha, acordava atordoado, com os lençóis empapados. A melancolia[14] assentara praça na minha alma. Se algum dia eu despertasse sem a lembrança de um homem em agonia, ia me considerar o mais ditoso dos mortais. Naquelas noites de vigília, cheguei a questionar o Altíssimo, a nossa Santa Igreja e o próprio Papa. Era um pecado terrível, eu não podia duvidar dos meus deveres sagrados. Contudo, a dúvida sussurrava: para assegurar a paz da Cristandade, seria exigido imolar tantas vidas? Que fé era aquela que me mandava arrancar almas do mundo e chamar a isso proteção divina? Abominava passar por fraco ou homem sem devoção. Aquela era minha cruz, o meu fardo: fora instruído a cumprir o que devia ser feito, sem questionamentos.

— Oficial Rossi? — A voz dela cortou a névoa das minhas lembranças.

Limpei a garganta rudemente e aprumei o corpo no assento da carruagem, buscando recompor.

— Parece que o senhor esteve ausente por alguns instantes — comentou, observando-me com atenção.

— Apenas... refletia sobre os meandros do nosso plano — menti, sentindo o rosto arder.

— O senhor acabava de me relatar os horrores da guerra.

Um calafrio correu a espinha. Que espécie de feitiço ou fraqueza me acometera? Jamais abrira aquela ferida diante de alma viva, nem perante o meu mais íntimo camarada de armas. E estava eu, desnudando os meus fantasmas para uma desconhecida.

— Sim, mencionei o fuzil. Mas não se aflija com isso**.** Falemos, antes, sobre a senhorita.

— Não tenho muito a dizer sobre a minha vida — respondeu, desviando os olhos.

— Seus pais, por exemplo. Como se deu a sua conversão e quando decidiu trilhar essa vida? Segundo consta em seu papel, a senhorita frequentava as missas em Albano desde a juventude.

Tirei mais um charuto, acendi-o e soprei a fumaça.

Zaira não respondeu imediatamente.

---

14 Em registros de hospitais psiquiátricos da época, soldados que retornavam com o que hoje chamamos de psicose pós-traumática ou depressão profunda eram frequentemente rotulados com termos genéricos como "Melancolia".

— Afirmou que não me reconhecera na taberna, Oficial — rebateu, estreitando os olhos. — Como pode, então, lembrar do que constava naqueles papéis?

Senti o sangue subir às orelhas.

Olhei-a de soslaio, tentando manter o aprumo.

— A memória clareou depois ao longo dos dias.

Um sorriso discreto desenhou nos lábios dela, o bastante para revelar uma covinha no lado direito da face. Dei conta de que estava encantado por uma pequena pinta que ela possuía.

Então, ela voltou a olhar para a estrada adiante.

— Hum... meus pais foram mortos — começou, com a voz subitamente murcha. — Restamos apenas eu e meu irmão. Tínhamos amigos, companheiros de jornada..., mas os deixamos para trás em Albano. Seguimos viagem porque o destino assim exigiu, não temos recursos, nem onde cair mortos.

Engoli em seco.

Não...

Me senti um homem frouxo. Uma sensação de fraqueza que não experimentava havia anos fez o meu sangue ferver até a medula. No passado, eu jurara a mim que, se tal fraqueza se repetisse, afastaria a pessoa causadora para bem longe da minha vida.

— Entendo — limitei-me a dizer, tragando o cigarro mais uma vez para sufocar o incômodo.

— E quanto ao senhor, oficial Rossi? — inquiriu ela.

— Nada há de notável em minha vida, *bella*. Apenas cumpro meu dever e honro a farda.

— Pois seja como quiser, não há necessidade de se confessar comigo — respondeu, com uma ponta de amargura. — Quem sabe um dia eu não consiga ganhar sua confiança? Ou continuarei a ser apenas a *rakli* que foi obrigada a vergar-se à sua vontade para cumprir esta missão tenebrosa!

Rakli. Que palavra estranha. Aquilo não soava como o dialeto de Roma. Desviei o olhar para a janela e puxei a cortina com calma, fingindo concentrar a atenção na paisagem lá fora para encerrar o assunto. Seguíamos por uma estrada de terra batida, ladeada por pastos verdejantes. Malgrado o frio que devia rondar os dez graus, o sol brilhava com força através da vidraça, e senti um calor incômodo subir o pescoço. Jamais me ligaria a uma mulher sem eira nem beira. O brio do meu cargo não permitia tal rebaixamento.

— O que significa *Rakli*? — perguntei, sem conseguir conter a curiosidade.

Ela sobressaltou de leve, mas recuperou o aprumo em um piscar de olhos.

— Ah... significa moça — respondeu, esquivando um sorriso amarelo. — É um termo vulgar das províncias. Não está incluído no seu romanesco refinado, peço-lhe desculpas.

— Já percebi que o dialeto da senhorita não é dos mais polidos, mas não se aflija com isso — retruquei, recobrando meu tom de superioridade. — Logo faremos a primeira parada para a troca dos cavalos. Esteja preparada, pois mudaremos de montaria e seguiremos viagem de imediato.

Ignorei a insinuação que ela fizera segundos antes sobre ganhar minha amizade. Tal coisa jamais sucederia, era um absurdo.

Recostei a cabeça contra o estofado da carruagem, tomado por um tédio impaciente. Naquele instante, meu único desejo era que aquela jornada de tantas horas se esvaísse no sopro de um minuto.

Capítulo X

Zaira

A fúria me devorava quando olhava para aquele homem chamado Rossi. A ponto de queimar o peito. Os homens de farda trazem esse dom maldito: o de encurralar as mulheres sob o peso de seus caprichos e decretos.

Ele me empurrara para um precipício, e eu mal conseguia ocultar o sobressalto que me sacudia o corpo. Antes que a noite sepultasse o dia, eu bem poderia terminar com um palmo de ferro no peito ou apodrecendo nas masmorras pontifícias. No fundo da minha alma, o sangue avisava: se a sorte não mostrasse as suas cartas, o pior haveria de suceder. Era um suplício sufocar aquele pavor crescente, uma agonia sem tamanho ter de calar o desejo herético de saltar da carruagem e sumir no mundo.

Mas a fuga me era vedada.

Quando alcançamos os arredores de Tivoli, a paisagem se transformou. Meus olhos depararam com recantos de um verde viçoso, adornados por alamedas extensas onde se erguiam casarões de uma nobreza soberba. Que assombro era cada palmo daquela terra! Diante de nós despontava um Palácio monumental, Rossi comentou, com sua empáfia de guarda, que o lugar estava em ruínas até que as rendas do Cardeal Gustav von Hohenlohe fizessem o milagre de reerguê-lo.

Meus pés nunca haviam pisado em chão tamanhamente refinado, cercado por matas suntuosas e vilas de veraneio que pareciam muralhas de pedra. Ao espiar a folhagem pela janela da carruagem, percebi de soslaio que Rossi notara o brilho em minhas pupilas. Maldito fosse o meu descuido. Sou filha das estradas, louca pela terra livre, por tudo o que me amarra aos rios caudalosos, ao tropel dos cavalos e ao cheiro das matas fechadas.

Agarrei àqueles breves instantes de beleza para acalmar o pânico que me rondava. Um calor maldito subia pelas pernas, acompanhado por um formigamento, travando os dedos. De repente, o ouvido direito se fechou, tomado pelo zumbido agudo de uma abelha fantasma.

Às seis badaladas da tarde, a carruagem estacou diante de um palacete de fachadas imponentes, todo cercado por muralhas altas de pedra. Rossi não se dignou a me dirigir o olhar. Limitou a se erguer e, com gestos eivados de impaciência, empurrou ele próprio a portinhola, permanecendo à minha espera com a destra estendida.

Cão!

Com o semblante carregado, encarei por fim aqueles seus olhos acinzentados e frios, enquanto o crepúsculo já derramava suas tintas atrás de sua silhueta. *"Seja polida, Zaira"*, ordenei a mim. *"Sorria para o guarda"*.

Pus toda a minha fúria naquele olhar, e tive a satisfação de perceber um breve lampejo no dele. Em seguida, forcei um sorriso de conveniência, juntei os panos da saia e me levantei.

Apoiei a palma da mão sobre a dele, revestida por uma luva de couro rígida, e desci para o chão de cascalho. O visconde com quem eu haveria de lidar naquela noite costumava se alojar naquele palacete sempre que descia das províncias a Roma.

Roma regurgitava de nobres. Multidões de titulados decrépitos, condes de linhagens já esquecidas pelo tempo, marqueses desprovidos de palácios e viscondes cujos domínios haviam sido devorados pelas guerras e pelas intrigas palacianas que cruzavam os salões do Vaticano. Dentre toda aquela fidalguia de aparências, o visconde Lorenzo sobressaía. Ele carregava a marca inapagável de um feudo deposto, muito embora preservasse o orgulho e as rendas de suas vinhas.

Aos olhos da alta sociedade romana, o visconde posava como o espelho da virtude cristã. Frequentava piedosamente as missas confessionais. E era desse homem que eu agora me aproximava com um propósito único, traçado pelos planos daquele guarda: seduzi-lo. Havia nisso uma ironia. Qual era, afinal, a ética de tais cavalheiros?

Curvavam diante de templos de mármore, oferecendo devoção a um Deus do bem enquanto arrancavam vidas alheias. Homens assim comandavam massacres, lavando as mãos ainda quentes de sangue antes de erguerem as taças de vinho consagrado nas missas. Tudo em nome de um "bem maior". No Campo de' Fiori, as fogueiras papais já haviam devorado o corpo de filósofos sob o olhar implacável da Igreja.

Acendiam caçadas ferozes contra parteiras, ciganas, curandeiras... contra mulheres que mostrassem um palmo de inteligência e que, por isso, eram acusadas de dançar com o demônio. Em Benevento, as mulheres de conhecimento ancestral foram caçadas sob a nogueira sagrada, tratando-se o saber das ervas como um pacto maldito. Os malditos perseguiam com fanatismo cego os que não rezavam pela mesma cartilha, empurrando judeus para o isolamento do Gueto Judeu.

Isso era algo tenebroso e me causava arrepios.

Quem era eu para julgar o jogo de Rossi? Eu tinha ao meu lado um homem moldado pela crueldade do Papa.

A Condessa de Castiglione soubera usar o próprio corpo para domar o ímpeto de Napoleão III.

O primo de Virgínia, aquele primeiro-ministro astuto do Piemonte, a enviara a Paris com um único dilema: precisava do apoio francês para escorraçar os austríacos da Itália. Mas Napoleão III, o oportunista coroado, vacilava entre a ambição e o medo da guerra. Em 1855, Virgínia cruzou a fronteira escoltada por um marido que ela desprezava, usando o casamento como mero disfarce. Exibia-se nos bailes das Tulherias com trajes extravagantes e joias escandalosas, afrontando o rigor da imperatriz Eugênia para arrancar do imperador a assinatura do tratado. Ela usava o que tinha de melhor. Eu escutara os sussurros sobre esse escândalo em um pasquim de estrada.

Agora, caminhando ao lado de Rossi com o braço entrelaçado ao dele, um calafrio violento subiu pela nuca. Eu estava enfiada até o pescoço no mundo dos *gadjé*. Naquele instante, a voz da minha mãe ecoou na minha mente, severa: *"Como ousou abandonar o clã para caminhar ao lado de um cão como esse?" "Seja sincera consigo, Zaira"*.

O vento de Tivoli cortava. Eu vestia um casaco pesado de lã, mas o frio parecia vir de dentro. A pressão no peito aumentou, me sufocando.

Che merda!

Controlei o ritmo da respiração. Eu precisava emendar aquela maldita expressão antes que o guarda ou os criados notassem o pânico.

— Parece nervosa, *bella*. — A voz rouca de Rossi soou ao meu lado enquanto cruzávamos o jardim, passando pela ampla entrada.

— Não… é tolice da cabeça do senhor, meu caro — respondi, forçando um sorriso.

O coração batia acelerado.

— Meu caro? — Ele soltou um suspiro indignado. — Agora essa? Não me venha com esses apelidos.

— Sim, meu caro! — respondi no mesmo tom. — Não aceito esse seu plano insano! Me trazer aqui como uma meretriz de encomenda para seduzir um visconde vaidoso? O senhor me toma por quê? Um joguete descartável? Não quero morrer — protestei raivosa.

— Não vamos discutir isso aqui, *cazzo*!

Ele rosnou entre os dentes, com os olhos examinando os arredores, onde dois criados nos observavam como corvos. Eu já

havia parado diante do grande portal, recusando a ser engolida pelos subordinados que nos aguardavam. Rossi virou para mim, com o olhar incendiado. Seus cabelos eram curtos, pretos, quase raspados.

Cão!

Tremia, sentindo o corpo inteiro vibrar de pavor. Enterrei as unhas nas palmas das mãos.

— Não sei por que me colocou nessa enrascada — murmurei, em voz baixa, sentindo as lágrimas arderem nos cantos dos meus olhos. — O senhor me atira no meio desses hipócritas, desses aristocratas. Eu não sou uma mulher de sarjeta, Rossi! Não sou brinquedo para o senhor manipular nesses jogos de poder.

Ele não reagiu com a fúria que aqueles olhos sombrios prometiam. Respirou fundo, engoliu em seco e rosnou:

— Agora engula essa raiva e sorria para os empregados.

Queria mandá-lo direto para o inferno!

ROSSI, VÁ PARA O INFERNO!

— Não me olhe como se quisesse me mandar para o inferno — praguejou.

Fechei a boca, bufando.

Seja forte, Zaira. Você é jovem e vai sobreviver.

Eu precisava voltar para casa, mostrar ao meu irmão que eu estava sã e salva. Francesco morreria de desgosto se algo me acontecesse, ele se culparia pelo resto dos seus dias. No ápice daquela revolta, jurei a mim que, se saísse viva, nunca mais cruzaria o caminho de Rossi e jamais poria os pés naquela maldita taberna.

Capítulo XI

Damiano

Fomos acolhidos pelos serviçais com a devida mesura: "O senhor visconde Lorenzo aguarda o oficial Rossi."

Malgrado eu tivesse acabado de testemunhar o destempero insolente de Zaira, esforcei por não transparecer a austeridade que me é natural. Aquela mulher aguardara a jornada inteira para armar um escândalo justamente no limiar da imensa propriedade. Preferia não ter reparado em como ela se maravilhava com as pastagens e as montarias ao longo do trajeto. Ela nada dissera, mas eu pressentia um enigma intratável vindo de sua postura, algo que meu faro militar não conseguia decifrar. Zaira carregava um brilho singular, uma força de espírito vivaz que me causava uma agitação incômoda por baixo da farda.

Adentramos o suntuoso salão de recepção onde o visconde Lorenzo nos aguardava de pé, junto ao calor da lareira que estalava, sustentando um cálice de conhaque. De pronto, ele lançou um olhar demorado, de pura cobiça, sobre as feições de Zaira, antes de se voltar para mim com um sorriso de conveniência. Uma queimação amarga subiu à garganta diante daquela cena. De início, recusei a compreender o que sentia. Eu estava em missão oficial, a serviço da Santa Sé e nada mais importava.

Ele se aproximou, tomando a mão dela com uma galanteria ridícula, o que me fez travar os dentes em silêncio.

— Visconde — saudei, de maneira incisiva, mantendo os braços firmes ao longo do corpo, sem estender a destra.

O olhar dele buscou o meu. Lorenzo recolheu a mão, desfazendo a simpatia forçada.

— Pois não. Sentemo-nos, por favor — convidou. — Estaremos apenas na companhia do meu secretário particular, homem que zela por meus interesses e a quem recorro para os conselhos mais reservados.

Apontou para a longa mesa de carvalho no centro do salão. Empregados discretos já haviam disposto cálices, baixelas, garrafas

de bom vinho e travessas fartas de queijos, frutas e pães fumegantes. Tomamos assento: eu à sua frente, e Zaira à minha esquerda.

Do outro lado da mesa de carvalho, o fidalgo acomodou-se junto ao seu homem, a quem nos apresentou como Antônio. Tratava de um procurador ardiloso, antes que visconde precisasse se comprometer com qualquer palavra, Antônio intervinha usando termos de chancelaria.

— Como foi a viagem? Foram surpreendidos por chuva durante o percurso? — inquiriu Lorenzo.

— Não. A jornada transcorreu de maneira tranquila — respondi, mantendo o tom seco.

Ato contínuo, verti um pouco de vinho em meu cálice e fiz o mesmo pelo de Zaira, que permanecia em silêncio. Ao receber a taça, seus dedos roçaram de leve nos meus, um toque breve, mas o bastante para acender de novo aquela agitação incompreensível sob o peito. Nossos olhares se cruzaram e, talvez por já ter passado tantas horas a fio observando as suas reações, pude ler o pânico transbordando naquelas pupilas brilhantes.

Sustentando o teatro, ela forçou um sorriso gracioso em direção ao visconde .

— Tranquila, decerto? Tiveram sorte — interveio Lorenzo, recostando na cadeira com um ar de enfado. — Há lamas naquele trajeto que têm engolido carruagens inteiras ultimamente. E quanto a vós, *Mademoiselle* Zaira? As pastagens romanas devem ser um bálsamo para uma alma... — O nobre pausou, medindo com os olhos cada centímetro do rosto da mulher ao meu lado até seu peito — errante como a vossa.

Enquanto eu analisava a expressão desdenhosa do visconde Lorenzo, senti uma pontada amarga de arrependimento.

Ele ostentava cabelos fartos e ondulados, salpicados de grisalho e penteados para trás, vestindo um suntuoso casaco de veludo azul-escuro com intrincados bordados de fio de ouro nos punhos e lapelas, sobre uma camisa de linho impecável.

Como pude ser tão tolo a ponto de arrastar essa infeliz para o meio deste covil? Tentando reaver o meu pragmatismo militar, busquei convencer de que aqueles pensamentos não passavam de um assomo de piedade, um efeito colateral da fadiga da viagem. Apenas compaixão cristã, nada mais.

Ela sorvia o vinho a goles lentos, mas percebi, sob a toalha de mesa pesada, o mover inquieto de sua perna direita. O perigo iminente fazia os seus olhos faiscarem.

— As paisagens foram... encantadoras — arriscou Zaira, buscando as palavras com cuidado. — Sim, são um verdadeiro encanto.

— Uma observação de rara finura, *Mademoiselle* — comentou visconde. — Mas me diga: que solo deu origem a uma alma como a sua? Com certeza, a sua família, na sua terra natal, desfruta de uma posição que possibilitou o cultivo de tamanho intelecto.

Zaira sentiu o peso. Ela limitou a sustentar um sorriso enigmático. Desviei meus olhos para o rosto de Antônio, que permanecia concentrado e com uma expressão tensa, focado na leitura das minutas sobre a mesa. Engoli o vinho de um só gole, sentindo o líquido queimar a garganta.

— A minha família... — começou ela, tentando um romanesco polido e cativante.

Fiquei surpreso e desconfiado, a infeliz mentia com uma naturalidade espantosa.

— Viemos de uma linhagem de comerciantes de seda que deixaram de lado o interesse pelo ouro e se apaixonaram pelas artes. Vivemos discretamente em uma propriedade próxima aos Pirenéus. Meu pai sempre dizia que o nome de uma família deve ser tratado com respeito e não ser exposto publicamente.

Limpei a garganta com um pigarro:

— Com sua licença, Lorenzo. Podemos conversar em particular.

— Que indelicadeza, oficial Rossi — desdenhou o visconde, sem desviar os olhos da mulher. — Ainda sequer demos início ao banquete.

Lorenzo voltou a fitar Zaira, visivelmente cativado por sua beleza.

Pusilânime![15]

Aquela fidalguia romana vinha sofrendo golpes severos, perderam o monopólio sobre as províncias e o antigo direito de exigir foros senhoriais. Não era um período de ventura para as suas linhagens. Tornou habitual que nobres em decadência buscassem o consolo de cortesãs dispendiosas para mascarar a própria ruína.

O tempo arrastou à mesa. Não consegui engolir muito, apenas o suficiente para sentir o estômago revirar a cada risada que Lorenzo soltava enquanto Zaira encenava o seu teatro. A náusea me sufocava.

— Visconde, a hospitalidade de sua casa é admirável, porém minha paciência tem limites — interrompi, cortando a conversa. — O assunto que me trouxe a Tivoli diz respeito a um carregamento clandestino extraviado, e tal pendência não será solucionada com vinho e conversas sobre tecidos. Preciso da sua palavra, e a preciso agora.

Fui rude. No mesmo instante, o silêncio desabou sobre o salão. Antônio, sem dizer palavra, ergueu o olhar na minha direção,

15 Fraco de espírito.

franzindo o cenho, nitidamente receoso diante do meu semblante severo.

— Certamente, Oficial...

— Rossi — atalhei, seco.

— Rossi. Temos pendências a discutir. — Lorenzo se levantou com calma. — Mas, ao término da conversa, quero um momento a sós com sua convidada. Use esse tempo para explorar o local e desfrutar de uma boa refeição, está muito amargurado.

Levantei-me, alinhei o casaco por cima do terno e assenti, evitando cruzar o olhar com Zaira.

— Sem esse Antônio — protestei.

— Eu...

— Deixe-o, Antônio. Está tudo bem — disse o visconde, levantando uma mão.

Lorenzo e eu estávamos em seu gabinete alguns minutos depois.

— Belo gabinete.

Olhei ao redor.

— Sente-se, quer alguma bebida?

Balancei a cabeça negativamente.

Lorenzo verteu um gole do conhaque âmbar em seu copo. Como eu desejava confrontá-lo, tomar qualquer papel dele à força e retornar com essa informação para Zaira. Que maldição, por que eu estava pensando naquela mulher?

O gabinete era iluminado por um candelabro de ferro forjado, cujas velas estavam acesas. Atrás da robusta mesa de mogno, repleta de gavetas trancadas com fechaduras, uma estante alta transbordava com volumes encadernados em couro: tratados de comércio, mapas amarelados de rotas marítimas e um globo de bronze indicando portos. Em um canto, havia um cofre embutido na parede de pedra, sua porta adornada com relevos florais que ocultavam dobradiças reforçadas. Ao lado, uma lareira, com um atiçador de prata e um retrato de antepassados nobres observando com desdém.

— Como de costume, vamos direto ao assunto. Fale — murmurou, sentando-se em sua cadeira.

Puxei a cadeira à sua frente e me sentei.

— Estou ciente dos seus contrabandos de armas.

Escutei sua risada.

Mantive a seriedade enquanto o observava tomar um gole da bebida, que o fez ficar sério novamente.

— Um homem como o senhor, em tempos difíceis, não deveria estar tomando um uísque caro como esse. — Alcancei a garrafa

ainda cheia, pegando-a. — Um *The Glenlivet* de doze anos... vindo direto das Terras Altas. — Voltei para a mesa. — Soube que o senhor tem três letras de câmbio vencidas sobre a hipoteca deste palacete junto ao banco de Milão.

Lorenzo ficou em silêncio, analisando cuidadosamente meu semblante.

— E quem foi que lhe enviou para cá?

— Meu chefe.

Ele engoliu em seco. Compreendeu que minha presença não era por acaso. Já tinha ultrapassado a barreira de estar sob a vigilância de indivíduos influentes.

— Como o senhor disse, estamos vivendo tempos difíceis. Eu preciso cunhar moedas e as joias que a maioria da nobreza usa, que são as mesmas que utilizo, são adquiridas de maneira ilegal — sussurrou entre os dentes. — Não faço contrabando de armas.

— O senhor sabe que o comércio ilegal de armamentos coloca em risco o Estado da Igreja, e teria que lidar com a Suprema Inquisição Romana ou com as cortes militares. As sanções para um homem de sua condição que pratica o contrabando e a traição incluem a execução na praça pública e o confisco dos bens.

Seus olhos desviaram lentamente.

— Escolha com cautela as suas palavras, oficial Rossi. Uma alegação tão séria pode resultar no fim de uma trajetória tão simples quanto a sua. Se estive naquele bairro, foi unicamente para procurar tecidos de seda que suas mãos grosseiras nunca tocariam, como estas cortinas, por exemplo. — Apontou. — O fato de que os comerciantes de lá sejam contrabandistas não me causa espanto, o mundo está em caos e Roma, cercada por esses camisas-vermelhas, se transformou em um esconderijo. Insinuar que um visconde da minha linhagem iria desperdiçar seu tempo e sua honra em negócios com a plebe... é um desrespeito à autoridade do Estado Pontifício. O senhor está insensato ou apenas ansioso por uma patente mais alta?

Ele estava ficando nervoso.

— Peço desculpas pela sinceridade, mas meu objetivo não é discutir o assunto. As armas já foram descobertas. Gostaria de sugerir um acordo: assine a confissão sobre os seus atos e buscaremos a melhor solução para isso junto ao tribunal. Para que possamos chegar a um entendimento, precisa me ouvir e oferecer uma resposta clara em três dias exatos. Nem um dia a mais.

— Não vou apertar a sua mão para fechar um acordo. Irei comprovar que está cometendo um grande erro.

Me levantei, passando a mão no maxilar, e sibilei:

— Se engana quem pensa que eu tocaria a sua mão. Não concedo a destreza da minha saudação a homens como o senhor. Reserve o brio desse gesto para aqueles que ainda o valorizam.

Então, me virei, mas antes de sair, com o sangue fervendo e o orgulho ultrajado, ouvi sua voz:

— Não me importa o que você pensa de mim, soldado. A verdade é que ainda tenho uma hora com a sua convidada garantida! Saia daqui e só retorne quando o prazo acabar, ou garantirei que sua insolência chegue ao conhecimento do seu superior.

Che Merda! Cazzo![16]

Algo apertou o peito. Eu não queria tê-la colocado naquela situação. Pela primeira vez na vida, senti a amargura do arrependimento em relação ao meu posto: onde eu buscava a glória e a honra, restava apenas a vergonha de ter usado uma inocente como escudo.

16 Que merda! Porra!

Capítulo XII

Zaira

Acreditei que Rossi retornaria trazendo novidades que me afastariam daquela sensação de irritação e preocupação, mas quando ele apareceu com o olhar sério, iluminado pelas chamas das velas, só restou uma certeza: ele estava irritado. Embora não fosse simples entender completamente o que se passava na cabeça de alguém como ele, focado apenas nos títulos romanos, a tensão estava em sua aura, irradiando ao seu redor, me fazendo agitar a perna direita com mais fervor.

Enquanto eles dialogavam, aproveitei para investigar a vasta sala de entrada, nunca havia visto nada semelhante antes. Ter a chance de observar um espaço tão grande, sob tetos cobertos por afrescos católicos e repleto de itens valiosos e pesados, era algo que eu apenas sonhava. Pensei em meu irmão, Francesco, que certamente nunca imaginou estabelecer e fincar raízes em um lugar de pedra como aquele, assim como minha mãe, que, apesar de ter recebido muitos presentes em moedas e joias de ouro do meu pai, nunca teve acesso a uma experiência de nobreza.

O cheiro de umidade impregnava o palácio, disfarçado pela lareira queimando. O vento lá fora estava frio.

De volta à cadeira, Rossi se acomodou ao meu lado. Seguiu um breve silêncio, estávamos completamente a sós. Percebi, intensamente, a presença do oficial ao meu lado e, certo do que se passava em sua cabeça, algo que jamais me confidenciaria, sua mão direita de forma insistente, por baixo da mesa, alcançou minha coxa. Dedos robustos traçaram a superfície da minha perna sobre as camadas da saia, me impedindo de mexer. Prendi o fôlego, com o coração acelerado e a respiração pesada. Um arrepio percorreu o corpo. O contato quente atravessou o tecido, tocou os ossos e um choque invadiu a alma. Percebi sua respiração se tornar mais profunda.

Estaria eu à beira da morte?

— Pare de balançar as pernas desse jeito — resmungou, em um tom baixo e rouco. — Está me deixando nervoso.

— E você se incomoda?

Virei o rosto de leve, observando seu perfil.

O maxilar formava uma linha dura, e ele bufou com força, colocando a mão livre em cima da mesa e batucando seus dedos. Em seguida, passou o polegar no lábio inferior, mostrando sua raiva.

— Eu a levei a esse impasse e, por minha honra, a tirarei dele. Fique tranquila. Tentei fazer um acordo — falou em voz baixa, virando um pouco o rosto para o lado.

Ele retirou a mão de minha coxa. O calor desapareceu, e um vazio frio se instalou, para minha surpresa, senti falta.

— Esse acordo não é o que quero. Aquele covarde… — apertou os lábios, contendo o aborrecimento. — Você precisa ter um bom desempenho lá dentro. Ele quer ver você, Zaira. Ficou maravilhado.

— Eu o odiei! — esvaziei o restante do vinho e deixei a taça cair sobre a mesa.

— Não seja tão teimosa.

— Estou apenas sendo sincera. Eu o detestei.

— Limite-se a cumprir o que combinamos. Não temos tempo para discutirmos sobre isso novamente.

Meu estômago fervia, e uma náusea amarga subiu pela garganta, me obrigando a engolir a seco. Os pelos do meu corpo se eriçaram sob o tecido. O plano estava traçado: eu precisava conquistar o visconde. Aquela era a minha única tarefa e, se eu falhasse naquele ninho romano, ninguém viria me salvar.

⚔⚔⚔

Seduzir o visconde.

Atrair um homem.

Encantar.

Eu era inocente.

Nunca havia partilhado o leito com ninguém. Meu irmão sempre foi rigoroso e guardou-me como um pai. Ele não suportava a ideia de que eu me entregasse a um homem sem honra. Para ele, eu deveria estar ao lado de alguém de seu clã, um homem de palavra e bons princípios. Qualquer pretendente que tentasse me cortejar, eu era obrigada a recusar. Mamãe costumava dizer que Francesco herdara o caráter de meu pai. Um homem que protege sua gente e age com justiça.

O visconde retirou seu imenso casaco de pele e o colocou sobre a poltrona em seu aposento. O local era bastante espaçoso, dominado por um leito colossal, decorações excessivas com afrescos

e ornamentos dourados, e uma mesa de jacarandá. Para mim, criada sob céu aberto, aquilo parecia uma gaiola de ouro, jamais me acostumaria a tal coisa.

O odor doce e pesado de cera de polimento atingiu minhas narinas quando entrei pela porta, apertei os dedos nas saias, obrigando meus pés a não recuarem.

O vento frio da noite atingiu meu corpo aquecido, e eu reprovei isso. Uma sensação peculiar começou a crescer novamente e os pesadelos que me aterrorizavam ressurgiram, reacendendo uma inquietação em meu corpo.

Como Rossi poderia me colocar em uma situação desse tipo? Como ele poderia me forçar a aceitar ficar confinada em um quarto com um homem tão esquisito?

— Deseja uma bebida? — Sua voz alcançou-me.

— Não, *grazie*[17] — murmurei. — Creio que já bebi em demasia.

Engasguei ao sentir sua aproximação por trás de mim. As mãos dele retiraram meu casaco.

— Ótima escolha. Você está deslumbrante e combina com este aposento.

A sua voz sussurra-me ao ouvido. Um enojo profundo dominou-me, atiçando o desejo de fuga. Não sentia senão pavor e ânsia, uma repulsa.

— Obrigada.

Simulando desinteresse para mascarar meu tremor, dirigi-me à ampla janela de vidraças pesadas, observando o céu que já se tornava completamente noturno.

— E os criados? Já se retiraram para os seus aposentos? Como corre o seu dia a dia neste lugar?

— Minha querida. Em situações habituais, nesta hora, eles já estariam recolhidos, mas como ainda tenho visitantes, é provável que não.

— Entendo…

Voltei meus olhos para a janela. Percebi o intenso cheiro de couro que emanava de suas roupas antes mesmo de me tocar. Ele estava, mais uma vez, muito próximo de mim. O homem tomou outro gole de sua bebida, mantendo o olhar preso em mim, e tentou encostar os lábios no meu ombro. Afastei um pouco, de maneira discreta, disfarçando o nojo com um sorriso forçado.

— Então...

17 Obrigada.

— Não estamos aqui para dialogar! Temos apenas sessenta minutos, e solicitei a melhor acompanhante para o oficial, ele não poderia decepcionar nesta sua única tarefa.

O suor frio fustigou-me as costas. O visconde tinha frieza nos olhos, asqueroso. Eu não dispunha de tempo para o embebedar.

— Alguém como você deveria mostrar gratidão por estar a serviço de um homem de Deus — murmurou de maneira serena, me agarrando brutalmente.

Recuei até sentir a mesa de madeira contra meus quadris. Ele não hesitou em se aproximar. Suas mãos, pesadas com anéis de sinete, se firmaram em meus braços me imobilizando. Tentei empurrar seu peito, mas o sujeito se apertou contra mim, exalando um hálito quente de álcool. Sua brutalidade ganhava das minhas forças.

— Por favor, Milorde... por tudo que é sagrado, pare! — As palavras escaparam em um gemido, conforme as primeiras lágrimas começavam a arder em meus olhos. — Eu imploro, em nome de Deus, não faça isso!

Ele riu, despertando um pânico profundo que tensionou cada sentido dentro de mim. Fortemente, me virou de costas para ele.

Um tecido se rasgou e o barulho do corpete sendo rompido ecoou. Senti a brisa fria da noite acariciar minha pele exposta, seguida pela pressão áspera de seus dedos descendo por meu pescoço, quase roubando todo o ar.

— Fique em silêncio. O silêncio é a única coisa que lhe resta de valor — rosnou ele, com o rosto colado ao meu pescoço e os dentes roçando minha pele, à medida que sua outra mão puxava meu cabelo, forçando minha cabeça contra a madeira escura da escrivaninha.

— Não! Por favor! Me solte! — gritei, com as palavras entrecortadas por soluços.

Permiti que a onda de pânico envolvesse o ambiente e o pranto me sulcava as faces. Eu debatia, arranhando a madeira, dependendo até a última gota de força para o manter afastado. A rigidez de seu membro era uma abominação contra meu corpo, vindo por trás de mim. Com os olhos borrados pelas lágrimas, encarei a caneta de ponta de metal à minha frente, cogitando o impensável.

— Que coisa incrível... — ele gemia contra a minha pele.

Percebi passos e gritaria distantes reverberando pelos corredores, mas o visconde estava totalmente envolvido em sua própria luxúria.

— Esse barulho, senhor... — murmurei, tentando afastá-lo.

— Não se preocupe com isso. Meus guardas estão nos vigiando — soltou um resmungo, mantendo a atenção fixa em meu pescoço, pressionando-me por trás.

Um fervor subia por meu corpo, não conseguia segurar as lágrimas e a sensação de queimação na barriga. A raiva enraizava mais intensa, apertando o coração. Rossi não ligava para mim... eu teria que fazer algo para evitar aquele destino maldito.

Capítulo XIII

Zaira

O visconde se inclinou sobre mim, enleado pelo desejo, distraído com os botões da calça. Forcei-me a engolir o vômito. Minhas mãos, frias e cobertas de suor, tatearam hesitantes a superfície de madeira. Meus dedos tocaram papéis, derrubaram um tinteiro de bronze e, finalmente, agarraram a fina haste da caneta de pena. Cerrei o objeto com força na palma da mão até que a ponta metálica penetrasse minha pele. As pernas tremiam tanto, e o ar parecia ter sumido dos pulmões.

Tentei focar os pensamentos no pescoço do homem. Não conseguia pensar em guardas, no clã, morte ou na prisão. A única coisa que me rondava seria o peso daquele corpo contra o meu.

Eu precisava fazer algo.

Não adiantaria nada ficar chorando, sentindo o coração pulsar.

A porta foi arrombada com um estrondo violento. Com o rosto ardendo e lágrimas quentes colando meu cabelo desordenado no suor, mal consegui ouvir algo, sufocada pelo pânico.

Em silêncio, aterrorizada, testemunhei Rossi irromper o aposento, acompanhado de dois homens.

— Deixe-a em paz, Lorenzo!

Rossi avançou, respirando com dificuldade e a veia do pescoço saltada furiosamente estava aparente de uma maneira que nunca pensei em vê-lo algum dia. Atravessou o espaço como um demônio vindo do inferno. Seus olhos, repletos de raiva, percorreram o ambiente, e pude perceber os vestígios de sangue em suas mãos. Em uma delas segurava fortemente um conjunto de papéis manchados, e os guardou embaixo de seu casacão.

Pelos gritos ainda ressoando no corredor, ficou evidente como conseguira algo contra os guardas do local: seus subordinados.

Ao avistar os homens armados que acompanhavam Rossi, o visconde desmoronou. Todo o seu ar de superioridade e moralidade desabou. Olhei por cima do ombro, receosa, com o cabelo

completamente desgrenhado, as roupas desordenadas e as mãos trêmulas, afastei um passo daquele monstro.

Apoiei fortemente contra a mesa, sentindo o coração arrasado, procurando forças para permanecer de pé.

Rossi, ao dirigir seu olhar para mim, para meu corpete danificado e as lágrimas, viu sua raiva se converter em desespero. Seu peito se elevava e descendia, e percebi uma faísca de hesitação.

Enlouquecido, caminhou em minha direção, passando por mim, e segurou o visconde pelo colarinho, pressionando-o contra a parede com intensidade, fazendo balançar as imagens sagradas presas.

— Não-não tem o direito de me tocar, soldado! Sou um homem da Igreja, um nobre de Roma! — gritou o visconde.

Rossi avançou com o punho cerrado, lançando um soco direto contra a boca do visconde sem dar explicações. O som seco do impacto rompeu o momento angustiante. Virei rapidamente, apoiando as mãos e senti o peito subir e descer rapidamente.

Mais um soco forte ecoou.

Paralisada, passei a olhar Rossi por trás, a poucos centímetros: a musculatura das costas dele permaneceu totalmente contraída, marcada sob o tecido. Via o suor deslizar pelo pescoço, reluzindo à luz das velas, enquanto cada impacto lançado emanava raiva.

Algo forte exalava daquele homem, fúria, talvez.

O nobre foi projetado para trás, golpeando a cabeça contra a parede antes de desabar de joelhos sobre a opulência daquele tapete caro. Tossia, expelindo sangue escuro manchando o linho de seu colarinho, sem restar um único traço de sua soberba casta.

Rossi não esperou o homem ter reação, virou-se e marchou em minha direção, permiti que a caneta de pena escorregasse dos meus dedos trêmulos, caindo. Ele postou-se ao meu lado, ignorando os subordinados que vigiavam a soleira da porta. O ar escapava ruidoso entre seus lábios e o pavor atingia seus olhos, observando o estrago.

Sem pronunciar uma única palavra, recolheu meu casaco de viagem caído sobre a poltrona. Com as mãos desajeitadas pelo tremor, Rossi estendeu o tecido sobre os meus ombros despidos, apertando-o contra o peito para sepultar a violência exposta. Ele manteve os dedos firmes nas bordas do pano, junto ao meu pescoço. O rosto dele, a pouquíssimos centímetros do meu, carregava uma expressão de remorso. Sua respiração, quente e apressada, açoitava a minha pele.

— Perdoe-me... por ter tardado tanto — sussurrou.

Ele cruzou o olhar comigo. Abatida, virei o rosto de imediato, sentindo o sangue queimando nas veias. Longe de qualquer alívio,

um aviso sombrio cravou em minha carne. Minhas raízes em sintonia com correntes invisíveis do mundo, impediam que me enganasse: ele não me protegia, não era por minha causa. *Não, Zaira!*

A destruição resultara da ação de um único homem: Rossi, ele ligava apenas para honra e glória, nada além das muralhas de Roma. Em um instante, voltamos a nos encarar. Notei um brilho cintilando em suas pupilas, e minha intuição apareceu. Jamais havia sentido nada parecido. Era medo, arrepiando os pelos e fazendo a sensação pesada do ambiente cair sobre meus ombros feito maldição, expondo a verdadeira e temível natureza do homem à minha frente.

Quando me dei conta, meus pés já batiam apressados rumo à saída, cruzando os salões opressivos da vila. Atrás de mim, o compasso pesado das botas de Rossi golpeava o chão, tornando cada vez mais perto.

Tentei limpar meu corpo obcecadamente para tirar a sensação das mãos nojentas de Lorenzo, quase me machucando. Parecia impossível.

Nos corredores, encontrei as criadas encolhidas contra a parede, os rostos lavados de lágrimas e um desespero animal nos olhos. Em um canto, Antônio, o homem de confiança do visconde, estava jogado ao chão, manietado. A sobrancelha partida vertia um sangue espesso escorrendo pelo olho esquerdo, deixando-o inchado e semifechado. O lábio inferior estava desfeito e, a cada arquejo difícil, ele cuspia uma saliva tingida de vermelho. O tecido de sua roupa de seda estava rasgado, expondo os vergões roxos.

Esse era o mundo do povo que diziam seguir a um Deus. Que Deus seria aquele? Um Ser sedento por sangue e miséria, um Deus que implorava por guerras e mortes.

— Zaira! — gritou Rossi.

Ao passo que os cães da milícia papal tentaram me deter sob a grande arcada, a voz dele soou novamente, autoritária:

— Deixe-a!

Corri apressadamente, passando direto pelos cavalos atrelados dos guardas. Os animais ainda ofegavam pelo esforço da cavalgada, soltando vapor denso pelas narinas e exalando um odor intenso de suor animal mesclado ao couro encharcado das selas. Sem olhar para trás, alcancei a trilha de terra batida que rasgava os campos da *vila*, uma estrada completamente desfigurada pelos buracos profundos das rodas de ferro das carruagens.

Gotas finas de um sereno leve começavam a cair do céu. Era o feitio característico da estação: a chuva lavava as flores silvestres esmagadas à beira do caminho, e o aroma adocicado da primavera em flor fundia ao cheiro de terra úmida e da vegetação pisoteada que subia do solo. Embora o calendário anunciasse o tempo das flores,

a água fria escorrendo e o vento cortante faziam meu corpo tremer, fincando uma ardência direta em meus ossos.

O sereno despertou algo profundo. Sob o aroma da terra molhada, a estrada desapareceu, eu não pertencia àquele lugar. Um transe violento arrastou minha mente de volta a uma noite de tempestade no passado, quando meu irmão e eu corríamos, aflitos, entre as tendas e carroças do nosso acampamento. Lembro da lama agarrando aos nossos pés, do choro engolido e do desespero de Francesco, completamente perdido e desfeito, enquanto assistíamos àquela monstruosidade: os inimigos com suas mãos ásperas levando nossa mãe para a morte. Arrastada na escuridão para ser linchada e fuzilada, os gritos dela se dissipavam no vento, mas continuavam ecoando dentro da minha cabeça. Pressionei as palmas contra os ouvidos para sufocar aquele eco, mas os clamores não cessaram, esmagando o peito.

O impacto daquela memória dilacerou o que me restava de alma.

Kali era meu refúgio. Ao longo dos anos e no meu próprio tempo, ela me ensinou o poder do sangue que corria em nossas veias. Mamãe carregava o dom da vista, tentava ler o destino nas linhas das mãos, conversava com os mortos e enxergava os espíritos que vagavam pela terra. Havia uma ternura profunda em seus olhos, uma alma compreensiva e, ao mesmo tempo, justa. Ela detestava a injustiça, porém, quem era uma mulher Sinti para guerrear contra as leis dos homens?

Em meus pesadelos, o pânico subia sufocante pela garganta sempre que a memória trazia aqueles homens arrancando-a de perto de mim. Mesmo depois que nosso clã lavara com sangue a morte dela, exercendo a nossa vingança, a dor permaneceu viva, fincada no peito.

Eles caçavam o povo cigano pelas estradas como feras do mato, esgoelando maldizeres sobre bruxaria, heresia e pecado.

— Zaira! Zaira, eu exijo que me obedeça! Basta.

A potência autoritária da voz grossa me arrancou da memória. Rossi segurou a lateral do meu ombro. Ele estava ofegante, seu peito subia e descia de forma intensa. A fina chuva colava as mechas curtas de seu cabelo à testa, enquanto gotas misturadas de suor e água escorriam por sua mandíbula.

— O que pensa que está fazendo?

Seu semblante se tornou ainda mais severo, reparando no pranto da mulher à sua frente. Me senti ainda mais fraca.

Antes que eu esboçasse qualquer movimento para recuar, a outra mão dele travou meu ombro oposto com firmeza. Os olhos de Rossi cintilavam como brasas na escuridão.

— O que pensa? Diga-me, oficial Rossi! — As lágrimas escorriam livremente, e minha voz soava falida, rasgando a garganta. — Eu quase... quase fui... obrigada a me deitar com aquele nojento. Se você não tivesse irrompido naquele lugar, neste exato momento eu estaria chorando por matar um fidalgo ou até mesmo morta! O plano falhou, eu sabia que isso aconteceria! Rossi... eu nunca estive com homem algum, nunca havia sido tocada!

O aperto em meus ombros vacilou por um breve instante, seu pomo de adão subiu e desceu rapidamente, engolindo o peso da minha voz.

— Responda-me... — forcei a voz a sair por entre os dentes, encarando a imensidão de seus olhos. — Conseguiu os papéis que lhe favorecem?

O silêncio foi a resposta mais dolorosa que eu poderia imaginar. Sem forças para falar, Rossi apenas confirmou com um leve e relutante movimento de cabeça, marcado pelas gotas de água que escorriam por seu rosto tenso.

— E se você não tivesse conseguido? — Minha voz hesitou, sentindo o peito esmagado pelo frio. — Eu seria...

— Não ouse dizer isso. Por Deus, Zaira, não ouse! — interrompeu, ameaçador.

Seu maxilar ficou mais rígido. Ele deu um passo à frente, encurtando a distância entre nós e fez o calor de seu corpo fustigar o frio da noite.

— Eu não deixaria que isso acontecesse — declarou.

A firmeza em suas palavras fez uma eletricidade percorrer meu ser mais profundo.

— Caso Antônio não estivesse presente, eu teria encontrado outra solução. Tive que vergá-lo até que cedesse o segredo do cofre. Eu faria qualquer coisa, Zaira... qualquer coisa para arrancar você daquela situação.

Fechei os olhos, sentindo o peso do medo sufocar a garganta.

— E se não houvesse nada que demonstrasse a culpa do visconde? O que aconteceria com você, oficial?

— Eu seria fuzilado por traição, sem dúvida — admitiu, os olhos fixos nos meus. — Mas assim que percebi a ameaça que a rondava, minha vida perdeu a importância. Meu único foco era arrancar você daquele lugar.

Ele soltou um suspiro pesado, fazendo o vapor sumir rápido no frio da noite.

— Fiz uma tentativa de resolver tudo por vias pacíficas, é verdade. Antônio se portou com soberba, começou a ignorar

qualquer cooperação e não teve o brio de manter um diálogo franco. Não me restou alternativa senão fustigá-lo até que cedesse.

— Por que agiu de modo tão drástico? — inquiri. — Você serve a Sua Santidade. Tem um nome a zelar diante da Santa Sé, possui sua dignidade, a glória de sua farda... Por que lançar tudo isso ao abismo por minha causa? Uma desonra em sua patente arruinaria sua vida para sempre.

Evocar o peso de seu dever sagrado pareceu golpeá-lo por dentro.

— Não se atreva a colocar em dúvida a minha honra, Zaira. Guardá-la de qualquer ultraje não é uma fraqueza de caráter, tampouco uma mera questão de vontade. É minha obrigação moral, ainda que os generais do Vaticano sejam cegos para reconhecer isso. Se eu permitisse que a profanassem apenas para preservar a minha reputação, minha farda já estaria manchada muito antes do amanhecer.

O aperto em meus ombros tornou ainda mais firme. O calor de seu peito fustigava a minha pele molhada, e aquele contato despertou algo antigo e adormecido dentro de mim. Eu jamais entenderia as leis dos *gadjé*, com seus ídolos estáticos de ouro nos altares e suas promessas aprisionadas em papéis escritos. Para meu povo, a verdadeira honra pertencia à poeira das estradas, ao sangue que fervia em nossas veias e à fidelidade cega aos nossos.

Ao mirar o fundo de suas pupilas sob a chuva, compreendi que o uniforme era apenas uma casca morta. Por trás do tecido, a alma daquele homem queimava furiosamente, tão indomável quanto a nossa.

— Posso aguardá-lo na carruagem? — perguntei. — E se seus monsenhores indagarem quem te ajudou, não quero ser citada. Por favor, Rossi. Diga que foi uma pessoa qualquer... que é o que sou.

O impacto das minhas palavras nele foi instantâneo e intenso. Seus olhos desceram para meus lábios. Rossi afrouxou meus ombros. Seu maxilar moveu levemente, e sua mão direita subiu até meu rosto. Os dedos eram largos. Percebi a superfície áspera do seu polegar pressionando contra o formato da minha mandíbula. A ponta do seu dedo indicador deslizou ao longo da minha bochecha até se fixar perto da minha orelha, segurando minha cabeça de forma que não conseguisse desviar o olhar. Era o toque de um homem sem habilidade para delicadeza.

O aroma do couro das luvas que ele tinha acabado de remover estava impregnado em seus dedos. Aquela mão imensa cobria parte considerável do meu rosto, aquecida.

Arfando, ergui meus olhos.

Por que algo fervia dentro de mim?

— Pare de dizer besteiras — rosnou, com a voz baixinha. — Ninguém irá lhe questionar, visto que não há como descobrir que você esteve aqui. Tudo o que aconteceu se trata de uma ordem do Santo Comando, não divulguei seu nome. Não abra a boca para ninguém, ou eu mesmo irei atrás de você. O cocheiro, um homem de confiança, te deixará em Trastevere. Não podemos voltar juntos e nem nos veremos novamente.

Desci meu olhar em direção aos seus lábios, que estavam firmes e transmitiam autoridade. Meu coração pulsava.

Um frio intenso percorreu meu interior. Ele representava o poder da Santa Sé, enquanto eu era uma farsa e fera. Sob o calor da sua mão, não me reconhecia, apenas por um tremor que dominava meu corpo. Necessitei reunir as últimas forças. Levantei minhas mãos em direção aos pulsos dele, empurrei seus braços para baixo, obrigando seus dedos a se afastarem. A diferença entre a suavidade da minha pele e a rigidez dos pulsos dele me lembrou de nossa essência: dois mundos que não deveriam se cruzar.

Rossi não pôde atrapalhar meu movimento, mas seus olhos permaneceram fixos nos meus.

— Estou indo — disse em um sussurro, dando o primeiro passo para trás, quebrando a conexão.

Não aguardei que ele emitisse outra ordem, mordendo o lábio inferior e sentindo meus olhos arderem.

A carruagem já estava posta na estrada à minha espera. Dirigi-me ao abrigo do veículo, cuja escuridão era timidamente rasgada pelas luzes vacilantes das lanternas de querosene afixadas nas laterais externas.

— Senhorita — saudou o cocheiro, estendendo a mão enluvada para me apoiar.

Sorri de volta. Com seu auxílio, subi pelo estribo de ferro. No instante final, antes de me acomodar no banco estofado, espiei pela fresta da porta em direção ao imenso portão de ferro do local onde atravessava Rossi. Sua figura imponente marchava rumo ao palácio em passos largos com suas pernas cumpridas. Era a encarnação da autoridade forte, um homem de aspecto grosseiro, sempre em marcha pela sua glória militar e pelo estrito cumprimento do dever.

A escuridão por fim me envolveu.

O estalo do cocheiro repercutiu na noite, e as rodas com aros de ferro da carruagem começaram, enfim, a rodar. O suave balanço do veículo me prensou contra o encosto do banco estofado.

Eu estava a salvo.

Um suspiro trêmulo escapou dos meus lábios, e o ar que eu mantivera preso finalmente se libertou. Levei ambas as mãos ao peito,

apertando o tecido do casaco. Esforcei-me para controlar o tremor que percorria todo o corpo. Fechei os olhos por alguns instantes, e a figura do visconde veio assombrar a escuridão. Recordar o poder daquele homem, suas ameaças e as garras que quase me aprisionaram naquela casa me provocou uma náusea intensa. Se Rossi não tivesse invadido aquela sala... eu estaria perdida.

Respirei profundamente, buscando afastar aquele espectro. O silêncio era completo, rompido pelos cavalos lá fora. Com cuidado, levei a mão direita à boca. Com os dentes, puxei a ponta dos dedos da luva de pelica, removendo-a devagar e deixando a pele da minha mão totalmente exposta na penumbra.

Levei os dedos trêmulos até o rosto. Minha pele ainda ardia sob o eco daquele aperto rude.

Nossos destinos haviam se cruzado. Rossi retornaria à glória de sua farda, e eu regressaria às sombras da minha rotina. Não deveríamos nos encontrar novamente.

Isolada do mundo, forcei os olhos a abrirem e encarei o breu enquanto meus dedos desenhavam o traço feito por sua mão.

Ele não sabia quem eu era de fato, mas havia salvado minha vida. E aquele toque no meu rosto era o único vestígio que me restava dele.

Capítulo XIV

Damiano

O frio cortante do princípio do dia romano subia pelo mármore da capela, mas sob a farda de lã e o colete apertado até a garganta, o suor escorria. Ajeitei o cinturão de couro bom, sustentando a espada cerimonial com detalhes de prata.

O relógio marcava pouco mais das seis da manhã. Ao meu redor, trezentos guardas papais se ajoelhavam em uma formação impecável, uma severa massa de azul e vermelho. Nós éramos os soldados do Papa, os protetores da Santa Sé. Naquele momento, sentado entre tantos homens de fé, me sentia um lobo escondido entre cordeiros, por estar tão nervoso.

— *Introibo ad altare Dei*[18]. — A voz austera do capelão ecoou com imponência pelos altos arcos, dando início às orações em latim.

O ar estava saturado pelo perfume denso do incenso de mirra, misturado ao cheiro pesado de óleo das lamparinas e o hálito azedo de homens mal despertos ao meu lado. Odiava isso.

Por fora, minhas luvas permaneciam impecáveis, por dentro, os dedos trêmulos traíam a inquietação.

No instante da consagração, o som penetrante de uma corneta rompeu o silêncio solene, e trezentos homens começaram a rezar. Inclinei a cabeça junto com os outros guardas, mas não proferi nenhuma palavra. Não pensei na salvação do Papa nem na derrota dos revolucionários. Meus pensamentos estavam longe. Em verdade, estavam em Zaira.

Conforme o padre erguia a hóstia sagrada, minha mente vagueava para a folha de papel na Sala de Registros, trancada no fim da ala principal da caserna. Um documento marcado por causa dela, classificado em meio a um relatório de fronteira que ligava a família do visconde condenado por crime de alta traição contra a Santa Sé.

— Amém.

---

18 Entrarei no altar de Deus.

Repeti a resposta em uníssono com os outros soldados, todos batendo no peito no ritual do Mea Culpa[19]. Com cada movimento da minha mão contra o corpo, senti o peso sufocante. Apesar do ato solene que acabara de realizar ao aceitar a comunhão, as notas do vinho e da hóstia consagrada se misturavam com o amargor da confusão. Era visto como um herói dentro desses muros por ajudar a inventariar os bens confiscados do visconde. Mas sabia que existia outra pessoa por trás, e Zaira tomava meus pensamentos nas últimas três semanas.

Não a vi nos últimos dias. Roma e suas fronteiras entraram em estado de alerta máximo. Como guarda, minhas escalas dobraram. Investigadores do Tribunal Eclesiástico estão à procura de sangue.

Quando o capelão finalmente proferiu a bênção final, o silêncio foi quebrado por uma ordem firme:

— Romper fileiras!

A multidão começou a se dispersar e minhas pernas já me levavam rapidamente para a saída. Mantive a postura rígida, cruzando o claustro de pedra, mesmo com o suor escorrendo.



Quando os sinos da Basílica de São Pedro anunciaram as dezoito horas, o destacamento foi finalmente dispensado. Saí do posto da Porta Angelica e caminhei com passos pesados até a caserna dos guardas, ansiando por me livrar das polainas e afrouxar o colarinho rígido que me apertava desde o amanhecer. Depositei meu mosquete remington no suporte junto à cama e me joguei no banco de palha, exausto. Mal tivera tempo de relaxar quando a luz de lamparina foi bloqueada por uma sombra.

— Por todos os santos de latão, parece que você está morto — observou Nero, sentando-se à minha frente.

Ele trazia duas canecas de latão cheias de vinho e um pedaço de pão. Sem cerimônias, colocou uma das canecas ao meu alcance.

Ele exibia cabelos loiros e espessos, curtos e bem aparados nas laterais, seguindo as regras, mas teimosamente desordenados no alto da cabeça. Seus olhos, castanhos e penetrantes, eram marcados por olheiras profundas e carregavam um brilho cínico. O corpo era magro, e sua altura menor que a minha.

Nero Magnus tinha sido meu companheiro desde os dias de recrutamento e era uma presença familiar, embora nossos serviços no Vaticano fossem completamente diferentes. Enquanto eu passava horas escalado na guarnição da Porta Angelica, vigiava o tráfego

19 Ato de bater no peito três vezes dizendo: "Mea Culpa".

constante que fluía sob o arco de pedra em direção ao Vaticano. Aquele portão era a crucial entrada para quem tentava fugir rumo ao norte, um caminho quase certeiro para as terras rurais onde caravanas de ciganos costumavam montar acampamento, antes de serem perseguidos pelas sombras implacáveis da Igreja. Nero, por sua vez, vivia enfurnado como guarda na Sala de Registros.

— Estão comentando sobre o senhor no refeitório — disse, dando uma mordida no pão antes de afrouxar o cinto. — O Capitão anda elogiando sua dedicação. Fala que isso vai garantir uma medalha para o pelotão inteiro. Mas vou ser sincero, parece que enfiaram um cabo de vassoura no seu rabo.

Bebi um longo gole do vinho amargo. Senti o calor ardente descendo pela garganta antes que minha tensão diminuísse um pouco. Disfarçadamente, dei uma olhada ao redor. Os outros soldados estavam ocupados demais lustrando botas ou jogando dados nos cantos para prestar atenção na nossa conversa.

— Só estou cansado — menti, passando a mão pelo bigode por fazer. — Parece que a Santa Fé não vai descansar até tudo estar realmente limpo — murmurei, baixinho. — E você? Muito movimento hoje?

Ele abaixou o tom de voz e inclinou-se para mais perto, cruzando os braços sobre os joelhos.

— Movimentação de papéis, o mais problemático — resmungou Nero, seu hálito carregado de vinho atingiu diretamente meu rosto.

Cazzo, eu odiava o hálito daqueles homens.

— Os inquisidores confiscaram hoje à tarde os diários pessoais do visconde. Uma quantidade monumental de papéis. O Capitão ordenou que eu organizasse tudo na mesa principal e trancasse a sala dos arquivos com cadeado duplo.

— O que havia registrado nesses diários?

— Diabos, amigo. Por todos os santos caídos... não consigo ler aquela caligrafia maldita cheia de floreios — respondeu Nero, com um tom irritadiço. — Mas algo chamou minha atenção: o selo oficial de investigação.

Ele franziu ligeiramente a testa, lançando um olhar furtivo ao soldado que passava pelo corredor, antes de retornar ao assunto:

— Estão analisando correspondências suspeitas. Há rumores entre os escrivães de que o visconde não operava sozinho. A hipótese é a de que ele fazia parte de uma rede clandestina, envolvendo contrabandistas ou nômades que o auxiliaram na transferência ilegal de dinheiro e relíquias para além dos limites do território papal.

— Há intenção de trazer investigadores à caserna? — indaguei, apertando os dedos contra a superfície fria da caneca metálica.

— Eles vêm logo ao amanhecer. Querem nos ver banhados em mijo e merda — afirmou Nero com um aceno breve, arrancando um pedaço de pão com os dentes. — O Capitão me mandou separar os relatórios sobre as movimentações referentes aos últimos trinta dias. Querem cruzar tudo com as datas dos diários do visconde. Se os nossos papéis estiverem direitos e sem erros, o pelotão inteiro ganha a fama. Mas se acharem qualquer maldita falha... estamos todos perdidos.

Nero soltou um sorriso carregado de desdém, abrindo os primeiros botões da roupa para aliviar o calor sufocante. Era um homem moldado pelo sarcasmo e pelas conversas ásperas nas tabernas, uma figura em tudo distinta de mim. Apesar de seguir as normas para preservar a honra do pai, um veterano decorado que havia derramado sangue pela Igreja anos atrás, Nero carregava uma rebeldia que cuidava para nunca revelar essa faceta diante dos sargentos ou do capelão, exibindo apenas a fachada de soldado disciplinado. Mas, nas sombras projetadas pela lamparina, onde só estávamos nós dois, ele baixava as armas.

— Por todos os santos caídos... — murmurou Nero com sua irreverência habitual, jogando a cabeça para trás, lançando uma blasfêmia que faria o capelão militar arrancar seus próprios cabelos em desgosto. — Que a Santa Fé engula esses relatórios e morra sufocada com eles. Se querem caçar bruxas, ciganos, rebeldes, que mande os cardeais vestidos com suas batinas imaculadas, não nós.

Fiquei imóvel, em silêncio. Jamais deixei minha honra ser questionada. Nenhum suborno passou por minhas mãos nos dias em que montava guarda do portão, nenhuma mercadoria ilícita atravessou sem minha vigilância. Meu registro permanecia impecável e meu dever era um chamado sagrado.

— Por que desonra a mesa que o acolhe, Nero? O que o faz tão diferente de mim?

A pergunta escapou amarga da minha boca.

Cravei meus olhos nele, incapaz de esconder meu desconforto diante da leviandade com que profanava aquilo que juramos defender. Respirei fundo, tentando controlar a indignação.

— Sua família tem história nesta guarda. Você carrega o dever, a farda, a honra... Por que age como se nada disso tivesse valor?

Nero respondeu com um resmungo ríspido. Depois, largou a caneca com desalento no banco de madeira ao seu lado e deixou o corpo pender contra a parede, as pernas pesadas se esticando com desleixo. Seus olhos, que tantas vezes transbordaram sarcasmo, agora me encaravam em seriedade incomum.

— Honra, Rossi? — ele finalmente disse, colocando ambas as mãos diante da barriga e cruzando os dedos. — Acredita mesmo

que aqueles homens dão a mínima para sua bravura ou para as condecorações do meu pai?

Ele virou o rosto em direção à janela alta. Além dali estavam os palácios imponentes do Vaticano e os escritórios do Santo Ofício.

Uma sombra de desprezo cruzou sua expressão enquanto ele gesticulava vagarosamente.

— Para a Santa Fé, somos nada. Apenas corpos para protegê-los. Se amanhã algum inquisidor suspeitar de alguém aqui dentro, ele esmagará todos nós… sem hesitar. — Nero fez uma pausa breve, sussurrando: — Eles não se importam com justiça, meu amigo. Eles precisam apenas de culpados para manter vivo o medo. Minha rebeldia não é contra Deus, não é bem isso… é só... contra essa farsa de que nossa farda protege.

Aquelas palavras atroavam minha mente, algo que me questionei apenas uma vez. Abri a boca duas vezes, enchi os pulmões com uma resposta que deveria vir de um lugar de fé, de lealdade ao Papa ou ao significado sagrado do nosso dever. Mas nada saiu.

Em verdade, como poderia argumentar sobre a honra dos guardas do Papa quando eu havia maculado essa honra? Três semanas atrás, deixara os olhos de uma mulher pobre me arrastarem por um caminho que um guarda jamais deveria trilhar. Me senti um homem sem honra pelo estado em que a coloquei. Ela deveria estar morta, mas não a matei.

— Vai dormir. — Nero murmurou finalmente, largando de vez as pernas sobre a superfície.

— Não vai se limpar?

— Estou cansado demais para isso — respondeu, puxando a manta até os ombros e virando o corpo para o lado da parede. — Amanhã será um grande dia.

Joguei-me no colchão de palha sem a força nem para tirar as benditas botas. Depois de longos minutos, encarando as vigas escuras do teto quase desaparecendo na penumbra, fiquei ouvindo a respiração espaçada dos outros guardas e sentindo na alma o peso dos questionamentos.

Dentro de poucas horas, quando o sino das seis soasse convocando o batalhão, minha impecável honra seria examinada com os olhos frios de homens que nunca conheceram clemência.

⚔⚔⚔

Não conseguia dormir. Estendido, sentia o tecido áspero da roupa colado ao corpo, úmido de suor. O cheiro sufocante parecia misturar-se com a pele, ardendo sob o peso da paranoia. As

palavras de Nero ecoavam incessantemente em minha mente: nossa insignificância diante do Santo Ofício. Eu precisava fugir daquele aperto, lavar o suor frio e encontrar algum alívio.

Precisava respirar. Com cuidado, desvencilhei-me do sono alheio. Sentei-me na borda da cama e desamarrei as botas de couro com cautela, erguendo-as pelas correias para evitar o som das solas de ferro. Escorreguei para fora do quarto, descalço. O corredor de pedra estava mergulhado na escuridão, salvo pelo pálido reflexo lunar que se infiltrava pelas frestas. Antes de chegar ao pátio de lavagem, passei pelas latrinas coletivas nos fundos do claustro. O odor de cal e urina estagnada preenchia o ar abafado.

Apoiado na parede de pedra desgastada, aliviei a pressão na bexiga, fazendo o som da urina ecoar pelo ambiente.

Ajustei as calças amarrotadas e segui adiante. No pátio de lavagem inferior, os contornos das grandes pias de pedra eram pouco iluminados sob a penumbra da madrugada. Despi-me lentamente, retirando a roupa com cuidado antes de desabotoar o colete e puxar o tecido sobre a cabeça. Deixei as peças caírem em um banco rudimentar de madeira.

A brisa gélida da noite atingiu meu peito desnudo, arrancando um arrepio imediato. Ao encher uma velha bacia de zinco com a água escura e gélida do poço, senti as mãos entorpecidas pelo frio. Sem hesitar, lancei a primeira braçada contra meu rosto e pescoço. O impacto gelado roubou instantaneamente meu fôlego e tensionou cada músculo do meu corpo. Peguei o pedaço de sabão, gordura misturada em uma textura grosseira, e comecei a esfregar a pele com vigor. Esfreguei até sentir o ardor e ver a pele ruborizar-se sob meus dedos. Ergui a bacia e joguei toda a água fria sobre minha cabeça. O som repercutiu na quietude sepulcral do claustro. O coração disparou e aguardei imóvel, temendo o surgimento repentino de alguma patrulha nas sombras. Mas só o vento frio continuava a silvar solitário entre as colunas de pedra.

Apressado, agarrei um pano de estopa, tentando enxugar-me antes que o frio me dominasse por completo. Vesti as roupas: camisa longa de algodão grosso e as ceroulas brancas que iam até os tornozelos. Com o peito arfando e a cabeça ainda encharcada, comecei o caminho silencioso de volta.

Subi os degraus com passos cuidadosos. Abri a porta do dormitório com extrema cautela e o som dos roncos dos soldados adormecidos preencheu o ambiente.

Deixei a farda de lado e deslizei até o leito no escuro.

Zaira era um enigma, uma tempestade revestida de serenidade. Seus passos e sua voz reverberavam em minha memória. Recordá-la era como invocar um contraveneno. Quanto mais tentava agarrar a imagem dela, mais parecia se esvair entre os dedos da memória.

Naquele instante, um vento frio atravessou as frestas das paredes do alojamento, arrepiando minha pele e me trazendo de volta à realidade.

Toda a disciplina inculcada pela vida na caserna não conseguia conter a vontade indomada de vê-la mais uma vez. O destino, talvez inclinado ao sarcasmo ou à piedade, havia entrelaçado nossos caminhos em um momento adverso do tempo. Éramos dois opostos em uma encruzilhada perigosa. Mas, diante das barreiras que pareciam insuperáveis e contra os juramentos que fiz à Santa Fé, a liberdade incomparável pulsante nela como um espírito inquebrável era algo mais poderoso do que qualquer decreto que me atraía. Era impossível ignorar.

Voltei a encarar a lua.

Alheio às circunstâncias e aos perigos, sabia de uma coisa: onde quer que Zaira estivesse sob aquele céu estrelado, seus olhos carregavam a mesma luz inquieta da lua.

Capítulo XV

Zaira

Três semanas. Vinte e um dias completos sem encontrá-lo. Desde aquele fatídico episódio na casa do visconde, evitei passar pelo caminho do oficial Rossi. Eu retornava de mais um dia extenuante, por volta das 17h, com o sol romano de tom dourado mergulhando atrás das construções.

Um ruído surgiu, ecoando nas paredes de pedra próximas ao Castelo de Santo Ângelo. Tambores marcados, pesados, seguidos pelo clangor metálico de cornetas militares.

— Saiam da frente! — O primeiro guarda montado em um cavalo, em meio à marcha, gritava.

A multidão ao redor começou a inquietar-se, empurrando e apertando-se contra as calçadas. Homens retiravam os chapéus e mulheres entrelaçavam os dedos sobre o peito em gesto de veneração.

O passo das botas militares sobre o pavimento de pedra sobrepujou o burburinho do mercado, e um calafrio percorreu a rua. Ao meu lado, um vendedor idoso de castanhas, com as mãos trêmulas, arrancou o chapéu de feltro e o pressionou contra o peito. Ele murmurava algo para si:

— É ele... Ele ultrapassou as muralhas sagradas. Só Deus sabe que infortúnio ocorreu para o Santo Padre abandonar o confinamento rodeado por tantas baionetas francesas. Oremos... Vigem Maria...

O homem fez o sinal da cruz três vezes, enquanto a multidão começava a abrir passagem.

Encolhi-me sob meu xale escuro, puxando o tecido para proteger o corpo. Eu devia ter fugido. Contudo, o destino, ou minha teimosia, me manteve apertada entre camponeses e burgueses romanos.

O repicar dos tambores vibrava no peito, meus olhos ignoravam os estandartes papais e aos cavalos. Eu o buscava. Maldito seja meu coração cheio de ternura e preocupação. Vasculhei cada fileira de semblantes austeros sob os elmos brilhantes, sentindo o suor deslizar

pelas costas enquanto a comitiva seguia adiante. Passos firmes de botas sobre o piso de pedra. Faces iguais na rigidez.

Onde estaria ele? O pânico subiu, a hipótese de que algo tivesse ocorrido me tirava o fôlego. Empurrei o corpo para frente, esticando o pescoço por cima do ombro de uma mulher. Qual era minha preocupação?

À frente do cortejo, os Zuavos Pontifícios abriram espaços inexoráveis. Logo atrás, flanqueando a carruagem negra e imponente que trazia o Papa enclausurado, vinha a guarda de elite. Meu corpo congelou, e prendi os olhos a uma silhueta conhecida na ala direita, bem à minha frente.

O coração ganhou um ritmo forte.

Rossi caminhava pela lateral direita. O traje cerimonial o destacava e o capacete brilhante projetava uma sombra marcada em seu rosto. Reconheci cada traço daquela expressão. Ele mantinha o olhar fixo à frente, com os olhos vazios, executando seu dever com a honra impecável. De perto, percebi o que a multidão não conseguia notar: a mandíbula apertada e as olheiras profundas.

Meu coração se apertou em uma mistura de frustração e saudade. Precisava que ele soubesse que eu ainda me encontrava por perto. Precisava ver a fachada daquele oficial ruir. Aproveitando o empurrão de um homem corpulento ao meu lado, avancei um passo, cruzando a barreira invisível que separava a multidão da passagem militar. Fixei os olhos nos dele, e deixei uma lufada de ar escapar entre meus lábios.

Por um breve instante, a expressão rígida de Rossi hesitou, e um sorriso de canto quase surgiu em meus lábios. Seu olhar permaneceu igual ao me identificar em meio àquela massa de rostos desconhecidos, e o sincronismo do seu passo não falhou.

Fui puxada para trás.

A marcha o levou para frente e a carruagem escura do pontífice por fim passou. A multidão começou a se dispersar, e o clamor das vozes romanas voltou a encher o ar.

— Zaira! — Ouvi a voz de Marta.

Ela era uma das tecelãs que moravam perto do gueto.

— Oi! — Sorri, cumprimentando-a.

Minha respiração estava falha.

— Hoje não tivemos tempo de conversar — disse ela, agarrando meu braço e começando a caminhar ao meu lado. — Não deveria ter se aproximado tanto, é perigoso.

— O Santo Padre saiu dos muros do Palácio — murmurei, engolindo o azedo na boca quando tocava no nome daquela Santidade.

— Não ficou sabendo? — Olhou ao redor. — De manhã, investigadores chegaram de fora. O filho da viúva Bianchi, que ficava nas cocheiras da caserna, assistiu a isso com os próprios olhos.

— Evito dar ouvidos a essas conversas, aqui até as paredes têm ouvidos.

— Seja menos tola, as ruas são as únicas que nos dizem a verdade. Funcionários com roupas de batina escura, homens que respondem apenas ao Papa levaram mais três indivíduos do destacamento da guarda. Afirma-se que eram garibaldinos infiltrados.

— Qual guarda teria tamanha coragem de trair sua honra?

Rossi veio à mente, ele jamais faria algo do tipo, pelo que aprendi de sua rigidez.

— Provavelmente ouro oferecido em grande quantidade, ou sobrevivência.

Algo golpeou meus sentimentos, e o olhar de Rossi invadiu minhas lembranças. Eu não poderia estar preocupada com um homem como ele, pois éramos diferentes. Ele continuava sendo um guarda leal de Roma, e eu, uma pobre Sinti à margem de tudo. O aperto no peito surgiu em meio a uma respiração falha, e nem o pesado desses pensamentos foi capaz de afastar seu rosto da minha mente.



O sábado amanheceu carregado, envolto em uma neblina densa. Uma névoa espessa emergia do Tibre, consumindo as árvores do bosque e encobrindo as muralhas de Roma. Nos braços, segurava uma trouxa pesada de roupas, caminhando em direção a uma das clareiras mais remotas, onde o riacho corria límpido por entre as pedras.

Era dia de lavagem, um ritual semanal em que as mulheres se afastavam da cidade para se dedicar à limpeza dos tecidos antes do domingo sagrado.

Ajoelhei à beira do riacho, permitindo que o frescor da água molhasse minhas mãos, submergindo a primeira saia no curso gelado. O som cadenciado da correnteza batendo nas pedras costumava me trazer alguma paz, mas não naquele dia. A tensão das últimas semanas deixava-me inquieta. Meus sentidos estavam em alerta máximo, atentos a qualquer som suspeito vindo da mata.

Um barulho ecoou. Parei por alguns segundos, olhando ao redor. O lugar estava totalmente deserto. Suspirei fundo, sentindo o coração acelerado, e voltei aos meus afazeres.

Deveria ser o vento balançando os galhos.

Depois de alguns minutos, o som de passos pesados arrastando-se sobre as folhas, misturado com um pigarro grave, fez minha coluna se enrijecer.

— Vejam só o que o rio me trouxe hoje.

Uma voz rouca e carregada de malícia soou logo atrás de mim. Minha respiração travou. Levantei-me, mantendo o tecido úmido entre as mãos.

À minha frente surgiu um homem de porte rude, de meia-idade, vestindo um gibão de couro puído e uma velha espingarda pendendo de sua mão. O cheiro de vinho barato trazido pelo vento invadiu minhas narinas. Aquele homem assemelhava-se a um dos inimigos do clã cigano, os *Brigantes*. Seus pequenos olhos me analisavam, fixando-se na tonalidade da minha saia.

— Uma cigana perdida na mata?

O caçador sorriu, exibindo dentes deteriorados, avançando dois passos em minha direção. Meu corpo travou. Eu vestia um modesto corpete e saia, ocultos sob o casaco de lã e um lenço típico das jovens católicas de Roma, apesar dos traços da minha pele amendoada, queimada pelos anos sob o sol.

— O que uma coisinha tão bonita como você faz tão longe da cidade?

— Só estou fazendo o que é preciso — retruquei com firmeza na voz, recuando um passo.

Escorreguei a mão direita lentamente para a bainha oculta sob minhas saias, onde a lâmina da faca aguardava.

— Recomendo que siga seu caminho — adverti por entre os dentes.

Um barulho distante ressoou, mas nada tirava a tensão. *Implorei para ser alguém*. Quando nada surgiu, ele riu alto, em escárnio, arrepiando os pelos e deixando meu coração agitado. Cuspiu no chão ao lado e ignorou cada palavra do meu aviso. A espingarda deslizou para uma posição mais solta em seu braço conforme ele avançava outra vez, bloqueando meu único acesso direto à trilha.

— Foi uma má escolha vir até aqui, menina. Uma moça como você sozinha na mata não tem dono nem quem a proteja. Que tal deixar essas roupas e me mostrar do que mais é capaz? Talvez eu seja generoso.

Suas palavras vinham impregnadas de sujeira, à medida que a mão áspera se esticava para agarrar minhas roupas. Seus olhos pequenos brilhavam com um desejo maligno, e junto com isso o aperto no peito intensificou. Apertei fortemente o cabo frio da faca que já estava ao meu alcance.

Se ele desse outro passo sequer, eu não hesitaria em calar aquela voz para sempre. Não hesitei. Em um movimento certeiro e ágil, saquei a faca, rasgando o dorso de sua mão calejada antes que pudesse me tocar. Um grito de dor reverberou pela clareira. Cambaleando para trás, o sujeito tentou estancar o sangue, tingindo as folhas de vermelho.

Os olhos dele se enchiam de ódio. Com a voz em fúria, vociferou:

— Maldita cigana!

Cheio de raiva, agarrou a espingarda pendurada em seu ombro e apontou o cano para mim.

— Eu vou acabar com você!

Capítulo XVI

Zaira

Eu ardia por sair. Se pudesse fugir, talvez pudesse me esconder, mas como faria? Meu terror era bem verdadeiro. Flexionei os joelhos, preparando-me para a vida no além, temendo o pior.

Quando comecei a cogitar a dor, o solo tremeu inesperadamente. O estrondo de cascos velozes se aproximando rasgou o silêncio do bosque e um cavalo negro emergiu das árvores como uma sombra poderosa. O impacto da criatura invadiu a clareira, antes que o caçador sequer pudesse disparar, o animal se ergueu sobre as patas traseiras bem treinado com os cascos quase tocando o rosto do miserável. A movimentação abrupta fez cair na lama, atônito.

No lombo do impressionante corcel negro estava Rossi. Uma respiração profunda escapou dos meus lábios, acelerando mais os batimentos, aturdida. Pensei que fosse desmaiar.

Ele trajava um casaco escuro e botas. A armadura lustrosa e o elmo habitual estavam ausentes, e seu cabelo curto denunciava a intensidade de sua marcha desesperada. Exibindo um semblante marcado pelo cansaço dos últimos dias, o oficial puxou as rédeas com força e desembainhou sua longa espada, posicionando-a em tom ameaçador contra o pescoço do caçador:

— Mexa um milímetro sequer essa arma, e sua cabeça não verá outro amanhecer, *cazzo*. — sua voz reverberou.

Meus ossos arderam. Permaneci imóvel, sentindo a respiração queimar nas narinas.

O homem, pálido e amedrontado, desviou os olhos para o oficial montado à sua frente, os lábios tremendo ao tentar reunir palavras conciliatórias. Sua bravata extinguira-se como uma fogueira ao vento. Soltando a espingarda na lama, ergueu as mãos trêmulas, pressionando o corte na tentativa frustrada de estancar o sangue:

— ... Senhor... foi ela! Essa vadia me atacou sem motivo! — balbuciou com a voz trêmula.

Rossi franziu o cenho, trazendo os olhos até mim, encarando a faca em minhas mãos, pousando o olhar em meu rosto tomado pelo medo, antes de voltar-se novamente para o miserável.

O maxilar do oficial estava tão tensionado que uma linha pálida marcava suas bochechas, revelando a cólera dominando seu semblante. Diante dele, o caçador, com as mãos ensanguentadas e erguidas, engatinhava na lama. Hesitou no momento errado e tentou barganhar. Um erro que seria ser sua ruína.

— *Busiardo*[20]*,* canalha! — A voz de Rossi retumbou, ecoando pelas árvores ao redor.

Os olhos do caçador se arregalaram naquele instante de fatal reconhecimento. No momento seguinte, impulsionado pelo desespero e pela urgência em sobreviver, ele se lançou de lado, tentando alcançar a arma caída na lama.

Tudo acontecia em questão de segundos. Eu não tinha forças para me mover, tentando aliviar o medo. Tentei contar de um a cinco, e parecia impossível.

Não houve espaço para clemência. Rossi mexeu o pulso sem pensar duas vezes. O arco da lâmina reluziu, cravando na carne do miserável, rasgando-lhe a garganta. O engasgo do homem começou e terminou.

Fechei os olhos com força, sentindo lágrimas inundarem meu rosto. Apenas ouvi o barulho do corpo caindo.

Quando voltei a abrir as pálpebras, me virei lentamente para não olhar a cena, sentindo o corpo trêmulo, assim como as mãos. Ouvi quando Rossi desceu e veio até mim, repousando a espada na bainha.

Pelo canto dos olhos, seu olhar desumanamente penetrante encontrou o meu. O silêncio foi gigante. Ele se virou para mim, e senti um arrepio percorrer a pele. Pensei em recuar.

A intensidade em suas feições era impossível de ignorar quando finalmente rosnou:

— Perdeu o juízo?

Parou tão próximo que meus pés não conseguiram fugir. Meu estômago parecia oco.

— O que faz aqui? Sozinha, cadê as outras lavadeiras?

A presença de Rossi era esmagadora. Seus olhos, há poucos instantes refletindo a frieza impiedosa, ardiam. Ele deu mais um passo à frente, encurtando a distância. Com um movimento rápido, seus dedos enluvados alcançaram meus ombros, segurando-os e me virando. Sua presença trouxe calor para meu corpo, outrora tomado pelo frio.

— Responda-me!

---

20 Mentiroso.

— As lavadeiras estão longe daqui, senhor, próximas à estrada principal — expliquei, mantendo a voz firme apesar de falar baixo.

Desviei o olhar para o curso gelado do riacho antes de encarar o oficial à minha frente.

— Desejava um instante sozinha. Foi por escolha própria que me afastei do grupo, não por culpa delas.

Com a tentativa de ignorar o corpo imóvel do caçador na lama, engoli seco e retornei o olhar ao oficial:

— Passei pela sentinela do portão ao nascer do sol, munida do salvo-conduto de lavadeira, como o senhor bem sabe que possuo. Jamais imaginei encontrar um... miserável como esse emboscado neste bosque.

— Um terrível fim! — vociferou ele, e ergueu meu pulso direito. — Seria melhor usar essa lâmina para tirar sua própria vida do que deixá-lo abusar de seu corpo!

Mordi o lábio inferior, lembrando do trágico fim da minha mãe. Ela também foi levada por homens assim. O quanto mamãe sofreu...

— Não era essa minha intenção — disse, e minha voz saiu falha.

Encarei seus lábios tão... perfeitos, apertados em uma linha fina. Estaria aquele oficial preocupado com uma moça como eu?

— Desde quando sabe usar uma coisa dessa? Uma mulher considerada religiosa e de família dificilmente sabe manusear uma lâmina, e menos ainda com habilidade ou agressividade como aparenta ter, *bella*.

Travei o maxilar, pressionando meus dentes. Permanecemos perto demais, com sua mão agarrada ao pulso onde segurava a faca e a outra em meu ombro.

— Como o senhor disse, seria mais promissor eu tirar minha própria vida ao ser levada por algum salteador...

— Esse é o seu propósito desde o início? — Molhou os lábios. — O homem estava sangrando, presumo que não seja tão indefesa assim. Não parecia que estava decidida a ir para o além.

Se ele soubesse de onde realmente venho... se soubesse que meu sangue é fiel à estrada e que na minha linhagem ninguém se curva aos altares de Roma, certamente não estaria me chamando de *bella*. Engoli o amargo de um segredo ardente, sentindo a aspereza de sua luva apertando meu pulso. Eu mal conseguia respirar: o calor de sua mão pousada no meu ombro e a proximidade inquietante do seu rosto.

— O senhor vê o mundo sob o manto do privilégio do seu juramento, oficial — devolvi.

Nossas bocas estavam próximas o bastante para perceber o leve arfar de seu peito.

— Uma mulher criada na miséria não tem o luxo da fragilidade. Pensei aprender que o mundo não se compadece com quem chora, de nada adianta. Meu propósito jamais foi morrer pelas mãos de outro ou ser tocada por algum homem sem honra. O sangue daquele homem misturado à lama é prova de que Deus está com os que sabem se defender. Não queria carregar o destino de uma presa, mesmo sendo uma mulher pobre.

O silêncio recaiu sobre nós mais uma vez. Os olhos de Rossi desviaram-se para minha boca, detendo-se em cada sutil movimento dos meus lábios, conforme sua respiração quente se chocava contra meu rosto.

O homem com tamanha honra, jamais deveria me tocar.

A mão dele, antes segurando meu pulso, fez a lâmina cair.

Os dedos ainda enluvados subiram apressados pela lateral do meu pescoço, mas não se detiveram na minha pele: buscaram as dobras do lenço. Com um único movimento, ele o arrancou. O tecido dançou para longe. Minhas longas madeixas se libertaram, despencando em ondas sobre os ombros e deixando o rosto completamente exposto ao vento e ao olhar faminto do oficial. Rossi reteve o fôlego, enredando os dedos nos fios soltos, puxando minha cabeça levemente para trás. Ele parecia lutar contra seus desejos da carne, os olhos não mentiam.

Como eu gostaria de saber o que passava por uma mente tão gloriosa.

Rompendo a última barreira, seus lábios tocaram os meus, impetuosos. Um gemido abafado escapou dele, vibrando contra minha pele. O toque áspero do couro das luvas em meu pescoço era uma afronta ao calor que ele buscava tão desesperadamente. Em meio a essa ânsia, afastou a mão por um breve instante, desesperado, usou a outra para tirar a luva. Livrou-se da outra, em um ato apressado.

Agora livre, seus dedos encontraram de novo a pele do meu pescoço. O contato entre as pontas quentes e minha pele fria fez meu corpo tremer.

Sua mão deslizou até minha mandíbula, espalhando um calor arrebatador.

Ele aproximou ainda mais seu corpo do meu, aprofundando o beijo. Seus toques eram dominados por necessidade.

Durante toda minha vida, nunca havia permitido que homem algum profanasse o recato do meu corpo, jamais tinha experimentado o gosto, o calor ou o peso do desejo de outro alguém.

Um som baixo, semelhante a um lamento, escapou do mais profundo do meu ser contra os lábios dele. Minhas mãos subiam trêmulas, percorrendo o tecido grosso do seu casaco, cruzando sua

nuca. Não me limitava a aceitar o beijo, eu o correspondia com todas as fibras do corpo e alma, sentindo sua língua explorar e seus dentes baterem nos meus.

Faltava-me o ar, mas a ideia de romper aquele contato causava-me uma agonia ainda maior. Minhas pálpebras pesavam, e o mundo ao redor desvanecia em uma vertigem escura.

A delicadeza de uma primeira vez mesclava-se ao redemoinho ardente que fervia no meu sangue. O tremor da minha entrega não passou despercebido, era impossível ignorar a paixão inocente transbordando em cada toque meu.

Talvez isso tenha sido suficiente para desfazer o impulso voraz que o comandava. Rossi suavizou o ritmo e afastou os lábios por um breve instante, o suficiente para que nossas respirações ofegantes se encontrassem. Seus dedos, deslizaram pela linha de minha mandíbula em um carinho terno.

Ao abrir os olhos, ele ainda mantinha os dele fechados e forçava um vinco em sua testa. Quando os abriu, encontrei um olhar transbordando de afeto, tão genuíno e primitivo que fez meu coração titubear.

Ele parecia pensar em algo.

— Não entendo o motivo de tamanha afeição — confessou. — Às vezes, penso que é uma provação vinda do céu ou talvez um encanto que me roube a clareza. Basta que meu olhar a encontre para que toda a disciplina se desfaça.

— O senhor fala de um jeito complicado... muito. O coração não é um soldado à espera de ordens para continuar batendo — respondi, em um sotaque menos polido, alternando o olhar entre seus olhos e lábios, antes de conduzir meu dedo até a cicatriz que marcava sua sobrancelha. — É a primeira vez que experimento algo assim... essa sensação ardente no peito.

Meus olhos arderam.

— O senhor diz que alterei sua disciplina, mas, na verdade, esse sentimento apenas nos recorda que somos feitos de carne e osso. Não busque uma razão para essa afeição. Eu deveria odiá-lo e não consigo.

Deslizei meus dedos levemente pela lateral do seu rosto.

— Presumo já ser bastante odiado nesta vida, *bella*.

— É porque não conheceram seu coração por trás dessa muralha — sussurrei.

— Não existe nada além de pedaços, Zaira — murmurou, rouco. — Algo que a destruiria também.

Ao observar o oficial, era impossível não perceber que, por trás, havia um homem profundamente destruído. Aquela visão fez

meu peito se apertar. Eu sentia o impulso de acolher sua dor, pois, mesmo que ele não soubesse, meu mundo e meu povo também eram moldados por cicatrizes e perdas que, muitas vezes, homens como ele provocaram.

— Não mais do que já estou destruída.

— Não fale de destruição. Até hoje, guardei a sua imagem como a de uma bela flor, rara e intocada, florescendo solitariamente em um mundo que é apenas um pântano de miséria e pecado — rosnou. — *Cazzo*, não deve falar em destruição.

Algo se acendeu ao olhar naqueles olhos: esperança, mesmo quando meu instinto me pedia para correr para o mais longe possível.

Capítulo XVII

Zaira

O momento foi interrompido pelo cavalo negro de Rossi ao emitir um bufar áspero e suas orelhas se ergueram alertas em direção à mata cerrada. Dei alguns passos para longe de Rossi e me aproximei do animal, estendendo a mão nua para tocar seu pescoço tenso. Ouvi um resmungar alto de suas narinas. Sentindo o coração pulsando, passei a acariciar aquele pelo encharcado de suor em movimentos firmes e contínuos, percebendo os músculos rígidos do animal, tomados pelo medo. Ele se acalmou.

Eu sempre tive grande conexão com animais, principalmente cavalos.

De onde vinha, era comum ter a presença de animais para o comércio.

— Calma, belo... está tudo bem — sussurrei, sentindo ser observada pelo guarda ao meu lado.

Rossi prendeu a respiração, aterrorizado com a audácia.

— Zaira, cuidado. Esse é um animal de guerra...

— Imaginei.

— Imaginou? — agarrou meu braço e afastando-me levemente. — Em tantos anos ao meu lado, já o vi despedaçar invasores e não aceitar nenhum comando que não fosse do seu mestre: eu.

As orelhas ariscas se moveram em minha direção e ele soltou um sopro longo pelas narinas, deixando que meus dedos tocassem seu focinho de ébano.

— Shi... estamos aqui.

O guarda ao meu lado finalmente exalou, surpreso ao observar o enorme garanhão negro submeter-se ao meu toque. Rossi movia o olhar entre mim e o focinho do cavalo, e a expressão austera de seu rosto hesitou por um instante.

— Como faz isso? — indagou Rossi, com a voz baixa, sem a ira de antes. — Este animal foi adestrado para derrubar homens e não deixa que ninguém, exceto eu, se aproxime tanto sem tentar arrancar um pedaço.

Um *cavalo*. Um herói de quatro patas. Na minha tradição, nós não subjugávamos os animais com chicote ou rédeas de ferro como faziam os gadjé. Dominávamos pelo respeito, pelo sopro do focinho e pelo compasso do coração. Aprendi com os mais velhos *Sinti* que um cavalo de guerra percebe o coração de quem se aproxima, se você não exala cheiro de medo ou de traição, ele o aceita.

— De onde vim, fui criada entre animais de todas as espécies para o comércio pelas estradas. Aprendemos a interpretar o olhar de um animal feroz antes que ele ataque. É apenas um truque de vendedor, nada além disso.

Não houve tempo para discutir. O cavalo se agitou mais uma vez, e, determinado, Rossi não me deixou perto.

— Ele está agitado — disse, olhando ao redor.

— Animais sentem o perigo.

Pousei a atenção sobre o salteador morto, desviando logo em seguida.

— Precisamos sair daqui, provavelmente outros homens caçarão o companheiro — avisou.

Apanhei meu lenço úmido, colocando-o sobre o cabelo. Limpei a lâmina nas águas do riacho e juntei as trouxas, enroscando-as no braço. Quando me virei, com destreza, Rossi alcançou as rédeas e montou.

Olhei para frente, umedecendo os lábios, pronta para sair, mas a voz rouca ressoou:

— Onde a senhorita pensa que vai?

— Não podemos ser vistos juntos.

Do alto de sua montaria poderosa, o encarei.

— Suba — ordenou.

— Rossi...

— Seja obediente.

Estendeu a mão revestida outra vez pela luva.

Ergui os olhos, suspirando fundo. O coração estava disparado. Não neguei: agarrei seus dedos, pisei no estribo e subi, sentando-me à sua frente, abraçando as trouxas com toda a força.

Como eu era tola.

A sensação de ter Rossi atrás do meu corpo pequeno causava-me frio no estômago. O calor do peito pressionado contra minhas costas era tudo que me mantinha de pé, protegida do vento que começava a se intensificar. O garanhão negro girou abruptamente.

Rossi impulsionou o cavalo em direção à trilha oculta, onde a mata alta parecia engolir a luz. Ele sabia que o terreno irregular, salpicado de raízes traiçoeiras, exigindo atenção redobrada. Para

garantir segurança, enlaçou-me com os braços, protegendo completamente sob sua presença firme. Suas mãos manobravam as rédeas perfeitamente, ajustando para guiar o animal por entre os troncos. A proximidade era tão... confortável que senti o ritmo constante de sua respiração profunda contra minhas costas.

Rossi se inclinou levemente para frente, e seu hálito quente roçou minha pele na curva sutil do pescoço. A voz rouca veio:

— Segure firme no pomo da sela. Não solte, aconteça o que acontecer. Eu cuidarei de você, mas preciso que se mantenha estável se o cavalo vacilar.

Um arrepio percorreu minha espinha assim que suas palavras soaram em meu ouvido. O frio no estômago se intensificou, mas me apressei em ajustar a trouxa de roupas entre os braços antes de firmar a mão livre no metal gélido da sela à minha frente, obedecendo sem hesitar. Senti os braços de Rossi se tensionarem ainda mais ao meu redor. O cavalo, atento e disciplinado, avançava cautelosamente pela trilha sinuosa e envolta em sombras, afastando-nos cada vez mais para longe da clareira.

— Você está tremendo — falou, guiando o cavalo para desviar de um galho caído. — Não estamos mais em perigo, *bella*.

Meus dentes batiam um no outro.

— É apenas frio...

Frio, mas sentia minhas costas tão quentes.

— Deseja as minhas luvas?

— Não precisa se preocupar, está tudo bem.

Ágil, arrumou uma maneira de tirar as luvas e estendê-las para mim.

— Coloque-as — suspirei fundo.

Puxei o ar e calcei uma, depois a outra com dificuldade.

— Ficaram enormes, você é todo grande — sorri, encarando-o por cima dos ombros, ingênua.

Seu rosto, rígido de tão sério, voltou-se para o meu sorriso antes de cravar os olhos fixos à frente. As bochechas esquentaram. *Andare in merda*[21]...

Virei o rosto rapidamente para frente, amaldiçoando-me por ter deixado escapar algo do tipo.

Levou um instante para me responder:

— Elas servem para protegê-la do frio, não para se ajustarem perfeitamente. O couro grosso absorve o impacto das rédeas quando o cavalo decide testar minha paciência.

21 Expressão de entrar em uma situação ruim.

Senti o braço dele se tensionar de leve ao meu redor, ajustando as rédeas para desviar o animal.

— É uma proteção necessária para o que faço... embora, agora, pareça ter uma utilidade muito mais nobre aquecendo as suas mãos.

— Desculpe.

— Não precisa se desculpar. A franqueza das suas palavras está longe de ser uma ofensa.

— O que fazia pela manhã na mata?

— Aos sábados de manhã, uso o cavalo para montaria.

— Ah...

O som do meu murmúrio saiu fraco enquanto eu observava minhas mãos perdidas naquele couro pesado.

— Então acabei atrapalhando seu sábado de descanso.

Havia naquela proximidade algo profundamente doloroso, mas também incrivelmente belo.

— É que... às vezes esqueço que vocês também têm manhãs comuns. De longe, na cidade, parece que os senhores já nascem prontos. É curioso imaginar que um oficial também deseje apenas ver o sol nascer ou correr livremente com o cavalo, sem estar em serviço. Obrigada por abrir mão do seu momento de paz para me salvar.

— Já testemunhei muito sangue ao longo da vida, Zaira. Desde a juventude. A honra de carregar um juramento impõe a obrigação de cumprir o dever. Cavalgar é apenas meu jeito de aliviar a mente. Para quem serve à Santa Sé, não existe descanso verdadeiro, apenas... breves intervalos.

O silêncio reinstalou-se entre nós conforme o animal negro avançava com cautela. Aos poucos, a densa mata cedia lugar, revelando a imponente muralha de pedra escura de Roma. Rossi firmou as rédeas, desacelerando o passo até que o animal parasse completamente, sob o abrigo das últimas árvores.

— Chegamos — disse ele em um tom baixo, reassumindo a postura rígida e formal de um oficial. — Devolva-me as luvas. Siga até o pórtico a pé, aparentando estar apenas exausta e atrasada. Minha entrada se dará logo em sequência. Caso a sentinela questionar, eu intervirei.

Tirei as luvas, sentindo o agradável calor do couro. Tudo parecia tão simples: bastava descer, apanhar minhas trouxas e desaparecer através do portão da cidade. Mas algo naquele instante me deteve. A audácia que eu lutava para reprimir transbordou de forma inesperada, calando meu juízo.

Em um movimento, me virei, e toquei seu rosto. Antes que conseguisse reagir, pressionei suavemente meus lábios contra os dele em um beijo casto breve.

Afastei rápido, deslizando para fora da sela enquanto ainda sentia no peito a reverberação daquele toque. Antes de Rossi recuperar o fôlego ou invocar sua autoridade, eu já estava com os pés firmes no chão, agarrando minha trouxa contra o corpo trêmulo e tentando acalmar o rubor inevitável queimando minha face. Por um momento, ousei erguer os olhos. Rossi permanecia imóvel. Seus olhos fixos em mim.

— Vejo o senhor no portão — murmurei, ajustando apressadamente o lenço.

Com as pernas ainda trêmulas, virei-me em direção ao portão e comecei a caminhar rapidamente pela trilha úmida, na vã tentativa de acalmar a tempestade que rugia em meu peito.

O sentimento de perda me atravessou. Um sinal em maneira de dor no estômago e arrepio avassalador. Seria culpa do beijo?

Tentei regular a respiração, tropeçando de leve em uma pedra ao atravessar o arco.

— Ei, pare aí, moça!

A voz áspera da sentinela papal rompeu os pensamentos, arrancando-me de volta à realidade. O guarda rapidamente bloqueou meu caminho, lançando um olhar desconfiado para a trouxa.

— O que faz vagando sozinha a essa hora?

— Sou uma lavadeira, senhor.

— Onde estão as outras lavadeiras?

Engoli em seco e apertei os dentes. Mesmo com o estômago revirado pela sensação de algo ruim ainda ressoando em minha mente, sabia que precisava manter o disfarce a qualquer custo. Ergui o olhar por um instante, o suficiente para ver o brilho de desconfiança em seus olhos.

— Eu me perdi das outras pela mata. Se lhe causei incômodo, peço desculpas. Como disse, sou uma simples lavadeira, nada mais. Só quero voltar para casa.

O rosto do soldado se contraiu em um sorriso enviesado. Ele não acreditava nas palavras, mas parecia saborear o jogo. Seus olhos se moviam de mim para a trouxa, e depois para os arredores, avaliando meu corpo. Senti nojo imediatamente.

— Vamos lá. Abra o que tem aí.

Eu só tinha uma saia limpa.

Meu olhar novamente fugiu rapidamente para a estrada deserta atrás de nós. Ainda nada de Rossi. Uma voz ressoou em minha mente: "A aproximação dele carregará ruína".

O cão papal avançou com um passo firme, deixando claro: sua paciência havia se esgotado. Em um gesto brusco, seus dedos pesados agarraram meu braço, soltei um gemido abafado de dor. Sem qualquer resquício de delicadeza, arrancou as roupas das minhas mãos e a lançou ao chão. O impacto espalhou os tecidos. O soldado me forçou para baixo, pressionando meus ombros com brutalidade. Minhas pernas cederam, e me vi forçada a ajoelhar sobre as pedras gélidas.

Ele se inclinou, o hálito acrimonioso roçou meu rosto enquanto segurava firmemente o fuzil em posição ameaçadora.

— Fique de joelhos, sua vadia! — rosnou. — Não se mova!

Engoli o orgulho ferido e me forcei a não reagir, apertando os dentes para conter as lágrimas ardentes, fruto da raiva borbulhando dentro de mim. Eu estava reduzida àquela posição degradante sobre as pedras ásperas de Roma.

Um som distinto surgiu. O peso autoritário de cascos ferrados encheu a passagem, e o cavalo negro de Rossi apareceu. A cena diante dele: meus pertences atirados ao solo e minha figura humilhada aos pés do guarda, foi suficiente para suscitar uma reação furiosa no oficial.

De cabeça baixa, apenas ouvi o homem desmontando do cavalo, dando passos largos que o levavam na direção do seu subordinado.

— Senhor, essa...

Ergui levemente os olhos.

Assisti a sua bravura, usando sua mão direita coberta pela luva de couro para agarrar o colarinho do uniforme do soldado, o calando. Impulsionado por raiva, ele arremessou o soldado contra a parede, o segurando firmemente lá.

— Quem lhe deu autorização para se desfazer das coisas desta mulher e obrigá-la a se ajoelhar, soldado? — a voz de Rossi soou firme.

— O...oficial... desculpe... — o cão murmurou, com a voz tremendo de pavor. — Eu não tinha ideia... pensei que fosse apenas uma contrabandista de sal...

— Você não tem o direito de fazer qualquer julgamento, soldado! — Rossi grunhiu, inclinando o rosto em direção ao homem friamente. — Essa mulher estava sob minha proteção fora dos extramuros. Eu a interroguei na floresta e a mandei ir à frente, estava perdida das outras lavadeiras. Ao levantar sua mão contra ela, você desrespeitou minha autoridade!

Rossi soltou o homem, empurrando-o para o lado. O soldado caiu de joelhos, tossindo, tentando recuperar o ar, antes de se levantar rapidamente. Ele ficou de cabeça baixa, tremendo de vergonha, sem se atrever a emitir um som.

— Reúna tudo. — Rossi ordenou. — Agora.

O guarda começou a pegar minhas coisas com as mãos trêmulas. Rossi então virou lentamente o corpo na minha direção. Seu semblante começou a perder a hostilidade, e ele estendeu a mão para me erguer. Lágrimas escorreram por minhas bochechas.

Continuei de joelhos, sentindo o braço latejar. Olhei para a mão ofertada de Rossi e, em seguida, para o cão envergonhado de cabeça baixa. A verdade daquela cena reavivava, o medo do meu presságio: a fúria incansável daquele homem para me proteger era exatamente a faísca que acenderia sua condenação.

Recusei sua ajuda, percebendo um brilho em seus olhos e desviei rapidamente a atenção, me levantando sozinha.

Arranquei rapidamente os tecidos das mãos trêmulas do guarda.

— Vá para casa. — Soou a voz de Rossi, recuperando a frieza, apesar de seus olhos ainda estarem fixos nos meus, suplicando um sinal de que eu estava bem. — E não se desvie mais do caminho.

Virei as costas, caminhando firmemente para longe do arco. Ao me misturar com as primeiras ruas movimentadas e lotadas do interior de Roma, o calor do peito dele e o sabor do beijo furtivo pareciam desaparecer no bafo de lenha da cidade.

Capítulo XVIII

Zaira

Depois de passar a manhã de sábado pensando em todo acontecimento, ao chegar em Transtevere, estendi a única saia limpa na janela e fui para o pátio, onde tínhamos o costume de cozinhar *fagiolata* com outras mães de família *gadjé*. Agradeci por meu irmão não estar por perto, pois ele desconfiaria o quanto eu estava aflita e suando.

Peguei a pesada colher de madeira e me aproximei do caldeirão de ferro que borbulhava sobre o *braciere*[22] de carvão, no centro do pátio. A fumaça densa subia em espirais, ardendo meus olhos e misturando com o cheiro forte de *strutto*[23] e do alho amassado. Curvei o corpo sobre a panela comunitária e comecei o movimento ritmado de mexer os grãos grossos de feijão.

Precisava daquela tarefa física e exaustiva, precisava do calor do fogo justificando o suor na minha testa e o ardor da fumaça camuflasse as lágrimas de nervosismo.

Conforme as *minenti* [24] batiam os ombros contra os meus, gesticulando alto e derramando canecas de água na minestra, minha mente mergulhava de volta na escuridão da mata.

Rossi e eu nos beijamos.

Aquela boca se colou à minha, nunca imaginei encontrar desejo em um *gadjé*. O pesadelo imediatamente voltou, e me lembrei de quando questionei encontrar a morte ou o amor. Aquilo não poderia acontecer, eu não poderia estar... apaixonada. Não!

Fui tola. Era uma sensação diferente, intensa. Ele não saia da minha cabeça.

Quando o ensopado finalmente ficou pronto, as mulheres começaram a servir as porções em tigelas de barro. Sentei em um dos degraus de pedra, devorando a fagiolata. Assim que a última colherada desceu pela garganta, limpei os dedos no avental e as

22 Braseiro.
23 Banha de porco.
24 Mulheres conhecidas localmente.

coisas usadas por mim, e me despedi com um aceno tímido. Fui para o pequeno e abafado cubículo.

A noite chegou a Trastevere, trazendo o frio do rio Tibre. Aproveitando a ausência do meu irmão, usei a caneca de água morna que trouxera do pátio para me limpar, no canto escuro do cortiço. Me sequei rapidamente e vesti a camisola de linho bruto. Sentada na beira da enxerga de palha, soltei os nós do meu cabelo comprido na penumbra, quando a porta foi escancarada.

A lamparina usada por meu irmão iluminou o espaço, fazendo o estômago embrulhar, pois ele parecia aflito. O que se passava na cabeça daquele homem?

— Francesco, está tudo bem? — Ajeitei o corpo, sentindo o frio arder.

— Não seja tola... e nem tentem me passar pra trás. — A nossa língua *Sinti* ecoou, e meus pelos arrepiaram.

A chama amarelada iluminava seus olhos flamejantes. Meu irmão era meu protetor, ele mandava em mim, e sempre me restava apenas obedecer.

— O que aconteceu? Não podemos falar em voz alta nosso dialeto diante dos romanos. — O respondi baixinho, na nossa fala.

Levantei, séria.

— Acha que não sei a razão dessas suas desculpas de buscar serviço aos sábados e sumindo hoje pela manhã toda? Não sou tão idiota assim!

— Francesco...

O coração ganhou um ritmo brusco.

— Maldição, Zaira! — Ele andava de um lado para o outro, enfiando os dedos livres em seu cabelo. — Você voltou com essa de feitiçaria! Os gadjé são sempre gadjé. Não dá para confiar em nenhum deles... em ninguém aqui.

Soltei uma respiração profunda de alívio. Por um instante pensei que ele soubesse de algo sobre o Rossi.

— Francesco...

Tentei argumentar, mas a rigidez em sua postura silenciou qualquer tentativa de resposta.

— Nós vamos voltar para o clã, tentaremos encontrá-los. Voltaremos sem problemas, o clã haverá de nos aceitar...

— Francesco!

Ouvi sua respiração pesada.

— Não voltei a praticar nada! — Coloquei as mãos sobre o peito. — Fui sábado para ganhar o pão e hoje de manhã saí com as outras lavadeiras.

— Como quer que eu acredite em você depois do que passamos? Sua teimosia e esse seu coração selvagem me deixam de cabelos em pé.

— Porque não sou tola como pensa. Acha que colocaria sua vida em risco? Jamais! Você é meu irmão, a última pessoa que me resta neste mundo horrível.

— Eu não sei, Zaira... não sei!

Suspirei fundo.

— Pode ficar despreocupado... não quero acabar como nossa mãe.

— Não diga o que não sabe. Deite-se e durma. Não quero mais saber dessa conversa.

Saiu do local. Um aperto no peito surgiu.

— *Che miseria.*

Sentei-me novamente, por fim deitando-me, tentando apagar lembranças e a raiva borbulhando dentro de mim, e fechei os olhos, deixando o descanso vencer.

Não havia nada do cortiço ao meu redor, eu pisava no mármore gélido de corpo de guarda dentro dos muros de Roma. As luvas que antes aqueciam minhas mãos estavam no chão, tingidas com sangue. Na penumbra, avistei a figura rígida de Rossi ajoelhado, cercado por homens, com lâminas impiedosamente apontadas para seu pescoço. Eu assistia a tudo aquilo de longe, sentindo uma dor terrível no peito, parecia que tínhamos algo mais intenso, profundo... amor. É, amor... pois ardia, queimando o coração. Estava com medo de perdê-lo, como nunca tive antes, um medo angustiante.

Acordei com um sobressalto, sufocada por um grito. Uma camada de suor frio escorria por meu pescoço, colando o tecido à minha pele. Meus olhos, ainda ofuscados pela escuridão, vagaram ao redor enquanto eu tateava à procura de palha. Pela fresta na madeira, a primeira luz de um domingo nascente fez meus olhos arderem.

Rossi. O mármore, o sangue… o presságio ainda pulsava em meu peito. Eu precisava encontrá-lo.

Ignorei o cansaço e o medo de Francesco acordar. Caminhei até o canto escuro do quarto, onde repousava a bacia. Molhei a ponta de uma tira de linho áspero na caneca de água e mergulhei o pano em um punhado de cinzas de madeira misturadas com sal, que eu guardava em um pequeno pote de barro. Enrolei o tecido no indicador e comecei a esfregar os dentes com força, sentindo o gosto amargo e a textura granulada arranharem minhas gengivas até que a boca ficasse limpa da saliva espessa da noite. Peguei uma folha murcha de hortelã, mastiguei-a rapidamente para disfarçar qualquer odor e cuspi os restos na bacia.

Prendi firmemente o cabelo sob o lenço, ajustei as dobras com cuidado e troquei de roupas, deixando o cubículo antes que o pátio começasse a se encher. As ruelas tortuosas do Trastevere me acolheram sob o silêncio das primeiras horas. Atravessando a Ponte Sisto sobre o rio, misturei-me entre os fiéis que seguiam para as missas matinais.

Meus passos me levaram por um caminho familiar em direção ao centro, onde sabia que os guardas papais rondavam com frequência.

O estômago doía, não sabia se era fome ou medo.

Ao alcançar um ponto próximo da praça, avistei-o. Meu coração hesitou.

Rossi parecia estar bem fisicamente. Impecável em seu uniforme, ereto como sempre. Mas ele não estava só. Ao lado dele, uma jovem saía graciosamente de uma carruagem luxuosa. De longe, era impossível ignorar sua marcante presença, ela parecia incorporar toda a essência da aristocracia romana. Vestida com um esplêndido traje de seda azul-pavão, a saia projetada para trás por uma crinolina elíptica formava uma cascata dramática que roçava as pedras do chão, ela irradiava elegância sob medida. Sobre seu ombro estava delicadamente pousada uma mantilha de renda negra, fixada por alfinetes de joia em seu penteado. Sua pele alva era cuidadosamente resguardada do sol graças a uma sombrinha adornada com babados que ela segurava com luvas de pelica imaculadamente brancas. Seus cabelos castanhos e brilhantes estavam moldados em um penteado elaborado, com cachos minuciosamente torcidos, emoldurando sua nuca. A cada leve movimento de sua cabeça, os brincos de pérolas reluziam à luz da manhã conforme ela soltava risadas delicadas para Rossi, encantando-o com seu charme.

Fiquei imóvel, dividida entre o alívio de vê-lo bem e a inquietação pela visão daquela mulher ao seu lado.

Uma onda sufocante de vergonha subiu, aquecendo minhas bochechas. Meus olhos caíram sobre minhas próprias mãos. Em contraste, as luvas brancas daquela mulher brilhavam.

Rossi fazia parte daquela Terra, de carruagens imponentes e mulheres que mais pareciam obras de arte, inalcançáveis e imaculadas. Como pude ser tão ingênua? Pensar que o toque fugaz de um beijo sob o abrigo das árvores nos colocava em pé de igualdade? A sensação ruim que me arrancara do sono perdeu todo o impacto diante daquela cena. Dei um passo para trás na tentativa de desaparecer na multidão de fiéis ao meu redor.

Para evitar qualquer tipo de suspeita por parte dos guardas ou dos romanos, me mantive discreta e segui junto ao fluxo das matronas, entrando na igreja mais próxima para me misturar na missa de domingo.

Capítulo XIX

Damiano

A escuridão de um lugar diferente ondulava em tons azul. O tilintar metálico de uma fileira de botões de ônix ecoava pelo vazio, e as mãos nojentas de um homem tentavam desabotoá-los. Eu nunca iria tratá-la daquele jeito, nunca! Uma angústia sem igual apertou o peito. Zaira estava presa entre paredes de mármore que cheiravam a umidade. Ela chorava, e seus olhos estavam carregados de dor. Quando estendi a destra para puxá-la, o chão de terra batida sob os meus pés cedeu em um lodaçal viscoso que engolia carruagens. Tentei gritar seu nome, mas a garganta queimava com o gosto amargo de um conhaque e o estrondo ensurdecedor de doze disparos de Chassepot por minuto estraçalharam o silêncio, afogando seu grito em sangue.

Despertei, arfando.

O suor escorria em linhas geladas pelo pescoço, empapando o tecido. Minhas mãos tremiam sobre o colchão de palha. Forcei o maxilar, travando os dentes até a névoa do pesadelo recuar e os contornos familiares do local de pedra se firmassem na penumbra da madrugada.

Cazzo!

— Sangue de Judas, Rossi! — a voz rouca e arrastada de Nero estalou no canto do quarto, baixinho. — Pensei que os heréticos garibaldinos estivessem arrancando as suas tripas.

Virei a cabeça rudemente. Sentado na borda do catre, Nero limpava a lâmina de uma baioneta com um pedaço de estopa suja. A iluminação vinha de uma lamparina, o local estava quase vazio, apenas alguns guardas dormiam longe.

Nero estava acordado, e o cabelo desgrenhado. Provalmente estava sem sono.

— Foi apenas um sobressalto. Você fez barulho — respondi, limpando o suor da testa.

— Não me lembro de ter feito nada.

— O que faz acordado a esta hora?

— O que mais seria? O diabo daquela sopa de repolho está me revirando as entranhas — praguejou, soltando uma risada e

guardando a baioneta na bainha de couro ao lado. — E o senhor parecia estar cavalgando no inferno, isso sim. Estava gemendo feito um bezerro desmamado. Que merda de assombração foi essa? Jogue um pouco de água benta na cara antes de dormir. Mas se for uma mulher... por todos os santos, espero que ela tenha ao menos uma boca que valha o susto.

Fechei os olhos por um segundo, sentindo o peito oprimido. Nero era um homem de espírito chulo, um camponês que vestira a farda papal apenas pelo soldo e que não possuía um palmo de brio ou respeito pelas leis sagradas da Santa Sé. Para ele, a disciplina e a proibição do matrimônio eram piadas.

— Guarde as suas blasfêmias. Alguém pode ouvi-lo — sibilei, pondo-me de pé e caminhando até a bacia de estanho para esfregar o rosto com a barra de sabão de Marselha.

— Deixe que ouçam! — resmungou, dando de ombros com desdém. — Eles estão ocupados demais lambendo as botas dos cardeais no Vaticano para se importarem com o que um soldado de meia-tigela fala no escuro.

Ficou em silêncio, voltando a falar:

— Mas o senhor... anda com os pensamentos longe.

Enxuguei o rosto com violência, sentindo o atrito do linho grosso contra a pele.

— Não é nada — murmurei.

Eu tinha beijado Zaira havia quatro dias, e talvez isso tivesse arrebatado toda minha lucidez, já que ela fugia de mim. Não conseguira encontrá-la mais, nem nas vielas que eu antes percorria em direção ao casarão.

Nero soltou um riso abafado, caçoando, estalando os dedos. Espantei aqueles pensamentos.

Ele se deitou de costas, e eu me sentei onde dormia, apoiando ambos os cotovelos nas coxas, esfregando a boca onde o rastro daquele beijo ainda queimava.

Olhei novamente ao redor, e não havia ninguém por perto, mergulhado no silêncio. Fileiras de catres de ferro se estendiam pela penumbra, a maioria vazia àquela hora, exibindo leitos revirados e mantas de lã cinzentas e ásperas com o brasão borrado da Santa Sé.

Nos cantos, os armários de madeira escura dos soldados e os baús guardando os poucos pertences civis autorizados. Perto da porta de carvalho reforçada com tachas, a grande bacia de estanho refletia um brilho opaco, ao lado do cabide de ferro onde repousavam os sabres embainhados e os fuzis limpos, tudo me parecia sufocante.

— Sabe perfeitamente que em todos os meus anos nesta caserna eu nunca questionei sua honra — declarei.

Nero virou a cabeça, me fitando e ergueu uma sobrancelha. O deboche habitual sumiu por um breve instante, dando lugar à surpresa de ver o oficial do regimento falar de igual para igual.

— Eu conheço a sua têmpera sob o fogo — continuei, mantendo os olhos fixos na portinhola da janela. — O vi sustentar em Mentana quando a horda de camisas-vermelhas marchava contra as nossas linhas. Sei que, apesar de todas as bobagens e blasfêmias que cospe da boca para fora na escuridão deste quarto, o seu brio não falha quando o dever chama. É por essa razão que tolero as suas insolências perante o regulamento.

Nero soltou um sopro de riso pelo nariz, cruzando os braços atrás da nuca, embora o olhar permanecesse atento às minhas reações.

— Guarde a solenidade... — resmungou.

— Eu fiz algo que não deveria — soltei de uma só vez.

O silêncio apareceu.

Nero não fez nenhuma piada.

— E o que foi? Se envolveu em alguma armadilha ou foi coisa do seu próprio arbítrio? — perguntou.

— Uma fraqueza da carne — murmurei, sentindo o rosto queimar. — Uma criatura cruzou meu caminho nos arredores de Roma. Eu deveria ter mantido a distância que o regulamento exige, mas agi como um frouxo. Eu a beijei há quatro dias.

Ele mudou o peso do corpo, soltando um assobio longo e rasteiro.

— O Santo Rossi caiu em tentação? — Um sorriso surgiu em seus lábios de lado. — O senhor é de carne e osso, afinal. Mas por que essa cara de enterro? Mulheres vêm e vão nos cortiços da cidade, oficial.

— O senhor não entende — rebati, travando o maxilar e o peito oprimido. — Minha conduta egoísta a colocou em uma situação terrível, em perigo. E agora ela sumiu. Foge de mim pelas vielas e eu não consigo encontrá-la. Parece que joguei a honra da minha farda na lama por um capricho, e aquela boca não sai da minha cabeça.

Nero estalou os dedos e se recostou novamente, me olhando.

— Se ela está fugindo, é porque a assustou com essa sua cara — sentenciou. — O que sente por essa mulher? Não deve dar atenção para o remorso por ter quebrado as suas regras. Se bem que... acho que essa criatura fincou as garras no seu peito de um jeito que não consegue arrancar. Seu juízo está revirado por causa dela, eu vi.

Engoli em seco.

— Está delirando. — Forcei a rigidez de volta à minha voz. — Ela é uma mulher sem eira nem beira. Uma infeliz que não tem

bens, recursos, nem onde cair morta. Vive nas franjas de Roma, dependendo do acaso.

Nero ergueu uma sobrancelha, esperando que eu continuasse.

— Conhece o brio do meu cargo — continuei. — Eu jamais me associaria a alguém dessa condição. O meu posto na guarnição e a minha honra não admitem tamanho rebaixamento. É apenas... compaixão cristã pelo perigo em que ela se encontra. Nada mais.

Ele soltou um riso curto.

— Se a pobreza fosse o bastante para curar a sua febre, o senhor não estaria acordando empapado de suor no meio da madrugada. Essa moça já virou o seu mundo de cabeça para baixo.

Nero fez uma pausa, estreitando os olhos antes de estalar os dedos.

— Por isso aquela senhorita de boa estirpe estava ao seu lado no domingo, e o senhor fez tanta questão de se portar como um cavalheiro exemplar com ela... — concluiu ele, pensativo. — Era apenas um disfarce, não era? Um remédio amargo para tentar afastar esses seus pensamentos da outra.

Um silêncio desabou. As palavras rasgaram a última linha de defesa. Ele descobrira a farsa. A tentativa de me fixar em uma mulher aceitável aos olhos das pessoas... tudo não passara de um teatro patético para soterrar a obsessão que Zaira fincara sob as minhas costelas.

— O que faria se estivesse com tanta afeição por uma mulher pobre?

— Eu não pensaria nisso e saciaria o meu apetite. Pelo jeito, deve ser uma grandiosa mulher.

Antes que eu pudesse descarregar a fúria sobre ele por aquela audácia, o bronze pesado do sino de uma igreja vizinha badalou na escuridão, anunciando o Angelus da manhã. O som foi seguido pelo bater de botas no pátio da caserna: o sargento de semana começava a despertar os primeiros postos de guarda.

— Se apronte — sibilei, voltando-lhe as costas e pegando o meu sabre no cabide de ferro. — Se um único sussurro desta conversa cruzar os seus lábios fora deste quarto, eu garantirei que passe o resto do seu tempo de serviço limpando as estrebarias do Vaticano.

— O senhor pode ameaçar me mandar para lá. — Nero ergueu o corpo. — Mas sou capaz de pagar um bom grado para assistir ao dia em que esse seu coração vai ceder diante de uma coitada sem eira nem beira.

As palavras de Nero, despidas de qualquer refinamento, expunham a ferida aberta: a indigência de Zaira deveria ser uma

muralha intransponível para o orgulho, mas a lembrança daquela boca continuava a queimar minhas defesas.

Capítulo XX

Zaira

Era noite. O vento atingiu meu corpo, arrepiando a pele sob a saia. Na fonte de pedra, enchi o jarro de barro com a água limpa que a velha Piera pediu para o netinho. A calentura do menino me fez lembrar da minha mãe quando dava aos filhos infusões de cascas e folhas. Senti o peito apertar, sua presença fazia falta.

Antes de descer para a fonte, passei no casebre da velha Nona. Peguei um punhado de folhas secas de salgueiro. Escondi o maço sob o tecido do xale, colado contra as minhas costelas, bem escondido.

Caminhei rápido pelas pedras irregulares de Trastevere, equilibrando o jarro contra o quadril, e o xale escuro cobria minha cabeça.

As ruas estavam vazias, ouvia apenas minhas passadas na pedra fria e o som arrastado do rio Tibre logo adiante, cujo bafo de peixe subia. Roma à noite exalava um cheiro misturado ao esterco seco dos cavalos e a lenha úmida dos cortiços. Para mim, era uma cidade que cheirava a podridão, ardendo a pele.

Um estalo de ferro contra a pedra ecoou na escuridão, seguido do bater pesado de botas. Meu corpo travou.

Malditos sejam! São os cães do Papa!

Tentei recuar para o vão escuro de um portal, mas a barra da saia rodada prendeu em um prego da parede. Os meus dedos falharam, fazendo o impacto derrubar o jarro no chão, partindo-se. A água limpa correu rápido, misturando-se à lama preta de Trastevere.

Não! Não!

— Quem está aí? Pare agora! — A ordem veio ríspida.

O clarão amarelado de lanterna de latão rasgou a névoa, mirando meus pés, subiu pela saia e atingiu meus olhos. Pisquei, cega pela claridade.

— Ora, vejam só... uma ratazana. — O homem sibilou com escárnio.

Ergui o braço direito, tentando proteger os olhos da iluminação.

Antes de o soldado se aproximar junto ao outro homem, os passos pesados surgiram:

— Afaste-se dela, soldado. — A voz rouca causou um frio no estômago.

Era o Rossi...

O subordinado recuou um passo na hora, colocando-se com os calcanhares em posição de respeito, embora o olhar de deboche ainda estivesse lá. Outros dois guardas apareceram logo atrás, curiosos com a movimentação.

Rossi olhou para o chão, para os cacos de barro e para a água que lavava a lama. Depois, mirou meus olhos.

— Voltem para o posto principal da praça — ordenou ele aos homens. — Continuem a ronda. Eu cuidarei desta mulher. Tomem o seu rumo. Agora.

Os soldados não hesitaram, Rossi não dava margem para questionamentos.

Assim que o eco das botas deles sumiu, ficamos a sós. Rossi estava bem, nada daquele pesadelo aconteceu. O orgulho e a raiva ferida subiram queimando os dentes. Cão!

Me abaixei, juntando os cacos do jarro quebrado com as mãos trêmulas. A argila partida cortou a ponta do meu polegar, grunhi, engolindo a dor, nada perto da humilhação de estar ao lado dele. Eu queria juntar a água da lama se pudesse, só para não ter que olhar para o rosto daquele oficial.

— Zaira, o que está fazendo? Isso não vai adiantar nada — ouvi o barulho das suas botas se aproximando.

Senti o calor do corpo quebrar o frio da névoa quando ele se abaixou ao meu lado. A mão enluvada segurou meu pulso com firmeza, tentando me impedir de continuar recolhendo os cacos inúteis.

— Largue isso — insistiu, e a voz autoritária sumiu, dando lugar ao homem que eu conhecera dias atrás. — Você vai se cortar. O que faz na rua a esta hora?

Permaneci parada, olhando o chão. Em seguida, me levantei rapidamente, sendo acompanhada pelo corpo robusto.

Querendo muito, não poderia insultar um cão papal.

— Desculpe, senhor, estava buscando água para a vizinha, seu filho está ardendo em quentura. — Tentei soar obediente, mas a expressão não mentia o quanto a língua fervia.

Baixei os olhos, fingindo o temor que qualquer miserável deveria sentir diante deles, mas minhas unhas cravavam na palma da mão.

Rossi deu um passo longo, quebrando a distância. O corpo grande avançou contra o meu antes de conseguir recuar. Agarrou meu braço e me empurrou firme na direção do vão escuro, o canto de pedra onde eu ia entrar antes do jarro se partir. Ele veio logo atrás, se pressionando contra mim. Ficamos os dois esmagados naquele vão estreito, com os peitos colados e a respiração de Rossi batendo quente contra meu rosto. Em seguida, ele guardou a lanterna, fazendo a chama se apagar.

Na escuridão total da fresta do muro, o silêncio de Trastevere pareceu desabar sobre meu coração acelerado e sua respiração pesada. Dava para ouvir o som das botas da patrulha se afastando na rua de trás.

— Pare com o teatro — murmurou baixinho.

Senti um roçar de lábios contra a orelha.

— Você não precisa se fazer de boa moça quando essa sua língua está queimando de raiva.

Tentei empurrar o peito com as mãos trêmulas, mas o vão era apertado, meus dedos só conseguiram se cravar no pano grosso da farda. Minha língua continuava fervendo de ódio pelo ocorrido no domingo, mas ter o corpo dele vivo e robusto contra o meu, provando o contrário do pesadelo, arrancou-me o ar.

Ele segurou meu rosto com as duas mãos, prendendo-me contra a madeira velha do portal, e desceu a boca contra a minha, deslizando nossos lábios lentamente. Respirei profundamente, fechando os olhos com força.

— Por que agiu daquele jeito naquele dia?

Voltei a abrir as pálpebras.

— Somos duas pessoas opostas, deve ser por isso.

— Quer dizer que duas pessoas opostas não podem ter a carne queimando de desejo? E onde ficou aquela mulher que me olhou nos olhos e disse que eu não deveria tratar o coração igual a um soldado?

— Ela sabia que algum dia você marcharia para longe. — Ergui o queixo, compartilhando nossas respirações intensas. — É um ótimo cavalheiro exemplar para uma moça de boa família. As outras moças devem o achar lindo.

Seu aperto em volta do meu rosto se tornou mais intenso, e uma respiração profunda escapou de suas narinas, misturando-se à névoa úmida.

— Sinto muito. O que fui fazer... — rosnou. — Aquilo foi... uma farsa. De nada adiantou, porque acordo todas as noites empapado de suor e o seu rastro ainda queima na minha boca.

— Rossi... — implorei, sentindo as folhas de salgueiro esmagadas contra as costelas. — Não diga tal coisa por pena. Sou uma mulher simples.

— Eu sei disso — sibilou ele, colando o peito robusto contra o meu. — Mas não consigo tratar o coração como trato um subordinado. Tenho vontade de beijá-la de novo, e nada tira isso da minha cabeça. A senhorita sente o mesmo?

Como discordar? Eu sentia, e como sentia...

Confirmei com um simples gesto, sentindo o coração bater mais forte.

Em meio à escuridão, seus lábios tocaram os meus.

Foi um beijo diferente da última vez. Terno e reconfortante, que aliviou o aperto no peito, o medo e, acima de tudo, trouxe uma nova onda de ardor na pele. Rossi, curvado para alcançar minha altura, encaixou as mãos na minha nuca, por entre os fios de cabelo onde o xale já havia caído sobre os ombros. Podia sentir em cada fibra do meu ser que aquele era o meu destino: *ser alguém para ele.*

Nunca algo fez tanto sentido em minha vida.

Eu deveria me condenar por estar assim com um *gadjo*. O regulamento dele e as leis do meu povo mandavam recuar, mas no vão estreito, éramos apenas calor, desejo da carne e volúpia.

Rossi se afastou por um segundo apenas para recuperar o fôlego. Com um movimento rápido, ele arrancou as luvas de couro das mãos, guardando-as, e voltou a mergulhar sua língua na minha em um último beijo profundo, acariciando minhas bochechas com os dedos quentes em contraste com a minha pele. Sua mão direita foi até minha cintura onde ele apertou, mas não continuou o movimento, fazendo um arrepio percorrer.

Afastou os lábios.

— Preciso ir — murmurou, rouco, vencido pelo desejo.

Eu sabia, pois sentia... sentia algo entre nós dois.

O dever o chamava de volta, mas os seus dedos despidos ainda demoraram cravados na minha pele, resistindo ao recuo, e levou a mão até as ondas do meu cabelo solto. Rossi respirou fundo, tragando o cheiro dos fios.

— Não fuja de mim, Zaira. Se quiser me ver... me encontre no moinho de grãos desativado perto da curva do Tibre, duas ruas abaixo da ponte — continuou sibilando as palavras. — Eu estarei lá na noite de sexta-feira. Vá ao meu encontro e permita que eu a conduza para um encontro, por favor.

Meu irmão acabaria com minha vida...

O cão papal estava arriscando o cargo e a honra da farda para me dar um ponto de encontro secreto.

Ao se afastar, sondou os arredores, estendendo a mão e me puxando.

— Vá. Direi que era uma mulher miserável. Vai precisar de outro jarro para pegar água ao menino.

Confirmei, em silêncio.

Dei o primeiro passo, mas parei, me virando para seu corpo. Juntei ambas as mãos sobre o peito.

— Peço que tenha cautela. No dia em que o vi com a moça de família, era você que eu buscava... — murmurei.

Deixei meu sangue Sinti falar mais alto, esquecendo que Rossi não sabia quem eu era.

Rossi estacou, fixando os olhos nos meus.

— Por favor... apenas tome cuidado.

— Se importa comigo?

— Eu... sim. — Confessei, sentindo o ar fugir.

— Por que está me falando algo assim?

— Porque não quero que nada aconteça com você.

Ele permaneceu imóvel, seus os olhos escuros permaneceram cravados nos meus. Um passo foi suficiente para parar à minha frente. A respiração profunda escapou de suas narinas, e a mão quente e maior dele cobriu as minhas sobre o peito.

— Eu sei me cuidar, Zaira.

— Tá. Tudo bem então... — murmurei, mordendo o lábio inferior.

Puxei minhas mãos de volta, e coloquei o xale sobre o cabelo, caminhando pelo local estreito, sem olhar para trás, deixando o cão e os cacos do jarro quebrado na lama da madrugada.

PARTE DOIS
HONRA E AMOR

Capítulo XXI

Zaira

— Ainda está ocupado em suar pelo pão de cada dia? — indaguei, segurando o balde vazio contra minha coxa para disfarçar o tremor dos dedos.

Francesco continuou sua tarefa, dando um último golpe firme da marreta, inserindo uma cunha de metal no cerne de uma espessa tora de carvalho. A madeira estalou, rachando-se em um barulho agudo na bancada improvisada. O som reverberou nas paredes apertadas da oficina abafada, misturando-se ao ritmo das serras longas manuseadas por outros operários. Eles atuavam em duplas, curvados sobre cavaletes sob a luz fraca das lamparinas, convertendo troncos brutos em pilhas de lenha para os palácios.

No ar, senti o cheiro de serragem fresca.

Francesco enxugou o suor da testa. Seu peito subia e descia sob a camisa grosseira, desgastada e manchada pelas seivas das árvores.

— Sim — ele rosnou, sem me olhar. Os dedos grossos tatearam a bancada em busca da próxima torquês. — O mestre do depósito da *Via dela Lungara* só paga a lenha que entregarmos ensacada antes do amanhecer. As carroças e os cavalos do norte foram confiscados para o esforço de guerra. O custo de transportar madeira pelo rio dobrou.

Ele colocou outra cunha. Quando percebeu que eu ainda continuava parada, levantou os olhos castanhos e pesados em minha direção, examinando o lenço na minha cabeça e o balde.

— E quanto a você? O que está fazendo na rua a essa hora?

Engoli em seco, preparando-me para a mentira.

— Marta conseguiu um serviço por fora para mim. O taverneiro da esquina prometeu me pagar três liras se eu levasse as fivelas de bronze limpas e enchesse este balde na fonte — menti. — Se eu não for agora, os guardas do Papa-Rei vão bloquear o acesso à praça para dar água aos cavalos da cavalaria.

Francesco deixou a marreta cair sobre a bancada. Ele lançou um olhar rápido ao redor, notando que dois homens estavam concentrados.

— Continuem o corte! — ordenou ele aos homens lá dentro.

Antes de recuar, seus dedos calejados se fecharam em meu braço. Francesco me puxou em direção à saída, arrastando-me pelo corredor estreito até ultrapassarmos o limite da oficina, momento em que o ar da noite nos envolveu. Ele liberou meu braço quando estávamos encurralados contra a parede de pedra, longe da atenção dos olhos e ouvidos dos demais trabalhadores.

— Não deve fazer isso, Zaira! Na rua a essa hora? — deu-me um sermão. — Olhe para este céu! Não estamos com o clã, não temos uma caravana para nos defender caso algo aconteça. Nesta cidade maldita, somos apenas eu e você!

Ele respirou fundo, soltando o ar quente contra minhas bochechas.

— Eu sei me cuidar! — rebati. — Não sou mais uma criança para você carregar nos braços. Nada vai me acontecer!

Seu suspiro fundo o fez apertar os olhos antes de voltar a me encarar.

— Encha esse balde, pegue as liras e volte correndo — murmurou. — Se algum *gadjó* cruzar seu caminho, abaixe a cabeça e diga que está a serviço do sacristão de Santa Maria. Por favor... nada pode acontecer.

Olhando para ele, por um instante quase desisti.

Meu pobre irmão... como o amava e tinha medo de perdê-lo.

Ele me lançou um leve olhar tenso e voltou para a penumbra, batendo a porta de madeira atrás de si. Fiquei sozinha no sereno, sentindo o braço ardendo onde ele havia me segurado e o coração batendo na garganta. A desculpa tinha funcionado, mas eu não ia para a fonte.

⚔⚔⚔

Abandonei as ruas escuras de Trastevere, desviando-me pelas sombras das tabernas. O aroma de pedra molhada e o som dos sampietrini foram substituídos pela terra batida e pelo capim alto da margem. Enquanto me dirigia ao rio, o balde, vazio e sem propósito, balançava em minha mão esquerda.

Sentia o coração pulsando, as entranhas revirando e a boca seca.

O som do rio Tibre aumentou.

O que Rossi pensava? Estava ansiosa para vê-lo.

A correnteza batia com violência contra as fundações de madeira velha do moinho desativado, fazendo a imensa estrutura flutuante ranger. Parei, observando em meio à iluminação da lua, o local ancorado à margem por correntes grossas de ferro estalando a cada solavanco da água.

Atravessei a passarela instável, tateando o corrimão áspero, enquanto o chão oscilava perigosamente sob meus pés a cada rajada de vento e força do rio. Ao abrir a porta da cabana flutuante, ouvi o rangido, e o ar fechado me atingiu: um cheiro de umidade e madeira em decomposição.

O antigo farelo de trigo, deixado para trás quando as novas máquinas a vapor condenaram o local ao abandono, estava impregnado de forma quase azeda nas frestas. O moinho estava um breu, menos pela iluminação lunar.

Meus olhos se esforçaram para penetrar a penumbra, buscando o contorno preciso dos ombros largos de Rossi, mas o feixe prateado do luar mostrava apenas o vazio. Deixei o balde no chão, sentindo o coração ainda acelerado e as mãos ainda suadas.

Uma sensação gélida apertou meu peito. Como pude mentir para Francesco a troco de nada?

Olhei ao redor, desolada. Não havia ninguém além de mim. Aproximei de uma das enormes mós de pedra, tocando a superfície.

Uma onda de intuição me tomou. Minha alma percebeu o calor repentino no ambiente antes de ouvir:

— Minha *bella*?

O coração falhou. Girei o corpo. Rossi...

Ele saiu do isolamento da sombra e avançou diretamente sob o feixe de luar. Colocou a mão esquerda no bolso interno do seu enorme casaco. Seus dedos grossos se moveram, tirando de lá algo pequeno e delicado, estendendo a mão aberta em minha direção. Era apenas uma margarida brava, sempre as vi pelos caminhos. Brava era como eu as chamava, pois cresciam teimosamente onde não deviam.

As pétalas brancas estavam um pouco amassadas pelo calor do corpo, porém o miolo amarelo continuava a brilhar. Sorri, sentindo o aperto no peito sumir, e me aproximei lentamente.

— Um dia qualquer vi uma dessas na estrada e custei a achá-la novamente — disse.

Olhei novamente para seu rosto tão bonito... ele aparentava estar envergonhado, o que destoava de sua estatura imponente.

— Sei que não é muito... em verdade, ao vê-la à beira do caminho, só consegui pensar em você.

Ao aceitar o presente, estendi meus dedos e toquei a pele quente da palma dele. A flor contra o peito, mantive os olhos marejados fixos nos dele.

— Obrigada. Nunca ganhei nada assim antes — sussurrei.

Fiquei em silêncio, sentindo a quentura nas bochechas.

Rossi notou o brilho das lágrimas teimosas em meus olhos e decidiu dizer:

— Venha. Está tremendo.

Ele entrelaçou seus dedos nos meus e me conduziu delicadamente. Meus pés exploravam tábuas. Rossi nos conduziu até os fundos onde o vento já não soprava tão intenso. Naquele canto, improvisou um abrigo: quatro sacos de juta velhos, ainda cheios de palha seca que os ratos não haviam consumido, foram distribuídos como um leito perto de uma lamparina no chão.

Ele foi o primeiro a se sentar, encostando as costas largas na base de madeira, e puxou suavemente meu braço, convidando-me. Instalei-me ao seu lado, ajustando a saia, fazendo nossas coxas se tocaram imediatamente.

— Deixe-me ajudar a se acalmar.

Ele estendeu o braço longo atrás dos meus ombros, me puxando para perto e envolvendo meu corpo com o seu. Apoiei a cabeça em seu peito e escutei o forte e ritmado pulsar do seu coração por baixo do casaco. Soltei um riso anasalado, admirando a margarida em meu colo.

— Do que a senhorita está rindo? — Rossi sussurrou próximo ao topo da minha cabeça, conforme acariciava suavemente meu ombro.

— De nós dois — respondi.

Mantive os olhos fixos nas pétalas brancas e amassadas, girando-a delicadamente entre os dedos.

— O que há de engraçado?

— Olhe para isso. Você é um cã... guarda do Papa-Rei, o braço forte da maior autoridade desta cidade sagrada. E sou uma mulher comum, e aqui estamos nós, com o oficial me oferecendo uma flor que encontrou no barro da estrada. Se o mundo exterior pudesse nos observar neste momento, pensaria que perdemos a razão.

Rossi soltou um riso breve, soprando um ar quente em direção ao meu cabelo. Ele apertou o braço, puxando-me ainda mais contra o calor do seu peito.

— Gostaria de lhe confessar algo.

Ergui levemente os olhos, encontrando os dele fechados.

— Sim?

Seus olhos foram abertos, me fazendo perder o fôlego.

— Por que veio até mim no domingo? Qual era a verdadeira razão? Isso tem assombrado minha alma desde então.

Engoli em seco.

— Eu...

— Diga-me a verdade.

— A verdade... — suspirei.

A verdade não... apenas o que podia oferecer a ele.

Rossi continuou na posição de lado. Sua perna esquerda repousada levemente sobre o saco e o corpo encostado na parede, me olhando. Passou os dedos pelo bigode e molhou os lábios antes de esperar minha resposta. Seus olhos sempre me faziam perder a respiração.

— Não costumo ter pesadelos, não é algo frequente — confessei, baixando o tom de voz. — Naquele dia, tive um pesadelo ruim durante o sono... e o senhor estava nele.

— Não me chame de senhor — retrucou prontamente. — Não deveriam ser seus pensamentos ocupados pelo nosso beijo?

Exibiu um meio sorriso, fazendo as pequenas rugas ao redor dos seus olhos se curvarem.

Desviei o olhar por um instante, sentindo minhas bochechas queimarem. Meus dedos pressionaram o caule frágil da margarida.

Rossi pensava que era apenas o romantismo de uma jovem apaixonada. Jamais entenderia a angústia de uma visão escondida em meu sangue.

— O beijo também não sai do meu pensamento — murmurei, esforçando-me para encará-lo novamente.

O feixe cinzento do luar roçava seus cabelos escuros.

— Mas eu te vi... em risco.

Ele ajustou sua posição. O sorriso desapareceu, substituído pela seriedade. Estendeu a mão, tocando a ponta do meu queixo.

— As velhas de Bérgamo diziam que as mulheres leem o destino — murmurou. — Nunca acreditei nessas heresias. — Quase deixei um suspiro escapar. — Um soldado não tem medo da escuridão, nem do sangue que possa derramar na batalha. Deixei minha terra disposto a morrer pelo Papa-Rei, se for essa a vontade de Deus. Você tem medo por minha causa?

A verdade é que eu estava apavorada porque minha alma já estava costurada à dele.

— Tenho — sussurrei.

Éramos duas almas irremediavelmente ligadas, onde a dor de uma se tornaria o martírio bem antes de qualquer mal físico acontecer.

Seu pomo de adão subiu e desceu, tocado pela pureza das minhas palavras.

— O que viu em mim, quando todos ao seu redor devem dizer o quanto me odeiam? É uma mulher pobre, vive aqui em Trastevere... e as pessoas deste bairro cospem no chão quando eu passo.

— E o que o senhor viu em mim, quando deve ter tantas boas moças de família ao seu redor?

Algo ferveu em meu peito que nem notei o tom mais bruto da minha voz, despida das sutilezas.

— Já lhe disse para não me chamar de senhor — encurtou o espaço, segurando minha mão livre. — Essas moças de família de quem fala... olham para mim e enxergam apenas as terras que meus pais possuem, ou a segurança morna de um casamento abençoado pelo padre. Elas amam o brasão e o que eu represento, não o homem de carne e osso que sou.

— E isso deveria bastar. É algo conquistado pelo dever e pela sua honra.

— Bastava... — deslizou a ponta da língua pelo lábio superior. — Mas não mais. Não depois que a conheci. Não depois que percebi o que é ser enxergado de verdade.

Senti um arrepio violento correr pelas minhas costelas, tocada pelo magnetismo espiritual daquela confissão. Era o destino se amarrando, eu pude sentir o nó se fechando em meus ossos. Estávamos juntos, o que mais seria senão o destino?

— Rossi...

A mão grande subiu por meu braço, deixando um rastro de calor na pele arrepiada, até alcançar minha nuca. Seus dedos enterraram-se na pele por baixo do tecido do xale. Ele se inclinou sobre os sacos, esmagando o espaço que nos separava. Nossos lábios se uniram. Os sentimentos ferviam de vez em meu peito: medo, paixão, paz...

Abandonando meu queixo, fechou os dedos em volta da minha cintura, erguendo levemente meu corpo. Antes que eu pudesse processar o movimento decidido, ele mudou o peso sobre a perna esquerda e me deitou de costas sobre a pilha de sacos.

O impacto fez meu peito doer, mas não houve momento para o susto. Rossi veio logo em cima, inclinando o tronco largo até que seu peito colasse contra o meu, prendendo-me suavemente sob a sua estrutura protetora.

O calor de sua pele incendiou.

Com pressa, os dedos dele subiram para minha nuca, desfazendo o nó do lenço. O tecido deslizou e meus cabelos escuros caíram livres sobre as sacas, misturando-se à palha.

Soltei um suspiro sibilado quando a boca dele capturou a minha novamente, sem o acanhamento do início. Parecia faminto por mim.

Abandonando a margarida, espalhei minhas mãos pelo peito dele. Quando se afastou, o ajudei a despir o casacão pesado de lã, livrando-o. Rossi parecia maior e perigosamente real. Sob a iluminação fraca da lamparina no chão, com a camisa de linho aberta até o meio do peito, pude finalmente enxergar aquele homem por inteiro, sentindo a textura dos pelos.

Meus dedos rastearam, por baixo do tecido, o desenho firme de seus ombros largos e músculos duros.

Ouvi sua respiração tensa.

Cruzei a linha da sua carne repuxada até suas costas tensas, encontrando com as pontas dos dedos cicatrizes.

E, quando voltou a me beijar, me entreguei novamente.

Capítulo XXII

Zaira

Rossi soltou um gemido baixo contra a minha boca.

O calor correu por meus ossos, fazendo meu ventre explodir em desejo. Minha pele clamava pelo toque dele, pela pressa de suas mãos enormes me moldando contra a sua estrutura. Além do fogo da carne, minha alma gritava pela dele, ansiando por algo eterno. Sentia-me implorar para salvá-lo do sangue que o aguardava no futuro. Eu o queria para sempre: o calor de seu corpo e seu espírito amarrado ao meu.

O homem prendeu meus quadris com o peso de seu corpo, colando-nos, um jeito que me fez perder o fôlego. Suas mãos desceram ardentes por minha cintura, apertando-me. Através das camadas pesadas da saia e do tecido grosso da calça, senti a rigidez latejante de seu desejo pressionar contra meu ventre. Uma presença quente, denunciando o quanto a luxúria o dominava. O toque acendeu uma quentura que subiu por minhas costelas, fazendo meu corpo arquear.

Minha alma implorava por aquilo e minha carne reconhecia o quanto ele me desejava.

Nossos peitos subiam e desciam, lutando por ar. Rossi se afastou dos meus lábios. A respiração quente e pesada bateu contra minha bochecha enquanto ele fechava os olhos com força.

— *Perdizione mia...*[25] — sussurrou, rouco.

Ele abriu os olhos, devorando cada linha do meu rosto.

— Você tem algo no corpo. Algo que nunca senti antes. Algo que arde. Não sei que mistério você guarda, mas... nunca tive essa perturbação antes. Meus pensamentos não me obedecem mais quando estou perto de você.

Ele soltou um suspiro sôfrego, colando nossas testas úmidas. Sua mão desceu pelo contorno do meu quadril, apertando a carne. Já a outra deslizou por minha face.

25 Minha perdição.

— Diga que você quer isso tanto quanto eu... — rogou perto da minha boca. — Diga que também quer se perder em mim.

Olhei no fundo de seus olhos escuros, vendo o reflexo da chama da lamparina vacilar.

Rossi achava que estávamos apenas nos perdendo em um pecado noturno, mas nós estávamos nos encontrando, e eu sentia isso.

— Eu quero... — murmurei contra os seus lábios, mordendo o lábio inferior.

Ele parou, tensionado o corpo, sem desviar nossos olhos. Um vinco de angústia cortou sua testa.

— Não aqui... — confessou, apertando novamente minha pele. — Você incendeia minha alma, mas neste lugar... não. Você merece lençóis limpos, o calor de uma lareira. Queria dar à senhorita a dignidade que um homem deve dar à mulher que ele venera. Eu queria te levar para longe, para um lugar onde eu pudesse te amar de verdade.

Um sorriso triste e manso tocou meus lábios diante daquela honestidade.

Rossi falava com a mente de um homem de sua classe, sem entender que, para meu povo, o mundo inteiro é nossa casa.

— Rossi... — sussurrei, acariciando seu rosto e sentindo o bigode.

— Me chame de Damiano. Fica melhor em sua boca.

— Damiano...

— Sim, minha *bella?*

— Quero que faça amor comigo.

— *Cazzo*... — rosnou. — Sabe que se não estiver pronta, não precisamos fazer isso.

— Estou apaixonada por você.

O peito de Damiano travou contra o meu, parecia perder o ar nos pulmões. Seus olhos arregalaram novamente e seus lábios se abriram em um suspiro trêmulo.

— Não sabe o que está fazendo comigo, *bella*..., mas Deus me ajude... não há nada na terra que se compare ao que sinto quando olho para você. Se me quer, eu sou seu.

Ele não sabia do meu sangue, mas sua alma reconhecia a minha. Puxei-o pela nuca, colando nossos lábios outra vez em um beijo. A última barreira de Damiano desmoronou contra minha boca.

A doçura dos seus lábios encontraram os meus, minha língua e o atrito dos seus dentes. Arfei, afundando os dedos nos fios de cabelo dele.

Suas mãos subiram pelas minhas coxas quando as encaixei em sua cintura, erguendo as camadas pesadas da saia.

Era isso... eu estava decidida. Não podia esperar pelo amanhã quando o futuro era incerto.

Capítulo XXIII

Damiano

O fôlego ficou preso na garganta. Perdi o juízo quando ela voltou a me beijar decidida, sem se importar com o lugar tão... impróprio para um homem da minha posição. Aquele momento a tornava diferente de todas. Vê-la deitada sob meu corpo, com seus cabelos escuros espalhados pela palha, me fez sentir os deveres de toda a minha vida: minha disciplina, criação e meus juramento serem questionados.

Inclinei-me sobre Zaira, esmagando a sua boca com desespero.

Afastei-me o suficiente para que meus olhos pudessem gravá-la na memória. Na iluminação fraca e dourada da lamparina, ela era uma visão que nenhum altar de mármore do Vaticano conseguiria igualar.

Desci as mãos até as amarras de seu xale. Desfiz o nó com cuidado, deixando o tecido pesado deslizar pelos ombros dela, revelando a pele morena e quente. Meus dedos encontraram os cordões do corpete. Abri cada um deles, ouvindo o ritmo de sua respiração acelerar.

— Olhe para mim — pedi. — Eu jamais a magoaria. Se quiser parar, *bella*, basta pedir.

— Está bem.

Quando afastei o tecido, seus seios subiam e desciam rapidamente.

— *Cazzo*... você é linda.

Comecei o caminho por seu pescoço, deixando ali um beijo demorado e quente, fazendo-a soltar um suspiro sibilado. Desci meus lábios pela linha suave de sua clavícula, saboreando o calor de sua pele, descendo entre seus seios, até alcançar a curva macia de sua costela. Ela arqueava-se contra mim, segurando meus ombros com força, incendiando-me o sangue.

Minhas mãos continuaram o desnudamento, descendo pela tapeçaria pesada de sua saia. Desfiz os nós firmes em sua cintura e, com um puxão, livrei-a daquele mar de tecidos e suas *cioce*[26].

Afastei-me. Precisava me livrar do restante das roupas. Abri os botões da minha calça de lã, empurrando o tecido pesado e os suspensórios para baixo, livrando minhas pernas até restar apenas a minha pele exposta, lutei contra as fivelas das polainas de couro arrancando as botas depressa.

Voltei a me deitar sobre ela, sentindo o choque do meu corpo rígido contra a maciez acolhedora de suas curvas. Tateei a sua última proteção: a calçola de linho rústico branca, amarrada na altura dos quadris. Puxei as fitas laterais, desfazendo o nó, revelando a fenda aberta entre as coxas.

A poeira da palha subia ao redor da chama, encontrando finalmente a nudez total, quente e úmida de sua intimidade. A visão daquela moça inteiramente entregue a mim obliterou qualquer rastro de razão ainda restante.

Os pelos escuros do meu peito arranharam a pele macia de seus seios e minhas mãos grandes prenderam seus quadris.

— Tudo bem? — perguntei, rouco.

— Tudo. Continue — ela se moveu, buscando por meu toque.

Guiado por uma onda de desejo, não a tomei de imediato. Desci por suas curvas, entregando-me àquela nudez perfeitamente natural e intocada, e afundei meu rosto entre suas coxas abertas. Enquanto minha boca encontrava o centro de seu calor, adorei-a com lábios e língua, experimentando de sua essência.

Algo selvagem atingiu as minhas costelas. O sabor dela era quente. Apertei a carne macia, mal me controlando, ouvindo os gemidos baixinhos e o puxar nos fios do meu cabelo. Afundei o rosto na intimidade daquela mulher que parecia o único vislumbre de céu que eu já tivera na vida. Sentir seu corpo arquear-se e tremer contra minhas bochechas a cada toque da minha língua, dava-me poder. O coração estava acelerado, assim como a respiração.

Quando ergui, Zaira estava trêmula, com o fôlego fraco pelo toque da minha boca. Seus olhos pareciam duas estrelas escuras e perdidas, recordei de quando admirava o céu da caserna e imaginava o olhar dela refletido na imensidão do firmamento.

Apoiei meu peso sobre os cotovelos, acomodando o corpo rígido ao dela. O pulsar do meu desejo ardia contra o seu ventre, pronto e exigindo o fim daquela deliciosa tortura.

Aproximei meus lábios de seu ouvido, sentindo o calor emanando de sua pele arrepiada.

---

26 Calçados de tiras de couros.

— Agora você é minha. Eu vou te tomar de um jeito que você nunca vai esquecer, até você ser inteiramente minha, *bella*. Tê-la em meus braços é o meu segredo mais belo.

Ouvi um suspiro escapar de seus lábios, misturado a um riso fraco e necessitado que me incendiou o sangue de vez. Zaira não tinha medo da minha bruteza.

Sem usar artifícios[27] luxuosos comprados nos palácios da cidade, estávamos inteiramente entregues ao destino e à sorte da carne. Abri espaço entre suas coxas e, embora o meu sangue fervesse, contive a força dos meus músculos. Eu nunca havia estado no corpo de uma mulher inexperiente daquela maneira antes, era a minha primeira vez, e o medo de feri-la era maior.

Lento, empurrei meu quadril para a frente, penetrando-a devagar, afundando-me no centro de seu calor acolhedor.

Um gemido saltou da garganta dela, e suas unhas cravavam nas minhas costas. Abafei suas queixas colando nossos lábios. Sentir o corpo dela ceder, se moldar e abrir para me receber, fez meus olhos se encherem de uma névoa quente. A confiança veio aos poucos, afastando o receio inicial de machucá-la conforme nossos movimentos se alinhavam.

Estava prestes a alcançar um ápice que nunca imaginei existir, uma onda de calor violenta roubando o resto da minha razão.

O corpo dela tensionou. Seus quadris curvaram-se para cima, e um gemido escapou de seus lábios, ecoando conforme sua carne pulsava ao redor da minha rigidez.

Zaira se contraía em espasmos quentes de prazer. *Ela havia alcançado o topo do mundo.* Ver e sentir o êxtase dela provocou uma onda de calor intenso. Eu estava prestes a cair na mesma tempestade, levado pela urgência de desabar junto com ela.

O medo do amanhã atingiu minha mente. O risco de uma gravidez... a desonra que cairia sobre ela e a ruína das nossas vidas se um filho bastardo fosse feito naquela noite.

Meu instinto e minha honra de homem falaram mais alto do que o prazer.

Rugi abafado no pescoço de Zaira, reunindo as últimas forças, empurrando meu corpo para trás. Rompi o nosso encaixe perfeito no último instante, deixando o calor do meu ápice se derramasse inteiramente sobre a juta áspera e a palha seca, longe da intimidade dela.

Desabei de lado logo em seguida, com o peito subindo e descendo. O corpo tremia pelo esforço daquela renúncia de

27 Uma espécie de preservativo.

última hora, mas meu braço moveu-se, puxando-a para junto do meu peito cabeludo e suado.

Eu havia protegido o futuro da mulher da única maneira ao meu alcance, depois de tê-la inteiramente para mim.

Estiquei o braço tateando a palha ao lado até encontrar o meu casacão de lã pesada.

Havia entregado minha carne e minha alma à luxúria de uma criatura. Ao observá-la, acolhida no calor que havíamos proporcionado, o espírito não carregava o fardo do diabo. Sentia tranquilidade.

Com cuidado, puxei os tecidos sobre nós, cobrindo nossos corpos nus. Zaira se aconchegou ao meu lado, apoiando a cabeça no meu pescoço.

— Damiano...

— Estou aqui, *bella* — respondi, fechando os olhos e colando meus lábios no topo de sua cabeça.

A apertei um pouco mais contra mim, sentindo uma paz assustadora inundar o peito. Olhei para as vigas velhas do teto. Meus pensamentos não me obedeciam mais.

— Quem eram seus pais? — perguntei baixinho, movido por uma vontade genuína de desvendar o mundo de onde ela vinha.

Senti o corpo dela ficar tenso.

— Por que a pergunta? — rebateu ela de pronto.

— Apenas curiosidade, não precisa se assustar.

Não queria que ela pensasse que eu a estava interrogando como um guarda. Para desarmar aquela defensiva, decidi entregar a minha verdade:

— Meu pai foi morto quando eu tinha doze anos, e minha mãe faleceu quando eu tinha vinte e cinco anos, *mal do peito*[28].

— Sinto muito. Eu mal conheci o meu... — confessou ela. — Ele foi levado deste mundo quando eu tinha apenas dois anos. Minha mãe sempre me dizia que ele era um homem justo. É a única lembrança que guardo dele: o orgulho nas palavras dela.

Uma angustia sufocante cerrou o peito. Eu tinha doze anos quando vi meu pai partir, e a dor demorou a cicatrizar, não conseguia imaginar crescer sem lembrar do rosto do homem que me deu a vida. Aproximei meus lábios de sua testa, mas antes que eu pudesse confortá-la, ela continuou:

— E a minha mãe... ela foi tirada de mim logo depois, quando eu ainda era uma criança. Eu vi a maldade dos homens cedo demais, Damiano. Sofri muito depois que ela se foi. Há dores que a gente

28 Tuberculose.

não cura. Quando me perguntou o que eu fazia com aquela faca, foi algo que fui ensinada a usar para sobreviver quando não houvesse ninguém por perto para me defender.

Zaira era também uma sobrevivente de uma infância cruel marcada pelo sangue. Ela me entregou a sua dor mais profunda.

— E o que eles faziam? De onde vinha a justiça do seu pai?

— Eles viviam do vento e da terra. Minha mãe conhecia o espírito dos cavalos. Ela dizia que o olhar de um cavalo nunca mente. Já meu pai era um ótimo negociador. Minha mãe me contava que ele passava os dias negociando animais, escolhendo os mais fortes e os que tinham a canela firme para aguentar as estradas mais longas. Ele comprava, vendia e os tratava com o respeito. As pessoas vinham de longe só para que ele olhasse nos dentes de um animal e dissesse se a compra valia a pena.

Ela fez uma pausa, e sua mão parou no meu peito.

— Quando ele se foi, minha mãe tentou continuar cuidando do que sobrou nas feiras e nas margens das estradas... mas uma mulher sozinha, lidando com a bruteza dos homens do comércio, não teve chance. Ela sofreu até que a tiraram de mim.

Fiquei em silêncio, absorvendo cada palavra. Imaginei feiras de gado nas periferias das Toscanas ou do Lazio, homens de botas sujas barganhando sob o sol e estribarias poeirentas nos arredores das estradas. Fazia sentido. O jeito altivo de Zaira e a familiaridade dela com o cavalo vinham dali, daquela vida livre ligada aos animais e às estradas

— Meu pai também foi tirado de mim. Eu sei o que é ver a vida de quem amamos se esvair sem podermos fazer nada.

— Sinto muito por nós dois — disse, roçando a boca no meu queixo com doçura. — Você curou uma parte de mim esta noite.

Pronto para puxá-la para mais um beijo, a lamparina no chão vacilou, apagando de vez, deixando o interior do moinho em penumbra.

Antes de segurá-la ou pedir para ficar, Zaira se desvencilhou do meu abraço e levantou-se às pressas. Ao tropeçar na escuridão, um xingamento incompreensível escapou por entre seus dentes:

— *Beng te svel!*[29].

Não entendi aquela palavra, pois não era o dialeto do Trastevere, nem nada já ouvido nas ruas de Roma.

Mas não houve tempo para questionar. Seus pés descalços faziam a palha estalar. Ela recolhia suas roupas do chão desesperada. Em poucos segundos, a visão daquela mulher deitada e entregue

29 Vá para o inferno!

desapareceu sob as camadas da saia e do corpete que ela amarrava com dedos trêmulos, lutando contra o tempo.

Levantei-me logo em seguida, ignorando o frio, e segurei-a suavemente pelos ombros.

— Zaira, acalme-se — ordenei baixinho. — Olhe para mim. Respire.

Ela parou.

— Vire-se — pedi.

Guiei minhas mãos pelas costas dela, puxando e amarrando os cordões de seu corpete. Depois, peguei o xale e o joguei sobre seus ombros, ajeitando o lenço branco sobre seus cabelos escuros.

— Pronto — murmurei, tocando seu rosto uma última vez.

— E as moedas? — a voz dela tremeu ao se abaixar, prendendo as tiras de couro em suas canelas. — Eu... eu... disse ao Francesco. — Ergueu o corpo, ofegante. — Que o taverneiro me pagaria três liras para limpar as fivelas de bronze e encher o balde na fonte. Se eu voltar de mãos vazias, ele vai saber que menti, meu irmão não é tolo.

— Espere — ordenei.

Na penumbra, puxei minha calça de lã e enfiei os braços pelas mangas do casacão pesado. Tateei às pressas o bolso interno até meus dedos encontrarem o metal frio. Voltei até ela, segurando sua mão trêmula e forçando seus dedos a se fecharem ao redor de três moedas de prata reluzentes.

— Aqui estão. Três liras pontifícias — murmurei, cobrindo as mãos dela com as minhas. — A mentira é nossa.

Segurei seu rosto entre minhas mãos.

— Obrigada.

— Se alguma patrulha de Zouavos a parar, não demostre medo. Abaixe a cabeça, mostre o balde e diga que o taverneiro a mandou cedo. Mantenha a calma, *bella*. Eu estarei logo atrás de você. Ninguém vai encostar em você.

Zaira olhou para as três liras de prata em sua palma, ainda ofegante.

— Se o Francesco descobrir que eu estive... se ele sonhar que menti... — ela arquejou, atropelando-se nas palavras.

Antes de tentar acalmá-la outra vez, Zaira envolveu meu pescoço com as mãos e puxou meu rosto para baixo. Ela me deu um beijo rápido.

— Eu preciso ir! — exclamou, desvencilhando-se.

Girou o corpo com tanta pressa esquecendo a imensa mó de pedra desativada no meio do caminho. O corpo pequeno colidiu contra a rocha, e ela cambaleou para o lado, quase perdendo o

equilíbrio. O susto e a dor do impacto arrancaram dela mais um xingamento cuspido no dialeto incompreensível de antes:

— *Beng te svel!*

— *Bella...*

Arregalei levemente os olhos, pronto para me aproximar. Mas ela disparou em direção à saída, cruzando a porta de madeira, pegando o balde e sumindo.

Fiquei parado no centro da cabana flutuante, ouvindo o som de seus passos apressados sumirem. Enfiei a mão direita nos cabelos escuros, bagunçando-os e soltei um suspiro pesado, rindo daquele redemoinho de mulher que acabara de virar minha vida do avesso.

Dei a ela o tempo de contar sessenta batidas calmas do meu coração, dando-lhe a distância necessária para não levantar suspeitas.

Terminei de amarrar as botas e saí, ajeitando o casacão. Segui seus passos discretamente, mantendo-me trinta passos atrás, deslizando de sombra em sombra entre as tabernas fechadas do Trastevere. Observar a silhueta dela avançar contra a névoa, carregando o balde e a minhas pratas, era a prova de que eu havia cruzado uma linha da qual jamais conseguiria retornar.

Meu verdadeiro dever era protegê-la.

Prendendo a respiração, recuei, escondendo no arco de pedra de uma ruela escura. A silhueta de Zaira, delineada pela luz suave de uma lamparina surgindo, vacilou. No meio da rua deserta, um homem surgiu, interceptando seu caminho. Meu coração disparou. Instintivamente, minha mão direita foi até a arma, mas me forcei a ficar imóvel. Mesmo à distância, sua postura digna e o xale escuro cruzado sobre o peito revelavam sua origem. *O irmão dela.* Com um movimento brusco, agarrou Zaira pelo cotovelo. Pude observar o balde se agitar de forma violenta.

Embora não entendesse uma única palavra por conta da distância, o irmão gesticulava de maneira brusca, indicando a rua e, em seguida, o rosto dela, em atitude agressiva.

Zaira deu um passo para trás, tentando se livrar da pressão, não demonstrava medo, mas confronto. Ela mostrou a mão que segurava minhas liras de prata, um gesto veloz que fez meu coração apertar.

Com um empurrão brusco, o irmão liberou o braço dela e se virou nos calcanhares, desaparecendo na névoa em direção aos cortiços.

Zaira ficou parada por um instante antes de segui-lo.

Uma sensação amarga subiu pela garganta. Minhas mãos se fecharam em punhos dentro dos bolsos, e o impulso de caçar aquele rapaz e mostrar a ele que não podia tocá-la daquela maneira quase me fez dar um passo para fora do arco de pedra.

Forcei a raiva a recuar, respirando o ar gelado da noite.

Esse direito não me foi concedido. Em verdade, eu entendia. Cabia aos homens a tarefa de garantir a segurança das mulheres da família. O irmão dela apenas estava cumprindo seu dever da maneira rude que conhecia, protegendo os seus.

Se eu tivesse uma irmã e ela estivesse perambulando sozinha pelas margens naquele momento, eu provavelmente teria agido igual. Ou ainda pior.

Ao voltar para a caserna, naquela noite não tive nenhum pesadelo da guerra em Mentana, e isso me inquietou o espírito. Minha mente não recuperou o horror dos rostos jovens despedaçados e, pela primeira vez em meses, consegui ter um sono dos justos.

Capítulo XXIV

Damiano

O verão chegava ao fim. Cinco meses se passaram.

Os dias haviam transcorrido e mantivemos nossas vidas e encontros relativamente calmos nas minhas folgas. O vento de outono começava a soprar forte pelas ruas de Roma, finalmente o calor daria trégua.

Caminhava a passos largos, sentindo o tecido grosso da farda. Cruzei a Ponte Sant'Angelo vigiando ao redor e logo me enfiei no labirinto de Borgo. Um bairro cheio de tabernas barulhentas e becos imundos encostado nos muros sagrados do Vaticano.

Subi as escadas de madeira, ouvindo o ranger de cada degrau, e entrei no cubículo que aluguei. Para o dono da estalagem, apesar das minhas idas e vindas tardias, disse-lhe que precisava de um canto silencioso para estudar textos sagrados, longe do tumulto e falta de privacidade da caserna, e para guardar meus caixotes de livros e roupas. O velho engoliu a história, louvando-me.

Quando entrei, o calor estava ainda mais insuportável, trancado entre as paredes grossas de pedra. Desabotoei a farda e coloquei-a em cima da cadeira, libertando-me daquele sufoco, e desatei as botas pesadas. Caminhei até a bacia de cerâmica no canto, verti um pouco de água, usei o sabão e um pedaço de pano para limpar o suor.

Depois de me limpar, abri o baú de madeira onde guardava os pertences e tirei uma muda de roupas civis: uma calça de sarja gasta e uma camisa de algodão leve, bem folgada, deixando os primeiros botões abertos para dar fôlego. Caminhei até a janela e empurrei as folhas de madeira para abrir totalmente o vão. O ar continuava quente, trazendo o cheiro de fumaça.

Aproximei-me da mesa escura. Organizados, estavam os calhamaços de latim, os volumes de orações e manuais de tática. Puxei a cadeira de palha trançada, e me sentei. Acendi o pavio da vela com um fósforo, observando a chama vacilar antes de clarear as páginas amareladas de um dos livros.

Abri o tomo ao meio e forcei meus olhos a seguir as linhas. Eu tentava ler e me concentrar nas palavras, mas minha mente recusava o entendimento. Batuquei os dedos na mesa. A cada página sem absorver uma única linha, o silêncio da noite ia engolindo os barulhos da rua. De vez em quando, o barulho distante de estalo dos cascos de um cavalo nos sampietrini úmidos me fazia saltar o coração.

Uma moça sem eira nem beira, sozinha, cruzando as ruas escuras desde o Trastevere. *Cazzo*...

Fechei os olhos por um instante, abandonando a leitura, recitando uma reza mental e implorando à Virgem para ouvir logo o toque.

O momento de reza foi interrompido pelo som que eu tanto implorava para ouvir: três batidas leves.

O coração agitou. Levantei-me tamanha pressa que a cadeira quase tombou para trás. Dei três passos largos, passei a mão pelo ferrolho de ferro e abri a porta.

Era ela.

Zaira deslizou para dentro do quarto. Antes que ela pudesse dizer uma palavra ou ajeitar o lenço simples, fechei a porta e girei a chave.

Fazia uma semana. Sete dias de uma provação sem fim, sem conseguir tocá-la. Aquela ausência me roubava o juízo. Estava morrendo de saudades daquela mulher!

Não aguentei a distância. Segurei seu rosto e a puxei para mim. Nossos lábios se encontraram em um beijo sôfrego. Eu estava completamente entregue, consumido por aquele ardor.

Quando nos separamos para buscar o ar, Zaira soltou uma risada baixa. Seus olhos brilhavam sob a luz da vela conforme me olhava, percebendo o quanto eu estava desesperado pelo seu toque.

— Calma, meu soldado — sussurrou contra meus lábios, espalmando meu peito por baixo da minha camisa leve de algodão. — Eu estou aqui.

Não consegui responder. Voltei a colá-la em mim, beijando sua boca de novo, calando qualquer protesto. Minhas mãos subiram até as laterais do seu rosto, encontrando o nó do lenço simples que escondia seus cabelos. Puxei o tecido com cuidado, deixando-o escorregar pelo chão, apenas para que meus dedos finalmente pudessem se perder na textura dos seus fios escuros. Era aquele toque que eu vinha desenhando na mente durante todas as vigílias.

Conduzi seus passos direto para o leito de ferro. Zaira tateou o ar por um instante, rindo baixo entre os nossos lábios, e sussurrou mais uma vez para que eu tivesse calma. Tudo naquele momento foi

esquecido, principalmente o monstro da guerra, era o poder quando estávamos nos braços um do outro.

Deitamo-nos sobre o estofado denso de lã de ovelha, e eu a cobri com o meu corpo, sem pressa de libertá-la daquele abraço. Comecei a beijá-la por inteira: a testa, as têmporas ainda úmidas pelo calor da caminhada, a linha suave do maxilar e a curva do pescoço, onde seu pulso acelerado batia contra a minha pele.

Apoiei o peso dos meus braços no colchão e parei. Fiquei suspenso sobre ela, apenas olhando-a. As mechas do seu cabelo escuro se espalhavam. Seu peito subia e descia, acompanhando o ritmo do meu fôlego curto.

Levei uma das mãos até o seu rosto, traçando a linha da sua bochecha com o polegar, e deixei que as palavras saíssem:

— Guardarei esta imagem na alma para sempre, Zaira... — sussurrei. — Posso viver cem anos, mas nunca hei de esquecer a visão de você assim deitada sob o meu corpo.

O sorriso suavizou-se, dando lugar a uma expressão mais profunda.

Senti um calor manso irradiar do meu peito.

Nunca soubera o que era sentir falta do carinho de uma mulher, até o momento que senti o seu pela primeira vez. Antes de conhecê-la, eu me amargurava em pensamentos, convicto de que minha vida não passara de tormento.

Se Zaira vinha ao meu encontro todas as vezes, era o sinal: sua alma sentia o mesmo sentimento que a minha.

Aproximando nossos rostos e nossos lábios se uniram outra vez.

Amar Zaira era alcançar a bonança após um longo caminho nas trevas. O toque das minhas mãos na pele dela, cada carícia, parecia curar as feridas secretas que carregávamos. Deixamo-nos levar por aquela corrente de afeto. Procurei apagar qualquer rastro de destruição que pudesse ameaçar nossa felicidade, entregando-me àquele doce momento prazerosamente.

⚔⚔⚔

Depois que a tempestade da paixão cedeu lugar a uma calmaria doce, levantamo-nos para espantar o mormaço. Sobre a mesa de madeira, ao lado dos calhamaços de latim, eu havia preparado uma ceia simples para nós: um pedaço de pão, uma fatia de queijo

pecorino e alguns figos maduros que comprara no mercado de Borgo, além de um jarro de vinho tinto.

Antes de nos sentarmos, guiei-a cuidadosamente. Peguei uma fita de cetim que guardara em meu baú e, com os dedos leves, juntei as mechas escuras do seu cabelo, amarrando-as em um laço firme para afastar os fios do seu rosto e do pescoço. A ajudaria no calor. Zaira sorriu e, demonstrando confiança, acomodou-se confortavelmente em meu colo assim que puxei a cadeira, logo após nos lavarmos. O peso suave do seu corpo contra o meu transformava aquela cadeira capenga no lugar mais acolhedor.

Depois de minutos, a luz da vela iluminava as primeiras letras da página. Peguei sua mão pequena, envolvendo-a com a minha, e usei o indicador dela para guiar os olhos pelas palavras escritas.

— Aqui... — sussurrei bem perto do seu rosto, sentindo o cheiro do seu cabelo. — Cada desenho desse representa um som. Juntos, eles formam uma palavra. Tente acompanhar o contorno desta letra.

Zaira olhava para o papel amarelado, brilhando os olhos. Ela tocou a superfície áspera da folha, ajeitando-se mais contra o meu peito antes de morder um pedaço do figo.

— Como você aprendeu a ler? — perguntou.

Sorri de canto, lembrando de algo antigo.

— Com o velho padre Don Pietro, na minha aldeia natal — respondi, deixando meus dedos acariciarem de leve sua coxa sobre a saia. — Meus pais passavam o dia de sol a sol na terra dos outros, em Bérgamo. Se dependesse deles... eu nunca saberia o formato de uma letra. Mas eu era um coroinha jeitoso e o padre decidiu me tomar como ajudante. Aquele velho bateu muito a palmatória e me fez decorar rezas...

Zaira me encarou por um instante, processando a imagem. Ela soltou uma risada gostosa. Franzi a testa.

— Você? Um coroinha? — provocou, olhando de cima a baixo para meu porte.

Ao rir, as covinhas surgiram nítidas em suas bochechas, duas pequenas marcas que eu achava a coisa mais linda.

— Imagino o trabalho que você deve ter dado para esse pobre padre.

— Imagina?

— Aposto que tomava bastante palmatórias.

Sorri junto, contagiado pelo humor, sentindo o peito leve. Eu estava prestes a rebater a provocação e jurar que era o melhor menino da paróquia, mas o encanto foi para um lugar mais denso.

Quando ela parou de rir e voltou a olhar para o livro, as covinhas sumiram. Ela murmurou "obrigada" pelo tempo dedicado a ela, e uma sombra de tristeza invadiu seus olhos lindos. Ela desviou o rosto rapidamente para o canto escuro do quarto, desfazendo o sorriso. Toda vez que falávamos de infância, origens ou passados, percebia seu espírito retrair-se.

Meu pomo de adão subiu e desceu. Durante esses últimos cinco meses, precisei aprender a lidar com certas situações, não sabia consolar muito bem uma mulher. Vê-la se fechar daquele jeito me machucava.

Ergui a mão direita, encaixando os dedos na linha perfeita do maxilar. Segurei seu queixo, cuidadoso, forçando-a a virar o rosto de volta para a luz da vela e a me encarar nos olhos.

— O que foi, Zaira? — perguntei. — Para onde a sua mente vai toda vez que falamos sobre o passado? Diga-me o que traz esse peso para os seus olhos.

Ela soltou um suspiro demorado, e o calor da sua respiração roçou os meus dedos.

— É que... nem todo mundo têm lembranças boas assim para olhar para trás — ela disse. — A minha vida não é assim.

Afastei a mão do seu queixo, sentindo meus dedos tremerem de leve. Olhei para a chama da vela na mesa, recordando do rugido do fogo, e molhei os lábios um tanto pensativo.

— Acha que todas as minhas lembranças são boas?

Voltei a olhá-la.

— A maldade da qual tanto fala... eu também conheço. Eu era pouco mais que um menino quando homens invadiram a nossa terra. Eles arrastaram meu pai até o meio da fazenda, sob o pretexto de nos dar uma lição por negar vender as terras a um povo inimigo de Deus. Jogaram o crucifixo de madeira dele na lama — ergui o cordão de couro no pescoço, mostrando a cruz sagrada resgatada naquele dia por mim —, e deram a ele uma escolha. Eles poupariam a nossa colheita e a vida dele.

Engoli em seco, sentindo o pomo de adão travar na garganta antes de terminar:

— Aqueles... miseráveis marchavam espalhando blasfêmias, tomados por fúria contra a Igreja. Meu pai era um camponês simples, mas a fé dele era dura. Ele se negou. Eu tive que assistir, sem força, em um içamento o enforcaram bem na frente da nossa família.

Aproximei meu rosto do dela outra vez, colando minha testa na sua para que ela sentisse que, naquele sofrimento, nós não éramos diferentes.

— Eu também sei o que é viver na treva, Zaira. A violência que moldou o seu caminho também destruiu o meu. Para completarem a crueldade, aqueles hereges atearam fogo em tudo. Vi a nossa casa, os celeiros e o sustento de uma vida inteira virarem cinzas em poucos minutos. Ficamos sem teto, sem terra, jogados na miséria. O que veio depois foi um suplício que quase nos custou a sanidade. Eu e minha mãe fomos obrigados a mendigar pelas estradas, trabalhando por um naco de pão bolorento ou dormindo ao relento sob o frio do inverno, a família nos virou as costas. Minha mãe, uma mulher forte, acabou-se de fome e de chorar todas as noites de joelhos. Eu a vi adoecer para tentar me manter vivo até conseguirmos tudo de novo, até ela conhecer seu novo marido e amigo.

Os contornos dos seus olhos se inundaram, brilhando. As lágrimas pesadas venceram os cílios e começaram a escorrer por suas bochechas, molhando as covinhas que há pouco me faziam sorrir.

Ela soltou um lamento baixo, e ergueu as duas mãos em ternura. Seus dedos macios acariciaram meu rosto, subindo por minhas têmporas e limparam o rastro de amargura. Ela colou nossos lábios, misturando a sua respiração com a minha, entregando-se inteiramente àquela dor compartilhada.

Apoiando as palmas das mãos no meu peito, me apertou contra si, chorando baixinho, cobrindo-me com seu afeto. Com a voz embargada, deixou, finalmente, escapar o que tanto a atormentava:

— Eu tenho medo, Damiano, porque... essa paz que você me dá... parece um sonho. Eu tenho muito medo.

— Farei de tudo o que um homem for capaz de fazer para segurar esse sol entre nós — limpei suas lágrimas.

Estava preso em um tormento, encurralado entre o meu juramento à farda e o meu amor. Era em seus braços que eu encontrava tranquilidade.

— Só preciso de um tempo até o meu alistamento terminar, um pouco menos de dois anos. Em verdade, sejamos sinceros, ainda temos o seu irmão...

Seus lábios voltaram a tocar nos meus.

— Meu irmão é um homem justo. Se você der baixa, poderíamos conversar com ele...

— Ele não me parecia ser só um homem justo, Zaira. Seu irmão parecia ter princípios rígidos e, naquela primeira noite, estava realmente nervoso e agressivo. Talvez por ser sua única família, ele se sente no dever de protegê-la.

— Ele poderá seguir com a vida dele, se casar e ter seus filhos. Francesco deixou sua amada para trás... ele poderá encontrar nosso... — Silêncio.

Eu gostava de quando ela falava, sentia-me bem.

— Nosso? — Um sulco cruzou minha testa.

— Desculpe-me. Um sentimento ruim me sobe quando me lembro da vida que ele poderia ter. Dos nossos amigos.

Não havia mais o que pensar senão o presente.

— Quem são esses amigos de quem você fala? E como eles vivem, afinal?

— São apenas as pessoas com quem crescemos. Gente que cuida de nós.

Mexi a cabeça, concordando.

— Nós acompanhamos o ritmo da terra — continuou. — Quando é época de colheita, os grandes senhores das fazendas precisam de braços extras. Francesco liderava um grupo desses trabalhadores e pensa em voltar a liderar. Nós nos movemos de propriedade em propriedade, vivendo do que o trabalho nos dá. — Ela suspirou. — É por isso que Francesco disse que precisamos ir embora nos próximos dias. O grupo vai subir em direção às colinas, atrás dos olivais.

— Posso tentar conversar com seu irmão. Eu farei qualquer coisa por nós.

Puxei-a para mais perto e apertei-a. Curvei-me e pressionei minha testa contra o ombro dela, escondendo meu rosto ali, inspirando seu cheiro enquanto tentava entender a realidade.

Lembrei-me das noites que passamos sob a iluminação das velas. Ensinei-a a ler, a escrever seu nome e a decifrar as letras do meu, me sentindo realizado. Eu havia plantado algo eterno nela.

Aquele outono era o melhor de Roma, dias longos de paz.

Mas para o meu coração, não.

Capítulo XXV

Damiano

Setes dias depois...

Impulsionado pelo aperto no peito, avancei. A raiva ofuscava a habilidade de um soldado. O cascalho úmido do pátio fez meu pé esquerdo escorregar levemente. Foi um erro e o ataque desferido por mim, foi desviado pela lâmina do meu companheiro, e, em um movimento reflexo de defesa, o aço dele cruzou o meu caminho.

Grunhi, sentindo a linha do meu antebraço rasgando. O sangue quente manchou o tecido. Dei um passo para trás, largando a espada de metal. Segurei o braço ferido, soltando um gemido abafado entre os dentes enquanto a adrenalina começava a baixar.

Meu oponente recuou na hora, assustado, abaixando a arma com as mãos trêmulas.

— Pelos céus, senhor... me desculpe, eu não queria... — ele gaguejou, empalidecendo ao ver o estrago.

— Está tudo bem, soldado! A culpa foi minha — respondi rouco, pressionando os dedos sobre o corte para estancar o sangramento.

A dor física era um alívio bem-vindo perto do tormento que eu carregava na mente. O duelo estava formalmente encerrado.

Dei as costas ao pátio e caminhei até o banco de madeira mais próximo, desabando ali. Pressionei os dedos sobre o corte para estancar o sangramento, sentindo a respiração ainda arfante. Ouvi passos arrastarem-se pelo cascalho, olhei para cima e vi Nero se aproximando.

Ele trazia um pano de linho encardido jogado no ombro e sorriso nos lábios.

— Que exibição patética, oficial. Se um garibaldino te pega com as calças arriadas desse jeito, você vira comida de porco. — Nero soltou um riso anasalado, se jogando ao meu lado. — Estava lutando feito um touro castrado. Que diabos pôs o seu espírito tão agitado desse jeito? O senhor costuma ser o homem mais centrado

desta caserna imunda, e agora apanha feito um recruta bêbado. Desembucha: o que o rabo de saia fez?

— Cale essa boca de esgoto e vá para o inferno, Nero! — as palavras saltaram da minha garganta antes que eu pudesse contê-las.

Nero arregalou os olhos.

Em todos os anos juntos da bandeira da Santa Sé, eu nunca havia rogado uma praga daquela natureza. Nunca havia quebrado a minha postura de homem de fé, disciplina e palavras limpas. Ver-me evocar o inferno e xingar com a baixeza dos becos de Roma o assustou.

Sem pedir licença, puxou meu braço ferido, examinando a carne rasgada. Seus dedos calejados apertaram as bordas do ferimento. Rosnei.

— Calma. Não precisa rogar pragas para cima de mim de novo — olhou de relance. — Esse rasgo foi feio. Vá para a enfermaria procurar o médico antes que essa porcaria comece a arder em febre do pântano.

Ele soltou meu braço.

Levantei-me do banco, pressionando o antebraço.

Nero estreitou os olhos, varrendo-me de cima a baixo.

— Mas vamos ser francos aqui... — A voz desceu um tom. — Só me resta uma certeza.

Um sorriso de lado cruzou seus lábios.

— Está perdendo o juízo por causa de mulher. Está envolvido com a coitada sem eira nem beira. Acertei? — Olhei ao redor, ninguém nos ouvia. — O que o seu coração de cavaleiro está arrumando?

Olhei para o chão de cascalho, vendo as gotas do meu próprio sangue se misturarem à poeira.

Não dei a ele o gosto de uma confirmação em palavras, mas o meu olhar perdido foi o suficiente.

— Cuide dos seus próprios pecados. Eu vou até o médico.

Dei as costas.

⚔⚔⚔

O cheiro de vinagre estava ao redor. Sentado em um banco, Salvatore trouxe uma bacia e começou a limpar o estrago com uma esponja.

— O senhor Rossi atingido em uma batalha contra os camaradas? Anda com a cabeça na lua?

Tranquei os dentes quando o corte ardeu.

— O cascalho estava úmido. Só isso... — menti, olhando para as prateleiras, negando encarar os olhos dele.

Salvatore puxou a agulha com o fio de seda. O homem sorria enquanto dava o primeiro ponto na minha carne. Pressionei os dentes, tentando controlar a dor.

— Sorte sua que o corte foi limpo, sofrera menos.

Ele puxou o fio, dando o nó, e soltou uma risada. Em seguida olhou-me nos olhos.

— Eu ando sem dormir há dois dias, mas por um motivo bem melhor que o seu — murmurou.

— É? — perguntei, tentando parecer interessado, sentindo a dor do ponto subir pelo braço.

Tentei conter a agitação.

— Minha esposa... eu vou ser pai. No próximo ano, vai ter mais um de nós correndo, se for menino, quero que o ensine a lutar por essa terra sagrada!

Salvatore cortou o fio da satura, colocando um sorriso no rosto agora barbado. Pegou um rolo de linho cru, de um tom bege, e começou a envolver o corte com a atadura. Puxou o pano, sobrepondo as camadas para conter o sangue. Ao chegar ao fim, deu um pique, rasgando o tecido ao meio com as mãos, e usou as duas tiras para dar um nó apertado ao redor do meu braço.

Senti o estômago revirar. Olhei para Salvatore, para o sorriso limpo e orgulhoso dele, e uma sensação dolorosa dilacerou por dentro. Ele tinha um lar. Tinha um nome que fincaria raízes em Roma, uma esposa que a igreja abençoava e um filho com as bênçãos da paróquia.

Eu estava sangrando em um banco de madeira por causa de uma mulher que o meu mundo chamaria de pária. Ela não tinha eira nem beira. E em poucos dias, eu não teria chão.

A quentura subiu por minha garganta, tão pesado que precisei cravar as unhas da mão sã na lateral do banco. Meu peito ardia, e não o braço.

— Que Deus... — comecei. Engoli o gosto amargo e forcei os olhos a piscarem. — Que Deus abençoe a sua casa, Salvatore. É a melhor notícia que eu poderia ouvir. Será uma honra... prepará-lo para tamanho dever.

Custei a apertar a mão do meu amigo.

Levantei-me depressa demais, ansioso para cruzar a porta de madeira. Mas eu não consegui dar dois passos. A mão de Salvatore segurou meu braço incólume.

Ele não me puxou, mas o peso do seu toque me obrigou a parar. Voltei o rosto lentamente. Quando meus olhos encontraram os dele, o sorriso radiante de futuro pai havia sumido. Restara apenas o amigo que me conhecia.

Salvatore inclinou a cabeça, vasculhando as linhas do meu rosto.

— Olhe para mim. Que tormento é esse que está carregando sozinho?

Afastei o rosto, sentindo a dor do corte no braço, mas meu orgulho prevaleceu sobre o desespero. Soltei um suspiro de exasperação e usei meu braço ileso para afastar a mão dele, buscando recuperar o controle da minha postura.

— Anda descansando, Salvatore? — rebati. — Acabou de dizer que está há dois dias sem pregar os olhos por causa do dever e dessa novidade na sua casa. Está enxergando fantasmas onde não existem.

Salvatore semicerrou os olhos, surpreso com a minha defensiva, mas antes que ele pudesse retrucar, continuei jogando as palavras dele de volta:

— Você vive me dizendo para abrandar os passos, vive repetindo que eu preciso dar uma trégua a mim e descansar. E agora que o cansaço finalmente me pega e eu deslizo no cascalho, acha que tem algum tormento? Já conversamos sobre isso antes. É apenas a exaustão acumulada, nada mais.

Ele abriu a boca para falar, mas não lhe dei a chance. Segurei a porta pesada e a empurrei, deixando que o ar frio e úmido do final de tarde de Roma invadisse a penumbra da enfermaria.

— Cuide da sua esposa e descanse também, meu amigo. Vai precisar de forças para seu filho — murmurei, sem olhar para trás.

A madrugada chegou. Uma onda de calor subiu por meu pescoço, misturando-se a um suor frio no leito da caserna. O corte no meu antebraço latejava feroz. Eu estava entrando em calentura. Conforme os calafrios me faziam tremer, a febre me arrastou para as profundezas, abrindo as portas do passado em meio ao descanso:

O cheiro forte de sangue e a névoa densa. Estava de volta aos campos de Mentana, sob o céu cinzento. Vi meus antigos camaradas caindo ao meu redor e ouvia os gritos de socorro. No campo de batalha ensanguentado, eu corria desesperado, procurando por algo..., mas o que era? O que tanto me fazia procurar?

Ao redor, homens gritando e sangue jorrando de seus corpos. Uma guerra imersa em mortes que causei por minhas mãos. Vidas tiradas por mim, rostos que cacei, famílias destruídas.

Zaira estava lá, estendendo a mão para mim. Uma criatura que trazia paz, calor, mesmo com o mar de sangue nos separando. Não podia explicar os sentimentos naquele momento, era algo extraordinário. Esperança.

Tentei me aproximar, gritar por ela, mas as pernas estavam pesadas, acorrentadas ao chão, impedindo-me de alcançá-la.

Abri os olhos, encarando o teto escuro da caserna, sentindo o coração acelerado e uma sensação pesada me atormentar. O suor da calentura me empapava. Tomei o pó de quina misturado em água.

Olhei para a janela alta. Finalmente compreendi o motivo de estar irritado e de tamanho desespero: contra toda a razão, contra meu destino, eu a amava.

Capítulo XXVI

Zaira

Caminhei pelas ruas úmidas de Roma, sentindo o coração bater na garganta. O entardecer caía sobre a cidade, tingindo o céu de cinzento e frio. Nossas vidas em Transtevere tinham sido *tranquilas*, fizéramos amizade com os vizinhos e, depois de eu confortar o netinho de dona Piera da calentura, eles não nos abandonavam por nada. Mas, estava quase no dia de dizer um adeus para tudo aquilo, já que meu irmão decidiu o dia da partida como combinado com o clã.

Eu deveria me sentir feliz, pois finalmente íamos abandonar a cidade dos papas e eu poderia, enfim, relaxar os ombros. Mas não era assim que me sentia. Um aperto persistente no peito não se sumia, e os pesadelos, nos últimos dias, tinham se tornado mais frequentes.

Apressei o passo para longe daquelas ruelas, deixando para trás o cheiro forte da *cidade eterna,* o odor de peixe frito das tavernas e os burburinhos das lavadeiras que recolhiam as roupas antes do sereno da noite. Cruzei a ponte com o manto bem puxado sobre a cabeça. Em direção ao *Monte Aventino,* os sons da cidade foram silenciando. O ar se tornou mais puro, e parei por um minuto, inspirando. As muralhas surgiam, assim como as silhuetas das Igrejas antigas. Quando empurrei o portão de ferro e entrei no antigo pomar do mosteiro, o perfume cítrico e adocicado das laranjas no mato alto me envolveu. Corri pela grama coberta de folhas secas.

Pisar naquela terra úmida, sentir o mato roçar na saia e o cheiro das folhas sob minhas botas me trouxe uma lufada de vida. Avistei Damiano na penumbra, postado junto a um muro de pedra antigo. Ao som dos meus passos apressados, reagiu imediatamente. Ele descruzou os braços, e soltou o ar que prendia nos pulmões e seus olhos brilharam ao me ver correndo daquele jeito.

Não contive o impulso, em vez de parar, apressei o passo até ele e me joguei em seu peito, apertando-o com força. Fui recebida por seus braços abertos. No calor do momento, busquei firmeza e apertei o seu antebraço. Damiano soltou um gemido abafado, apertando os dentes.

Recuei, confusa, olhando para o rosto empalecido sob o barlume da lua. Ele estava com dor? Eu não fazia ideia.

— Damiano? O que foi? Eu te machuquei? — perguntei, tentando olhar para as mãos dele, mas ele agiu rápido.

Segurou minha mão, manso, puxando-me de volta para perto, engolindo o espasmo de dor que endurecia seu maxilar. Aquele homem não sabia mentir para mim.

Forçou um sorriso fraco para afastar minha preocupação e, mudando de assunto, olhou bem no fundo dos meus olhos, acariciando minha bochecha com o polegar.

— Não é nada, *bella*... apenas um mau jeito — mentiu. — Você traz o cheiro de flor consigo, Zaira... É fascinante como você combina tanto com esse mato, com a natureza. Eu vejo nos seus olhos.

Suas palavras deveriam ser um acalento. Ele achava que era apenas um traço bonito da minha personalidade, sem imaginar que aquela comunhão com a terra era o sangue *Sinti* gritando em minhas veias.

Engoli em seco, sentindo minhas lágrimas. O tempo havia acabado.

Confesso que fiquei apavorada, uma incômoda posição. A emoção me cercava, e meu sangue pedia para dar-lhe a verdade há dias. Enquanto os meus lutavam para sobreviver e escapar das perseguições, eu vinha me deitando com o inimigo. E eu o amava.

— Não minta para mim, Damiano — insisti, tocando de leve o pano grosso da manga do seu braço, tentando puxá-la para examinar. — Esse gemido não foi por causa de um mau jeito. O que aconteceu com você nos últimos dias?

Damiano puxou o braço de volta, ficando rígido, voltando sua postura do homem de farda, que eu conhecera na entrada de Roma.

— Já disse que não foi nada, Zaira! — murmurou, mais ríspido.

Ao ver meu recuo e as lágrimas nublando em meus olhos, juntou nossas mãos, e murmurou:

— Me desculpe... por tudo o que há de mais sagrado, me desculpe, minha *bella*. — Puxou-me de volta para o calor do seu peito. — Eu não queria falar assim com você. A caserna... os últimos dias têm sido um inferno na terra. Estou com a cabeça cheia, os nervos cansados, mas você não tem culpa de nada. Por favor, olhe para mim. Fui ferido pela espada de um amigo em treinamento, apenas isso.

O carinho dele me dilacerava. Damiano pedia perdão por uma grosseria boba, sem imaginar que eu estava prestes a esmagar o coração dele com uma verdade.

— Vou embora em dois dias, Damiano... — as palavras finalmente saltaram da minha boca.

Seus braços continuaram ao redor de mim, mas travaram. Senti o peito dele subir e descer em uma respiração pesada. Ele estava processando, quando decidiu falar:

— Escute-me, eu encontrei uma forma de nos comunicarmos! Salvatore, o médico... meu amigo, ele tem uma casa fixa. Ainda não contei nada a ele, mas posso encontrar seu irmão...

— Damiano... — sussurrei, encarando seus olhos, sentindo os meus arderem.

Ergui as mãos, cruzando a linha de seu maxilar, deixando-o confuso e magoado por minha interrupção. Ele era lindo... nunca deixara de ser o homem mais encantador a cruzar meu caminho. Fazia-me encher os pulmões de ar, e condenar-me por ele ser um *gadjo*. Mas era um humano moldado por seu dever e seu passado. Nas pontas dos pés, deixei um último beijo em seus lábios.

— Eu não sou só uma camponesa. Há algo que não lhe contei. E... antes de ir embora, gostaria que soubesse, mesmo que isso possa custar a minha vida ou nosso amor...

Engoli em seco, deixando as lágrimas caírem de vez. Afastei minhas mãos do seu rosto devagar, dei um passo para trás na grama úmida e mudei a minha voz. Deixei o dialeto romano de lado e permiti que a língua dos meus antepassados ecoasse:

— *Me som Sinti, Damiano.*[30]

Damiano continuou parado. Seus lábios se entreabriram, sem compreender uma única palavra daquele idioma desconhecido. Vi a surpresa rasgar seu semblante, um ar de perplexidade passando por seus olhos. Eu estava arrancando minha pele diante dele.

— O que é isso? — sibilou, tentando manter a voz firme. — Que palavras são essas? Por que diz que isso pode lhe custar a vida?

— É a língua do meu povo, Damiano — confessei, voltando a falar sua língua. — Eu sou uma Sinti.

Desarmei-me diante dele, despida de todas as proteções, esperando o asco da sua rejeição. O pranto escorreria por minhas bochechas. Como doía...

Ele deu um passo para trás, esmagando as folhas, e franziu o cenho, fazendo as linhas da testa desenharem profundamente. Gostaria de entender o que passava em sua mente, mas, certamente, o conflito interno o atingiu, era um peso de entender que o meu sangue e o juramento dele eram inimigos mortais.

Vendo seu distanciamento, meu peito se agoniou.

— Por que me contou isso?! — esbravejou.

Deu um passo violento na minha direção, caçando meus olhos.

30 Eu sou Sinti, Damiano.

— Por que não guardou esse segredo para você?! Você poderia ter ido embora... poderia ter pegado aquela estrada com o seu irmão e me deixado acreditar na mentira!

Ele passou a mão pelo rosto molhado de suor, bufando.

— Você rasgou o meu peito, Zaira! Teria sido mais fácil se tivesse partido sem dizer nada!

— Contei porque eu te amo, Damiano! — solucei alto, sem conseguir conter a dor. — Eu te amo tanto que prefiro que você conheça a minha verdade... — arfei, tentando limpar o rosto. — Prefiro que me odeie a deixar você viver uma mentira. Eu não podia partir como uma covarde.

Damiano deu mais dois passos para trás, afastando-se de mim. Seus olhos cintilaram na penumbra do pomar. Ele bufou, endurecendo o maxilar.

— Maldita honra! — rugiu, fazendo a voz ecoar, assustando as aves nas laranjeiras.

Fechei os olhos fortemente quando, em um movimento, desferiu um soco violento contra o muro de pedra antigo ao seu lado. O impacto esmagou os nós de seus dedos contra a rocha, mas ele sequer piscou. O peito subia e descia. Em seguida, encostou a testa contra o punho fechado no muro.

— O meu juramento à Santa Sé foi feito diante do altar! — murmurou para si. — Um homem sem palavra é um homem morto, um homem morto. Você está morto, Rossi... acabado! Eu jurei dar a minha vida e a minha glória por esta terra sagrada! Minha farda exige que eu persiga todos eles, os sem-pátria... os... infernos!

— Damiano... — clamei, dando um passo fraco na direção dele.

Precisava trazê-lo de volta para mim, fazê-lo ouvir meu coração.

— Damiano, por favor, me escuta...

— Vá embora! — ordenou, virando-se, seus olhos estavam firmes.

Ele não me tocou, mas eu recuei pela dor daquela frieza.

— Suma da minha frente, Zaira!

Dei mais um passo para trás.

— Se eu ficar aqui mais um minuto olhando para você, o meu dever vai me esmagar — continuou. — Se eu descobrir quem profanou os registros sagrados da paróquia para enfiar uma cigana dentro dos muros de Roma... eu caçarei cada um deles. Eu mataria todos os envolvidos como os traidores que são!

Olhei para Rossi uma última vez, enxergando apenas o vulto borrado do soldado através das minhas lágrimas.

— Eu te amo... e sinto muito. Nunca foi minha intenção deitar-me com um cão papal... — sussurrei.

Puxei o manto sobre a cabeça e corri. No meio do mato alto e das folhas, meu pé prendeu-se em uma raiz e eu caí. O impacto contra a terra úmida arrancou o ar dos meus pulmões. Gemi, sufocada, sentindo a ardência imediata do cascalho rasgando a pele dos meus joelhos por baixo do tecido. Mas a dor física não passava de um sopro perto do buraco que se abrira no meu peito.

No chão, o cheiro intenso da terra atingiu meu nariz. Ergui levemente os olhos, avistando uma única margarida resistindo no mato brava à minha frente. Uma flor simples e selvagem idêntica àquela nas mãos, que Rossi abrira as portas do seu mundo para mim em nosso primeiro encontro.

Apoiei as palmas das mãos trêmulas no chão, limpando a terra, e me levantei. Andei cambaleando em direção à saída. Antes de cruzar o portão de ferro, o meu coração me obrigou a olhar para trás uma última vez.

Damiano. Ele não havia corrido para me prender, nem avançara para me erguer. Mas quando nossos olhos se encontraram, os cantos de seus estavam caídos, e seus lábios se entreabriam em um tremor impotente. Havia compaixão profunda e amarga em seu olhar. O olhar de um homem que assistia ao sofrimento da sua alma gêmea. Ele sentia pena do nosso destino, pena de eu ser uma caçada. Virei as costas de vez, incapaz de suportar o peso daquela piedade amarga. Desci o *Monte Aventino* sob o pranto lavando meu rosto, cruzando a ponte de volta para a crueza do Trastevere. A noite já havia engolido a cidade do Papa.

Nunca experimentara de uma dor tão... dolorosa. Eu mal conseguia respirar.

O medo começou a ofuscar meu amor, sussurrando que, se quisesse, Rossi sabia como chegar ao cortiço, ele podia aparecer de madrugada com outros cães, arrombar nossa porta e agredir meu irmão diante de mim, usando a autoridade apenas para castigar minha ousadia. Nos próximos dias restantes antes da partida, o sono se tornou meu maior inimigo.

Capítulo XXVII

Zaira

O amanhecer. Chegou o dia de partir e encontrarmos o clã em direção ao Norte, longe das muralhas, em direção a um terreno baldio onde estava o acampamento. Os últimos dias passaram, e, com o sono sendo o maior inimigo, não houve nenhum ataque contra meu irmão. Confesso que isso me deixou com o peito mais sufocado, Rossi não tentou de nenhuma maneira me punir.

Ajudava Francesco a prender os fardos de lona na carroça, sentindo a angústia no peito. Saí da tecelagem há dois dias e, quando meu irmão fora ganhar o pão, eu aproveitava para chorar, sentindo medo do que poderia acontecer e tentando afastar aquela maldita agonia.

Meu irmão revisava os arreios dos cavalos. Ele nunca fora um homem de muitas palavras, mas seus olhos me vigiavam. Francesco murmurou, sem desviar a atenção das fivelas de couro:

— Esta noite eu não dormi. Sonhei com um gato preto deitado sobre o peito... acredita que o bicho arranhava a carne do meu rosto até chegar ao osso? Você sabe o que isso significa, alguém do nosso sangue está tecendo uma desgraça. Há podridão por perto. Quem será o maldito que vai nos trair?

O ar sumiu dos meus pulmões. Permaneci em silêncio, tentando manter o semblante sério enquanto o coração batia fortemente.

— Coloque o baú ali — apontou.

Enfiei o último baú de madeira. Quando me levantei, a fita de cabelo guardada escapou e caiu na madeira da carroça. Tentei pegá-la rapidamente, escondendo-a de volta entre os panos, mas já era tarde. Francesco havia visto.

— Que porcaria é essa, Zaira?! — esbravejou.

— Não é nada! É só um pedaço de pano.

Francesco abandonou o que estava fazendo, caminhando até mim e tirou da minha mão a leve e delicada fita de cetim. Bufando, mexeu a cabeça em negação, tentando entender o que aquilo significava.

— Não minta para mim! Entregou seu coração para um *gadjo*, não é?

— Francesco... — sussurrei.

— Como pôde... agora tudo faz sentido, as suas saídas e todas suas desculpas. É uma tola! Acha que alguém nesta maldita cidade ia querer uma mulher selvagem? Ele lhe abandonou, não foi?

Uma lágrima escorreu por minha bochecha. Tomei de sua mão a fita, dependendo dela para trazer boas lembranças de tudo. A guardei, sentindo a respiração falha.

— Quem é esse homem? Quem te usou para diversão de uma noite para purgar os pecados? Espero que não esteja carregando um filho na barriga ou isso irá custar sua expulsão do clã!

Guardei o segredo sob a língua. Calei. Vendo que eu não abriria a boca, ele soltou uma risada sem humor.

Engoli o choro, sentindo a garganta arder. Já estava profundamente angustiada. De nada adiantaria gritar a verdade sobre minha afeição perigosa e impossível, o nosso destino já estava traçado e aquele amor não aconteceria.

Antes de ganharmos a estrada, dona Piera, seu marido e o jovem Ferruccio despediram-se de nós com olhares compadecidos. Nos trataram bem durante os meses, e a amizade deles significaram muito para mim.

No amanhecer, Francesco guiava o cavalo a pé, mantendo-se calado, deixando o orgulho ferido falar por si. Eu o acompanhava, caminhando ao seu lado, mas a cumplicidade que trazíamos quando entramos em Roma havia morrido. Talvez ele soubesse o quanto eu estava apaixonada, pois meu irmão me conhecia melhor do que qualquer um.

Aproximando do posto de controle da porta de muralha, fomos barrados pelos cães.

Aqueles que eu condenava.

Por algo vindo da alma, amei um. Qual era o sentido de sentir a minha alma costurada a de Rossi e tanta paz em seus calorosos braços para, no final, um mar de desgosto nos separar?

Ergui os olhos, afastando a névoa de pensamentos, revirando a memória da chegada a Roma, buscando na farda dos homens o porte firme e o rosto familiar de Damiano. Esperava encontrá-lo postado no portão, talvez para me dar um último olhar ou até para cumprir sua ameaça. Mas não era ele, e sim dois guardas desconhecidos e de semblantes brutos.

Um vazio gelado despencou no estômago seguido por um ardor nas bochechas. Como pudera ser tão tola? Uma parte de mim ainda esperava que ele largasse tudo para me ver partir. Para Damiano, eu

já era passado, um segredo enterrado. Senti-me miserável, despida de qualquer importância.

Os cães começavam a chutar os nossos baús com desdém.

Um terceiro soldado aproximou-se em passos largos, armado com um mosquete pontifício. Era um homem de pele branca, feições severas e porte grande. Brutalmente, ele deu uma ordem:

— Peçam os papéis ao homem! — ordenou ele aos soldados, apontando com o queixo para Francesco.

Os soldados desceram da carroça imediatamente, caminhando até meu irmão com as baionetas em riste para exigir as licenças de trânsito.

Permaneci olhando o outro cão, o que acabara de chegar. O suor pesado da manhã traçava a curva do seu maxilar rígido, aparentava ter corrido bastante para chegar até o lugar. Com bruteza, ele subiu no estrado da carroça e começou a revistar o baú de madeira de onde a minha fita caíra horas antes. Seu cabelo era claro e encaracolado, e sua pele branca. Ele arrancou meus panos guardados, usando as costas largas para bloquear completamente a visão dos outros militares lá embaixo.

Encarando-o em silêncio, o homem ergueu os olhos até os meus, admirando meu rosto. Afinal, quem era aquele cão?

Ele enfiou os dedos por dentro e deslizou um pedaço de papel grosso, dobrado e selado, para dentro do vão do meu xale em meio aos panos, voltando as coisas para o baú.

Quando desceu, roçou o corpo contra o meu e murmurou:

— Aquele idiota mandou-lhe entregar...

Afastou-se rapidamente, soltando uma risada, xingando os camponeses em voz alta para os seus amigos de farda, que riram.

Um frio violento percorreu minha espinha. Meu amor...

Damiano.

Ele me escreveu!

O que será que dizia na sua carta? Será que colocou em palavras toda sua raiva guardada e ordenou novamente para sumir da sua frente? Será que ele escrevera que tudo o que vivemos é maior que seu dever?

Uma pontinha ansiosa espalhou. O coração batia depressa e o peito estava fervendo.

— O que faz aqui, Nero? — O outro gritou.

— Dever, soldado, onde está o seu? Não deve fazer perguntas tolas!

Nero... esse era o nome dele. Certamente amigo de Damiano, sabia de tudo. Sabia da minha ligação com Rossi e, ainda assim, permitiu que cruzássemos os muros.

O cão pontifício cuspiu no chão e fez um sinal com a cabeça, ordenando que sumíssemos dali.

Eu e Francesco cruzamos os limites das muralhas.

O estômago revirou em uma dor violenta de amor e ansiedade. O papel grosso, escondido no vão do xale parecia clamar para ser desdobrado. Uma urgência desesperada tomou conta de mim, eu precisava tentar entender aquelas palavras, precisava tocar no que restara de Rossi.

01, novembro, 1868

Zaira,

Estou confuso. Não consigo entender o que se passa na minha mente quando a alma chora toda vez que me lembro de você, mas meu dever quase me massacra. Você me chamou de cão papal antes de correr. Cada palavra sua fincou-se no meu peito.
Sim, eu visto as insígnias da Santa Sé, ajoelho-me diante do altar e jurei caçar os rebeldes. Esse é meu dever, já fiz coisas que lhe assustariam. Mas, desde a noite em que vi você pela primeira vez, nada consegue apagar seus olhos da minha mente.
Zaira. Eu chorei sem poder conter a emoção, chorei de raiva, sentindo-me impotente. Nunca confessaria isso a alguém. Na caserna não temos privacidade, então do pomar fui até aquele quartucho que aluguei, lá estava sua escova de cabelo que comprei, e não fui homem suficiente para resistir ao choro. Comprei uma garrafa de vinho e a tomei sozinho, lembrando de nós... de você.
Sou um soldado e não posso desertar sem ser fuzilado. Não me condene ao esquecimento. Salvatore, o médico, interceptou Nero para lhe entregar este papel, é o único homem em quem confio. Ele odeia esta guerra. Nero é um homem de espírito chulo, mas é sensível. Já Salvatore tem uma casa fixa nos arredores do Vaticano. Se você ainda me tem em sua mente, escreva para mim. Envie suas letras aos cuidados de Salvatore. Preste atenção ao que lhe digo: você não pode enviar cartas direto para a caserna. Para continuarmos a trocar estes escritos, você precisa entregar as suas respostas aos mascates ou tropeiros de confiança que viajam, pagando-os com alguma moeda. Diga a eles que entreguem o papel na Piazza Navona, na botica perto da igreja, ou diretamente na casa de Salvatore, aos cuidados do médico militar. Ele sabe como burlar a patrulha e trazer os seus escritos até o meu dormitório.

Ainda não sei o que dizer sobre sua verdade, apenas que me encontro um tanto magoado. Pensei que nosso único empecilho fosse a senhorita não passar de uma mulher sem eira nem beira. Mas está me ensinando tudo o que jamais pensei aprender.

Que Deus lhe proteja enquanto estiver longe de mim.

Damiano Rossi.

Norte, 16, novembro, 1868

Damiano,

~~Consigo escrever estas linhas.~~

Dito estas palavras com pressa, pois minhas mãos ainda hesitam, e a velha Sulamita vai traçando estas linhas por mim. ~~Peguei~~ Roubei um pedaço de papel grosso de um mascate e uso o resto de uma tinta ordinária. Minhas mãos estão calejadas do trabalho com as carroças, mas estou aprendendo a decifrar estas letras com mais pressa, e guardarei suas cartas para melhor aprender.

Sulamita é como uma segunda mãe, uma mulher muito sábia. Ela enxerga o buraco que você deixou no meu peito, embora não saiba quem é você. (Seja quem for, Zaira o ama, homem. E espero que não a magoe).

Seguimos viagem para o norte e reencontramos os nossos antigos amigos de estrada perto das colinas, colocando nossas carroças em um terreno baldio, montando acampamento onde há fartura para feiras livres. Não temos morada fixa na terra dos homens da cidade, mas estaremos pela região de Bolonha. Há uma taberna na estrada do norte chamado Della Luna onde os nossos costumam trocar ferramentas. Deixe sua carta com o taberneiro sob o nome de um comerciante de panos. Eu darei um jeito de buscar.

~~Queria~~ Era para eu estar feliz entre os meus, ouvindo as músicas e pisando na grama livre, longe das baionetas da sua cidade de pedra. Mas não há paz dentro do meu peito.

Você jamais cairá no esquecimento, pois o amo. Francesco descobriu tudo. Ele viu a fita que você me deu antes que eu pudesse escondê-la na lona e, durante o caminho, decidi contar a verdade para ele. Meu irmão não me perdoa. Ele diz que cuspi no nosso sangue por ter me deitado com um cão que nos caça. Não consigo odiar você, por mais que o meu irmão exija isso de mim. Estamos longe de Roma, mas minha alma continua presa naquele portão de ferro, esperando o vislumbre dos teus olhos.

Zaira Motins.

Roma, 20, novembro, 1868

Zaira,

A sua caligrafia no início deste papel é a única coisa que me devolve o sopro de vida.

Nero não é meu amigo. Nunca vi um amigo troçar tanto do meu tormento e fazer pouco caso de tudo, ele é um cínico que só se importa com o próprio estômago. Agora deu para dizer que a senhorita é como uma joia rara, uma esmeralda fascinante, e jura que nunca viu criatura com um magnetismo tão perigoso quanto o seu. Ele diz isso apenas para me ver furioso, pois sabe o quanto a heresia de seus comentários inflama meu sangue.

~~Zaira~~ Bella, os meus dias de guarda têm sido consumidos pelo cansaço mais severo. Nossos oficiais nos fazem marchar e treinar com os fuzis até que as forças nos faltem por completo nas praças de Roma. Os pesadelos de Mentana voltaram a assombrar o meu espírito. Quando fecho os olhos, vejo as lembranças daquele maldito novembro de 1867. Volto a ouvir o estrondo, o grito dos homens morrendo e o cheiro forte de sangue. A única linha que me separa do tormento é você. Eu sonho com o seu rosto todas as noites, e em todos os pesadelos você aparece para me salvar. Nos meus sonhos você está estendendo a mão para mim. Sinto uma dor no peito só de imaginar que o seu irmão a olha com asco. Se Francesco soubesse que este guarda papal daria a própria salvação e toda a sua devoção para garantir que nada lhe acontecesse, talvez ele entendesse que esta farda é, na verdade, minha prisão.

Continue escrevendo, mesmo que seja com tinta ordinária e em papéis roubados.

Damiano Rossi.

Arredores de Bolonha, 25, novembro, 1868

Damiano,

As tuas palavras sobre os mortos daquela batalha de Mentana pesaram no meu peito. Ler sobre seus fantasmas me fez querer, mais do que nunca, estar perto para limpar o suor da sua testa. Aqui, o céu do norte é limpo, mas a mente continua escura.

Francesco falou comigo pela primeira vez desde que deixamos os portões de ferro de Roma. Estávamos perto do riacho dando água aos cavalos sob o sol do meio-dia. Ele não me olhou nos olhos, mas a bruteza da sua voz me fez tremer. Damiano, ele falou sobre casamento. Meu irmão está conversando com o chefe de uma caravana aliada que encontramos nesta estrada de terra. Eles querem me entregar a um rapaz do clã deles. Entre meu povo, as nossas leis funcionam assim: Francesco quer amarrar as minhas mãos ao destino de um cigano para garantir que eu não escape e que o nosso sangue continue correndo apenas entre os nossos.

Senti o estômago revirar de desespero enquanto ele falava daquele homem. Eu queria gritar, queria dizer que o meu coração já foi entregue a um guarda de Roma. A velha Sulamita, que tem me ajudado a decifrar estas letras, me olhou de longe. Mais tarde, perto da fogueira, ela me sussurrou que o destino de uma flor silvestre é morrer seca se tentarem plantá-la no vaso de uma casa que não é sua.

Estou apavorada, Damiano.

Diga-me, meu cão, o que eu devo fazer antes que o meu irmão me entregue a um destino que vai me matar por dentro?

Zaira Motins.

Roma, 01, dezembro, 1868

Zaira,

O sangue ferveu em minhas veias ao ler suas letras, e juro pelas santas Chagas de Cristo que a audácia do seu irmão clama por punição.

Quem é esse homem sem lei que ousa erguer os olhos para o que o destino me entregou na escuridão? Quem é esse nômade que julga ter o direito de tocar na flor que guardei em minhas orações? Não admito que as mãos grosseiras de um estranho desfaçam o que o céu selou. Se esse rapaz do clã atravessar meu caminho, esquecerei os sacramentos da Igreja e farei com que ele conheça o poder da arma usada por mim. Nenhum homem colocará um anel em seu dedo enquanto eu respirar.

O seu irmão diz que a senhorita cuspiu no sangue por me amar? Pois saiba que o sangue que corre em minhas veias carrega a autoridade da Santa Sé. Se Francesco insistir em entregar-te a esse infeliz, quebrarei o juramento de fidelidade ao altar e ao Papa. Desertar das fileiras pontifícias significa o fuzilamento, eu bem sei, mas prefiro tombar diante do pelotão de execução nas muralhas a saber que o seu corpo pertence a outro.

Não tema, minha bella. Não se curve diante das ordens de Francesco e repudie as promessas desse pretendente. Se for preciso, eu marcharei para além das fronteiras de Roma, caçarei sua caravana pelas estradas de terra e arrancarei você daí, nem que para isso precise empunhar minhas armas contra cada um dos seus.

Mantenha-se firme. Entregue sua resposta ao boticário Salvatore assim que este escrito chegar à taverna. Diga-me o nome desse clã e o rumo exato da estrada. A justiça dos homens pode tardar, mas a ira deste soldado não conhecerá limites.

Damiano Rossi.

Roma, 01, janeiro, 1869

Zaira,

~~O que acon~~ ~~Amor...~~ O silêncio que vem das estradas do norte está me matando. O boticário Salvatore não recebeu uma única linha sua esta semana. Os mascates que cruzaram as fronteiras pontifícias voltaram com as mãos vazias. Por que me condena a essa agonia?

O meu último escrito foi violento, eu bem sei, acabei ameaçando os seus. Durmo sob o peso do arrependimento por ter despejado a fúria sobre o papel, mas o desespero me privou da razão. A simples ideia de outro homem tocando em você me fez perder o juízo. Perdoe os meus modos brutais, Zaira. O peito que carrego debaixo desta farda está em carne viva. Cada hora de vigília na caserna parece um século de tortura. Durante o dia, o comandante grita e eu empunho o fuzil como um autômato, mas a mente está perdida. À noite, os meus amigos de dormitório dormem o sono dos justos, enquanto eu encaro o teto de pedra, sufocado pelo medo de que o seu silêncio signifique que já é tarde demais.

O seu irmão cumpriu a ameaça? Aquele homem do clã aliado já tomou o meu lugar? Se você já foi entregue a outro, se a minha flor foi arrancada da terra para morrer naquele vaso maldito, mande dizer. Mesmo que seja para despedaçar o que resta da minha alma, não me deixe cego nesta escuridão.

Eu imploro, pague qualquer tropeiro ou mensageiro de estrada com a última de suas moedas de prata. Risque uma única palavra que seja neste papel para que eu saiba que você ainda respira livre das amarras daquele casamento. Se nenhuma resposta sua chegar até os próximos dias, cometerei algo que jurei perante o altar. Cruzarei os portões desta cidade de pedra sem autorização dos meus oficiais e irei atrás de você, não importam as consequências do meu crime.

Diga-me que você ainda pertence a este guarda.

Damiano Rossi.

Norte, 06, janeiro, 1869

Damiano,

Guarde a sua fúria, meu cão. Se eu não dei notícias ao boticário Salvatore, foi porque o acampamento estava cercado de olhos atentos e vigias por todos os lados. Estávamos preparando um matrimônio. Meu irmão se casou. Ele se uniu à mulher que desejava, a filha do chefe da outra caravana. Para garantir que o nosso sangue continuasse forte nestas terras do norte, a união deles foi celebrada sob o sol das colinas, com as músicas e o vinho que os homens conseguiram trocar na última vila.

Enquanto todos dançavam ao redor do fogo e Francesco olhava para a noiva com o peito cheio de um amor que eu conheço bem, senti um aperto que quase me impediu de respirar. Eu olhava para a alegria do meu irmão e só conseguia ver o seu rosto. Mas o casamento dele me trouxe a salvação: Francesco estava absorto demais na própria felicidade para se lembrar de mim. A celebração e o falatório dos homens me compraram o silêncio e o descuido que eu precisava para respirar sem ninguém nos meus calcanhares.

A velha Sulamita aproveitou a distração para conseguir este pedaço de papel com um tropeiro que ruma para o sul ao amanhecer. Não cometa a loucura de desertar, Damiano. Não entregue o seu corpo ao pelotão de execução daquela praça de pedra. O perigo que meu irmão representava diminuiu, agora os olhos e o coração dele estão voltados para a própria lona e para a esposa.

Continuo sendo sua flor, intocada pelas mãos de outro homem. Meu irmão encontrou a paz ao lado de quem ama na estrada... Diga-me, meu soldado, como nós encontraremos a nossa? Estou angustiada.

Zaira Motins.

Roma, 01, fevereiro, 1869

Zaira,

A sua missiva arrancou do meu peito o peso de mil masmorras. Saber que você está segura, livre das amarras daquele arranjo e que o seu irmão está absorto no amor da própria esposa foi o maior milagre que a Providência Divina me concedeu desde que este tormento começou. Se Francesco conheceu a felicidade ao lado de quem ama, talvez o coração dele amoleça quando o nosso dia chegar.

Pela primeira vez em meses, permiti-me fechar os olhos no dormitório da caserna e não ver os mortos. Em vez disso, eu vi você. Imaginei-me despindo esta farda, deixando as insígnias e os botões da Santa Sé jogados no chão de pedra e correndo para longe dos portões de Roma. Imaginei o vento batendo em nossos rostos, longe de todos que nos queiram o mau.

Eu quero você, bella . Não há mais volta para o que sinto.

Mas imploro que escute o meu apelo: só precisa esperar por mim. Não cometa nenhuma imprudência na estrada e não deixe que a distância enfraqueça a sua fé no que fomos um para o outro. Eu não posso simplesmente saltar os muros hoje. Preciso de um prazo para que o meu tempo de alistamento termine e eu possa dar baixa de forma legal.

Mantenha o coração firme. Cuide-se. O barlume da esperança finalmente se acendeu para nós.

Eu irei ao teu encontro. Apenas espere por mim.

Damiano Rossi.

Norte, 10, fevereiro, 1869

Damiano,

O seu escrito me fez chorar, mas não de tristeza. Chorei porque vê-lo é o sonho mais bonito que já se atreveu a entrar na minha mente. Mas suas palavras também me trouxeram um medo frio que nenhuma fogueira consegue aquecer. Disse que imagina o dia em que deixará a farda. Mas já parou para pensar no que restará de Damiano Rossi quando despir a autoridade da Santa Sé? Você é um guarda, um homem que se ajoelha diante de altares e que foi ensinado pelo povo da Igreja. ~~E sou~~ Sou o povo da estrada.

Para os oficiais e para os juízes da sua cidade, serei sempre uma nômade. Se me escolher, o mundo dos homens fixos não olhará para nós como dois amantes, Damiano. Eles olharão para você como um desertor amaldiçoado que decaiu. Está pronto para carregar o asco que o meu povo desperta nos homens? Meu irmão Francesco encontrou a paz porque uniu-se a uma igual, mantendo a nossa tradição sob a proteção dos nossos. Nós, por outro lado, estamos tentando juntar algo do Papa com a lama da estrada.

A velha Sulamita diz que o amor dos gadjé é igual um fogo de palha, que queima rápido, mas se apaga com o primeiro vento. Eu quero provar que ela está errada. Eu vou esperar por você, Damiano. Vou guardar cada letra sua.

Venha quando puder.

Zaira Motins.

Roma, 01, março, 1869

Zaira,

A tua missiva feriu o meu orgulho de soldado, mas curou minha alma de homem. Fecho os olhos e busco seu rosto na escuridão, sinto sua falta. Você me pergunta se estou pronto para abdicar dos altares, pois saiba que as pedras estão frias e cheias do sangue que vi derramar.

Não me importa se o mundo dos homens fixos me chamará de desertor amaldiçoado. Não me importa o asco dos homens. Se para ficar ao seu lado precisarei aprender, que assim seja. Que a água benta se misture com a lama da estrada, pois foi nessa mesma lama que encontrei a única razão para continuar vivo. Diga à velha Sulamita que o amor de um gadjé pode ser fogo de palha para os fracos, mas não para mim. O incêndio que você acendeu em mim não se apagará com vento.

Não duvide do meu juramento, Zaira.

Damiano Rossi.

Norte, 20, março, 1869

Damiano,

Sua promessa de largar tudo quase me fez acreditar que o mundo poderia ser bom. Mas a estrada é um monstro que não se importa com os nossos planos de amor, meu guarda. Fomos atacados.

O clã com quem meu irmão iria selar a aliança do meu casamento traiu vossa confiança. O velho chefe deles queriam o controle das nossas carroças, das nossas moedas e dos nossos cavalos. Houve gritaria e o choro das mulheres. Francesco lutou como um leão para nos defender. Ele conseguiu repelir o ataque e salvar nosso clã da ruína, mas o preço foi alto. Meu irmão está gravemente ferido. A noiva dele, a minha cunhada, está grávida, carregando o herdeiro de Francesco. E quanto a mim... as mãos daqueles homens me alcançaram na escuridão. Fui arrastada, espancada e cortaram o meu cabelo à força para me humilhar diante de todos, tirando a minha honra como fazem com as mulheres do nosso povo que eles querem castigar, pois não aceitei o casamento. O meu corpo dói e os meus joelhos sangram.

A velha Sulamita está limpando os meus cortes, mas ela não pode curar o pavor que sinto.

Imploro que não me deixe esquecida nesta escuridão. Eu preciso do teu braço forte mais do que nunca.

Zaira Motins.

Roma, 25, março, 1869

Zaira,

Suas letras despedaçaram minha alma. Juro por Deus e pela Santa Cruz que as minhas mãos tremem com um ódio que nunca senti em toda a minha vida. Sinto que o meu espírito vai se romper dentro destas paredes de pedra!

Tocar em você... arrastar seu corpo e cortar os cabelos que tanto amo para te desonrar. Quem são esses homens sem lei que ousaram erguer as mãos contra a minha flor? Eu daria cada gota do meu sangue, entregaria minha salvação eterna para estar ao seu lado agora. Queria limpar seus cortes com as minhas lágrimas, esmagar os infelizes que te feriram com as minhas mãos. Estou trancado nos fundos da botica, sob os olhos assustados do boticário Salvatore. Ele tenta me segurar, diz que preciso manter a calma, mas a verdade é que o ar me falta nos pulmões. Como posso manter o prumo sabendo que você chora de dor. Eu sou um prisioneiro deste juramento ao altar. Um soldado atado por correntes invisíveis enquanto a mulher que quero é pisoteada. Sinto o peito sangrar de impotência. Se a estrada tirou a sua honra perante o seu povo, saiba que para este guarda você é a criatura mais sagrada que caminha sobre a Terra.

Não feche os olhos para mim na escuridão. Eu vou chegar até você, e lhe proteger até o dia da minha morte.

Damiano Rossi.

Roma, 08, abril, 1869

Damiano,

Escrevo-lhe com o coração mais leve, embora a pele ainda carregue as marcas. O boticário Salvatore precisa fazer este papel cruzar as patrulhas e chegar até as tuas mãos na caserna, pois minhas palavras hoje são de vida. Francesco está bem, finalmente cedeu à força do sangue dele e às rezas da velha Sulamita. A calentura o deixou semanas atrás, e embora ainda caminhe com passos lentos, voltou a ser o homem de antes. O clã também encontrou o caminho sob as costas. Nossas carroças estão reparadas, os cavalos estão fortes e os homens voltaram a negociar nas feiras livres sem o pavor dos traidores nos calcanhares.

E quanto a mim... estou me recuperando, meu guarda. Os meus cabelos, que passam dos ombros, começaram a crescer novamente. A flor que você guardou em suas orações sobreviveu à tempestade. Mas não há um único entardecer em que eu não sinta uma vontade agonizante de estar nos seus braços. Quando o sol se põe, fecho os olhos e imagino o seu braço forte me envolvendo, me tirando deste chão e me dando o descanso que só seu peito tem. O meu corpo clama por você.

Espero pelo seu sinal, Damiano. O seu tempo de alistamento tem apenas mais alguns meses. Quando acabar, siga o rumo das estradas que levam às colinas de Bolonha.

Venha me encontrar.

Zaira Motins.

Roma, 25, agosto, 1870

Zaira,

~~Não sei como começar~~ Meu amor, vou lhe dizer a verdade, o que tem me atordoado, a cidade está respirando o ar do próprio fim, e temo que o mundo desabe sobre as nossas cabeças antes que eu consiga tocar as suas mãos. Os franceses nos abandonaram. As últimas tropas do Imperador Napoleão bateram em retirada para lutar a sua própria guerra no norte da Europa, e Roma ficou nua. O exército italiano já cruzou as fronteiras e marcha em nossa direção como uma praga de gafanhotos. O Papa Pio IX ordenou estado de sítio. As tabernas fecham cedo, os portões de ferro das muralhas estão sendo trancados com correntes pesadas e o pátio da caserna tornou-se um formigueiro humano. Os oficiais suspenderam todas as baixas. O meu tempo de alistamento terminou na semana passada, Zaira, eu deveria estar livre, despindo esta farda para correr ao seu encontro, mas eles rasgaram os meus papéis diante dos meus olhos. Se eu tentar cruzar os muros agora, sou um desertor em tempos de guerra.

Há pânico nos corredores do Vaticano. A Inquisição sabe que os seus dias estão contados.

Se os muros de Roma caírem sob o bombardeio, não chore por este guarda. Busque o norte profundo. Afaste-se das estradas principais, pois os exércitos vão pisar em tudo o que estiver no caminho. Se eu sobreviver à fúria, irei te caçar na névoa, não importa quantos anos se passem.

Guarde a minha última jura.

Damiano Rossi.

Roma, 28, agosto, 1870

Damiano,

Lágrimas molham este papel. Estou desesperada, meu guarda. O pavor tomou conta. Assistindo de longe a colunas de soldados do Reino da Itália marchando em direção ao sul. Cada bota que pisa na terra em direção a Roma parece pisar em cima do meu coração.

Quando fecho os olhos na escuridão, vejo as muralhas onde você faz a guarda pegando fogo. Eu te vejo soterrado por pedras e cercado por uma fumaça preta que me impede de alcançar suas mãos. Acordo gritando seu nome na noite, com o suor frio escorrendo pelo corpo, e nem as palavras sábias de Sulamita conseguem me devolver o ar.

Pelo amor de Deus, tome cuidado! Não tente ser um herói para rasgarem seus papéis de liberdade. Não entregue seu sangue a essa Igreja, Damiano! Você se ajoelha diante deles, mas eu conheço o rastro de sangue que esses homens de batina deixam na terra. Para meu povo, as vossas igrejas de mármore e ouro nunca foram lugares de oração. Essa Santa Sé que você defende passou séculos nos caçando como bichos, confiscando as nossas carroças, prendendo as nossas mulheres sob a acusação de feitiçaria e nos empurrando para a fome em nome do vosso Deus. Eles cobrem as paredes com imagens de santos, mas os corações daqueles juízes e cardeais são frios. Eles dizem que guardam as chaves do céu, mas criaram um inferno na terra para qualquer um que não curve a cabeça diante das suas coroas de ouro. É uma Igreja que prefere ver o seu corpo estendido na lama a te dar a baixa legal.

Eu imploro, resista. Não me deixe cega nesta escuridão. Fique vivo, meu soldado. Fique vivo! Eu imploro! Curva-se para seu inimigo.

Zaira Motins.

Roma, 18 setembro de 1870.

Zaira,

~~Bella~~ Meu amor, escrevo-lhe na penumbra da caserna. Acredito que já consiga decifrar algumas palavras, não se esqueça do que lhe ensinei, mesmo que precise de alguém lendo e escrevendo para você.

~~Preciso~~ Queria poder te olhar e confessar que o medo de perder a honra me fez ser um homem duro no começo. Mas nada me deixa mais aliviado do que saber que você está bem e longe daqui. Estou um pouco derrotado, confesso. Tudo o que eu mais queria era senti-la em meus braços novamente. Não sei ao certo o que esperar do amanhã, mas, como oficial, irei cumprir meu dever e lutar por este solo sagrado de Roma, mesmo quando o coração chora.

O que mais quero é ficar vivo, mas sinto um frio cortante no peito que nenhuma dose consegue apagar. Eu, que enfrentei a carnificina de Mentana, agora tremo na escuridão deste lugar, não sei se é de frio. Não tenho medo do chumbo dos piemonteses, meu verdadeiro terror é fechar os olhos no campo de batalha e nunca mais poder ~~olhar~~ admirar seus olhos gualdos.

~~Eu não sei como dizer~~, ~~eu~~... ~~bella~~ Tenho medo de que a minha história termine aqui, enterrada sob os escombros de uma Roma invadida, sem que você saiba a pura verdade. A verdade é que eu a amo. Amo com a força violenta de um homem de pedra que passou a vida inteira cercado por ordens, e que só conheceu a verdadeira paz quando os seus lábios tocaram os meus.Você quebrou a minha armadura. Eu fui enviado para ser o seu caçador, mas foi você quem me salvou da minha brutalidade. Se os canhões do norte começarem a rugir nas muralhas e algo me poupar, eu juro por Deus que cruzarei todos os solos para procurá-la. Mas se o Trono de Pedro cair e eu ficar pelo caminho, guarde na memória o homem que você transformou. Meu último pensamento pertencerá a você, bella, minha bella.

Damiano Rossi.

Norte, 25 setembro de 1870.

Damiano,

Eu também o amo! Agora me encontro sem chão. Os tropeiros não podem mais levar nenhuma palavra minha. Eu me humilhei, Damiano. Eu chorei aos pés de homens brutos na beira da estrada, implorei de joelhos para mascates e mensageiros, ofereci as minhas últimas moedas de pratas. Ninguém quis, pois estão com medo. E enquanto olho para o horizonte, vendo o céu do sul ficar pesado, a fúria que guardei por anos explode no meu peito. Eu odeio sua farda, Damiano, mas hoje eu odeio ainda mais. Que tipo de Deus é esse que vocês adoram em templos banhados a ouro enquanto trancam homens em casernas para morrerem como bichos? A sua Igreja Católica prega a salvação, mas tudo o que vi vindo daqueles padres e juízes da Santa Sé foi opressão contra o povo. Eles nos chamam de heréticos e pecadores por vivermos sob o céu livre.

Eles dizem que têm as chaves do céu, mas transformaram a sua vida e o nosso amor em inferno. Eles consagram o vinho no altar, mas exigem o sangue de jovens como você para proteger um trono de terra e poder que já está desmoronando.

Eu não sei se este papel algum dia chegará às suas mãos. Escrevo com os olhos cegos de lágrimas e a alma berrando de desespero.

O que aconteceu com você, meu amor?

Zaira Motins.

Norte, 20 outubro de 1870.

Damiano,

Faz um mês que a cidade sagrada caiu.

Todos aqui no Norte dizem que os muros da cidade foram rompidos pelos canhões e muitos guardas morreram. Dizem que o Papa se rendeu e que os soldados do novo rei tomaram tudo. Os tropeiros que sobem, voltando para o norte não trazem nenhuma linha sua. Nenhuma palavra. Eu corro atrás de cada carroça que passa por esta estrada poeirenta. Implorei de joelhos para mascates e soldados feridos que voltam da frente de batalha. Ninguém sabe me dizer nada. Ninguém se importa com o destino de um guarda papal no meio do nascimento de um novo reino.

Escrevo isto com o coração em pedaços. Não sei se o boticário Salvatore ainda tem uma botica de pé para receber este papel. Não sei se estou escrevendo para um fantasma. Mas preciso que o vento leve o meu clamor até onde estiver: o amor desta Sinti por você. Eu continuo te amando com a mesma fúria e desespero da nossa primeira noite. Mas o clã vai cruzar a fronteira ao amanhecer. Nossas pegadas serão apagadas pela chuva e as fogueiras vão mudar de lugar. Encontrei uma alma de confiança da Sulamita que viaja pelas rotas de comércio. Paguei-lhe para que leve esta e a minha carta anterior até as portas de Roma, entregando-as direto na botica. É o meu último esforço para que minha voz te alcance.

Se o seu peito ainda bater e os seus olhos lerem estas linhas, não me procure mais nas estradas da península. Nosso clã está subindo além das montanhas, cruzando a fronteira em direção às terras da França, para os santuários da Camarga. Onde o mar encontra a terra. Esta é a minha última carta. Que o destino seja mais clemente com a sua alma do que foi com o nosso amor.

Adeus, meu guarda romano.

Zaira Motins.

Capítulo XXVIII

Zaira

Avistei o mensageiro montado em seu cavalo desaparecendo na poeira da estrada, levando minhas duas cartas escondidas sob o seu casaco de couro. Permaneci com o olhar voltado para o horizonte de onde vínhamos, até que o som dos cascos se extinguisse totalmente. Tinha a sensação de que, com aqueles papéis, eu havia mandado também o restante da minha alma de volta para Roma.

A poeira da estrada ainda se erguia quando me afastei do horizonte. Meus pés pareciam estar colados ao chão, que era composto por terra batida e folhas secas, característico das clareiras rurais onde costumávamos descansar longe da vigilância dos *gadjé* que agora patrulhavam a região norte. Ao fundo, o som da nossa gente começava a ficar forte: homens ajustavam as ferraduras dos cavalos, preparando os cascos para a íngreme subida que nos aguardava. Mulheres limpavam panelas de ferro e guardavam as de cobre nos fundos das pesadas carroças.

O ar fresco do final da tarde era limpo. As tendas de lona já estavam sendo desmontadas e dobradas, restando apenas as estruturas de madeira mais robustas e as cabanas improvisadas, que construíamos para passar algumas noites. Passei entre os eixos das carroças e os varais de roupas estendidas, sem atender aos acenos das crianças que corriam descalças. Eu era apenas uma sombra entre eles.

Dirigi-me à cabana mais distante, situada sob a copa acolhedora de um antigo carvalho. Era lá que Sulamita estava resguardada. O aroma de ervas secas e resina de pinheiro preenchia o lugar. Levantei a cortina de tecido e entrei. O interior, escuro, era iluminado apenas pelas brasas vermelhas de um braseiro de ferro no centro do chão. Sulamita estava sentada sobre um tapete desgastado.

Sentada com as pernas cruzadas, suas saias longas e escuras cobriam sua pele. Não levantou o olhar de imediato, suas mãos estavam ocupadas separando raízes secas e organizando-as em uma cuia de barro. Seus cabelos eram extensos e robustos, seu rosto carregava a marca de uma vida plena. Havia nela uma postura imponente, desafiando o próprio passar do tempo. Era uma mulher

que trazia, em cada linha do corpo, a história e a riqueza da nossa herança. Na testa, uma faixa vermelha adornada com pequenas moedas de ouro pendia suavemente, embora desgastadas pelo tempo, ainda conservavam brilho. Pesados colares de moedas antigas e ducados de impérios há muito desaparecidos descansavam sobre o colo.

Aproximei-me lentamente e deixei o corpo ceder, ajoelhando sobre o tapete desgastado, bem diante dela. Minhas pernas, tão enfraquecidas, já não conseguiam mais me sustentar. O calor do braseiro atingiu meu rosto em cheio.

As lágrimas começaram a descer.

— Eu o amo, está doendo tanto... não consigo mais seguir em frente.

Foi suficiente para me sentir humilhada. Desabei por completo. As lágrimas quentes deslizavam em minhas bochechas, brotando das profundezas do peito onde fúria e desespero haviam sido aprisionados. Solucei alto, encontrando as mãos, tentando esconder minha fragilidade. Frente a ela, deixei que me visse assim: desprovida de força, exposta, sangrando internamente por um cão papal.

O silêncio dela estendeu-se até que meu peito doesse de tanto chorar, e não me restar mais forças.

— Limpe esses olhos, menina — murmurou.

Trêmula, tentei enxugar cada sinal do pranto. Quando ergui os olhos sob a névoa de lágrimas, encontrei aquele olhar escuro igual o céu sem a luz da lua.

O peito ardia.

— Como posso continuar? — perguntei, com a voz ainda rouca. — É um tormento amar assim.

Limpei o nariz.

Ela pegou um punhado de resina seca e deixou-o cair sobre as brasas, fazendo a fumaça branca e cheia de aroma se erguesse.

— Acredita que foi você quem inventou o desespero do amor, menina? — disse ela. — Pensa que é a primeira da nossa linhagem a ser ferida pela escolha do destino? Endireite-se. Preste atenção no que vou dizer.

Endireitei-me no tapete às pressas, passando as costas das mãos pelas bochechas.

— Não me condena? — perguntei. — Eu me entreguei a um homem... um cão da Igreja dos homens brancos. Pensei que jogaria pragas sobre a minha cabeça por amar um *gadjó*.

— Como eu poderia te julgar, minha filha? Você acha que é a primeira a sangrar por um amor proibido? Olhe bem para mim. Há muitas luas, eu tive a sua idade. E eu tive a sua fúria — fixou

seus olhos nas brasas. — Eu me apaixonei por alguém que seria minha destruição. Ele não era do nosso povo. Não era um Sinto das caravanas. Era um homem da terra fixa, um soldado de fronteira que patrulhava as terras por onde passávamos. Alguém totalmente proibido por nossas leis e pelas leis dele. Nós nos encontrávamos às escondidas na beira dos rios sob o manto da noite, sabendo que se o clã descobrisse, eu seria expulsa e amaldiçoada. E se os superiores dele soubessem, ele seria enforcado. Vivemos um amor rasgado pelo medo e alimentado pelo perigo. Eu conheço o gosto do desespero de olhar para alguém e saber que o mundo inteiro está armado para nos separar. O destino dele foi cruel, e as estradas nos arrancaram um do outro à força. Mas a marca dele ficou gravada no meu sangue.

— O que aconteceu com ele? — perguntei, temendo a resposta. — Ele... conseguiu fugir?

Os lábios dela se apertaram.

— Ele foi enforcado. — A crueza daquelas três palavras revirou minhas tripas. — Na praça central da vila fortificada, diante de todos os seus soldados e da gente da terra. Eles descobriram as nossas noites na beira do rio. Disseram que ele havia se vendido a uma feiticeira pagã, que havia traído a farda pelo sangue de uma Sinti. Eu estava escondida na copa de um carvalho. Eu vi a corda ser laçada no pescoço dele. Eu vi quando puxaram o alçapão.

Um calafrio violento percorreu. Cobri a boca, prendendo um grito de horror.

— Naquele exato segundo, quando o corpo dele pesou na corda e parou de se mexer... — pela primeira vez vi seus olhos piscarem, tentando engolir o fantasma do passado — ...um traço de esperança morreu dentro de mim. Toda a luz que eu guardava para o futuro virou cinza. Eu percebi que há muros que nós não podemos derrubar, não importa quanta fúria carreguemos no peito.

Ela ergueu o queixo.

— Eu nunca revelei esse amor para ninguém — confessou, cravando as pupilas escuras nas minhas. — Nem para minhas irmãs, nem para o chefe do clã, nem para o homem com quem me casei anos depois para cumprir as nossas leis. Ninguém nesta caravana jamais ouviu o nome do soldado que me fez sangrar. Esse segredo morreu comigo por décadas. Você é a primeira alma viva na terra a saber que a Sulamita já chorou por um *gadjó*. Eu te conto isso para que você entenda, menina: se o destino resolver cortá-la, você terá que engolir seu luto, calar a sua boca e caminhar com seu povo.

As palavras dela me despedaçaram, rasgando tudo que eu tinha por dentro. Sentia o vazio esmagador tomando conta de mim. Encarar aquela figura majestosa, uma Sinti adornada de ouro dos pés à cabeça, e enxergar a devastação abafada sob o brilho de suas joias foi algo que quase me destruiu. O medo de que o enforcamento

do amante dela fosse um prenúncio trágico para o destino do meu Damiano invadiu meus pensamentos e fez minhas mãos tremerem descontroladamente.

Minha alma estava dilacerada, sangrando pela dor daquela mulher e pelo terror no fundo do coração.

Sulamita notou minha dor. Cerrou os olhos, deixando-se envolver pela fumaça carregada de perfumes que acendeu do braseiro.

— O destino adora repetir suas tragédias com os fracos, mas ele recua diante dos que carregam fúria. A linha de esperança que você guarda no peito por um amor... ela também virou cinzas, menina?

Ergui os olhos, sentindo as lágrimas ainda queimando.

— Ela virou cinzas? — repetiu ela. — Porque se a sua esperança morreu com as minhas palavras, se você vai aceitar a derrota, então saia agora da minha cabana. Deite-se e chore até o sol nascer, porque o destino engole os covardes sem mastigar.

O terror da história dela ainda esmagava os pulmões, mas aquela pergunta acendeu uma calentura diferente nas minhas entranhas. Uma revolta selvagem.

— Não — respondi. — Minha esperança do amor não virou cinzas. Ela está queimando, Sulamita. Está me queimando por dentro. Eu não sou fraca. Eu não vou me esconder nos galhos de árvore nenhuma como você fez.

Ela soltou uma respiração pesada.

— Ótimo — murmurou ela, estendendo a mão cheia de anéis pesados, prendendo meu queixo. — É esse fogo que o destino teme. Guarde essa fúria sob a pele, menina Sinti. Se o que sinto no peito estiver certo e o seu romano estiver vivo, no final da estrada você terá que escolher entre o seu *gadjo* ou o seu povo.

Engoli em seco.

— Acha que seu irmão aceitará tamanho insulto às nossas leis? Francesco é o sangue comandante das nossas carroças agora. Ele só não a expulsou do clã e jogou a pior das maldições sobre a sua cabeça porque eu intercedi. Ele estava pronto para cortar o seu nome da nossa linhagem por você ter se deitado com um soldado da igreja de pedra. Ele só não a baniu para morrer de fome nas estradas dos gadjé porque eu fui até a tenda dele. Fui eu quem deu a ideia de ele arranjar aquele casamento para você a fim de que possa limpar a vergonha que você trouxe para o nosso fogo.

— Abandonar o clã... ter uma vida nas cidades, minha mãe ficaria tão magoada.

— Sua mãe não está mais entre nós. Kali gostaria da felicidade da filha, assim como do filho. Ela era amorosa, não carregava a brutalidade do seu pai, como Francesco carrega.

— O clã nunca aceitaria um guarda. Meu irmão o mataria antes de ele desmontar do cavalo.

— Por isso há uma escolha, basta escolher. Agora saia...

Quando me levantei, antes de sair, ela me chamou:

— Nós estamos marchando bem na linha onde a terra da Itália beija o chão da França. É lá que se esconde o homem que nos guiará: o velho Lazar. Lazar é um Sinto que enriqueceu vendendo os melhores cavalos de guerra para os oficiais franceses e italianos. Ele aprendeu a jogar o jogo dos *gadjé*. Tem ouro guardado que faria seu irmão parecer um mendigo da estrada, e comanda uma confederação de três clãs na fronteira. Ninguém, nem o *Sinto*[31] mais orgulhoso, ousa erguer a voz na presença de Lazar.

Ela estendeu a mão cheia de anéis, apontando para o norte invisível além das paredes da cabana.

— Há trinta anos, Lazar cometeu a mesma coisa que você. Ele se apaixonou por uma mulher da terra fixa, uma filha de fazendeiros que os brancos trancaram em um convento para mantê-la longe dele. Lazar não chorou nos galhos de uma árvore igual eu fiz nem ficou perdido igual a você. Ele invadiu o convento com dez homens, queimou os portões e arrancou a mulher de lá de dentro. O clã dele quis amaldiçoá-lo, os guardas do rei caçaram a cabeça dele por meses, mas ele usou o sangue e o próprio ouro para forçar o respeito do nosso povo e o silêncio dos *gadjé*.

Ela umedeceu os lábios.

— Lazar conseguiu porque tinha fúria e poder. Ele conhece o caminho para transformar um amor proibido em verdade. É sob as asas dele que vamos armar nossas tendas. Se o seu romano for homem o suficiente para largar a farda e subir as montanhas atrás de você, Lazar decidirá se ele merece viver entre nós ou se deve morrer. Agora saia.

Quando o sol finalmente se escondeu atrás das colinas do norte e o clã montou o acampamento para descanso, a raiva e o desespero retornaram, arranhando novamente meu peito com velhos fantasmas. Eu sentia vontade de me purificar. Afastei-me das fogueiras e, envolvida pela escuridão, caminhei até ser guiada pelo som de água corrente. O rio se revelou diante de mim, suas águas fluindo sob um céu despido do brilho da lua, refletindo apenas o gélido fulgor das estrelas distantes.

---

31 Cigano.

À margem do rio, desfiz os nós dos lenços e retirei cada peça de roupa, ficando completamente nua frente ao vento cortante da noite. Com determinação, avancei para dentro da corrente gelada. O choque do frio nas minhas pernas foi intenso, mas não hesitei. Continuei até que a água alcançasse o peito e mergulhei.

Desejava que aquele rio levasse embora o peso do medo, da vergonha e da dor me consumindo por dentro.

O coração pulsava e respiração estava falha.

Ao emergir, tremendo, minha pele estava dormente e meus cabelos, encharcados, grudavam em minhas costas. Fiquei em silêncio por alguns instantes, permitindo o vento me secar antes de começar a me vestir. Terminei de colocar as roupas, e fui surpreendida pelo som de passos. Levantei o olhar e encontrei meu irmão parado diante de mim.

Por meses, ele me olhara com asco. Eu representava a maior vergonha a macular o sangue Sinti: a garota que havia se entregado àqueles que vestiam a farda. Mas naquela noite, seu rosto trazia traços de um olhar diferente, talvez pena. Fora maldoso comigo durante meses, nem me olhara nos olhos.

— Francesco... — sussurrei.

— Você ainda tenta lavar sua mente na água... faz isso desde adolescente. Me lembro de uma vez que sumiu, você já tinha doze anos, fiquei cerca de uma hora procurando-a, e a encontrei em um rio.

Um sorriso fraco surgiu em meus lábios. Era verdade.

— Queria lhe dizer... é que a culpa de tudo isso é minha. Toda essa vergonha... é minha para carregar.

Meus dedos agarravam firmemente as bordas do xale contra peito.

— Sou eu agora o chefe desta caravana — ele continuou. — Meu dever era guiar nosso povo. Proteger nossas tendas e nossas vidas. Fiquei atordoado quando descobri na nossa tenda que você estava saindo para encontrar homens e fazendo feitiçaria. E então surgiu aquela ideia tola de irmos para longe, parar curar seu coração selvagem quando eu dava uma ordem. Nunca deveríamos ter subido tão longe no mapa, nunca deveríamos ter parado em um lugar às sombras daquela cidade de pedra. Foi lá que tudo começou. Baixei minha guarda. E então você... escapava para encontrar alguém tão... amaldiçoado.

Ele respirou fundo, e a névoa branca ao sair de seus lábios bailou no ar frio da noite. O peito apertou.

— Acha que eu te odeio... não a odeio. Não falei nada sobre seu amante para o clã... a essa altura ele deve estar morto sob os

escombros de Roma, e sejamos sinceros, é isso que um homem igual a ele merece.

A agonia voltou a tomar conta do estômago. Os olhos arderam em lágrimas. Como fora capaz de me procurar para dizer aquilo? Também quem era eu para dizer que Francesco estava errado por pensar assim? Era o que os anos de vida e de perseguição nas estradas nos ensinaram. Mas ele não conhecia o verdadeiro coração do homem que conheci. Ele não conhecia!

— Perdoe-me também por ter tentado arranjar um casamento com um homem que era traidor e queria tomar as coisas de nosso pai. — Francesco colocou as mãos atrás de seu corpo, mantendo sua postura séria. — Quando chegarmos em nosso destino final, quero te oferecer minhas sinceras desculpas: meu amigo Ramirez nos encontrará com sua caravana, e quero que o receba, Zaira. Quero que se case! Já passou da hora de formarmos uma aliança!

Não! Ouvi-lo causou-me pânico. Me lembrei da carta de Damiano. Ele havia escrito a fúria de um homem que preferia queimar Roma a ver outra mão me tocar. Ele tinha ciúmes!

— Você não conhece o homem que eu conheci! Você não sabe o que é um amor que queima as entranhas até não sobrar nada!

— Não vamos voltar a tocar nesse assunto, Zaira. Acabou. Não percebe que esse homem nos traz ruína e desavença? Olhe para você! Escondida na beira de um rio, chorando por um uniforme que caça os nossos filhos. Esse *gadjo* já dividiu a nossa tenda sem nunca ter pisado nela. Ele colocou você contra mim, colocou o seu coração contra as nossas leis.

— Francesco, me escute...

— Nós pertencemos à estrada! Arrume as suas roupas e volte para o acampamento. Ao amanhecer, marchamos, e você vai receber Ramirez com o respeito que uma filha do nosso pai deve ao clã. Não me faça escolher entre a sua proteção e a lei do nosso povo.

Maldição!

Francesco deu as costas e se afastou na escuridão.

Lágrimas caíram igual tem sido nos últimos dias, de angústia, de medo, de dor!

Levei as mãos trêmulas até a terra escura, cravando os dedos no chão.

— Ó, *Mule*, espíritos dos meus antepassados que caminham invisíveis entre nós... — clamei, sentindo um arrepio. — Vocês que guardam o sangue Sinti e que conhecem cada estrada que nossos pais pisaram. Não olhem para mim com raiva. Não me considerem impura por amar. Ele não tem nosso sangue, mas o coração dele queimou por sua filha, se eu pudesse descrever, seria a brutalidade

de mil fogueiras, eu senti! Ele preferia ver a própria cidade virar pó a deixar que outro homem me tocasse!

Apertei a terra entre os dedos.

— Se meu Damiano ainda respirar, façam que os passos dele encontrem as pegadas das nossas carroças. Não permitam que Ramirez me toque no final desta marcha. Me deem a força da mãe Sulamita para aguentar, mas não deixem meu amor virar cinzas!

Quando o cansaço do chorou bateu, voltei para o acampamento.

Capítulo XXIX

Damiano

20 setembro de 1870, um mês antes...

Um ano e dez meses e quatro dias alimentando a ilusão de cruzar os portões de Roma como um homem livre, apenas para ver minha alforria ser destruída por capricho de superiores que exigiam meu sangue em nome de uma guerra já perdida. Napoleão III retirou suas tropas francesas e nos deixou nus perante o inimigo, o rei Vítor Emanuel II. Ainda assim, os generais da Santa Sé preferem nos ver morrer sob os escombros a nos deixar partir.

Cogitei a ideia de desertar. Mas a realidade me esbofeteou logo em seguida. Como poderia fugir? Onde um guarda papal se esconderia em uma península inflamada?

Minha mente virou um verdadeiro inferno. Fechei os olhos e, por cima do barulho de espadas e da falação tensa dos outros soldados nos corredores, tentava buscar a voz de Zaira. Sentia falta do seu carinho, da paz que seu conforto me trazia. A raiva fervia por imaginar apenas o borrão de sua face e mal lembrar de sua voz.

Por que não me era permitido amar?

O meu coração desertou há muito tempo para os braços dela.

Eram três horas da manhã quando me posicionei. O calor abafado por baixo do uniforme me trazia fileiras de suor. Ergui, trêmulo, meio confuso pela falta de descanso. Há meses não repousava. Nero estava à minha frente, ele estava alistado para operar ao meu lado.

Supus, apesar da angústia, que precisava me provar. Eu estava preso àquele juramento! Senti-me obrigado a batalhar até o último segundo da minha vida pela terra considerada sagrada, mesmo quando o coração chorava.

Ergui a mão direita, olhando o pedaço do papel rasgado que guardara no bolso de dentro, perto do coração. Era apenas um rascunho.

"Bella, perdoe-me por não lhe responder. Um dia me perguntou como encontraríamos a paz, e eu jurava estar certo, pois fechei os olhos e imaginei uma vida comum com você. Talvez um filho. Nunca me veio tal coisa à mente, mas pela primeira vez permiti sentir aquela sensação. Foi quando percebi que não adiantaria lutar contra isso que sinto. Eu a amo e a levarei gravada em minha alma."

— Eu nunca quis fugir de um lugar como quero agora, por todos os santos caídos — murmurou Nero baixinho ao meu lado.

Guardei o papel rasgado de volta, respirando profundamente. Olhei os soldados ao redor, e todos traziam rosto tensos. A iminência do combate era a pior tortura. Queríamos conhecer as faces dos nossos inimigos. Do outro lado se formava a Itália contra os soldados Roma.

— Se sairmos vivos deste inferno, Rossi... — disse baixo de novo meu amigo. — Prometa que vamos tomar um bom vinho.

Ele levou a mão direita até meu ombro. Olhei de relance para seus dedos, voltando a encarar seus olhos na penumbra da muralha.

— Se um de nós cair, o outro carrega o corpo para longe desse altar de pedra. Não quero apodrecer pelo capricho de generais que já nos abandonaram — avisou.

Estendi a outra mão, apertando seu ombro.

— Nós vamos sair daqui juntos — aproximei nossos rostos, sentindo o gosto amargo. — Juro por tudo o que há de sagrado. Se a muralha cair, nós recuamos lado a lado. Eu vou voltar para a mulher que amo, e você vai testemunhar que nós vencemos a morte. Você prometeu pagar um bom grado, *cazzo*!

Ele soltou uma risada curta, confirmando levemente.

— Sempre o julguei — sibilei, olhando ao redor. — Há um espírito em você. Uma alma pecadora.

— O espírito que carrega a verdade, meu caro amigo!

Raspei o dente superior no lábio inferior, respirando fortemente.

— É... a verdade... mas agora já é tarde. Fizemos um juramento, e minha honra não me deixa fraquejar, mesmo quando o coração chora. Ficaremos juntos até o fim!

— Juntos!

Fizemos um aperto de mão firme.

As duas horas seguintes arrastaram-se lentamente. O calor sufocante da madrugada não diminuiu, e o suor frio continuou colando o tecido pesado à minha pele. Tudo era uma tortura. Olhávamos para o horizonte escuro, sabendo que a infantaria do rei Vítor Emanuel II estava à nossa frente com os canhões apontados

para as nossas cabeças. Eu me sentia um prisioneiro, obrigado a provar um valor que eu já não possuía mais.

Já não sabia que horas exatamente era. Ouvia ordens, gritarias ao longe e, quando o primeiro estrondo vindo da direção de Villa Patrizi nos atingiu. Uma onda de barulho violento apareceu no silêncio e transformou o céu cinzento em clarão de fogo. No nosso posto das Muralhas Aurelianas, a poucos metros da Porta Pia, o chão de pedra sacudiu com tanta força sob minhas botas que cambaleei para trás.

— Abaixem-se! — gritei.

A voz foi engolida pelo rugido ensurdecedor da artilharia inimiga.

Uma nuvem espessa de cal e poeira de tijolo subiu de imediato, cobrindo o posto e cegando a todos. O ar tornou-se cinzento, arranhando a garganta a cada tentativa de procurar por ar. O pânico explodiu ao meu redor: recrutas começaram a gritar, cobrindo as cabeças, e alguns, tomados pelo terror da morte, tentaram correr em direção às escadas do pátio interno.

O suor frio misturava-se à poeira no meu rosto. Minhas mãos, ensopadas de suor, escorregavam na coronha de madeira do fuzil, mas o peso do meu dever e o pacto sagrado com Nero me forçaram a agir:

— Mantenham a cabeça baixa! Protejam o flanco direito, seus idiotas! — gritei, puxando um voluntário assustado, jogando-o de volta contra a proteção dos sacos de areia. — Segurem as posições! Nero, arraste mais sacos de areia na brecha do muro! Agora!

Virei-me para o lado, atravessando a fumaça e avistei Nero. O medo brilhando em seus olhos refletia o meu, mas assim que escutou minha ordem, ele se pôs em movimento, puxando o corpo trêmulo para fortalecer a barricada. Meu ouvido começou a zumbir em um som intenso, obscurecendo parte da realidade ao meu redor. O gosto de terra preencheu a boca, me deixando totalmente em estado de choque.

Uma granada explodiu contra o parapeito, a míseros metros de onde estávamos. O impacto da explosão nos arremessou brutalmente contra a parede de pedra da escadaria. Fragmentos de estuque e rocha atingiram meu quepé militar, arrancando-o da minha cabeça. Largado contra um muro que desmoronava pouco a pouco, senti o peso do medo tomando conta de mim.

Eu nunca mais a veria. Me veio esse terrível pensamento. Nunca teria aquele filho. *Bella*, minha *bella*.

Tentei agarrar-me à memória de seu rosto, tentando trazê-lo à tona. Mas a fumaça espessa e cinzenta embaralhava suas feições delicadas. Gemi, sentindo os ossos doerem.

Se outra dessas malditas granadas piemontesas caísse de novo, seria o fim. Eu morreria. E Zaira jamais saberia que meu último suspiro seria dedicado a ela.

Lágrimas vieram aos meus olhos, bordejando e sulcando-me o rosto. Limpei os olhos ardentes com a manga da farda, borrando a sujeira na pele. Sentia vergonha, medo. Onde eu estava? Morto? Que lugar era aquele? Pensei estar no inferno, rodeado de gritos agonizados e corpos despedaçados, mas como? Depois de tudo que fiz pela Santa Sé, matei homens em nome daquilo que eu jurara ser lei divina, sob as ordens do Vigário de Cristo. Estávamos sendo castigados?

Era isso, fomos castigados. Eu fui castigado. Zaira estava certa, que Deus era aquele?

O estrondo parecia não cessar, martelando meus ouvidos. Com determinação, forcei-me a permanecer de pé, enfrentando a névoa espessa de poeira ao meu redor. Ergui-me lentamente, soltando um grunhido de esforço. O caos à minha volta denunciava que aquele pesadelo estava apenas começando. Apesar de os soldados italianos ainda não terem avançado, sua artilharia já havia deixado seu rastro de destruição.

Horas depois, tentando recuperar todos os feridos, em meio à confusão, um oficial pontifício surgiu correndo pelo passadiço da muralha. Sua farda estava em farrapos, mas ele empunhava a espada com firmeza transmitindo as ordens desesperadas enviadas pelo General:

— A muralha foi comprometida! Eles abriram uma brecha junto à Porta Pia! Assumam suas posições! Defendam a brecha até o último homem, pela honra do Santo Padre! Não recuem, custe o que custar!

As ordens do general eram, na prática, uma sentença de morte, e todos nós tínhamos plena certeza disso. O instinto de soldado se sobrepôs à razão, empurrando-nos adiante na linha de fogo.

O estrondo dos canhões cessou por fim, deixando um silêncio aterrador por alguns segundos sobre as ruínas. Mas a trégua foi breve. O chão voltou a tremer. O peso sincronizado das botas de milhares de soldados da infantaria italiana ganhou ritmo. Eles emergiam da neblina cinzenta de fumaça e poeira calcária levantada pelo desabamento das paredes.

Uma onda de soldados em uniformes verde-escuros avançava, portando baionetas sob a luz de um amanhecer sem sol. Roma chorara o trágico fim. O medo que percorria minha espinha deu lugar à ira, alimentada pela vontade de sobreviver. Naquele momento, já não lutava pelo Papa nem por leis ou ideais esvaziados de sentido. Empunhava minha arma para abrir caminho, custasse o que custasse, até Zaira.

Enfiei meu corpo atrás dos escombros de um pilar de pedra desabado, usando-o como cobertura. As narinas ardiam entre respirações pesadas. Fechei os olhos com força, ouvindo o barulho dos tiros começando e meus amigos marchando para o massacre. Sentindo o gosto de poeira e o sangue quente do corte na bochecha, Nero jogou as costas contra o mesmo pilar de pedra. O fuzil dele bateu no meu ombro. Ele cuspiu uma golfada de saliva preta, limpando o queixo com o dorso da mão trêmula.

— Se aquele maldito general quer morrer pelo Papa, que deite ele na brecha e sirva de bucha de canhão, porca miséria! — Nero rosnou entre os dentes, destilando daquele linguajar chulo.

Ele lançou um olhar rápido para a onda de uniformes avançando em meio aos destroços antes de se atirar novamente ao meu lado.

— Você está vendo isso, Rossi? Parece que metade da Itália resolveu lutar. Se eu soubesse que ia morrer cercado por tanto piemontês maldito, juro que teria gasto mais tempo com mulher e menos no confessionário!

Não houve chance de resposta. Os tiros vindos da linha inimiga começaram a estremecer nas pedras acima de nossas cabeças, espalhando uma chuva de estilhaços.

— Fogo! — gritei.

Apoiei o cano do fuzil nos destroços, mirando no primeiro corpo que cruzou a brecha à nossa frente, e apertei o gatilho. O coice fez meu ombro protestar com dor enquanto o homem tombava de joelhos na lama. Quase sem pensar, os dedos puxaram a alavanca para ejetar o cartucho vazio antes de carregar outra bala. Disparei novamente. Outro soldado ruía ao chão.

— Tiro bonito, diabo! Dá mais um desses para o inferno na minha conta!

Nero gritou ao meu lado, despejando chumbo na horda interminável de soldados que escalavam as pilhas de corpos caídos.

— Se a gente sair dessa com vida, eu juro por tudo que é sagrado: vou mandar um pontapé direto na bunda do Papa!

A distância encurtou de forma assustadora. A fumaça preta nos tragou, e o cheiro de carne queimada virou o ar que respirávamos. Quando os três primeiros italianos saltaram sobre o nosso parapeito destruído, o fuzil virou um pedaço de ferro inútil. Saquei a espada. O primeiro homem desceu a baioneta contra meu peito, desviei por milímetros, sentindo o tecido da farda rasgar na costela, e enterrei minha lâmina no estômago dele. O sangue quente espirrou nos meus olhos.

— Não foi dessa vez, minha *bella*. Continuo vivo.

Girei o corpo a tempo de ver o segundo soldado erguer a culatra do fuzil para esmagar o crânio de Nero.

— Atrás de você, seu imbecil! — gritei.

Minha espada interceptou o agressor, atravessando seu pescoço antes que o golpe fosse desferido. O homem tombou emitindo um som gorgolejante, sufocado. Nero, ajoelhado no chão, alternou o olhar entre mim e o cadáver, arregalando os olhos.

— Maldita desgraça piemontesa! Por pouco não acabou com a minha cabeça — rosnou Nero, levantando-se com uma energia feroz.

Com um salto ágil, ele investiu contra o terceiro soldado, aquele mesmo que havia me lançado ao chão de pedra, e o abateu sem hesitar. Enquanto isso, eu lutava para recuperar o fôlego. A queda me deixara atordoado, mas os gritos selvagens de Nero e o som surdo do inimigo tombando fizeram meu instinto assumir. Escalei o corpo do soldado que tentava sacudir-me para longe e saquei a adaga da cintura. Sem pensar, enfiei a lâmina repetidamente nos pontos vulneráveis de seu uniforme, movendo-a sem piedade até sentir o cessar quieto da resistência sob minhas mãos ensanguentadas.

Levantei-me com dificuldade. Meu corpo cambaleava, meus dedos trêmulos mal conseguiam segurar a adaga. Olhei em volta: a brecha era um macabro amontoado de corpos rasgados. Todo aquele tumulto sangrento era culpa da resistência pontifícia, cedendo sob o peso esmagador de um exército que vinha para tomar Roma. Nero parou ao meu lado, limpando o sangue alheio que salpicava suas bochechas.

O impacto desajeitado do corpo do inimigo sob o meu ainda reverberava nos meus joelhos quando um novo estrondo aconteceu. Era a artilharia das últimas baterias italianas, fazendo o chão tremer. A poeira de cal desceu em redemoinhos pelo ambiente, uma nevasca amaldiçoada cobrindo o sangue fresco espalhado pelas pedras frias. Não havia respiro.

Eles surgiam como sombras no meio da fumaça, saltando das brechas da Porta Pia.

— Rossi, mexa-se ou vai virar um passador de balas! — gritou Nero.

Ele me agarrou pela farda, puxando-me para trás de um monte improvisado de escombros de mármore. Meus pés mal tiveram tempo de encontrar equilíbrio antes de avistar Matteo, um jovem cujo juramento à Santa Sé fora feito no mesmo dia que o meu. Prensado contra um parapeito por três piemonteses, ele lutava contra o inevitável. Seus olhos estavam arregalados e o terror cravado em seu rosto. Fora levado impiedosamente para o abismo cavado pela

guerra no coração dos jovens que se encontravam diante dela. O grito dele parou quando uma baioneta cruzou sua garganta.

Matteo despencou da muralha, caindo de uma altura de dez metros em direção ao pátio interno. O som do corpo dele batendo contra o chão manchou minha alma. Assistimos àquilo calados, paralisados atrás da pedra, esvaziados de qualquer reação, parecendo roedores em suas tocas.

— Acabou pra gente, Rossi... Porra, acabou! — Nero sibilava ao meu lado, com os dentes trincando. — Não tem como escapar! Os caras tão caindo como moscas e nós seremos os próximos a terminar ensanguentados nesse chão maldito.

— Cala a boca e atira! — rosnei de forma brusca.

O pânico dele quase me contagiou, mas a imagem de *bella* me firmou. Com um movimento duro, enfiei o cano do fuzil para fora do escombro e puxei o gatilho sem precisar ajustar a mira. Vi a bala atingir o ombro de um oficial italiano que se aproximava com a baioneta em punho. Antes que eu pudesse reagir mais, Nero soltou um grito e se lançou da cobertura. Ele afundou a lâmina no peito de um soldado que ainda estava no ato de recarregar a arma, vomitando uma torrente de palavrões que pareciam ser pesados. Com toda a força que conseguiu reunir, empurrou energicamente o homem ao chão.

Não sei por quantas horas ficamos naquele estado, lutando, vendo gente morrer e sendo atingidos. Estava fora de pensamentos certos. O suor frio escorria em fileiras por meu maxilar, ardendo. Mais inimigos surgiam, famintos pela queda de Roma.

— Rossi, não dá mais! Temos que dar o fora! Vamos fugir! — Nero implorou, receoso.

Apontou para a entrada escura da escadaria interna que descia para os becos de Roma. Os olhos dele estavam esbugalhados, já consumido.

A adrenalina e os anos de treinamento militar me mantinham firme diante do caos ao nosso redor. Meu olhar desceu até o pátio interno, onde provavelmente fileiras de soldados italianos bloqueavam qualquer rota de fuga, e subi até o topo do muro, onde fuzileiros inimigos já estavam posicionados. Uma corrida desesperada por qualquer uma dessas vias era um convite para o além da vida. Encarei a situação com frieza, e tentei falar:

— Não dá para fugir, Nero! — gritei de volta, segurando-o pelo braço. — Se você correr por essa escada, vai direto para a linha de tiro deles! Fica na cobertura.

Minha voz carregava a última tentativa de devolver-lhe alguma razão. Mas Nero já estava perdido dentro do pânico que tomava conta de seu corpo. O medo de ser esmagado pelo muro instável

que ameaçava desabar superava qualquer lógica, qualquer aviso. Ele simplesmente não ouviu.

Nero se soltou de minhas mãos com uma força descomunal, gritando que não ficaria para morrer como um cão. Sem hesitar, virou-se. Partiu em direção à escadaria, correndo sozinho, cego à realidade e surdo às minhas ordens.

Minha reação tardou uma fração de segundo. Ficaria paralisado por mais tempo, talvez, mas a cena subsequente seguraria meu olhar. Nero não chegou longe. Mal completara dois ou três passos quando o destino o alcançou.

No meio da névoa de poeira branca, um soldado italiano emergiu. Agachado entre os escombros, apertou o gatilho.

O corpo dele parou, condenado por impacto brutal o arremessando para a frente. Nero tombou de joelhos antes de desabar de lado e a cabeça encontrando a parede de pedra.

A lembrança do instante em que gritei seu nome ainda reverbera em mim. O chamado rasgou a garganta, sufocado pela raiva. Ao meu redor, o caos acontecia: o estrondo da artilharia rivalizava com os gritos arrepiantes dos moribundos. E lá estava ele, prostrado no chão poeirento.

General, Papa, posto. Nada disso importava mais.

Deixei para trás a proteção do pilar de mármore e me projetei na linha mortal do fogo cruzado. Ouvi as balas estalarem ao meu redor, despedaçando o muro próximo e lançando fragmentos que queimaram meus olhos já embotados. Sem hesitar, me atirei de joelhos ao lado de Nero.

—Acorda! — gritei, enquanto a respiração oscilava.

Ele gemeu baixinho, soltando um som úmido e fraco, com os olhos turvos de dor perdidos no céu cinzento. O sangue escuro encharcava a lã do uniforme, formando uma mancha. Minhas mãos deslizaram por baixo dos braços dele. Comecei a arrastá-lo para trás, degrau após degrau, em direção à penumbra abafada da escadaria interna.

Meus músculos latejavam a cada puxão, o coração batia forte na garganta, e o peso da culpa me sufocava ainda mais. *Eu te avisei. Por que você não me escutou?* O remorso consumia a alma. Foi culpa minha, deveria ter impedido.

Encolhido no canto escuro daquele espaço de pedra, abraçava o corpo trêmulo de Nero, desesperado. Meus olhos estavam fixos no chão, onde uma poça de sangue começava a emoldurar as botas gastas. O peso do remorso era tenebroso, sentia-me mergulhar nas profundezas de um inferno, consumido por culpa de cada vida que tirei sob a ordem de uma lei opressora que nos devorava como formigas esmagadas por um dedo impiedoso.

Os minutos se esgarçavam. Ao longe, o barulho restara pelos gemidos fracos de outros condenados. A respiração de Nero tornou-se pouco mais que um chiado, e a tosse trazia carmesim aos seus lábios pálidos.

Seus olhos, outrora vibrantes, procuraram os meus na penumbra. Ele tentou erguer a mão, mas o gesto se desfez contra o tecido da minha farda.

— Rossi... — murmurou. — Solta... meus braços...

— Cala a boca e guarda as forças! Pelo amor de Deus! Eu vou te tirar daqui. A gente fez um juramento, lembra? Sempre lado a lado! Você prometeu me acompanhar. Não pode acabar assim!

Nero soltou algo que deveria ser uma risada.

— ... oficial estúpido... — murmurou com esforço. — Olha pra mim. Eu já não passo de peso morto... Se você tentar me carregar... vai morrer também. Eles vão pegar os dois... me deixa aqui... com os meus demônios.

— Para! Não diz isso! — gritei.

Abracei-o com mais força.

— Corre... Rossi... Vai viver... encontre ela... vive por mim também... porca miséria...

O corpo dele relaxou de repente. O peito de Nero subiu em uma última e profunda lufada de ar e esvaziou-se para sempre. Os olhos continuaram abertos, mas o brilho determinado que havia neles sumiu, dando lugar ao vazio cinzento da morte.

— Nero? Nero! — sacudi seus ombros, mas ele estava completamente pesado.

Caí sobre o peito dele, tão descontrolado que o ar parecia me faltar. O peso do remorso apertava a garganta. Permaneci agarrado ao corpo inerte do único irmão de armas que tive, tentando, em vão, limpar com os dedos manchados de sangue a sujeira que marcava sua testa.

O fim! Que a ira me tomasse e me arrastasse para as brumas!

— Por quê?! — urrei para as pedras. — Onde está a Vossa misericórdia, ó Deus?! Não foi em Vosso nome que sacrificamos para o altar? Não foi por vossa glória que matamos e morremos, defendendo o trono daquele que chamam de Vosso Vigário na Terra? Se a causa era santa, por que permite que a heresia triunfe?

O silêncio do céu frente ao massacre foi doloroso. Uma náusea me atacou. O Deus dos exércitos, o Deus dos preceitos que clamava por rifles e baionetas, parecia ter voltado o rosto para longe de nós, deixando-nos na escuridão de uma Roma destruída.

⚔⚔⚔

O grito deve ter despertado a atenção de soldados, pois os passos fortes surgiram. Eu me considerava um homem morto naquele momento, pronto para encontrar Nero no além da vida.

Um dos soldados avançou em minha direção com o fuzil erguido, seu cano apontando frio e ameaçador para minha cabeça.

— Renda-se, como fizeram seus amigos. Só não o mato porque, no estado em que está, já é um homem morto — disse ele, analisando minha condição.

Não mentiu.

O olhar do soldado italiano permaneceu cravado em mim, firme. Contudo, eu já não enxergava mais o fuzil que ele brandia. Em um esforço, tentei imaginar Zaira. Sua imagem surgiu em minha mente.

Um sentimento de culpa esmagador tomou conta de mim, rasgando o peito sem piedade. O peso do dever, o juramento feito à Santa Sé e o orgulho do uniforme que eu vestia pareciam me açoitar, repetindo que um oficial deveria lutar até o último suspiro. Mas quando baixei os olhos para Nero, imóvel em meus braços, toda aquela ilusão de heroísmo morreu. Ele estava morto. A guerra não passava de algo cruel.

Zaira certamente pediria para me render, para me ajoelhar diante do inimigo.

— Eu me rendo — murmurei, mal audível.

— Deposite suas armas — ordenou o soldado. — E faça isso lentamente.

Ergui meus olhos até os dele.

Havia no rosto daquele homem italiano um brilho de compaixão. Ele não me olhava como um inimigo derrotado a ser descartado, mas como um irmão olhando para outro na ruína. Pela primeira vez em muito tempo, testemunhei algo semelhante à misericórdia em meio ao caos infernal. Ele sentia pena de mim.

Enquanto a vergonha sufocante de quebrar meu juramento atormentava a mente, algo inflamava meus ossos. Uma dor lancinante que parecia dissolver a medula e arrancar, de forma brutal, o oficial de ferro que eu me esforçava para ser. Aquela chama consumia toda a arrogância associada ao dever e desmoronava os dogmas impostos pela Santa Sé. Era o milagre doloroso de retornar à condição de um homem comum. Um homem de carne, destinado a apenas existir e suportar.

Uma vergonha esmagadora ardia sob a sujeira cobrindo a pele. Eu, um guarda papal, defensor do trono de São Pedro, ajoelhado e desarmado por um único homem. Minha honra clamava dentro de mim, sussurrando acusações de covardia, mas o peso de Nero em meus braços abafava qualquer impulso. Com cuidado, soltei a mão esquerda do ombro de Nero, permitindo sua cabeça cair suavemente contra a parede de pedra da escadaria. Minha outra mão, trêmula ao ponto do descontrole, foi até a fivela.

— O que vão fazer com o corpo dele? — perguntei.

— Ele terá o mesmo destino que os outros que caíram hoje — disse o homem com tamanha grosseria. — Uma vala comum. Sem glória, sem farda. Para o novo reino, ele não passava de um rebelde lutando pelo Papa.

— Eu prometi...

Fui cortado:

— Se insistir em lhe dar um enterro digno, acabará no chão ao lado dele!

Olhei para Nero, sufocado e murmurei:

— Perdoe-me, amigo.

Arranquei a espada curta. Segurei a arma pelo cabo e estendi-a ao homem, sem ousar levantar o olhar. Ele a pegou com rapidez. Por fim, minha mão alcançou a arma presa à cintura. Com movimentos lentos, retirei a arma, sentindo o peso do ferro em minha palma, antes de entregá-la. O soldado a recolheu.

— O fuzil também — ordenou, indicando a arma caída ao lado de Nero com um gesto curto do queixo.

Suspirei fundo e, sem dizer palavra, empurrei o fuzil com a bota. A coronha de madeira deslizou pelo chão sujo de sangue.

— Acabou — murmurei.

Os olhos lacrimejavam, uma dor diferente da física queimava em meu peito.

— Não tenho mais nada.

Desarmado, abandonado pelo posto e esvaziado de qualquer autoridade. Era impossível ignorar o peso da derrota conforme o italiano prendia minhas armas e acenava para os soldados que se aproximavam. O som dos passos das botas inimigas ecoou pelas pedras ao meu redor. Fui arrastado entre outros guardas do Papa para um campo improvisado pelos piemonteses. Este era o fim que me aguardava.

Capítulo XXX

Damiano

A marcha forçada nos tirou da cidade e nos jogou em um vasto descampado de terra, transformado em um campo de prisioneiros. Não havia muros, tetos ou traços de dignidade. Éramos uma multidão de homens amontoados como gado sob o céu aberto, cercados por estacas de contenção e sentinelas nos apontando fuzis. À noite, o frio romano atravessava a carne através da farda rasgada, de dia, o sol inclemente nos cozinhava, os dejetos e os últimos de um exército derrotado.

O ferimento aberto em minha costela e no rosto demorara cicatrizar.

Aquele lugar era o inferno. O fedor de corpos feridos sem socorro se permutava à fumaça das fogueiras dos guardas.

Passava as horas de vigília me remoendo, mastigando a culpa amarga da nossa capitulação. Sob o olhar severo do exame, eu repassava cada ordem recebida, cada tiro disparado e, acima de tudo, o silêncio covarde quando o cessar-fogo foi ordenado por Sua Santidade. Como eu clamaria por misericórdia divina depois de tamanha desonra? Minha alma já estava em julgamento diante de Deus, e eu me via como um réu consumido pela vergonha do sacrifício em vão por uma Igreja cercada e humilhada.

As noites eram as piores. Sob o talho de um céu, fitava as estrelas e encontrava nelas uma acusação*: "por que você não morreu com ele?"*

A imagem de Nero caindo voltava. Se ao menos eu fosse mais rápido... se ao menos tivesse desobedecido à ordem infame dos generais que nos condenaram ao abandono... Talvez ele ainda respirasse o ar congelante desta noite. Mas eu estava vivo e derrotado, mastigando rações azedas jogadas ao chão como migalhas para cães. Vivo, quando Nero apodrecia.

Quando o corpo cedia ao cansaço, fora arrastado para uma dimensão de tormento. Nos meus sonhos, o campo improvisado virava um mar de sangue. Eu via Nero emergir daquela lama vermelha. Ele agarrava meus tornozelos, me puxando para baixo. *"Agora se curva diante do Rei Subalpino!"* Olhava para o lado e via generais

sem rosto, rindo e bebendo vinho enquanto nós afundávamos. E eu afundava. Sempre mais fundo.

Acordava sufocado e o peito em soluços. O suor frio escorria por meu pescoço. Ao redor, vendo os vultos dos outros soldados gemendo e tremendo de calentura na escuridão, parecia impossível diferenciar a vigília do pesadelo.

No limite dessa agonia, quando o desvario vinha, eu pensava em caminhar contra as baionetas dos guardas para acabar com tudo, pois algo me salvava do precipício. Em verdade, alguém:

Zaira.

Eu fechava os olhos, respirando fundo, à procura do contorno de seu rosto. A lembrança dela surgia. Tornara meu facho de iluminação. Algum dia poderia contar isso a ela? Qual chance de encontrá-la? Em verdade, ela cansaria de me escrever, pois eu não responderei suas últimas cartas, e seu povo estará longe se algum dia conseguisse sair daquele inferno.

Eu me lembrava do calor do seu abraço e da sua voz mansa: *"Entregue essa culpa a Deus, Rossi. Aguente firme."*

O amor dela era a única barreira entre mim e o abismo. Enquanto o curral de prisioneiros tentava me reduzir a um animal e a culpa tentava destruir meu espírito, sua simples existência me lembrava que, apesar de tudo, eu ainda era humano.

Os dias no campo haviam perdido os nomes, eram apenas uma sequência embrutecida de dor e repetição, um nevoeiro cinza que sufocava qualquer sinal de esperança. O sol nos queimava sem piedade, a chuva nos petrificava, e as noites carregavam um vento capaz de gelar até o que restava de vida na nossa pele. Vi homens antes fortes se acabarem diante de mim, abatidos por abandono. O tempo era um borrão, uma semana, duas, quem sabe um mês? O que sabia ao certo era que, a cada amanhecer, nossos corpos cediam mais com o peso dessa existência miserável. As costelas, antes ocultas sob nossa carne, desenhavam sulcos profundos na pele coberta de sujeira.

Em uma manhã de névoa densa, as baionetas piemontesas nos puseram em marcha novamente.

Fomos arrancados daquele descampado de lama e arrastados como gados. A caminhada até a estação ferroviária foi o primeiro banho de realidade. As poucas peças de roupa que usávamos ainda lembravam a antiga farda papal, mas em estado lastimável, os guardas haviam arrancado os botões de metal, rasgado as insígnias e despido o tecido do brasão do Vaticano. Restavam apenas marcas vazias e desfiadas, mostrando símbolos de um exército sem glória. Éramos criaturas patéticas, sombras de um passado.

Ao cruzar as vilas próximas a Roma, senti o peso do desprezo:

— Olhem lá! Os mercenários do Papa! — provocou um jovem na estrada, jogando uma pedra. — Covardes! Traidores da pátria! Vão lamber nos pés do pontífice!

Uma horda de nacionalistas começou a nos vaiar, seus rostos levados por ódio político. Senti o estômago revirar. Eu não sentia raiva deles. Não consegui me juntar a esse sentimento, não os odiava por sua ira ou cegueira. O que nascia em mim era compaixão, uma pontada amarga por aqueles que ainda se agarravam às falsas promessas de fronteiras e conflitos.

Lancei um olhar para as mãos vazias, ansiando por um poder que já não habitava os meus dedos, e silenciosamente rezei. Que Deus perdoasse aquela ignorância, pensei, porque eu não tinha força para fazê-lo sozinho.

Ao chegamos à *Stazione Termini* erguia-se uma fortaleza de pedra e ferro. O som enorme do vapor das locomotivas misturava-se à fumaça de carvão. Centenas de guardas papais, descalços, eram levados pelas coronhas dos fuzis *Carcano* dos soldados em direção aos vagões de carga abertos. Os oficiais gritavam em dialeto piemontês, as correntes dos freios batiam contra os trilhos e o pranto dos homens derrotados ecoava sob a enorme estrutura de ferro do teto.

Eu estava na fila para subir em um desses vagões de gado quando ouvi uma voz familiar:

— Rossi! Rossi, espere!

Olhei para trás, piscando, pensei que estava em um sonho. Forçando caminho entre a multidão de soldados e curiosos que se espremiam nas grades da estação, estava Salvatore. O velho boticário corria, esbaforido, desafiando os olhares feios das patrulhas italianas. Ele segurava uma pequena bolsa de lona contra o peito.

Um guarda piemontês chegou a erguer o fuzil para afastá-lo, mas Salvatore ignorou o perigo, esticando o braço por cima da barreira humana até conseguir agarrar a manga da minha farda.

— Salvatore? O que está fazendo aqui? — perguntei, tentando segurar a mão dele.

— Eu soube da transferência... soube que os guardas seriam despachados hoje para o Norte — disse, arfando, com o rosto vermelho pelo esforço.

Ele enfiou a mão na bolsa de lona e puxou um pequeno embrulho de pano limpo, pressionando-o contra minhas mãos.

— Leve isso. Tem um pouco de pão e... o mais importante. O motivo de eu ter corrido até aqui.

Abri um pedaço do pano. Escondidas entre os mantimentos, estavam duas folhas de papel dobradas e seladas. Reconheci o papel de imediato. Senti o impacto, parecia que meu coração voltou a bater.

— São as duas últimas cartas dela — Salvatore sussurrou. — Chegaram à botica na semana passada, trazidas por um mercador.

— Subam no vagão! Agora! Movam-se! — gritou um homem piemontês, empurrando minhas costas com a coronha do fuzil.

O solavanco me jogou para a frente em direção à escada de madeira do vagão de carga. Olhei para trás uma última vez, segurando o embrulho contra o peito. Salvatore deu um passo atrás, erguendo a mão em um adeus.

— Obrigado, Salvatore... por tudo! — minha voz embargou.

Fui empurrado em direção à rampa de madeira do vagão.

Antes que a distância nos separasse por completo, uma lembrança guardada veio. Agarrei as barras de madeira da lateral do vagão, projetando o corpo para a frente para que ele pudesse me ouvir acima do barulho do vapor:

— E Francesca? — gritei. — O bebê, Salvatore!

O boticário, que já era empurrado para trás pela guarda que isolava a linha, abriu um sorriso enorme, o primeiro sorriso puro e luminoso que eu via naquele inferno. Os olhos dele brilharam.

— Estão bem! Ele está sadio! — ele gritou de volta, levando a mão ao peito, orgulhoso. — É um menino lindo! Tem os olhos da mãe e já tem os punhos fortes.

O impacto daquelas palavras bateu no peito. Senti gratidão.

— Subam depressa! — bradou o oficial, batendo a coronha do fuzil no chão do vagão de carga.

O portão correu pelos trilhos de ferro e fechou-se. O silvo apitou e, em um tranco, sacudiu. Espremido entre homens, forcei uma respiração profunda. As costas pressionadas contra a parede do vagão trouxeram alguma estabilidade conforme meus dedos percorriam o papel rugoso das cartas de Zaira. Naquela situação, aquelas palavras seriam meu refúgio. O amor de Zaira havia entrado naquele trem comigo, acalentando minha alma.

Capítulo XXXI

Damiano

Fui jogado em uma cela onde outros soldados dividiam comigo. Seus corpos abatidos mal reagiam. No ar tinha odor de mofo, parecia estar infiltrado em cada parede.

Apesar de o vazio no estômago gritar, enfraquecendo-me ainda mais, dividi os escassos pães de Salvatore. A fome nos consumia a todos, mas de alguma forma, partilhar o pouco fazia nossa desgraça parecer menos solitária. Éramos iguais na ruína, unidos por uma desesperança comum.

Quando a noite avançou e o silêncio caiu, deixando apenas os sons do respirar irregular dos outros, afastei-me para um canto da cela. Os fracos raios de iluminação ousavam atravessar as grades, retirei cuidadosamente as duas cartas amassadas de Zaira, escondidas junto a mim. Depois de um tempo indefinido no qual o ciclo dos dias já não fazia sentido, desabei. Lágrimas bordejaram em meu rosto sem emitir som algum, mas romperam o casco forte que eu vinha carregando.

Chorei em silêncio. Eu estava perdido, sim, mas trouxe um conforto que há muito eu não experimentava. À medida que devorava as palavras, e ela indicava o paradeiro de seu povo, uma esperança acendeu no peito. Decidi que a encontraria.

Existia perigos e incertezas. Dias, talvez meses de provações, intentariam manter-nos separados. Ainda assim, possuía uma direção, algo em que firmar meus passos, uma bússola.

Estávamos distantes fisicamente. Mas senti sua força me alcançar. Seu amor parecia envolver minha alma em conforto. Zaira havia se tornado a pessoa que mantinha meu espírito erguido.

O recruta da Lombardia, por outro lado, fora abandonado ao destino mais cruel. Ele ficava no canto, negligenciado como um trapo que nenhuma alma ousava tocar. A perna ferida ultrapassara o limite da inflamação.

O miasma fétido exalando da chaga, tecidos apodrecidos e humores corrompidos, eram tão insuportáveis que os outros buscavam o lado oposto das grades. Encolhiam-se, usando os restos

de suas fardas para abafar o odor. Assim, sem o consolo de um capelão, deixaram o infeliz sucumbir sozinho.

Observava o jovem deitado à minha frente, cujo peito agitava-se em espasmos.

Apoiando-me na parede, permiti que o corpo caísse em um movimento pesado, deslizando sobre os joelhos pela palha encharcada de miséria até alcançar o canto em que ele gemia, quase sem força. Quando os homens ao redor perceberam minha intenção, o homem atrás de mim se adiantou: *"Deixe isso para lá, Rossi. Ele já está mais do lado de lá do que de cá. Vai só acabar se mergulhando nesse mar de podridão."*

Eu o ignorei.

Movi-me com cuidado, aproximando e retirando os farrapos endurecidos que cobriam sua perna cheia de pus. Imediatamente, um gemido escapou do rapaz. Seus olhos turvados de calentura arregalaram, fixando-se nos meus.

— Calma... — sussurrei.

Rasguei a última parte intacta da minha roupa já desgastada, transformando o tecido em bandagens improvisadas. Sem água limpa à disposição, restava apenas a que nos davam para beber. Com todos os cuidados, usei o pano seco para limpar os humores espessos e escuros escorrendo do ferimento. O odor subiu de imediato, atingindo o estômago e deixando a cabeça zonza, mas resisti, rangendo os dentes.

Os outros prisioneiros assistiam a tudo. O nojo deles, aos poucos, transformava em perplexidade. O garoto finalmente relaxou o corpo, adormecendo em sono pesado induzido pela febre maligna. Eu não podia ficar assistindo à vida daquele menino escorrer pelos vãos das pedras. Deveria ter menos de vinte anos. Deixei-o deitado na palha e levantei-me até a pesada grade de ferro.

Segurei as barras frias e comecei a sacudi-las, fazendo o metal ecoar pelo corredor escuro.

— Guarda! — gritei. — Guarda, por favor! Alguém venha aqui! É caso de vida ou morte!

Atrás de mim, o mesmo homem murmurou, cético:

— Cale a boca, Rossi. Ninguém vai aparecer.

— Guarda! — insisti, gritando ainda mais alto, batendo as botas contra o ferro. — Ele está morrendo! Ele precisa de algo! Um pano úmido, água limpa, qualquer coisa! Por misericórdia!

O eco dos meus gritos sumiu no vazio do corredor por longos e angustiantes segundos. O som pesado de botas começou a se aproximar. Uma silhueta cruzou a penumbra do corredor e parou exatamente do outro lado das barras de ferro.

As chamas vacilantes da lamparina pendurada na parede lançaram luz sobre seu semblante, revelando as feições que tão bem eu conhecia.

Era ele. O soldado que, dias atrás, havia apontado o fuzil para minha cabeça.

Ele não usava mais o chapéu, mas o olhar continuava exatamente frio.

Ele me reconhecera.

— Você... — murmurei. — Por misericórdia... o rapaz no canto está sendo consumido pela febre maligna. Ele não vai resistir por muito tempo. Só precisa de algo que alivie o delírio, alguma coisa que lhe ajude. Não o deixe morrer assim...

O soldado não respondeu.

Ele desviou o olhar por cima do meu ombro, encarando o corpo estendido na palha, e depois voltou a olhar para mim.

Cruzou os braços.

— O que mudaria na sua alma em salvar esse infeliz? Ele é só mais um trapo de farda. Se morrer hoje ou amanhã, a Providência continuará seu curso exatamente igual, e os reinos continuarão de pé. O que isso muda para você?

— Para os reinos dos homens, ele não muda nada — respondi. — Mas, para ele, se eu o ajudar, o mundo muda inteiro. E para mim... salvar a vida dele é a única forma de provar que minha vida ainda tem alguma utilidade aos olhos de Deus. Se eu fechar os olhos para a dor deste rapaz por puro egoísmo ou covardia, eu estarei matando a mim.

O guarda piemontês desfez a postura. Ele não disse mais nada. Deu as costas e caminhou de volta pelo corredor. O homem no fundo da cela soltou um riso amargo:

— Eu avisei. Palavras bonitas não comovem ninguém.

Abaixei a cabeça.

Cerca de meia hora havia se passado. O som de passos apareceu. Levantei os olhos para a grade. Era o mesmo soldado. Lançou olhares para os lados do corredor, verificando se estava livre de curiosos, e, sem pronunciar uma única palavra, estendeu o braço por entre as barras de ferro.

Trazia uma pequena garrafa de vidro com líquido âmbar, um pano de linha limpo e uma caneca cristalina.

— Pegue — sussurrou, batendo a caneca contra a grade. — É quinino para a febre e água limpa. Use rápido antes da ronda.

Me aproximei, agarrando os mantimentos. Nossos dedos se tocaram por um instante. Olhei nos olhos dele, incapaz de expressar minha gratidão.

— Obrigado.

Ele assentiu brevemente, em respeito entre inimigos que compartilham a mesma humanidade. Virou-se e sumiu na escuridão, deixando-me com o milagre da sua bondade.



O quinino trazido pelo guarda operou o milagre que o corpo do jovem lombardo precisava: a febre maligna cedeu aos poucos, os humores da chaga limparam e, em menos de uma semana, ele já conseguia se sentar sozinho na palha úmida. Agradecia-me todos os dias, e isso bastava.

Em um amanhecer, o enorme portão de ferro abriu-se. Um oficial, segurando uma pilha de papéis, anunciou o decreto de anistia geral assinado pelo governo do Usurpador de Saboia. Os guardas pontifícios e voluntários estavam desmobilizados, livres para retornar às suas províncias e à vida civil. As armas, as honrarias e os privilégios militares haviam ficado para trás para sempre, mas a vida nos era devolvida.

O oficial piemontês bateu o carimbo na almofada de tinta preta e, em seguida, selou minha partida.

— Rossi. Destino: Bérgamo — declarou ele, sequer ergueu os olhos, estendendo a guia de trânsito. — Está autorizado a embarcar no comboio militar na estação de carga. Caso perca o horário, terá uma longa caminhada. Próximo!

Agarrei o papel. Bérgamo, minha terra natal. Para lá eu ia.

Quando o comboio militar freou na estação de Bérgamo, desci, e inspirei o ar frio, sentindo-o renovar os pulmões. Estava de volta ao lar. Saí da estação sem olhar para trás, ignorando a movimentação da cidade, e segui pela estrada de terra que levava à fazenda onde nasci.

Minhas botas batiam no chão firme conforme a paisagem rural se desnudava diante de mim: campos lavrados, vinhedos antigos e o aroma doce da terra molhada pelo orvalho.

Caminhando, lembranças da minha mãe já falecida tomavam forma. Ela partira para Deus enquanto eu ainda estava em Roma, mas sua paz era certa. Depois de horas, avistei a silhueta da antiga fazenda. O casarão e o celeiro mantinham-se imutáveis. Aproximei-me devagar, parando à entrada do celeiro. O cheiro de feno trouxe de volta a infância, onde aprendi sobre Deus e o valor do trabalho.

No fundo do celeiro, arrumando os arreios de um cavalo, estava a silhueta de um homem. Era Giuseppe.

Após a morte do meu pai, fora Giuseppe quem se unira a ela em santo matrimônio naqueles anos derradeiros, mourejando a terra com suor e cuidando da sua velhice. Graças à ele conseguimos reconstruir a fazenda. Desde então, o bom homem permanecera na fazenda, guardando-a como um zeloso feitor, mantendo o solo fértil e os animais alimentados. Era uma alma simples, talhada por fios brancos e rugas, mas que carregava no semblante um sorriso belo e pacífico.

Ao ouvir o barulho dos meus passos, Giuseppe virou-se. Seus olhos fixaram-se em mim. Deixou o arreio cair e caminhou na minha direção, com os olhos marejados.

— Rossi... — a voz dele ecoou. — Pela graça de Deus, você voltou.

— Estou de volta — murmurei, amparando-o em meus braços e desferindo leves batidas em suas costas.

Ao afastar-se, o bom homem limpou as lágrimas que corriam por suas bochechas sulcadas.

— Não precisa chorar.

— É de felicidade, meu rapaz! Sua mãe ficaria radiante no Céu em vê-lo com vida depois de toda essa profanação. Os boatos correm... pensei que as patrulhas trariam alguma notícia ruim, mas você está aqui... — Ele estendeu as mãos trêmulas, alcançando meu rosto. — Só parece profundamente exausto. Venha! Vamos para o casarão comer algum sustento. Depois você se limpa desses trapos e descansa!

— Pretendo passar apenas esta noite. Logo ao amanhecer, partirei.

— Como assim?

Comecei a marchar ao seu lado em direção ao casarão.

— Mal acabou de chegar, Rossi.

— É, eu sei — desviei o olhar para os cavalos recolhidos nas baias. — Mas preciso buscar alguém.

— Pretende trazer alguém para cá? Para essas terras? Seria bom, aqui anda muito quieto. — O velho parou na soleira. — É uma donzela? É a mulher que guardou o seu coração?

— É, e temo que a jornada não seja simples. O irmão dela jamais aceitará nossa união. Eles pertencem ao povo errante, Giuseppe... são ciganos. O clã não vê com bons olhos um soldado da Igreja.

O velho camponês benzeu-se, arregalando os olhos de assombro antes de assumir uma expressão de profunda seriedade.

— Um bando de ciganos? Perdeu a razão? Um homem da terra e da fé, quer buscar uma moça do caminho?

— Eu a amo — sustentei o olhar. — Se ela quiser renunciar à estrada e viver esse amor comigo, partilhando de uma vida comum e honesta, irei até as últimas instâncias para convencê-la. Quero trazê-la, onde ela finalmente terá um lar seguro.

Ouvi seu suspiro fundo, voltamos a caminhar.

— E você acha que ela abandonaria o clã? Seria a mesma coisa que prender um passarinho livre.

— Eu não sei — respondi. — Se houver apenas uma centelha de chance de que ela queira partilhar desta vida comum comigo, eu cruzarei cada estrada para ouvir isso da boca dela.

Eu estava decidido. A amava, e nada nem ninguém tiraria isso do peito.

Capítulo XXXII

Zaira

Há quinze dias percorríamos a estrada poeirenta em direção ao nosso destino final. Enfrentamos eixos de carroça atolados na lama e olhares hostis dos *gadjé* em cada vila que cruzávamos. Naquele dia, após uma jornada exaustiva, recolhemo-nos ao acampamento. Meus ossos doíam, e a sola dos meus pés ardiam. Suspirei fundo, lembrando de Damiano, e um sorriso fraco esboçou-se em meus lábios. Que imensa falta ele me fazia...

Às vezes, a melancolia me assaltava, pois seus traços começavam a desvanecer de minhas lembranças, assim como o som de sua voz. Eu ansiava pelo sono, tentando buscá-lo no terreno dos sonhos, contudo, em cada visão, ele estava atordoado. Mas quando enfim o alcançava, era em meu peito que ele encontrava o verdadeiro repouso, livre de todo temor.

Aconcheguei-me na manta de lã, sob a tenda improvisada. A noite avançava e eu tentava conciliar o sono quando o relincho sobressaltado de um cavalo me despertou. Em seguida, a gritaria no acampamento começou.

— Vão embora daqui, malditos! Praga de ladrões! — a voz áspera de um homem ecoou não muito longe.

Meu coração saltou no peito. Ergui-me em uma afoiteza. O primeiro barulho trouxe um clarão que iluminou o teto da tenda. Mulheres clamavam, crianças choravam e o cheiro de fumaça invadiu minhas narinas. Estavam ateando fogo às nossas carroças!

Maldição!

— Zaira! Cuide do meu filho e de Lulia! — Francesco bramou, correndo com uma foice em punho.

Olhei para a esposa dele, abraçada ao pequeno Arthur, meu sobrinho. O sangue do meu povo corria forte em minhas veias, orgulhoso e rebelde.

— Cuide dele você — murmurei para ela.

Lulia fixou os olhos em mim, assentindo.

Saí da tenda, descalça, sentindo o vento fustigar os fios do meu cabelo, agarrando um pedaço de madeira. Naquele lado, não havia ameaça imediata ao redor. Ramirez irrompeu de sua lona, onde protegia os seus. Ao avistar-me, a preocupação obscureceu seu semblante e ele correu em minha direção.

— Zaira! Está bem? — indagou, fitando-me bem nos olhos.

— Sim... eu estou — sussurrei.

Era a primeira vez, desde que nossos caminhos se cruzaram, que eu sustentava o seu olhar de forma tão demorada, até ali, a promessa de nossa união ordenada pela tradição era minha única e amarga preocupação.

— Fique atrás de mim! — Ramirez ordenou, virando-se ao puxar uma longa faca de caça da cintura.

À luz trêmula das chamas, a silhueta de Ramirez impunha-se. Seus cabelos pretos, densos e revoltos, caíam-lhe desalinhados sobre suas orelhas. Ele vestia apenas um colete de couro gasto sobre a camisa de linho, cujas mangas arregaçadas expunham antebraços vigorosos e marcados por cicatrizes antigas.

Mas ninguém era como Damiano... Nenhum outro homem tomara minha mente como ele.

O acampamento estava mergulhado em desespero, havia muito tempo não nos encontrávamos em tamanha provação. Meu irmão, Francesco, liderava a linha de frente, e mantendo três camponeses recuados. Janko e os demais homens da nossa gente formavam uma parede humana, contra-atacando com chicotes de montaria e vergalhões de ferro. Éramos um povo que sabia se defender. Mas nossas lâminas e bastões só serviam para o combate corpo a corpo, pois não possuíamos armas de fogo.

Um camponês sorrateiro esquivou-se de Ramirez, avançando velozmente com um archote aceso na direção da tenda onde Lulia e o pequeno Arthur se escondiam.

— Não! — gritei, dilacerando a garganta ao ver a lona prestes a ser consumida pelo fogo.

Tentei alcançá-lo, colocando minha vida em risco, erguendo a madeira em minhas mãos, e senti a grama úmida sob os pés descalços, impotente diante da ruína iminente de minha família, visto que não daria tempo. A respiração falhou e o coração acelerou, transformando um aperto forte no peito. *Eu me sentiria culpada pelo resto da minha vida.*

Um barulho alcançou meus ouvidos, vindo de algum ponto além do arvoredo. Antes que o fogo lambesse a lona, algo atingiu o agressor em cheio. *Era um tiro! Um tiro vindo de onde?*

O impacto arremessou o homem violentamente contra o solo lamacento, e o archote aceso caiu sobre o seu próprio corpo, inflamando suas vestes em uma fogueira instantânea. O homem estorceu-se no chão, urrando de dor. O cheiro intenso subiu, e arregalei os olhos, respirando ofegante.

O silêncio engoliu as posturas dos invasores. Eles fitaram o companheiro caído, horrorizados, antes de bradarem pragas em nome da Virgem e dos santos, batendo em retirada por causa de uma arma de fogo. Francesco correu em direção à tenda, antes de cruzar os panos da entrada, cravou seus olhos nos meus com ferocidade. Entrou sufocado pela fumaça, chamando pelo nome da esposa.

Deixei a madeira cair, e abracei meus braços, sentindo os ossos tremerem sob a pele fria.

— De onde veio o disparo? Precisamos encontrar quem fez isso! — a voz de Ramirez ecoou ríspida, expressando-se em nossa língua *Sinti*.

Eu já não conseguia ouvir com clareza.

A calmaria tomou conta sobre o pessoal, mas algo sufocante, quebrado apenas pelo pranto abafado de Lulia no interior da tenda. Lentamente, os panos de lona começaram a se abrir. As mulheres do clã emergiam cautelosamente, com os filhos segurando as bordas de suas saias longas. Seus rostos estavam pálidos, todas paradas, investigando a escuridão e procurando por seus maridos e filhos mais velhos.

O som de galhos secos se quebrando sob o peso de botas pesadas fez os homens contraírem os músculos. Mas o homem surgindo não era como os inimigos de antes, tampouco apresentava tal perigo.

Ele avançava a passos lentos, conduzindo um cavalo pela rédea.

Ofegante, com o coração pesado e descompassado, levantei os olhos. Meu olhar percorreu o longo casaco de lã escura até se fixar em seu rosto. Ele estava sem chapéu e os cabelos escuros balançavam desordenados ao vento. O ar escapou dos meus pulmões, fazendo o peito doer. Minhas pernas fraquejaram, e precisei cravar as unhas na pele para ter certeza de que aquilo não era um devaneio. Não podia ser verdade.

Não!

Era ele.

Vê-lo avançar daquela maneira, altivo e senhor de si, trouxe-me um turbilhão de sentimentos que por pouco não me desatou em prantos. Ele estava exausto, estava cavado nas linhas ao redor de seus olhos. Abdicara de qualquer luxo na montaria, trazendo apenas alforjes de lona estufados e uma manta cinzenta atada à garupa da sela. Viajara no limite das forças, privando-se do sono, cavalgando

pelo inferno que assolava o norte da península apenas para nos alcançar. Para me encontrar.

Uma onda de sentimentos inundou-me o peito ao acreditar que ele vivia, que estava a salvo.

Rossi parou nos limites do acampamento, sob a claridade das brasas, e acomodou a arma no couro preso ao arreio, libertando as mãos. Ergueu o rosto com lentidão. Ignorou as dezenas de foices empunhadas em sua direção. Ignorou o clã inteiro que o vigiava. Seus olhos procuraram os meus e, quando me encontrou, uma respiração pesada escapou entre meus lábios, inundando meus olhos, me roubando os sentidos.

Ramirez deu um passo à frente, obstruindo em parte a visão de Rossi. Senti o olhar do meu prometido queimar sobre mim, decifrando a razão de eu tremer daquela maneira. O peso da união ordenada, a tradição da minha gente e o pavor da reação do meu irmão esmagaram-me os ombros. Me senti um pouco envergonhada.

Francesco emergiu da tenda, limpando o suor da testa após certificar-se de que a esposa e o filho estavam a salvo. Fitou o recém-chegado que conduzia o cavalo e adiantou-se.

Minha mente já não conseguia processar nada, a vergonha parecia insignificante diante da imensidão do amor e da saudade que me tomavam. Não quis saber do meu irmão, da ira de Ramirez, das leis do meu povo ou das expressões das mulheres ao redor. Todo o peso de mais de trinta dias carregando um luto antecipado e uma saudade sufocante ruiu dentro de mim. A única coisa que fazia sentido, a única certeza naquele momento, era Damiano.

Meus pés descalços açoitaram a relva úmida e fria da madrugada. Eu corri.

— Zaira?! — o brado de Ramirez ecoou às minhas costas.

Corri com todo o fôlego que me restava nos pulmões, suspendendo a saia pesada para que não me tolhesse os passos. Cada palmo que nos separava assemelhava-se a uma eternidade. Eu via o semblante de Rossi transformar à medida que eu me aproximava. Aquele semblante de homem firme, desfez por completo. Seus olhos arregalarem e uma expressão de alívio tomou-lhe as feições. Ele soltou a rédea do cavalo, e deu dois passos rápidos ao meu encontro, abrindo os braços.

Quando finalmente o alcancei, o impacto do meu corpo contra o dele quase nos derrubou.

Cravei minhas mãos nas costas do seu casaco de lã escura e grossa, sentindo o calor do seu corpo e o cheiro que vinha dele. Fui erguida, fazendo-me o pranto do choro soar alto, em meio aquele silêncio. Afundei o rosto no vão do seu pescoço, enquanto os braços enormes me envolviam com força, apertando-me contra seu peito.

— É você... você está aqui... — solucei baixinho.

Meu coração batia forte.

Ele enterrou os dedos em meus cabelos desalinhados, colando minha cabeça ao seu peito, respirando sôfrego contra meu pescoço. Naquele amplexo apertado, tentando redimir cada segundo de nossa ausência, senti-me a mulher mais venturosa do mundo. Pouco me importava se ele já usou a farda de um soldado da Igreja ou se era apenas um homem da terra. Ele era o meu lar.

— Agora está tudo bem — murmurou, com a voz rouca.

Era o som que eu tanto ansiara ouvir. Quando meus pés tocaram novamente o solo e suas mãos emolduraram meu rosto, nossos olhares se encontraram. Seus polegares deslizavam por minhas bochechas molhadas de pranto, e tateei seus pulsos com desespero.

— *Bella*... Perdoe-me...

— Pelo quê? — indaguei, com o fôlego suspenso.

— Por isso. — Ele inclinou o rosto, selando nossos lábios na frente de todos.

Ofeguei, sorvendo, finalmente, o seu gosto outrora perdido.

Separamo-nos.

Ao nosso redor, o silêncio do acampamento começou em falação de indignação. Olhei de relance, ainda em seus braços, e vi o semblante de Ramirez transfigurado pela cólera. Ao seu lado, meu irmão, mantinha as pálpebras semicerradas.

O clã inteiro nos vigiava, testemunhando a *Sinti* nos braços de um *gadjó*.

— Solte-a agora mesmo! — Ramirez disse, dando um passo largo em nossa direção.

Rossi rosnou. Seus braços continuaram firmes ao meu redor, enquanto suas mãos desciam para as laterais do corpo, prontas para qualquer reação. Francesco emparelhou-se com Ramirez, cravando os olhos em Rossi.

— Então é ele... — meu irmão sibilou em nossa língua. — Então é ele! O homem com quem você se deitou em Roma... o soldado papal!

As mulheres cobriram os lábios com as mãos, e os sussurros de desonra começaram a propagar-se entre as tendas.

Ramirez ficou parado. As palavras de Francesco o fizeram arregalar os olhos. Ele entendeu o motivo de negar olhar em seus olhos: meu coração já pertencia a outro.

— O que ele acabou de dizer? — sibilou ao meu lado.

— Ele... acabou de falar ao povo que você é o homem com quem me deitei em Roma, um soldado papal — falei baixinho, colocando uma mecha do cabelo atrás da orelha.

Senti o corpo de Rossi tensionar. A menção ao nosso passado em Roma, dita de forma tão crua e violenta diante de todo o clã, o fez resmungar. Ele deu meio passo para trás, colando mais meu corpo ao dele, protetoramente, mas seus olhos azuis perfuraram os de Francesco intensamente. Rossi não negou nem recuou.

— Francesco, cale-se! — tentei gritar em romano. — Você não sabe do que está falando!

— Eu sei exatamente o que estou vendo! Esse homem merece as piores maldições. — Francesco gritou, erguendo a foice. — Mais de quarenta e cinco dias cruzando a Itália com você chorando pelos cantos, fingindo que estava deixando o passado para trás! E você nos paga entregando seu corpo a um soldado da fé que caça o nosso povo?!

— Não entende que eu o amo?!

— O ama, Zaira? você ama um *gadjo*, maldição!

— Parem! — O grito de Sulamita brandou.

Sulamita apareceu.

— O que pensam que estão fazendo?

Ela caminhou até o centro do conflito, olhando para Rossi, certamente curiosa para ver de perto o homem pelo qual chorei. Seus olhos foram para o camponês morto no chão.

— Como podem fazer tão alvoroço assim? — Sulamita encarou meu irmão. — O homem acabou de salvar a vida do seu filho, Francesco! Assustou os inimigos de cima de nós quando não tínhamos uma única arma de fogo! Se não fosse por este *gadjó*, sua tenda seria cinzas e sua linhagem estaria morta agora.

— A senhora não entende! — Francesco tentou reagir. — Esse é o guarda papal de Roma! O homem que desonrou minha irmã.

— Eu entendo muito bem o que os meus olhos veem! Eu vejo um homem que cavalgou até aqui para derramar sangue pelos nossos, enquanto o meu bando se comporta como idiotas ingratos! A história de Zaira com ele pertence ao passado de Roma, mas a vida do seu filho pertence ao presente.

Ela virou-se para Ramirez, que ainda respirava de forma arfante.

— Guarde essa lâmina, Ramirez... e você, homem. — Sulamita olhou bem nos olhos de Rossi, medindo o tamanho do homem que tinha diante de si. — Nós temos uma dívida com você hoje. E o povo *Sinti* não mata quem o mantém vivo.

O silêncio engoliu o acampamento. Ramirez engoliu a seco a humilhação, e guardou a faca na cintura com os dedos trêmulos de

raiva. Francesco abaixou a foice, embora seu peito ainda subisse e descesse.

Lado a lado com a tenda que quase fora queimada, um menininho de não mais que cinco anos se soltou das saias da mãe, era Joseph. Ele caminhou timidamente pela grama úmida, com os olhinhos castanhos muito abertos, fixos não em Damiano, mas no grande garanhão escuro que Rossi puxava pela rédea. O animal bufou alto, soltando fumaça pelas narinas no ar frio da madrugada, e bateu o casco na lama.

A criança parou a um passo de Rossi, erguendo o rostinho.

— É um cavalo de rei? — o menino sussurrou na nossa língua, apontando os dedinhos para o peito largo e musculoso do animal. — Ele é muito forte.

— Ele acabou de perguntar se é um cavalo de rei — falei. — Disse que é muito forte.

Um meio sorriso cruzou o rosto exausto de Rossi. Meio travado, bagunçou o cabelo do menino.

Esse gesto foi o gatilho para o resto do acampamento. As mulheres mais velhas, que antes sussurravam desonra, começaram a se aproximar com passos mansos. Uma delas, carregando uma bilha de água fresca e um pedaço de pão caseiro, estendeu as mãos para Rossi em sinal de respeito.

Outro homem do bando, um dos primos que lutava na linha de frente, aproximou-se para avaliar a montaria de Rossi, batendo de leve no pescoço forte do animal:

— Um zaino legítimo. Passadas firmes, peito largo... Esse animal vale uma fortuna nas feiras do norte — o *Sinto* elogiou em romano, olhando para Rossi com respeito. — Só um cavaleiro de verdade saberia guiar uma fera dessas.

Em poucos minutos, Rossi estava cercado por olhares de admiração e palavras de gratidão. Ele aceitou a água com um aceno respeitoso, mas, mesmo enquanto falava com os mais velhos, seus olhos azuis e intensos continuavam me procurando por cima das cabeças do clã.

Eu continuava parada a poucos passos de distância, sentindo as lágrimas secarem, dividida entre o orgulho de ver meu amor sendo honrado pelo meu povo e o pavor de olhar para o lado... onde Francesco e Ramirez nos observavam de longe.

— Obrigada — agradeci a Sulamita, com a voz embargada.

— Não há o que agradecer, menina. Fiz o que a justiça exigia, ele nos defendeu. Francesco, retorne à vigília imediatamente! — ordenou ela ao meu irmão, que bufou em descontentamento, assentindo com relutância.

Sulamita inclinou-se ligeiramente em minha direção.

— Zaira... — sussurrou bem baixinho. — Que homem é esse? Pelas estrelas... Ele possui as feições de um anjo de igreja e o porte de um rei. Agora compreendo... Compreendo perfeitamente o terror que a assolava só de pensar em perdê-lo para a morte. Um homem como esse é capaz de enfeitiçar o juízo de qualquer uma.

O calor esquentou as bochechas, e um sorriso desenhou-se em meus lábios.

— Estou feliz! Mas sinto tanto medo.

— E você terá de ser forte para sustentar o preço dessa escolha — alertou. — Mas, por esta noite, a honra do bando o protege. Vá até ele. Vocês terão uma longa noite para conversar.

Ela estava certa. Senti um frêmito no âmago do meu ser, uma ânsia para que estivéssemos a sós e pudéssemos, finalmente, conversar. Queria ouvir por tudo o que passou.

Capítulo XXXIII

Zaira

O interior da tenda nos isolava de todos. À luz morna e trêmula da lamparina, Rossi acomodou sobre as mantas pesadas, soltando um gemido fraco. Ver aquele homem imponente, despido da farda, fez meu coração saltar. Quanto havia sofrido? Ele emagrecera um pouco, notei de imediato.

Ele desatou o casaco longo de lã, deixando-o cair de lado, revelando o quanto seu corpo fora fustigado. Sentei-me de joelhos ao seu lado, ajeitando a saia longa. Sem dizer uma palavra, estendi as mãos e segurei as suas. Suas palmas estavam frias.

Rossi fitou-me, as pálpebras pesadas, mas o olhar transbordava ternura. Ele ergueu uma das mãos e, com a ponta dos dedos, contornou a linha do meu maxilar.

— Eu o procurei em todos os meus sonhos — confessei, deixando que as lágrimas finalmente rolassem. — Em cada um deles você estava cercado pelo fogo e por tropas, e eu acordava impotente. Como escapou de Roma? Como sobreviveu?

Rossi fechou os olhos por um breve instante e se curvou para colar sua testa à minha. Senti sua respiração profunda.

— Eu preciso saber, meu amor... me conte a verdade. Por favor.

— Sobrevivi porque precisava voltar para você.

Rossi afastou a testa da minha lentamente, mas não soltou minhas mãos. Seus olhos ganharam um brilho tenso. Seu pomo de adão subiu e desceu, e soltou:

— Quem era aquele homem que se colocou entre nós?

— Rossi... isso não passa de...

— Zaira. Quem é aquele sujeito? Notei como ele me olhava.

— É um amigo de meu irmão, se chama Ramirez... um Sinto de longos anos, com alianças boas para o clã.

— O que mais?

— Rossi...

— Diga-me, Zaira. Não oculte nada.

O tom de voz dele ficou mais rígido. Abaixei os olhos, mas logo o toque em meu queixo forçou meu olhar a encontrar o seu.

— Eu não queria que nos falássemos assim.

— Está com ciúmes? — Soltei uma respiração forte.

Rossi desviou os olhos rapidamente, molhando os lábios.

O silêncio surgiu, e ouvi apenas o estalar da lamparina. Quando o homem voltou a me encarar, a rigidez cedeu um pouco.

— Ver outro homem, um dos seus, olhando-a com o direito de protegê-la... Sim, isso queima. Sinto raiva porque ele tem um lugar neste seu mundo.

Um sorriso surgiu em meus lábios, embora eu fizesse esforço para contê-lo. Um vinco tenso se formou na testa dele de imediato.

— O que acha engraçado?

— Me lembro daquele escrito que me mandou quando estava na caserna, queimando em fúria pelo mesmo motivo. Ainda a guardo comigo. — Aproximei-me mais dele. — Ramirez era, sim, um pretendente proposto para mim. Meu irmão é severo e jamais aceitaria um gadjó no nosso clã. Mas meu coração não obedece às alianças dele.

Segurando meu rosto, ele avançou seus lábios e me beijou, não contendo à minha revelação. O encaixe perfeito fez meu corpo amolecer. Quando afastou a boca, sua respiração ainda estava tensa, e suas mãos continuavam firmes em minhas bochechas.

— Se esse infeliz se aproximar de você, eu queimarei em fúria. Você é minha, Zaira. Não me importa mais nada nesta terra. Eu cruzei uma guerra, sobrevivi à prisão onde me tiraram a honra e cavalguei por três dias sob o sol inclemente para conseguir encontrá-la.

— E quanto a você? As moças de Roma — perguntei, segurando a pitada de raiva.

— Nenhuma mulher além de você pertence ao meu coração, Zaira Motins.

Confortei o rosto dele entre minhas mãos, tentando imaginar a imensidão do que ele sofrera. Eu queria que me contasse os detalhes, que esvaziasse aquele fardo em meu peito, mas Rossi não disse muitas coisas, estava cansado. Sem mais palavras, deitamo-nos abraçados sob as mantas pesadas, buscando o calor um do outro, até que o cansaço finalmente nos vencesse.



Acordei no coração da madrugada. O silêncio no acampamento finalmente tinha um pouco de descanso, mas, ao meu lado, Rossi tinha sua pele coberta de suor.

Ele estava ofegante, fechando as mãos em punhos, provavelmente em um pesadelo. Chamar seu nome no susto poderia fazê-lo despertar em guarda, com o instinto agressivo. Em vez disso, recorri à sabedoria do meu povo.

Deslizei a mão até meu pescoço e desatei o cordão que carregava uma velha moeda de prata benta, um amuleto Sinti para afastar os espíritos pesados que roubavam a paz do sono. Segurei-a e a pousei suavemente sobre o peito arfante de Rossi, bem em cima de seu coração. Com a outra mão, acariciei seus cabelos úmidos de suor, sussurrando pedidos a Santa Sara Kali:

— *Sara, baxt de amenge*[32]... — murmurei bem perto de seu ouvido, soprando levemente seu rosto para dissipar o mau sonho.

O peito de Damiano subiu e seus olhos abriram na escuridão.

Ele piscou algumas vezes, focando em meu rosto inclinado sobre o dele. O corpo tenso acalmou aos poucos sob o toque das minhas mãos. Ele moveu o olhar lentamente para baixo, e levou os dedos até os meus em cima do seu peito.

— *Bella*... o que é isso?

Aproximei mais nossos rostos, deslizando os dedos por sua bochecha ainda úmida para acalmá-lo.

— É uma prece em nossa língua para Santa Sara Kali, a nossa protetora. Essa moeda de prata carrega a bênção dela para ancorar a alma.

Ele soltou o ar, cansado, e ergueu os braços para me puxar para seu peito. Nada daquilo fora um mero sonho, a guerra o perseguia, mas agora ele estava de volta. Aninhei o rosto na curva do seu pescoço, ouvindo as batidas aceleradas de seu coração se acalmando aos poucos. Ele enterrou o rosto em meus cabelos, respirando fundo, finalmente seguro.

Aproveitando a guarda dele completamente baixada pelo cansaço da madrugada, implorei em um sussurro:

— Conte-me, meu amor... tudo o que aconteceu com você. Eu mereço saber.

Pensei que Rossi fosse se fechar novamente em seu silêncio. Mas não. Ainda atordoado, começou a me relatar tudo o que passara nos últimos dias. O que realmente o deixava aflito era quando tocava em um nome: Nero. O homem que entregou seu escrito para mim quando a carroça de meu irmão passava pela muralha.

---

32 Sara, traga-nos bênçãos.

— ... eu não consegui salvá-lo — Rossi confessou. — Eu não pude nem dar a ele um enterro digno, como ele merecia.

Quando terminou de contar sobre o horror da prisão, seu orgulho e toda a barreira desmoronaram, deixando suas lágrimas escaparem em um pranto doloroso. O abracei fortemente, aninhando seu rosto em meu peito. Estávamos juntos. Vê-lo adormecer ao meu lado, agora calmamente, bastava. Eu tinha feito minha parte e acalentei sua alma.

Capítulo XXXIV

Damiano

Despertei sentindo os membros leves, algo que há muito não experimentava. Por meses, meu despertar havia sido sufocante. Pela primeira vez em longo tempo, sentia plenamente restaurado.

Pisquei contra a claridade que invadia a fresta da tenda. Ao mover o braço, meus dedos encontraram apenas o vazio. O espaço ao meu lado guardava o frio da ausência, pois Zaira já não estava mais.

Teria sido tudo um sonho? Tê-la em meus braços e provar novamente de seus lábios... Deus, quão inebriante era. Uma onda de calor subiu na barriga, despertando o corpo. Dormir ao seu lado, comungar do calor daquela pele, gravara marcas em meus sentidos. Senti o sangue acumular quente em minhas entranhas, gerando a inevitável rigidez matinal. O perigo passara, e a presença daquela mulher operava em mim tranquilidade.

Praguejei em voz baixa, tateando o peito. Meus dedos tocaram a velha moeda de prata benta que Zaira depositara sobre meu coração. Sentei-me nas mantas para aplacar a agitação da carne, percebendo, pelos rumores externos: o conflito da noite findara e o acampamento já se movia.

Ao afastar o tecido e ganhar o exterior da tenda, contraí os ombros sob a luz do amanhecer. Ansioso por encontrá-la, meus olhos vagaram pelo povo que eu outrora julgava herético e perversamente perseguia. Estavam alheios ao meu julgamento, vivendo a primeira hora do dia: em um canto, os homens pitavam seus cachimbos de madeira, mais à frente, Francesco, o irmão de Zaira, de pé junto à fogueira principal, onde o caldeirão de ferro já fumegava.

Não desferi mais um passo, uma silhueta ágil cruzou o acampamento em minha direção. Era Zaira. Seus cabelos ondulavam ao vento da manhã, e um sorriso largo adornava-lhe o semblante. Ela caminhava a passos firmes, equilibrando uma pequena tigela de estanho e um pedaço de pão.

— Despertou, meu carrasco? — sussurrou ela.

— Não me chame assim — censurei-a docemente, detendo-me no brilho de seu olhar.

— Coma. Deve estar com fome.

Ela estendeu o pão aquecido. Sentei-me à borda de uma manta estendida sobre a relva úmida, aceitando o alimento. Zaira agachou-se ao meu lado, entregando ainda uma caneca de ferro com um café fervente e fartamente adocicado. Ver aquela mulher servir-me com tamanha desoneração fazia meu antigo mundo parecer uma pálida quimera.

Zaira acomodou ao meu lado, recolhendo as saias contra as pernas. Seu olhar se fixou em Francesco, que revolvia o caldeirão rigorosamente.

— Ele o odeia — disse ela, em voz sumida. Voltou-se para mim, fitando os olhos. — Francesco nutre um ódio profundo por você, Damiano.

Engoli o pedaço de pão, sentindo o peso gravoso.

— Não sou mais o homem que servia às espadas do Vaticano — respondi, aproximando-me dela, no afã de prender seu olhar. — Possuo a herdade de minha família. Há terras férteis, uma casa sólida, a garantia de uma vida segura... Rogo que venha comigo.

Zaira soltou um suspiro profundo, e o silêncio ficou entre nós. Seus olhos vagaram pelos arredores: as tendas remendadas, as carroças de madeira moldadas pelo tempo, as crianças que principiavam a correr entre os cães do acampamento e, por fim, o perfil severo do irmão.

Aquele horizonte era o seu mundo.

— Há uma escolha diante de você — insisti. — Pode aceitar o meu chamado ou permanecer com os seus. Não tenho títulos de nobreza a lhe oferecer, mas ofereço-lhe a segurança e tudo aquilo que a devoção do meu amor for capaz de edificar.

— Nobreza? — Ela franziu os supercílios em estranheza. — Sabe muito bem que essas bobeiras do seu mundo nunca me importaram.

— Então o que mais posso fazer por nós? — perguntei, sentindo um nó apertar a garganta.

Minha alma inteira protestou quando cogitei a hipótese de ela recusar o nosso amor. A simples ideia de deitar o pranto em seu peito, me desarmar por completo de minhas antigas defesas e desfrutar do sono dos justos ao seu lado fizera-me compreender a extensão de seu poder sobre mim: Zaira era o meu acalento. O seu espírito aquecia o meu, há tanto tempo enregelado.

— Seu irmão jamais aceitaria minha permanência, assim como o seu povo estranharia ver um homem de minha estirpe caminhando ao lado do clã...

— O povo... eles o amariam! Você não guarda nenhuma maldade em mente, não é mais nosso inimigo — disse ela, e notei seus olhos se tornarem úmidos.

Partia o coração vê-la naquele estado de desalento.

— Aqueles inimigos que nos atacaram ontem... eles não tinham ligação alguma com você, tinham?

— Quê? — murmurei. — Julga que eu seria capaz de...

Interrompi a minha fala por um segundo, ficando em silêncio. Fechei levemente os olhos, respirando profundamente, sentindo o golpe daquela suspeita perfurar o peito. Travei o maxilar.

— Damiano...

As mãos dela alcançaram meu rosto.

— Me perdoe. Eu... não suspeito de você.

Voltei a fitar a imensidão de seus olhos.

— Eles suspeitam — continuou ela. — Ramirez e Francesco não pensam como eu.

Ouvir o nome de Ramirez causou uma repulsa imediata. A raiva, outrora contida, fervilhou em minhas veias.

— Você não sabe o quanto isso me rasga por dentro! — disse ela. — Ter que olhar para o próprio sangue e escolher entre o meu povo e o meu único amor nesta terra... Deus, como dói! Se Francesco não te aceitar, e eu sei que ele não quer, eu vou embora com você. Já fechei isso no peito. Mas eu não quero sair expulsa do clã, jogada na beira da estrada com todas as maldições atrás de mim. Você precisa mostrar que está com a gente. Tem que provar para eles que largou tudo o que tinha... por minha causa.

— Estou fazendo isso desde o exato instante em que cruzei o caminho de vocês! — rebati. — Supõe que para mim também foi simples? Quando cogitei, por anos de agonia, a ideia de nunca mais vê-la? Quando pesei a minha honra contra o fato de você ser apenas uma mulher sem eira nem beira... e depois descobrir que a dona do meu coração era uma Sinti? Uma alma pertencente ao povo que passei praticamente toda a minha vida acusando, conforme fui instruído sob o trono de São Pedro?

Umedeci os lábios secos, sentindo o apetite se esvair, e continuei:

— Passei três dias e três noites cavalgando sem descanso. Segui o rastro do seu clã por mais de duas horas, até que vocês estancaram neste lugar. Minha mente vagava, tentando encontrar em qual momento eu a encontraria sozinha... quando a gritaria chegou até mim. Eu banhava-me no riacho que corre aqui perto. Juro-lhe,

Zaira, naquele instante minha mente não concebeu outra coisa senão a senhorita.

— E a arma? Como a conseguiu?

— Na herdade. Assim como o cavalo. O esposo de minha mãe é caçador, e precisei ocultá-la sob as montarias durante toda a viagem para não despertar suspeitas.

Zaira enxergou a verdade em meus olhos.

— Eu sempre soube... não se sinta mal por minhas perguntas — sussurrou ela, deixando um beijo casto em meus lábios antes de se afastar. — Coma tudo. Depois eu te ajudo a andar pelo acampamento, para o povo te ver. E... — Seus olhos foram na direção de Francesco, voltando a me encarar. — Meu irmão quer falar com você, partiremos daqui algumas horas.

Confirmei com um leve aceno de cabeça, um tanto bravo, e meu rosto não negava isso.

Vi quando ela se afastou, misturando a um grupo de mulheres mais adiante. Suspirei fundo após terminar o alimento. No instante seguinte, a silhueta de uma mulher madura, ornada de ouros em anéis e com os cabelos presos em um lenço vistoso, aproximou de onde eu estava. Era a mesma que, na noite anterior, dissera que Francesco haveria de honrar-me por eu ter defendido o clã contra os agressores.

— Não pude deixar de ouvir o seu dialeto — disse ela. — O seu falar é muito bonito.

— Agradeço-lhe — respondi, polido.

— Não dê ouvidos a Zaira, ela está furiosa com o irmão.

Pus-me de pé, contrapondo sua altura menor, apertando sutilmente a mão estendida. Com um gesto leve, ela tomou a caneca de ferro já vazia de minhas mãos.

— Chamo Sulamita.

— Rossi — declinei meu sobrenome, sustentando sua postura firme.

— Fico admirada ao ver como os olhos de Zaira a acompanham — disse ela, meneando a cabeça, examinando-me. — Nunca vi minha menina ter tanto brilho naqueles olhos, idênticos aos da falecida mãe, quando fala de você.

— Fora o primeiro traço dela que notei — confessei, sentindo o peito aquecer. — A cor diferente e a profundidade de seu olhar.

Sulamita estreitou as pálpebras.

— E o que a fez se deter nos braços de um homem como você?

— Minhas posses podiam ser poucas, senhora, mas ofereci a ela a única coisa que verdadeiramente me pertencia: a minha vida inteira.

O semblante rígido de Sulamita desfez, e ela permitiu um sorriso brando, cujas rugas surgiam.

— Errei quando disse que seu amor seria apenas um fogo de palha — confessou.

Maneei a cabeça levemente em agradecimento.

Pouco depois, a mulher saiu e Francesco veio ao meu encontro. Ao caminhar pelo centro do acampamento, percebi que, embora alguns demonstrassem um respeito por meus atos da noite anterior, outros não tinham qualquer consideração, encaravam-me com asco. Eu não os julgava. Afinal, eu representava o mundo que os oprimia.

O murmúrio suave do riacho correndo próximo foi interrompido pela voz de Francesco:

— Como encontrou o clã?

— Zaira e eu trocávamos correspondências ao longo dos dois últimos anos, desde que vocês partiram de Roma — respondi, sustentando seu olhar severo. — Instilei ordens a um soldado subordinado para que lhe entregasse secretamente minha primeira missiva, instruindo-a sobre como deveríamos proceder para manter o contato.

— Maldito... — rosnou Francesco.

Não respondi àquela provocação. Francesco era mais baixo do que eu, e, embora as agruras dos últimos dias tivessem me feito perder alguns quilos, eu ainda possuía maior porte físico que ele. Seus cabelos estavam mais longos do que da última vez em que nos cruzamos em Roma, a barba crescera sem aparo e ele trajava um colete de couro sobre a camisa de linho.

Suspirei fundo, desviando os olhos para o contorno das árvores que cercavam o acampamento, passando a mão no meu bigode.

— Pode me dizer como a conheceu? — inquiriu ele.

Soltei um riso seco, desprovido de qualquer humor, meneando a cabeça negativamente. Enfiei as mãos nos bolsos da calça.

— Por que não faz essa pergunta a ela?

— Porque você é o miserável que a tocou! — vociferou.

— Não a forcei a nada, Francesco.

— Então assuma os seus atos como um homem! — exigiu ele.

— Sua irmã jamais será um problema para mim. Mas, se isso serve de consolo ao seu orgulho, eu a conheci em uma taberna nas ruelas de Roma.

Recusei-me a confessar-lhe o real motivo de eu estar naquele lugar: fora por estrita ordem de meu superior na Guarda Papal. Omiti que recebera ordens expressas, logo após imiscuir-me no caso do visconde, para eliminar quem fosse necessário a fim de manter o plano confinado. Eu mentira ao meu comandante, criara falsos relatórios e, se a queda dos Estados Pontifícios não tivesse posto fim a tudo aquilo, eu não saberia que destino terrível nos teria cruzado.

— Ela estava só, e confesso que fiquei... — busquei o termo exato na memória — ...completamente fascinado ao vê-la adentrar um ambiente hostil, tomado por tantos homens. Notei que ela trazia uma melancolia no semblante, dizia que o irmão a tratava da maneira rígida com que um homem deve proteger as mulheres de sua família, pois ela não desejava ser um fardo. Aproximei-me com certo receio. Eu não sabia que ela pertencia ao povo Sinti, via apenas uma mulher formosa, sem eira nem beira. Ignorei o fato de sua presença ser tão magnética e de seus olhos carregarem um brilho zombeteiro. Depois daquilo, passamos a nos encontrar, mesmo quando tentávamos nos evitar.

— Chega! — pediu Francesco. — Você não sabe de nada! Zaira nasceu com o sangue solto, feito bicho do mato. Pensa que levei ela para Roma por quê? Porque ela vivia fugindo do nosso bando para ir até as vilas curar cavalo de homem da cidade! Ganhando trocados lendo a mão e o destino de mulher de guarda!

Senti um calafrio percorrer as entranhas. Uma ironia dolorosa esmagou o peito ao compreender que o meu coração pertencia, irrevogavelmente, a uma mulher que eu tantas vezes julgara e condenara em meus dias de farda.

— Você a tocou?

Silêncio. Tornei a respiração fria.

— Responda-me, cão — rosnou. — Você despiu a minha irmã?

— Sim — respondi, sustentando seu olhar sem pestanejar.

Francesco respirou fundo, tentando conter a raiva em seus olhos.

— Você vai caminhar conosco até o destino final, e a sua única obrigação será derramar seu sangue e lutar pelo clã. Tem sorte de ter defendido minha tenda ontem à noite e de ter Sulamita ao seu lado para mudar a cabeça de quase metade do povo. — Passou a mão bruscamente por sua barba. — Eu vou ajeitar o casamento de vocês, casarão na estrada. Mas você jamais será como o meu povo, nunca terá o meu respeito. Desejo-lhe toda a sorte para governar uma mulher como Zaira... se é que possui alguma medíocre terra.

Sem proferir palavra alguma ou dignar-se a apertar-me a mão, Francesco girou sobre os calcanhares.

— Francesco! — chamei-o, fazendo estancar os passos.

Ele virou-se lentamente para me encarar.

— Deixe que eu conte isso a ela. Do meu jeito.

Francesco mediu-me com desprezo.

— Faça como quiser, já não faz diferença para mim — respondeu, friamente. — Você tem até o amanhecer.

E sumiu entre as tendas. Passei as mãos no rosto, suspirando, sentindo o coração acelerado. *Cazzo!*

Capítulo XXXV

Damiano

Antes que o clã retomasse a estrada, Zaira conduziu-me pelo coração do acampamento, desvelando o cotidiano daquele mundo errante. Apresentou-me a algumas famílias, mostrou a estrutura pesada das carroças de madeira e os segredos de como preparavam o alimento comunitário. Mostrou também os homens encarregados das guardas, aqueles que vigiavam as fronteiras invisíveis do bando. Tudo isso com um sorriso enorme nos lábios.

Eu os observava, tentando decifrar uma ordem naquela aparente desorganização.

Durante as longas horas de caminhada sob o sol, Zaira desconfiou da minha persistente quietude. Inquiriu-me repetidas vezes sobre o motivo do meu silêncio, mas optei por resguardar meus pensamentos. Não havia resposta simples para a minha agonia.

Concentrei em apenas cuidar do clã caso alguma ameaça surgisse.

À noite, quando finalmente estancamos a marcha, isolei-me à beira de uma fogueira, onde permaneci por horas, contemplando as silhuetas das mulheres que dançavam sob a luz das chamas que consumiam a lenha. O rumor vivo de conversas e as risadas descontraídas enchiam o ambiente, e eu me perguntava como eles ainda encontravam forças para o festejo após um dia tão exaustivo de caminhada? Simples, eles eram felizes.

Busquei por Zaira com o olhar. Quando a encontrei ao longe, conversando ao lado de Sulamita, umedeci os lábios, mantendo meus antebraços apoiados contra os joelhos. Eu não queria causar nenhuma dor àquela moça, e menos ainda desejava que o sofrimento dela viesse de seu povo por minha culpa.

Àquela altura dos acontecimentos, uma ideia cruzou a mente: perguntei-me se não seria melhor partir na calada da noite, deixando que seguissem o seu rumo em paz. Será que a vida dela não seria mais feliz se cedesse às tradições e se casasse com um homem de seu sangue, como Ramirez?

No entanto, bastou cogitar a imagem de outro homem tocando a sua pele para que o sangue fervesse em minhas veias. Eu não permitiria.

Aflito, sentindo a cabeça pesada pelos pensamentos, levantei no instante em que ninguém me vigiava. Decidi caminhar pelos arredores, afastando do acampamento até ouvir as conversas sumirem na escuridão. Aproveitei o tronco de uma árvore frondosa para aliviar-me, ouvindo apenas o ruído da urina atingindo a relva seca.

Sentei-me em uma pedra ladeada e puxei a minha cigarreira de metal, era o último charuto. Risquei um fósforo contra a rocha, acendendo-o, e traguei a fumaça. Inclinei o corpo para a frente, mantendo o charuto preso entre os lábios, e colhi um pequeno galho flexível do chão. Girei-o entre os dedos, moldando-o, imaginando no dedo de Zaira. Percebi que o aro ficaria pequeno demais para mim, então o ergui contra a altura da lua, observando através e imaginando o tamanho exato que coubesse no dedo de Zaira.

Ao sentir os olhos serem subitamente cobertos por duas mãos macias, meu coração disparou e a respiração fustigou o peito em uma falha. Em seguida, senti braços enlaçarem os ombros em um abraço terno.

— Não faça mais isso... — resmunguei, tentando acalmar o pulso.

— Nossa... assustei o meu carrasco — sussurrou Zaira bem rente ao meu ouvido, desprendendo um hálito doce ao vinho.

— Já lhe ordenei para não me chamar assim — censurei-a em tom baixo, embora meu corpo relaxasse.

— É o que você é.

Ergui o charuto, tragando-o uma última vez antes de apagá-lo contra a pedra e guardá-lo na cigarreira. Precisava economizar o que me restava.

— O que faz aqui sozinho?

Puxei-a pela mão, trazendo seu corpo para se acomodar sobre minhas pernas. O terreno tomado pelo mato fechado abria-se à nossa frente sob o manto da noite, e, quando o vento soprou, um cheiro úmido de terra atingiu as narinas.

— Zaira... na única vez em que confessei isto a você, foi por meio de minhas cartas. Contudo, desejava confessar agora, olhando no fundo de seus olhos... que a amo. Sonhei em construir uma vida comum ao seu lado quando eu ainda me via preso àquela farda.

Envolvi a lateral de sua face, acariciando com o polegar a lágrima morna que ousava escorrer por sua pele.

— Eu também te amo! — respondeu, colando a testa na minha. — Amo demais!

— Você é a única alma nesta terra que verdadeiramente conhece o lado Damiano — continuei entregando-lhe toda a verdade. — O que sempre ofereci ao resto do mundo foi apenas o Rossi. Amo-a tanto que cheguei a cogitar minha partida nesta noite, se isso garantisse a felicidade no rosto da única mulher que idolatro.

— Não fale uma coisa dessas! — exclamou, agarrando meu rosto com as duas mãos, enquanto sua expressão se transformava em dor. — Nunca mais repita isso.

— É... não vou repetir — ri, sentindo o rosto esquentar. — Expulsei esse pensamento da mente no instante em que imaginei outro homem tocando a sua pele — confessei. — Eu passaria o restante dos meus dias na terra remoendo essa agonia. Porque a verdade é que não posso lutar contra a certeza de que você me pertence, e de que eu seria capaz de matar qualquer um que ousasse tocar seu corpo.

— Damiano... — sussurrou, permitindo mais lágrimas descerem por suas bochechas.

— O seu irmão falou comigo. — A levei ainda mais para perto do meu peito.

— Sim?

— Ele realmente me odeia. — Zaira soluçou baixinho, limpando o rosto com o dorso da mão. — Exigi que ele me deixasse torná-la como minha esposa. Garanti a Francesco que seguirei com o clã até o destino final para defendê-los de qualquer perigo. Nós vamos nos casar na estrada.

Seus braços enlaçaram meu pescoço, e eu apertei, afundando o rosto em seu pescoço acolhedor.

— Zaira Motins... — Afastei-me apenas o suficiente para buscar o seu olhar sob o luar. — A senhorita aceita compartilhar o restante de seus dias na terra comigo?

Um sorriso surgiu em seus lábios, revelando o branco de seus dentes perfeitos.

— É claro que sim! — exclamou ela, colando os lábios nos meus e devorando-me em um beijo cheio de vontade.

Envolvi-a por inteiro em meus braços, retribuindo cada toque, sentindo sua carne quente pulsar contra a minha. Quando o ar finalmente nos faltou, afastei os lábios e ergui o pequeno aro que eu moldara minutos antes.

— Deixe-me colocá-lo em seu dedo. Preciso ver se haverá de caber — murmurei, roucamente.

O encaixe de madeira em seu dedo anelar esquerdo fora perfeito.

— Quero que me prometa uma coisa.

Segurei os fios escuros de seu cabelo para livrar a curva do seu pescoço. Deixei ali um beijo úmido e demorado, sentindo seu corpo arrepiar sob minhas carícias.

— O que você quiser, meu carras...

Zaira respirou com dificuldade.

— Sem apelidos! — ordenei em um rosnado baixo, mordiscando a sua pele.

— Meu homem... — sussurrou ela, rendida.

Sorri, um tanto surpreso com a entrega daquelas palavras em sua boca.

— Gostei desse — confessei. — Agora, seja sincera comigo. Prometa que não vai desobedecer às minhas ordens e que nunca mais se colocará em perigo.

Um gemido sôfrego escapou de sua boca no instante em que enfiei a minha mão grande por entre os tecidos pesados de sua saia, apertando com firmeza a carne quente de seu quadril.

— O que... — arquejou ela, tombando a cabeça para trás conforme eu continuava a distribuir beijos ardentes por seu colo. — Que mais o meu irmão disse?

— Que você é... uma mulher de espírito selvagem — respondi contra sua pele. — E ele não estava errado. Lembro-me, inclusive, que você roubou as folhas de papel que usava para me enviar as missivas. Estou pedindo para...

— Aprendi a viver assim. Mas... sim, meu homem... — interrompeu, apertando as unhas em meus ombros. — Eu prometo que não vou desobedecer às suas ordens.

O sangue fervia nas veias. Eu estava atordoado para chegarmos à tenda e matar a saudade que torturava o meu corpo e, daquela vez, consumar o nosso amor sem interromper meu prazer final.

Capítulo XXXVI

Zaira

Caminhamos por mais treze dias, e durante toda o caminho o casamento estava sendo preparado. Claro que Francesco não carregava nenhuma felicidade nos olhos, aquele arranjo não tinha o calor do nosso povo Sinti. Mas meu coração estava em outro lugar.

Damiano tivera que enfrentar alguns bandoleiros ao lado dos homens do clã. Ele acabou sendo atingido nas costelas por uma lâmina e sangrou a dor dos guerreiros. Passei a noite toda acordada, preocupada, cuidando dele. Para que apresentasse melhora e a febre maligna cedesse, fiz com que tomasse as ervas de cura.

Ele me dizia palavras cheias de ternura, jurando que teria a criatura mais linda ao seu lado, e que era sortudo demais por ter minhas mãos cuidando de suas feridas. Olhava bem no fundo dos meus olhos, e eu me perdia no brilho dos dele. Colocava a palma da minha mão em seu rosto, e se aninhava nela, buscando meu calor. Nunca experimentei um amor tão forte em toda a minha vida, uma paixão que queimava. Sentia uma dor profunda no peito só de imaginar meus dias longe dele, caminhando pelo mundo sem o toque do meu amado.

O dia do casamento chegou. O acampamento amanheceu barulhento, e o cheiro de guisado e o som das violas anunciavam a festa. Minhas mãos tremiam conforme tentava prender os adornos no cabelo. Eu estava ansiosa, aflita, sentindo o peito sufocar. Sulamita me ajudara a me acalmar, entoando palavras para serenar minha alma.

— Você está maravilhosa. Ele vai ficar ainda mais apaixonado. — Sulamita disse, ajustando as minhas saias vermelhas e longas feitas de camadas de tafetá encorpado.

Apenas pensando em Damiano, o coração já acelerava. Como ele estaria? Finalmente nos era permitido desfrutar do amor?

No pescoço pus um colar cheio de moedas de ouro, assim como os adornamentos em meu cabelo. Os fios, longos e escuros, haviam sido lavados em águas aromáticas e escovados. Sulamita dividiu as mechas e começou a trançá-las. Ela moldou duas grossas tranças

embutidas que começavam no topo da minha cabeça, contornando minhas têmporas e descendo pesadas por minhas costas, prendeu pequenas moedas de ouro antigas ao longo de toda a extensão. Na raiz, bem na moldura do meu rosto, fixou uma tiara delicada feita de correntes finas de ouro, repousando sobre a testa, sustentando três moedas maiores, usada por minha mãe.

Com as saias de tecido nobre e o ouro no cabelo ajustados, fui levada pela música das violas e o ritmo compassado dos tambores do clã até a fogueira central ao entardecer, onde Sulamita e as anciãs me cercaram de guardiãs.

Ao cruzar a roda formada pelo povo, senti o calor da fogueira e os sentimentos queimando nos ossos.

Encontrei o olhar arrogante de Francesco. No centro do círculo sagrado, diante dos anciãos, ele me aguardava.

O rosto de Damiano carregava ternura quando apareci à sua frente, e à nossa volta formava o círculo. Damiano exalava elegância. Os olhos azuis de um tom profundo fixos nos meus. Usava uma camisa de linho fino, cujos punhos bem alinhados apareciam sob as mangas. Por isso sumira no dia anterior em uma vila, certamente trocara algo por aquelas peças civis.

Por cima, um colete de tecido encorpado de um tom azul-escuro profundo moldava seu porte com as tiras traseiras bem amarradas, e sua calça escuras terminavam em botas altas de couro. Um sorriso surgiu em meus lábios. Damiano se aproximou e seus olhos se detiveram nos meus, brilhando. Ele me achou bonita?

Apesar de toda a raiva de meu irmão ao lado de sua esposa, uni minhas mãos às do meu amado. Era a prova de que precisávamos ser fortes, quando a maioria não queria aquele casamento acontecendo.

Juntos, caminhamos em direção ao ancião mais velho do clã: o marido de Sulamita. Nos ajoelhamos, e ouvi a voz de Damiano sussurrada ao meu lado:

— *Bella*, nunca senti o coração tão acelerado. Está maravilhosa.

Olhei em seu rosto de canto, não conseguindo conter o sorriso. Meu peito subia e descia rapidamente. Senti o calor e a tensão de Damiano enquanto Yanko iniciava o ritual. Nos casaríamos sob o céu, com os votos do mais velho ditando as leis.

O que realmente me importava era meu amado ao meu lado, finalmente rompendo qualquer medo. Eu poderia ser feliz ao lado do homem que amava. A todo momento reparava em como ele estava lindo: fizera a barba e assentara o bigode com pomada, deixando os fios alinhados. Tão... lindo.

Após partilharmos o pão e o sal, selando a união, tive minhas mãos amarradas às de Damiano com o lenço vermelho, selando

nosso destino. Diante de todo o clã, pronunciei o juramento final, aceitando o casamento:

— Onde sua estrada for, a minha também será — disse. — Que a minha fogueira seja o seu calor e que o meu sangue proteja o seu. Eu o aceito sob o céu e diante dos nossos ancestrais, dividindo a doçura do pão e o peso do sal, até que a terra nos recolha.

Damiano olhou nos meus olhos e, repetindo as palavras ensinadas por Yanko, respondeu com o mesmo juramento, amarrando sua vida à minha. Nos beijamos, felizes. O calor brotou do centro do peito e expandiu por minhas veias, encontrando o pulsar de Damiano. O destino já havia desenhado aquela união há muito tempo, pois senti nos ossos. A sabedoria da vida havia movido o mundo apenas para que nossos caminhos se cruzassem sob aquele céu. Naquele beijo, compreendi que eu estava, finalmente, em casa.

Os violinistas e os tocadores de flauta começaram a tocar. O clã deu início aos gritos de celebração. Homens e mulheres avançaram em nossa direção, e uma chuva de moedas de prata e cobre começou a cair contra os tapetes pesados aos nossos pés, desejando-nos prosperidade.

Ao redor da grande fogueira central, o banquete teve início. Grandes travessas de cobre foram carregadas pelas mulheres, cheias de carnes de carneiro assadas, misturando ao cheiro forte do vinho servido em jarras de cerâmica. As saias coloridas das Sinti giravam, tons de vermelho e amarelo sob as faíscas que subiam para as estrelas. Os anciãos riam, bebiam e batiam as mãos, celebrando nossa união.

Juntos desde o primeiro instante após ouvir a todos, estávamos nos beijando depois da dança, inebriados de felicidade. Eu ria, abraçando-o, aproveitando cada momento sentada sobre os tapetes, finalmente casada.

— Queria lhe dar isto — sussurrou Damiano, tirando uma aliança de ouro do bolso.

Sorri levemente, deixando que ele a colocasse no meu dedo.

— É linda... — murmurei, olhando o brilho do ouro. — Mas lembre de que a nossa verdadeira aliança foi formada através do lenço vermelho. Não me importo em usar esta linda aliança, se isso fizer meu amado se sentir bem, sei um pouco da sua tradição.

Olhei para nossos pulsos. Era uma peça linda: um pedaço de seda carmesim com franjas douradas nas pontas, amarrando nossas vidas para sempre.

— Quero que a guarde como parte do meu coração.

O calor da bebida começava a subir por minhas bochechas.

Olhei de relance para Damiano, seu sorriso me prendeu. Acabei soltando uma risada boba. Era uma felicidade que eu nunca

imaginara sentir. Ele percebeu meu olhar, inclinou-se em minha direção e tocou a ponta do meu nariz com o dedo.

— Seu irmão passou por mim para pegar o cordeiro e nem sequer apertou a minha mão. Acho que ele preferia ter engolido uma adaga do que ver esse casamento acontecendo.

Escondi o rosto em seu ombro. Era verdade. Francesco passara a noite inteira com a mandíbula travada, vigiando o acampamento, recusando a validar o casamento.

— Deixe Francesco com o orgulho dele — respondi, olhando no fundo dos olhos azuis do meu marido. — Ele queria salvar a honra da família, e o destino deu a ele exatamente o que pediu. O que me importa é que você é meu.

— Para sempre, *bella*.

Brindamos sua caneca contra a minha antes de darmos o último gole da noite.

Quando o acampamento ainda estava em festança, Damiano me conduziu pela mão até a nossa morada sobre rodas. Havíamos subido as estradas do norte e faltavam apenas alguns dias para chegarmos onde o chão beijava a França, aquele seria meu último caminhar ao lado do clã.

O teto arqueado de madeira estava coberto por xales coloridos bordados pelas anciãs, e o ar dentro guardava o perfume doce de ramos de lavanda e alecrim pendurados para abençoar nossa primeira noite.

Com cuidado, ajudei-o a tirar o colete azul e a camisa de linho. Desatei o nó do lenço e curvei-me para depositar um beijo suave, bem sobre a marca da lâmina, selando sua cura com o meu amor.

— Você cuida bem de mim — murmurou.

Em pé, segurou meu rosto com as duas mãos, beijando meus lábios, aquecendo meu peito. Sua língua explorou a minha. Ao me afastar, ainda sentindo o calor do seu hálito, sussurrei o que pesava em minha alma:

— Já passou por sua cabeça onde estamos? Há um certo tempo, você e o seu povo nos odiavam. Mas nós somos um povo que também acredita em Deus, que se ajoelha diante dos Santos e faz batizados... Apenas vivemos livres sobre a terra. Sabe... eu assisti à minha mãe ser morta por homens da vila que a lincharam, acusando-a de bruxaria. Ela nunca foi uma pessoa má. Era maravilhosa, curava os doentes com o mesmo amor que uso para cuidar de você...

Senti o gosto amargo do vinho em minha garganta. Suas mãos vieram até meu rosto, segurando-o, e ele deixou um beijo terno na minha testa.

— Eu sei o que os homens da Igreja e os soldados fazem em nome de santidade. Passei anos marchando sob a bandeira do Papa, guardando palácios enquanto o povo do lado de fora sangrava na miséria. Vi homens de farda usarem o nome de Deus para justificar a crueldade contra os vulneráveis. Eu fazia parte desse mundo.

Ele ergueu uma das mãos e acariciou minha bochecha.

— Mas essa farda não me pertence mais. Eu desertei porque não havia mais verdade naquele altar. Se os camponeses enxergaram pecado na bondade da sua mãe, o erro estava nos olhos deles, não nas mãos dela. Depois de dias ao seu lado e do seu povo, diante do Deus em que eu acredito, a sua cura é uma bênção.

Damiano puxou-me para mais perto, colando sua testa à minha. Suas mãos grandes deslizaram pelas laterais dos meus braços, apertando minha pele.

— Eu não posso apagar o que o meu povo fez ao seu no passado. Mas daqui por diante, o meu dever não é Roma, mas sim você. Se alguém ousar erguer a mão contra você, terá que passar por mim primeiro. Absolva o meu passado, minha *bella*, e deixe-me ser o homem que está à sua frente agora.

— Como quiser, meu homem. Meu destino agora caminha junto ao seu — sussurrei.

O amargor do vinho deu lugar a um calor irradiando por meu pescoço quando ele me puxou para si. Damiano se moveu com lentidão, sentando-se no colchão de palha encorpada coberto por mantas de lã grossa. Com os olhos fixos nos dele, me aproximei devagar, pousando as mãos em seus ombros largos. Senti a textura firme da sua pele e o calor emanando de seu corpo. Seus dedos foram até as botas, as retirou e, em seguida, desfez o fecho das calças, puxando-as para baixo e revelando a pele nua diante de mim. Um calor súbito atravessou meu ventre. Eu assistia a tudo sem conseguir desviar os olhos, fascinada pela transição daquele homem em meu marido. À iluminação dourada e trêmula da lamparina, observei seu torso.

A pele do pescoço e dos braços era mais escura, castigada pelo sol, contrastando com tom mais claro do peito e do ventre firme. Os ombros eram largos, moldados pelos anos, e o desenho do seu peito subia e descia com a respiração ofegante.

Na lateral esquerda da cintura, o corte já estava sumindo, e a pele ao redor ainda exibia um tom arroxeado. Damiano exalava uma força vigorosa, uma beleza rude, roubando o fôlego de qualquer mulher, mas era todo meu, cada parte do seu corpo pertencia a mim.

Deixei os fios do cabelo soltos, livres, e curvei-me sobre meu amado, permitindo que meus cabelos longos caíssem sobre seu peito nu. Seus dedos enredaram-se em meus fios, buscando o aroma de

lavanda ainda persistente, enquanto o cheiro de sua pele preenchia meus sentidos.

Perfeitamente posicionado entre suas pernas, com o rosto na altura da minha cintura, ele agiu com calma: suas mãos firmes subiram por minhas panturrilhas, encontrando os nós das tiras de couro das minhas botinas. Desatou os laços, deslizando o couro macio para fora dos meus pés. O toque direto de suas mãos subindo por minha pele fez um arrepio subir minhas coxas, sob as camadas das saias.

Em seguida, ele buscou a amarração do meu corpete de fustão encorpado. O peito de Damiano subia e descia rapidamente, eu podia sentir o calor da sua respiração acelerada contra o meu ventre conforme seus dedos puxavam, um a um, os cordões trançados que cruzavam os furos caseados do tecido. À medida que o cordão se afrouxava, a peça cedeu, revelando a linha do meu colo e a curva dos meus seios.

Damiano empurrou as alças para fora dos meus ombros, livrando-me do corpete, e em seguida desfez as amarrações que sustentavam o peso das minhas muitas saias e da anágua de algodão que deslizaram, acumulando ao redor dos meus tornozelos.

Nua diante dele, despida dos adornos de ouro ou das pesadas camadas de tecido, experimentei uma sensação nova. Sob o olhar devoto daquele homem, me senti a moça mais bela e poderosa da terra. O brilho nos olhos claros de Damiano estava intenso.

Ele aproximou o rosto e começou a traçar um caminho de beijos lentos e ardentes por minha pele, marcando o contorno do meu quadril, a textura macia das minhas coxas, e subindo devagar, deixando um rastro quente por onde passava. Minhas mãos encontraram seus ombros nus, cravando os dedos em seus músculos firmes para me sustentar, minhas pernas vacilavam de prazer.

Espalmou a curva das minhas costas, colando meu corpo ao seu torso quente, e pressionou os lábios em um beijo demorado, profundo e reverente bem no centro do meu ventre. O calor do seu hálito e o roçar suave do seu bigode me fizeram soltar um suspiro sibilado.

Aquele beijo... senti selar um futuro, o milagre da promessa de vida que o nosso sangue misturado geraria.

Ele ergueu os olhos para mim, com a respiração curta e necessitada.

— Você é o meu altar, Zaira — declarou ele, com a voz rouca.

Quando afastou os lábios do meu ventre, sua respiração forte preenchia o interior da carroça. Puxando-me para seu colo, abri as pernas, acomodando-me sobre suas coxas firmes. Ficamos colados,

pele contra pele, sentindo o calor do seu peito nu queimando contra meus seios.

Estar elevada por ele fazia-me sentir uma rainha. Busquei o contorno do seu pescoço, enterrando os dedos em seus cabelos curtos.

— Olhe para mim, Zaira.

Damiano deslizou uma de suas mãos por entre nossos corpos, descendo por meu ventre até encontrar a intimidade da minha carne. Os dedos firmes contra minha sensibilidade úmida me fizeram soltar um gemido agudo, capturado imediatamente quando ele colou seus lábios nos meus em um beijo ébrio.

O ritmo dos seus dedos era sábio. A cada movimento, uma faísca subia por minhas coxas. Aquela sensação parecia ser o cavalgar de cavalos selvagens correndo livres estrada sob um céu de tempestade, e o fogo da fogueira lá fora ter migrado para meu baixo-ventre.

Apertei seus ombros robustos e comecei a mover os quadris contra a palma, buscando mais, entregando-me por completo. A respiração de Damiano acelerou, enquanto ele roçava os lábios e os dentes nos meus seios. Ele mantinha o estímulo firme. Senti um espasmo profundo começar no fundo das minhas entranhas.

— Damiano... — o nome dele escapou, desesperado, dos meus lábios.

— *Bella mia*... estou aqui — gemeu, rouco.

O ápice me alcançou. Arqueei o corpo contra o dele, entregando-me a uma onda de êxtase avassalador me dominando. Parecia que minha alma havia se desprendido do corpo, flutuando acima da carroça, unida à dele pelo lenço invisível do destino.

Enterrei o rosto no vão do pescoço de Damiano, ofegante, sentindo as lágrimas do prazer transbordarem. Suas mãos subiram para as minhas costas, envolvendo em um abraço apertado e depositou beijos suaves nos meus ombros molhados de suor. Eu era dele, e ele era meu, sob a lei e a força do espírito. Quando os espasmos começaram a ceder, deixando o corpo trêmulo e aquecido. A respiração de Damiano era intensa, a mandíbula travada pelo esforço de conter o próprio desejo para cuidar do meu. Vi o suor brilhar em sua testa.

Eu queria tudo daquele homem.

Apoiei em seus ombros largos, sentindo os músculos do seu peito tensionarem. Ele segurou minha cintura com firmeza, orientando meu corpo. Ergui-me sutilmente sobre o seu colo e, em um movimento lento, curvei para baixo, recebendo-o por completo. Um suspiro profundo e sibilado escapou dos lábios de Damiano quando nos tornamos um. Seus olhos se fecharam e sua cabeça

pendeu para trás, apoiando contra a madeira escura da carroça e absorvendo o calor da minha intimidade.

O movimento começou na região dos meus quadris. O balanço sutil da carroça cedia ao nosso peso e a madeira rangia baixinho sob nós. Controlei a força, alternando entre subir e descer em seu colo. Meus cabelos escuros balançavam ao redor do seu rosto a cada movimento, e Damiano levantou as mãos para segurar minhas coxas.

— Zaira... minha vida — arquejou, abrindo os olhos, beijando meus lábios.

O calor entre os nossos corpos era forte. O som das nossas respirações preenchia o ambiente. Ao longe, através das frestas da lona, ouvíamos o barulho da festança ao redor do fogo.

O corpo de Damiano enrijeceu e seus dedos cravaram em minha cintura impulsionando o quadril para cima uma última vez, se entregando. Um gemido forte ecoou do fundo do seu peito quando foi derramado sua semente e seu calor dentro de mim, selando nossa carne. Meu ventre respondeu à sua entrega, contraindo-se ao redor do dele em uma última onda de prazer. Desabei para a frente, exausta e em êxtase, colando meu peito ao seu torso suado. Damiano me envolveu em seus braços fortes, escondendo o rosto em meus cabelos desalinhados. Ambos tentávamos recuperar o fôlego. Uma paz nos cobriu. Ficamos assim por longos minutos, ouvindo nossas respirações. Ele manteve-me sentada em seu colo acariciando minhas costas nuas. Depois, segurou meu queixo com delicadeza.

— Nunca... em toda a minha vida experimentei uma força como essa. Você me desarmou, cigana.

Sorri contra os lábios dele, sentindo o calor do seu hálito.

— Isso o assusta, soldado? — perguntei, provocativa.

Seus quadris moveram sutilmente sob os meus e senti o pulsar de sua carne responder à minha proximidade, o desejo renascia.

— Não. Francesco achou que estava me punindo ao aceitar nosso casamento. Aquele tolo não sabe que me entregou o maior tesouro que um homem poderia desejar. Eu a quero de novo, *bella*.

Antes que eu pudesse responder, os lábios de Damiano encontraram os meus. Nenhum homem na terra seria capaz de nos separar.

Epílogo

Damiano

A poeira das estradas finalmente havia assentado. Após mais três semanas de marcha, o contorno das colinas indicava a chegada nos contrafortes das montanhas Alpinas aos domínios do grande clã. O refúgio deles por um certo tempo, eu diria.

O vento soprou das cristas do norte, trazendo o aroma de terra úmida e pastagem selvagem. Quando a vanguarda do pequeno grupo de carroças atravessou a última linha de carvalhos, deparei-me com uma visão monumental: estendendo-se pelo vasto latifúndio isolado, havia um verdadeiro império sobre rodas. Fiquei impressionado. Dezenas de vardos majestosos com tetos arqueados, entalhes artesanais em madeiras escuras e janelas guarnecidas com cortinas de brocado pesado, desenhavam um semicírculo perfeito. Garanhões de excelente porte, pelagens reluzentes do alazão ao negro mais profundo, pastavam sob a estrita vigilância de sentinelas: jovens ciganos de olhar atento.

Ouvi o som de conversas cruzando o acampamento, o riso das crianças e vi o fumo azulado de dezenas de fogueiras subindo em direção ao céu do entardecer. Todos do grupo foram acolhidos. Naquele dia, fui apresentado ao velho Lazar, um homem profundamente reverenciado por aquela gente. Parecia ser a autoridade máxima daquelas paragens, um patriarca cuja riqueza se manifestava na segurança dos seus passos e no ouro espesso que brilhava em seu peito. Seus cabelos eram brancos, e seu olhar, intenso.

Ele possuía uma oratória envolvente e tratava a todos com extrema generosidade. Ao anoitecer, dividíamos o calor das brasas. Lazar confiou-me a história do seu casamento com a filha de fazendeiros, uma união severamente proibida no passado. Aproveitei a rara oportunidade para abrir meu peito: confessei o peso da perseguição e dos julgamentos de Francesco, e como o cunhado ainda me encarava em manifesto desprezo.

O ancião escutou o desabafo com atenção. Para minha surpresa, declarou que os bons relatos sobre minha conduta nas estradas já haviam chegado aos seus ouvidos desde o início da minha caminhada com o clã, e que ele jamais me julgaria como um covarde. Afinal, os falecidos pais de sua esposa eram fazendeiros rigidamente católicos e tradicionais, e no passado também o haviam condenado pelo crime de amar uma de suas filhas.

Compreendi que o Criador havia me levado ao lugar certo: estava diante de alguém que entendia que o amor verdadeiro desconsidera linhagens. Quando me recolhi ao interior da carroça para descansar ao lado de minha esposa, confidenciei-lhe cada palavra daquela conversa, dividindo o alívio que finalmente lavava o peito.

Minha mente foi transformada naquelas estradas, e Zaira fora o farol na escuridão. Eu fora um católico intransigente, moldado dos dogmas da Santa Sé e a aspereza da caserna. Zaira jamais me exigira o abandono da fé, afinal, ela e seu clã também devotavam sua crença a Deus, mas sob as leis livres da natureza. Ela apenas me ensinara a desvencilhar-me da política dos homens. Uma engrenagem que eu, com meus olhos, testemunhei o quanto havia destruído, perseguido e esmagado a existência daquela gente ao longo dos séculos. Nos braços dela, despojado das ilusões, finalmente encontrava o verdadeiro altar do Altíssimo.

Escutava a respiração calma de minha esposa, adormecida contra o meu peito. Um sorriso surgiu em meus lábios ao lembrar das memórias da caserna. Jamais esqueceria Nero. Aquele homem tinha razão, afinal de contas, apesar de sua linguagem chula e da crueza de encarar o mundo, tinha razão, a existência não dava a mínima importância para as patentes de Roma ou para a soberba dos generais.

Francesco não nos baniu como eu temera. No amanhecer seguinte, ele trazia uma fisionomia diferente ao aproximar-se de mim. Para meu espanto, o rapaz estendeu o braço e apertou a minha mão com firmeza. Um pouco mais atrás, sob a luz dourada da manhã, o Velho Lazar assistia, exibindo um sorriso sábio no canto dos lábios.

— Não precisa mais partir do acampamento como ordenei — o tom de voz de Francesco estava baixo. Ele parecia não ter brio suficiente, ainda, para sustentar o olhar diretamente no meu. — Poderá ir e vir livremente pelas nossas tendas, tem a minha bênção. Só lhe peço que zele pela vida de Zaira. Afinal, apesar de tudo, você verteu seu sangue em defesa do meu clã.

Assenti em silêncio, sentindo um peso deixar os ombros. O orgulho obstinado do rapaz finalmente havia cedido diante da justiça e do valor que provei ao longo daquela estrada. Isso bastara.

⚔⚔⚔

Dois meses haviam se passado desde a manhã em que Francesco me estendeu a mão em sinal de trégua. Janeiro de 1871 havia chegado, trazendo consigo o inverno rigoroso do Norte. As cristas das montanhas ao redor do acampamento estavam sob um espesso manto de neve, e a geada da madrugada cristalizava a ponta das folhas nas árvores. Encontrara uma utilidade digna para meu vigor: eu estava encarregado das montarias. O animal sob meus cuidados bufava, lançando densas baforadas de fumaça cinzenta no ar, eu passava a rasqueadeira de ferro por seu dorso em passadas vigorosas para aquecer a musculatura.

Ouvi o som abafado de passos afundando na neve do lado de fora. Zaira aproximou-se, cruzando a entrada do abrigo de madeira. Ela vestia um xale de lã grossa firmemente apertado contra o corpo e trazia as bochechas ruborizadas. Seu cabelo escuro estava recolhido sob o diklo, o lenço tradicional das mulheres casadas. Confesso que uma satisfação possessiva me tomava o peito ao saber que nenhum outro homem, além de mim, tinha mais o direito de contemplar a beleza daqueles fios.

Interrompi o trabalho com a montaria de imediato.

— Você trabalha em demasia, meu carrasco.

Estreitei os olhos, conformado com a doce provocação.

— Por que carrasco, *bella?*

Limpei as mãos e a enlacei pela cintura, puxando seu corpo contra meu calor.

— Combina com o seu porte — respondeu, com um brilho travesso no olhar.

Zaira levou as mãos até o meu pescoço, sorrindo com ternura.

— Prefiro que me chame de marido ou de seu amado — repliquei, retribuindo o sorriso antes de depositar um beijo terno em sua testa.

Ela não replicou. Em vez disso, segurou minhas duas mãos e levou-as delicadamente para baixo, enfiando-as sob as dobras do seu xale e espalmando-as contra o tecido pesado de sua saia, bem no centro do seu ventre. O peito de minha esposa subia e descia rapidamente quando suas pupilas, agora marejadas, buscaram as minhas.

— Na noite passada, enquanto as anciãs se amontoavam ao redor do fogo, senti uma pulsação nova aqui dentro. Compreendi, finalmente, os enojamentos e o peso estranho que venho sentindo nas últimas semanas. — Engoli em seco, sentindo o coração

enojamentos e o peso estranho que venho sentindo nas últimas semanas. — Engoli em seco, sentindo o coração acelerado enquanto observava as lágrimas brotarem em seus olhos. — Estou carregando o fruto do nosso amor.

O ar faltou em meus pulmões. Senti as pernas vacilarem diante daquelas palavras. Olhei para as minhas mãos espalmadas sobre o seu ventre, sentindo uma onda de calor invadir-me o peito. Era a confirmação de tudo o que minha alma já intuía: o nosso amor havia triunfado. Puxei-a para um abraço apertado, enterrando o rosto no calor de seu pescoço. Lágrimas de profunda gratidão bordejaram de meus olhos.

— Um filho... — sussurrei, roucamente.

— O fruto da nossa união — respondeu ela, aninhando-se com extrema doçura contra o meu peito.

Naquele instante, senti que meu destino estava completo. Inclinei o rosto sobre o seu ombro e acariciei suas bochechas castigadas pelo frio.

— Sabe... Houve um dia em que pensei em lhe dar as terras que herdei do meu passado. Julguei que precisava daquele chão firme para fazê-la feliz. Mas hoje compreendo que minha verdadeira herdade é você. O meu único solo sagrado é este ventre onde agora cresce o nosso futuro.

Deixei um beijo na ponta do seu nariz.

— Quando o inverno passar e os dias de sol devolverem o verde a estas colinas... e depois que o nosso pequenino nascer e estiver forte, tenho um pedido a lhe fazer, *bella* — deslizei os lábios nos dela, ofegante, e propus: — Se permitir, quero conduzi-la até as terras da minha família. Desejo que conheça o chão de onde germinaram minhas raízes. E, acima de tudo, quero levá-la para conhecer o homem que cuidou da minha mãe. Quero que ele testemunhe a mulher virtuosa que o Criador colocou em minha vida e o fruto do nosso sangue.

Zaira fitou-me com os olhos marejados de emoção.

— Eu o acompanharei até os confins da terra — prometeu ela.

Ajoelhei-me na palha, depositando um beijo em seu ventre e, ao erguer-me, colei nossos lábios em um beijo demorado. Meu destino estava completo. Curvei o rosto sobre o seu ombro, experimentando uma paz inédita.

Nada do passado me atingia mais. Houve um dia em que pensei que, se eu conseguisse amanhecer sem os pesadelos do soldado que eu fora, seria o homem mais feliz do mundo. E assim aconteceu. Nos braços da minha esposa, eu finalmente havia encontrado o verdadeiro lar.

FIM!



Agradecimentos

O primeiro agradecimento vai para a professora Flaviane por ter me acompanhado nesta trajetória. Agradeço também a todos os leitores que chegaram até aqui e as leitoras beta July Araújo e Gisele Valerio. Gratidão!

Pensei que não daria conta de terminar de escrever, mas o coração implorava para que eu desse continuidade e pudesse dar um fim para Rossi e Zaira. Nessa jornada descobri que muitas pessoas estão presas naquilo que os homens ou a política estabeleceram. Alguma vez já parou para se questionar sobre aquilo em que acredita?

Até a próxima!

Kelly Cristina

Este livro foi impresso em papel Polén Natural 80g/m², com as fontes
Garamond Sample e Romande ADF No2 Std.